UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: LINGUAGENS, PROCESSOS E PRODUTOS MIDIÁTICOS

NAIANE GOMES DE MESQUITA

A EDUCOMUNICAÇÃO NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE CAMPO GRANDE:
Um recorte a partir do Educomrádio.Centro-Oeste

CAMPO GRANDE, MS
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: LINGUAGENS, PROCESSOS E PRODUTOS MIDIÁTICOS

NAIANE GOMES DE MESQUITA

A EDUCOMUNICAÇÃO NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE CAMPO GRANDE:
Um recorte a partir do Educomrádio.Centro-Oeste

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, área de concentração em **Mídia e Representação Social, linha de pesquisa Linguagens, Processos e Produtos Midiáticos** da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Orientação: Profa. Dra. Rose Mara Pinheiro

CAMPO GRANDE, MS
2019

NAIANE GOMES DE MESQUITA

A EDUCOMUNICAÇÃO NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE CAMPO GRANDE:
Um recorte a partir do Educomrádio.Centro-Oeste

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, área de concentração em **Mídia e Representação Social, linha de pesquisa Linguagens, Processos e Produtos Midiáticos** da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Orientação: Profa. Dra. Rose Mara Pinheiro

Campo Grande, 2019.

BANCA EXAMINADORA

_____
Profa. Dra. Rose Mara Pinheiro
UFMS

_____
Prof. Dr. Marcos Paulo da Silva
UFMS

_____
Profa. Dra. Patrícia Horta Alves
UFS

Ao meu pai Francisco (in memorian), que celebrou comigo o início desta jornada e me incentivou com muitos sorrisos e orações a seguir por esse caminho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha querida mãe Odete, pelo carinho ao longo dos anos, a paciência nos momentos mais aflitos e as orações para que tudo ocorresse da melhor forma possível. Inspiração da minha vida, estudiosa e professora dedicada, sempre terei o seu exemplo como o mais correto e humano que já conheci.

Ao meu pai Francisco, que comemorou a seleção para o mestrado, acompanhou meus estudos e agora celebra comigo o encerramento deste ciclo, desta vez, me olhando do universo.

Aos meus sobrinhos queridos, meus irmãos André e Patrícia pelo apoio incondicional, assim como toda a minha família que sempre demonstrou paciência com minhas ausências infinitas da profissão.

Ao meu companheiro Jefferson, por todo o amor, dedicação e auxílio, mesmo que isso significasse perder algumas estreias de cinema.

Aos meus amigos que enviaram boas vibrações e comemoraram cada ciclo com ânimo e incentivo.

À minha professora e orientadora Rose Mara Pinheiro por me ensinar a ser pesquisadora, sempre com uma enorme paciência e dedicação. Sou muito grata por cada diálogo que tivemos nesses anos de estudo.

E a Deus por todas as dádivas concedidas.

RESUMO

A Educomunicação nas escolas estaduais de Campo Grande: um recorte a partir do Educomrádio.Centro-Oeste tem como propósito mapear e analisar os projetos educomunicativos realizados em escolas estaduais de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. A pesquisa resgata a história e os resultados obtidos a partir do projeto Educomrádio.Centro-Oeste, uma iniciativa implementada entre os anos de 2003 e 2005, pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, em parceria com o Ministério da Educação e a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. A pesquisa também investiga como a Educomunicação se consolidou nas escolas públicas de Campo Grande e realiza uma análise de projetos em duas escolas estaduais, com base nas concepções da área de intervenção da Educomunicação, a Mediação Tecnológica na Educação. A construção da dissertação foi possível graças às contribuições de teóricos como Ismar de Oliveira Soares, Guillermo Orozco Gómez, Paulo Freire, Mario Kaplún e Jesus Martín-Barbero.

Palavras-Chave: Educomunicação. Tecnologia. Educação pública. Educomrádio.Centro-Oeste

ABSTRACT

Na Educommunication in the state schools of Campo Grande: a cut from the Educomradio.Centro-Oeste aims to map and analyze the educational projects exposed in public schools in Campo Grande, Mato Grosso do Sul. The research rescues the history and the results obtained from the Educomradio.centro-oeste project, an initiative implemented between 2003 and 2005 by the Center for Communication and Education of the University of São Paulo in partnership with the Ministry of Education and the Mato Grosso do Sul state departament of education. The research also investigates how educommunication has been consolidated in the public schools of Campo Grande and conducts an analysis of projects in two state schools, based on the conceptions of the intervention area of Educommunication, Technological Mediation in Education. The research was done through content searches such as Ismar de Oliveira Soares, Guillermo Orozco Gomez, Paulo Freire, Mario Kaplún and Jesus Martín-Barbero.

Keywords: Educommunication. Technology. Public education. Educomrádio.Centro-Oeste

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa metodológico dos meios às mediações.....85

Figura 2 – Modelo de mediação.....89

Figura 3 - Quadro Esquemático: Modelo para a mediação Educomunicativa.....93

Figura 4 – Mapa da cidade de Campo Grande.....104

Figura 5 - Ambiente virtual do Mídias na Educação – Nível Intermediário.....110

Figura 6 - Ambiente virtual das Mídias na Educação – Módulo Básico Educomunicação.....111

Figura 7 – Jornada escolar ampliada.....118

Figura 8 – Atividades desenvolvidas na jornada ampliada.....119

Figura 9 - Panorama matrículas em Mato Grosso do Sul.....128

Figura 10 - Valdirene Ungari no estúdio de rádio da E.E Waldemir de Barros da Silva.....132

Figura 11 - Equipamento com tecnologia remanescente do Educomrádio.Centro-Oeste e novas aquisições da Escola Estadual Waldemir de Barros da Silva..... 132

Figura 12 - Linha do tempo da Educomunicação em Campo Grande.....142

Figura 13 - Estudantes assistem a videoaula durante a eletiva de Mídias, do CNME.....151

Figura 14 - Aluna responde ao vivo para estudantes de outras regiões do país, o questionamento proposto pelo professor-mediador de Manaus.....152

Figura 15 - Facebook criado pelo Clube de Jornalismo.....160

Figura 16 - Instagram da E.E. Manoel Bonifácio Nunes da Cunha.....160

Figura 17 - Perfil da escola no Instagram.....161

Figura 18 - Giovana e Mariany entrevistam colega sobre horta na escola.....162

Figura 19 - Alunos usam celular para gravar as entrevistas.....163

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de beneficiados no Educom.rádio Centro-Oeste 100

Tabela 2 – Distribuição de carga horária dos professores 100

Tabela 3 - Escolas participantes do Educomrádio.Centro-Oeste em Campo Grande.....103

Tabela 4 – Experiências de jornada escolar ampliada, segundo os Estados da Região Centro-Oeste em 2008 118

Tabela 5 - Número de estudantes participantes das áreas do macrocampo.....121

Tabela 6 - Escolas de tempo integral em Mato Grosso do Sul denominadas de Escolas de Autoria 123

Tabela 7 - Índices da Educação em Mato Grosso do Sul.....129

Tabela 8 - Questionário enviado às escolas de Campo Grande que integraram o Educomrádio.Centro-Oeste.....134

Tabela 9 - Escolas que aderiram ao CNME em MS.....136

Tabela 10 - Lista de escolas integrantes do Educom.rádio digital.....138

Tabela 11 - Lista de escolas que participaram do PERE em Campo Grande.....140

Tabela 12 – Análise da E.E. Maria Constança Barros Machado.....153

Tabela 13 - Análise da E E Manoel Bonifácio Nunes da Cunha.....164

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EAD	Educação de Ensino a Distância
FUSP	Fundação da Universidade de São Paulo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação
NCE/USP	Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo
PLANURB	Agência Municipal de Meio Ambiente e Planejamento Urbano
RBE	Rede Brasileira de Educomunicadores
SEED/MEC	Secretaria de Educação a Distância
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UCDB	Universidade Católica Dom Bosco
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
SED/MS	Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
CNME	Centro Nacional de Mídias na Educação
PERE	Projeto Estadual de Rádio na Escola
ProNEA	Programa Nacional de Educação Ambiental
Seduc	Secretaria de Estado de Educação, Esporte e Lazer do Mato Grosso
Proinfo	Programa Nacional de Informatização
UAB	Universidade Aberta do Brasil
MinC	Ministério da Educação
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 14
1.1 Metodologia 17
1.2 Apontamentos iniciais 18
1.3 Objetivos e hipóteses da pesquisa.....19
1.4 Procedimentos metodológicos.....22
1.5 Estrutura da dissertação 25

2. CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.....27
2.1 O conhecimento na Idade Média 31
2.2 O conhecimento na Idade Moderna 35
2.3 O conhecimento na contemporaneidade 43

3. FUNDAMENTOS DA EDUCOMUNICAÇÃO.....61
3.1 A inter-relação entre comunicação e educação.....61
3.2 A construção do conceito Educomunicação 67
3.3 Áreas de intervenção da Educomunicação 78
3.4 Mediação Tecnológica na Educação.....81
3.5 Educom.rádio.....94
3.6 Educomrádio.Centro-Oeste.....99
3.7 Mídias na Educação.....108
3.8 Mais Educação e a educação integral.....114

4. A EDUCOMUNICAÇÃO EM MATO GROSSO DO SUL.....125
4.1 Panorama histórico.....125
4.2 Linha do tempo da Educomunicação em Mato Grosso do Sul 129

5. ANÁLISE EDUCOMUNICATIVA EM DUAS ESCOLAS ESTADUAIS DE CAMPO GRANDE.....144
5.1 Escola Estadual Maria Constança Barros Machado.....145
5.2 Escola Estadual Manoel Bonifácio Nunes da Cunha.....158

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....169

REFERÊNCIAS.....173

APÊNDICES.....180

ANEXOS.....222

1 INTRODUÇÃO

Em Deuses Americanos (2017)[1], as divindades surgem e desaparecem conforme a adoração que os povos nutrem por elas. Portanto, se um dia Odin foi um dos grandes deuses, na contemporaneidade ele sobrevive com pequenas orações, apenas migalhas de uma crença antiga. Do outro lado da moeda está a deusa "Mídia", na personificação de uma estrela no auge de seu glamour, como Lucille Ball e Marilyn Monroe, mas pronta para um upgrade capaz de a tornar fisicamente semelhante a uma jovem japonesa, que utiliza *emoticons* ao invés de palavras. Mídia está cada vez mais forte. Se um dia foi adorada apenas em reuniões familiares, no altar da televisão na década de 50, agora está presente em todos os *smartphones*, sendo "a salvação" de muitos que recorrem a ela todos os dias. Uma nova deusa.

Apesar do teor fantástico da obra de Neil Gaiman, a história apresenta uma reflexão sobre as mudanças nos comportamentos da humanidade ao longo das idades moderna e pós-moderna, transformações que serão abordadas ao longo desta dissertação. A crescente aceleração tecnológica em decorrência das revoluções industriais não resultou apenas em ferramentas úteis para a vida humana, mas também em reordenações sociais, que foram sentidas nas crenças, na aparente aceleração do tempo, em novos debates sociológicos e na própria comunicação e na educação.

Nesse percurso de intenso desenvolvimento técnico, o aprendizado mudou, se tornou não-linear semelhante as obras audiovisuais da era da convergência defendida por Jenkins (2009), construído a partir das múltiplas informações na qual o homem tem acesso, seja na escola, nos meios de comunicação ou na *Internet*, por meio de sites de notícias ou das redes sociais. Em meio a todas essas mudanças da era pós-moderna, da comunicação virtual, das tecnologias de informação, a escola tradicional se manteve inserida na estrutura vertical e funcionalista cunhada na modernidade, na falsa sensação de que o educador é o único detentor do conhecimento, sendo o responsável exclusivo pela construção da ponte entre o saber e o aluno.

---

[1] Deuses Americanos é um livro de Neil Gaiman que foi adaptado para uma série de televisão de mesmo nome do canal Starz e distribuída pelo serviço de streaming da Amazon. DEUSES Americanos. Direção Bryan Fuller e Michael Green. EUA: 2017 (60min).

Parte da reflexão e do questionamento sobre o formato da educação tradicional é resultado desse atravessamento dos meios de comunicação nos processos educacionais, uma tendência observada desde o início do século XX, principalmente, após a popularização do rádio e da televisão. Por mais que a escola tenha nutrido uma resistência em aceitar a presença dos meios de comunicação de massa também como fontes de uma forma de aprendizado no decorrer do século, a popularização da *Internet*, dos computadores pessoais, dos celulares – companhia recorrente dos jovens em sala de aula -, demonstrou que o entrelaçamento entre a comunicação e a educação se tornou ainda mais forte na pós-modernidade.

Dessa forma, a tecnologia e a comunicação presente no ambiente escolar provocam à escola a refletir sobre os processos educacionais contemporâneos, pautando para a educação questões que estão presentes no universo da comunicação, como a interdisciplinaridade, a interatividade e as experiências coletivas.

A Educomunicação surgiu na América Latina como uma alternativa para as questões e os tensionamentos da interface entre comunicação e educação, ao defender a escola como um ambiente fértil ao diálogo sobre diferentes temas, observando a diversidade, as novas concepções de aprendizado e as identidades socioculturais de cada aluno. Ao invés da manutenção de um ensino vertical, da relação hierárquica entre educador e educando, busca-se a horizontalidade, na qual ambos têm o direito à voz na sala de aula, ao compartilhamento de saberes e de experiências, tornando o processo aprendizado mais acolhedor e igualitário.

O desenvolvimento da pesquisa “A Educomunicação nas escolas estaduais de Campo Grande” foi iniciado a partir de dois pontos, sendo o primeiro a reflexão acerca dos desafios presentes na inter-relação entre comunicação e educação em diversas localidades, inclusive em Mato Grosso do Sul. As ponderações sobre o tema surgiram durante os estudos sobre Educomunicação, inseridos na linha de pesquisa “Linguagens, Processos e Produtos Midiáticos”, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), durante os anos de 2017 e 2018. O período em questão foi o início do grupo de estudos e pesquisa sobre o tema, denominado de Clube da Educomunicação e supervisionado pela Profª Drª Rose Mara Pinheiro, sendo esta pesquisa a pioneira no resgate e nas investigações sobre as iniciativas da interface no Estado.

O segundo ponto essencial para a construção da pesquisa foi a curiosidade a partir dos estudos iniciais em identificar iniciativas ou projetos no estado que tivessem pilares educomunicativos, um desejo impulsionado principalmente pela descoberta do programa Educomrádio.Centro-Oeste nas escolas estaduais de Mato Grosso do Sul, uma ação realizada pelo Ministério da Educação em parceria com o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, sob supervisão do professor Ismar de Oliveira Soares, precursor da Educomunicação no Brasil.

O projeto capacitou 2,5 mil membros da comunidade educativa, em 70 escolas públicas do Centro-Oeste, divididas em 20 instituições de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e 30 do estado de Goiás. O programa ocorreu entre os anos de 2003 e 2005, com o objetivo de difundir a Educomunicação na região e promover a criação de rádios nas escolas participantes. Foram realizados cursos de capacitação na modalidade semipresencial, com carga horária de 180 horas para os docentes e 264 horas para a equipe de técnicos das secretarias de educação, que também receberam materiais técnicos que possibilitaram a instalação de estações de rádio nas escolas.

Na realidade brasileira em que há grandes diferenças socioeconômicas, geográficas e culturais, projetos como o Educomrádio.Centro-Oeste, que investem em iniciativas inovadoras fora do eixo Rio-São Paulo, têm grande responsabilidade no desenvolvimento e no crescimento mais igualitário entre as regiões do país, por oportunizar que novos conhecimentos sejam disseminados entre a comunidade. No caso da Educomunicação, o caminho é interessante ao ser analisado como um todo, desde o caso bem-sucedido da primeira iniciativa educomunicativa nas escolas públicas de São Paulo, denominada de Educom.rádio, até a implementação do programa de educação integral, o Mais Educação, que incluiu o conceito como uma das bases teóricas e práticas do programa em todo o país, inclusive em Mato Grosso do Sul.

Mas, os desafios para a educação de crianças e adolescentes na era pós-moderna continua como fonte de pesquisa e de mudanças constantes, inclusive para o poder público. Em Mato Grosso do Sul, por exemplo, foi aprovado no final de 2016 e implementado em 2017, o programa de educação integral Escola de Autoria, que dialoga com as concepções da Reforma do Ensino Médio, do Governo Federal. A proposta nacional descreve unidades curriculares tradicionais e de outros contextos, como projetos, oficinas e atividades, que citam como exemplos de prática os laboratórios de jornalismo, comunicação e mídia, oficinas de quadrinhos, audiovisual,

escrita criativa e observatórios, voltados a acompanhar e fiscalizar a evolução de fenômenos como, a imprensa, a juventude, a democracia e o meio ambiente.

Portanto, uma pesquisa mais aprofundada sobre a inter-relação entre a educação e a comunicação se mantém atual e necessária, visto que o tema continua presente em projetos e programas da educação pública brasileira, com a abertura para a implementação de iniciativas, em especial no ensino integral.

É preciso ressaltar que em uma era de pleno desenvolvimento tecnológico, em que as mídias tradicionais convivem com a onipresença dos *smartphones*, das redes sociais e de vídeos em tempo real via *streaming*, há inúmeras possibilidades nas mãos criativas de professores e estudantes, dispostos a refletir sobre a mídia e a contar as suas próprias histórias.

1.1 Metodologia

A metodologia aplicada neste estudo é resultado da fundamentação desenvolvida por Lopes (2003, p. 93-94), que define o termo como “uma investigação específica”, que “se situa no plano da prática e implica os métodos efetivamente usados numa pesquisa”, sendo o método, o conjunto de decisões e opções particulares realizadas pelo pesquisador ao longo do trabalho.

> A prática da metodologia (sobre o método e com o método) envolve fundamentalmente um conjunto de decisões, de opções que o sujeito-investigador realiza ao longo de toda a pesquisa, desde a etapa de formulação do problema de pesquisa, passando por escolhas e combinações dos instrumentos de observações, dos métodos de descrição e de interpretação até as conclusões. Também decide, ao optar por determinadas soluções epistemológicas em função de seu objeto de estudo, por certas combinações entre o nível teórico e técnico da investigação, por certas adequações entre formulações teóricas e questões epistemológicas (LOPES, 2003, p. 158).

O campo da pesquisa, segundo a autora, é dinâmico, é o lugar da prática e da elaboração dos objetos do conhecimento científico, e se configura como estrutura e como processo. Para Lopes (2003), na estrutura, assume uma natureza “vertical”, com as instâncias: epistemológica, teórica, metódica e técnica. Como processo, o campo da pesquisa é horizontal, com as fases da investigação, sendo elas, a definição do objeto da pesquisa, a observação, a descrição e a interpretação. É na combinação dessa rede de raciocínios que está o campo da pesquisa.

1.2 Apontamentos iniciais

O estudo foi iniciado a partir de uma indagação sobre qual era o status de desenvolvimento da Educomunicação na educação sul-mato-grossense, assim como quantas e quais iniciativas foram realizadas na educação pública do estado utilizando como base o conceito ou abordando a inter-relação entre comunicação e educação. As primeiras investigações bibliográficas sobre o assunto culminaram na identificação da implementação de um projeto denominado Educomrádio.Centro-Oeste, conforme apresentado anteriormente, um programa do Ministério da Educação e do NCE/USP.

Segundo Lopes (2003), a fase inicial da pesquisa é definida como a *instância epistemológica*, caracterizada em primeiro lugar por uma ruptura - em que há um afastamento entre o objeto científico e o objeto concreto – e em segundo lugar pela construção do objeto científico, em decorrência do processo de objetivação e conscientização, que define justamente a problemática da pesquisa. A escolha do problema, recorte, estruturação, procedimento de coleta de dados, teorias, técnicas e métodos são fases do nível epistemológicos da pesquisa.

Dessa forma, para a construção epistemológica de "A Educomunicação nas escolas estaduais de Campo Grande" foi preciso investigar, em primeiro lugar, como ocorreu o Educomrádio.Centro-Oeste. Portanto, uma extensa revisão bibliográfica permitiu identificar pesquisadores que relataram as experiências educomunicativas do programa, com destaque para Alves e Machado (2006), Moreira (2007) e Soares (2011), que trouxeram dados importantes sobre a metodologia utilizada no Educomrádio.Centro-Oeste, as fases de implementação do projeto, além de depoimentos da época e a transformação do conceito em base para uma política pública no Estado de Mato Grosso.

Além do embasamento teórico, a pesquisa também recorreu a registros oficiais, como documentos do Governo Federal e Estadual a fim de encontrar marcos legais que indicassem a difusão do conceito em Mato Grosso do Sul - como em políticas públicas -, além de reportagens do período que apresentassem os resultados e possíveis ampliações da iniciativa. Um exemplo foi a notícia publicada no dia 10 de novembro de 2005, no boletim O Educomunicador (Anexo L), disponível no site do NCE/USP, em que há a informação de que Governo do Estado de Mato Grosso do Sul demonstrou interesse em dar continuidade ao programa, após o fim do convênio com o Ministério da Educação. A proposta do Governo do Estado em manter o projeto,

assim como os relatos contidos nas pesquisas, mostraram que o Educomrádio.Centro-Oeste causou um impacto na educação pública sul-mato-grossense, durante os anos de 2003 e 2005, fases de sua implementação.

1.3 Objetivos e hipóteses da pesquisa

O tema e o lócus da pesquisa “A Educomunicação nas escolas estaduais de Campo Grande” foram lapidados ao longo do estudo bibliográfico, do contato com os órgãos envolvidos no Educomrádio.Centro-Oeste e das informações coletadas com as secretarias municipal e estadual de educação de Mato Grosso do Sul.

Para coletar as informações sobre projetos na inter-relação entre educação e comunicação nas escolas de Mato Grosso do Sul foram enviados dois ofícios para as secretarias municipal e estadual de ensino. Um primeiro ofício foi enviado em 4 de julho para a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (SED/MS) solicitando informações sobre projetos desenvolvidos na inter-relação entre a comunicação e educação em escolas estaduais, nos anos de 2017 e 2018. No documento também foram questionadas as temáticas das iniciativas, quantos alunos participaram, plataformas tecnológicas utilizadas, se ocorreram formações para educadores e um pedido para autorização de entrevistas com coordenadores e professores pedagógicos das escolas. O órgão respondeu o ofício no dia 13 de julho, com posicionamento favorável a pesquisa, porém, sem as informações solicitadas (Anexo A).

A falta de informações sobre a continuidade do Educomrádio.Centro-Oeste resultou na necessidade de realizar diversos contatos por telefone, e-mail e presencialmente durante aproximadamente um ano nos setores de Coordenadoria de Tecnologia Educacional e Núcleo de Arte e Cultura (NUAC) da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. Apesar da solicitude dos órgãos com a pesquisa, nem todas as informações foram disponibilizadas. Por exemplo, a coordenadoria não dispunha de dados gerais sobre as iniciativas realizadas na inter-relação entre comunicação e educação nas escolas, devido à autonomia que cada instituição de ensino tem em iniciar ou encerrar um projeto. Os dados mais completos sobre o Educomrádio.Centro-Oeste também foram perdidos, de acordo com o NUAC, devido a uma mudança recente no armazenamento das informações digitalizadas.

O histórico de escolas participantes do Educomrádio.Centro-Oeste foi recuperado por meio do NCE/USP, que enviou a listagem completa das instituições participantes do programa. As informações concedidas pelo NCE/USP indicaram uma participação superior de escolas do ensino estadual localizadas em Campo Grande, Capital de Mato Grosso do Sul, ao invés de outros municípios do estado. Do total de 20 instituições que integraram o projeto (Anexo I), nove estavam em bairros de Campo Grande, com uma aparente escolha por regiões distintas da cidade e em ambientes socioculturais diferentes.

Para compreender como ocorreu a difusão do conceito da Educomunicação em Campo Grande após o Educomrádio.Centro-Oeste, outro ofício foi protocolado em 14 de julho, porém, na Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande (Semed), em busca de informações sobre projetos educomunicativos desenvolvidos em escolas municipais. O documento foi respondido pela secretaria no dia 28 de setembro de 2018 (Anexo B), com autorização para a coleta de informações e entrevistas com os responsáveis da área. Durante a investigação foi descoberto que os profissionais da Divisão de Tecnologia Educacional (Ditec), da rede municipal de ensino, coordenam desde 2015, o projeto “Diálogos em Educomunicação – Rádio na Escola” em diversas instituições de ensino municipais. Um ponto interessante é que a atual coordenadora do programa, Solange França da Silva, também trabalhou o mesmo tema na rede estadual de ensino em 2009.

As informações coletadas durante esta fase inicial foram decisivas para a delimitação dos objetivos da pesquisa. O déficit de dados sobre a continuidade do Educomrádio.Centro-Oeste em Mato Grosso do Sul mostrou uma necessidade de recuperar a história do programa, assim como as suas consequências para a educação pública de Campo Grande. O recorte no lócus do estudo também surgiu a partir dos dados preliminares, que apontavam para o fato de que a maioria das escolas integrantes do Educomrádio.Centro-Oeste estava em Campo Grande, dessa forma, a pesquisa optou por restringir a aplicação dos procedimentos metodológicos as escolas estaduais do município.

O levantamento de dados resultou em uma formulação teórica do objeto mais consistente, sendo que os objetivos e as hipóteses apontavam para uma continuidade de projetos educomunicativos nas escolas estaduais da Capital sul-mato-grossense, ao menos por um tempo após o encerramento do Educomrádio.Centro-Oeste, além da presença de iniciativas próximas da mediação tecnológica da educação, uma das

áreas de intervenção da educomunicação e parte da metodologia de pesquisa desta dissertação.

Outro ponto observado durante o levantamento de dados foi a presença de escolas integrais na listagem do Educomrádio.Centro-Oeste, que na época não ofereciam essa modalidade de ensino, mas optaram pela transição ao longo dos programas de implementação da proposta pelo Governo Federal.

A Educomunicação aparece com frequência nos estudos sobre a educação integral por ter sido incluída entre os conceitos de base do programa Mais Educação, do Governo Federal. Criado a partir da Portaria Interministerial nº 17/2007, que instituiu as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), do Governo Federal, o Mais Educação foi regulamentado pelo Decreto 7.083/10, que ampliava a jornada escolar nas escolas, com a inclusão de atividades optativas em diversos macro campos, entre eles, a Educomunicação.

A partir dessas contextualizações, foram definidos como objetivos da pesquisa:

a) Investigar quais escolas participaram do projeto Educomrádio Centro-Oeste em Campo Grande e quantas deram continuidade às iniciativas educomunicativas;
b) Buscar dados quantitativos na Secretaria de Estado de Educação sobre quais escolas públicas têm projetos de educomunicação e/ou na inter-relação entre comunicação e educação em Campo Grande;
c) Investigar a influência dos programas de educação integral na difusão de projetos na inter-relação entre comunicação e educação.

A principal hipótese levantada durante a pesquisa foi a de que ocorreu a continuação de iniciativas na inter-relação entre comunicação e educação nas escolas que integraram o Educomrádio.Centro-Oeste, mesmo que não fossem desenvolvidas por meio do rádio. Com as inovações tecnológicas mais recentes, como os celulares, uma das possibilidades levantadas é o uso desses aparelhos para as produções de conteúdo dos estudantes, que caracteriza uma das áreas de intervenção da Educomunicação, a Mediação Tecnológica da Educação.

Com o tempo estendido devido à educação integral, outra hipótese levantada pela pesquisa foi de que os alunos teriam mais tempo hábil para a realização de propostas na inter-relação entre comunicação e educação, baseadas nos macrocampos ou outras denominações utilizadas para as atividades que complementam a Base Nacional Comum Curricular.

As reflexões sobre os objetivos e as hipóteses do projeto descritas acima fazem parte da *instância teórica* elaborada por Lopes (2003, p.126), assim como a explicitação conceitual, ou seja, a definição dos conceitos que nortearão a pesquisa.

> A teoria interage dinamicamente com as demais instâncias metodológicas da pesquisa: no plano epistemológico, enquanto conjunto significativo pertinente a uma problemática de base empírica; no plano metódico, enquanto conjunto coerente de proposições que fornecem um quadro explicativo e compreensivo; no plano técnico, enquanto conjunto de hipóteses a serem testadas empiricamente (LOPES, 2003, p. 126).

A pesquisa se concentrou em apresentar um breve histórico sobre a construção do conhecimento, que investigou como foram os procedimentos educacionais ao longo do desenvolvimento humano, com base nas contribuições de autores de base sociológica e filosófica, como Cotrim (2002), Chauí (2000), Bauman (2004), Aranha (2009), que auxiliaram na compreensão histórica de cada era de desenvolvimento da sociedade, principalmente em relação às mudanças na transmissão de conhecimento.

Do ponto de vista educacional, o estudo buscou referências sobre autores latino-americanos que influenciaram a Educomunicação, como o brasileiro Paulo Freire (2017), que abordou o conceito da “educação bancária” e defendeu o diálogo como prática de libertação dos educandos e educadores. Como base também foram incluídas na pesquisa as reflexões do espanhol Jesus Martín-Barbero (2015), que menciona a educação bancária de Paulo Freire, mas tem um trabalho reconhecido pela teoria das mediações.

Em relação à Educomunicação, foram incluídas nesta pesquisa, o histórico do conceito, o papel do educomunicador, assim como as áreas de intervenção, em especial a mediação tecnológica da educação, essencial para o desenvolvimento da *instância teórica* deste projeto. O conceito foi esmiuçado a partir das reflexões e desdobramentos de Soares (2011), Braga e Calazans (2001), Citelli (2017) e Consani (2008).

1.4 Procedimentos metodológicos

Segundo Lopes (2003), após a instância teórica, a pesquisa deve se encaminhar para a *instância metódica,* que são as regras de estrutura do objeto científico. “A Educomunicação nas escolas estaduais de Campo Grande” se

caracteriza por um estudo de caso, que segundo Yin (2001) é utilizado para examinar acontecimentos contemporâneos.

> O estudo de caso conta com muitas das técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidências que usualmente não são incluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistemática de entrevistas. Novamente, embora os estudos de casos e as pesquisas históricas possam se sobrepor, o poder diferenciador do estudo é a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações - além do que pode estar disponível no estudo histórico convencional (LOPES, 2003, p. 27).

Por conta dessa característica, o estudo de caso integra diferentes formas de pesquisa, ao obter informações qualitativas e quantitativas de fontes diversas. Segundo Lopes (2003, p. 154), não é necessário estabelecer uma dicotomia sobre pesquisas quanti e qualitativas, já que ambas se apoiam, fato que torna difícil o estabelecimento de um limite preciso entre as análises. Mesmo que as pesquisas tenham suas lógicas implícitas, as operações quantitativas têm como base os dados qualitativos originalmente coletados e transformados.

Em “A Educomunicação nas escolas estaduais de Campo Grande” foram levantadas informações em dissertações, teses, documentos governamentais, entrevistas com coordenadores de setores da educação pública, professores e alunos, além do envio de questionários às escolas e análise de dados adquiridos durante a pesquisa de campo em duas instituições de ensino estaduais do município de Campo Grande.

As escolas foram definidas por terem iniciativas na inter-relação entre educação e comunicação, porém, traçadas por um caminho diferente. A primeira foi a Escola Estadual Maria Constança de Barros Machado, selecionada por ser uma das participantes do Educomrádio.Centro-Oeste, uma das instituições mais antigas da cidade e desde 2017 integrante da Escola de Autoria, um programa do Governo do Estado para a implementação do ensino integral nas escolas da rede estadual. Além da grade curricular tradicional e dos clubes de conhecimento, os 253 alunos participam de disciplinas eletivas, entre elas, a de Mídias e de jornalismo, denominada de “Quem não se comunica se trumbica”.

A segunda instituição visitada foi a Escola Estadual Manoel Bonifácio Nunes da Cunha, que traçou outro caminho para desenvolver projetos na inter-relação entre educação e comunicação ao oferecer o ensino integral a partir de 2009, com subsídios do Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI) e, em 2011, com o Mais Educação

(Anexo N). A escola desenvolve desde 2017, um projeto de jornalismo intitulado Bonifácio News, realizado pelos estudantes dentro da proposta do clube de conhecimento da Escola de Autoria[2].

Para a análise dos projetos nas escolas foi utilizado o modelo de entendimento da Mediação Tecnológica da Educação, defendida na tese de Marciel Aparecido Consani (2008), que desenvolveu um método de análise de projetos educomunicativos a partir da Mediação Tecnológica na Educação. O método é aplicado por meio do Quadro Esquemático de Modelo para a Mediação Comunicativa, denominado também de Metáfora da Orquestra.

No quadro, os elementos da mediação são analisados por meio de perguntas-chave, como, por exemplo, no caso de agentes mediadores, quem e quais são os agentes? Quem concentra o protagonismo no processo? No caso do objeto da mediação, pode-se definir, com clareza, o objeto da mediação? Em qual universo cultural trabalha-se? Sob quais diferentes enfoques se podem aprender esse objeto? (Anexo D). Consani (2008) defende que para definir a mediação o ideal não é incluir palavras como “bom ou ruim”, mas sugere a concepção de *mediatividade* e *mediância*, frisando que os conceitos não constituem um par de opostos, mas sim de níveis diferentes.

Por fim, segundo Lopes (2003, p. 128), a *instância técnica* é o lugar da construção dos dados ou do objeto empírico.

> Compreende os procedimentos de coleta das informações e das transformações destas em dados pertinentes à problemática geral. Será em função desses dados que se elaborará o objeto científico. Coloca-se nesta instância da pesquisa a necessidade de operar logicamente uma série de passos a fim de adequar o campo doxológico, o da “realidade de todos os dias”, com o campo teórico, o da formulação dos fatos científicos (LOPES, 2003, p. 128).

No caso de “A Educomunicação nas escolas estaduais de Campo Grande”, após o recebimento das informações preliminares sobre as instituições de ensino que participaram do Educomrádio.Centro-Oeste, o passo seguinte foi reconstruir a história do programa, estabelecer contato com participantes e investigar como os projetos ocorreram nas instituições após 2005.

---

[2] A Escola Estadual Manoel Bonifácio Nunes da Cunha também realizou uma disciplina eletiva de Cinema em 2018 e uma de jornalismo, intitulada “A fonte é a notícia”, no primeiro semestre de 2019.

Os seguintes instrumentos foram utilizados para o levantamento dos dados e a avaliação do objeto de estudo:

a) Entrevistas presenciais e abertas com a jornalista e mediadora do Educomrádio.Centro-Oeste, Márcia Chiad e a professora da E.E Waldemir de Barros da Silva, Valdirene Ungari, que permaneceu à frente do projeto durante toda a sua execução pelo Governo Federal e após o encerramento do convênio até o ano de 2010. Outras entrevistas ocorreram durante a pesquisa, com coordenadores de setores das secretarias de educação do estado e do município de Campo Grande, além de professores e alunos que integravam iniciativas analisadas no ano de 2018 durante a pesquisa de campo.
b) Envio de questionário para nove escolas que participaram do Educomrádio.Centro-Oeste na cidade de Campo Grande. O formulário foi estruturado com nove perguntas abertas e fechadas, que investigavam como as disciplinas abordam a mídia em sala de aula, o papel da comunicação e quais projetos eram realizados na inter-relação entre comunicação e educação. O documento também coletou informações sobre os projetos desenvolvidos nas escolas no ano de 2018 e sobre quando as rádios remanescentes do Educomrádio.Centro-Oeste foram descontinuadas.
c) Pesquisa de campo em duas escolas estaduais de Campo Grande, com três visitas em cada instituição durante os meses de novembro e dezembro de 2018.

1.5 Estrutura da dissertação

A dissertação, dividida em quatro partes, traz no primeiro intitulado “Construção do Conhecimento”, um breve histórico sobre o desenvolvimento do aprendizado e da comunicação ao longo da história humana, em especial a valorização do pensamento racional na Modernidade, que permaneceu consolidado durante o início da contemporaneidade. O capítulo mescla reflexões de autores de base filosófica, como Chauí (2000), Cotrim (2002) e Aranha (2009) com contribuições sociológicas e de autores da comunicação, como Stephens (1993) e Sodré (2006).

As referências bibliográficas apresentadas no primeiro tópico a respeito da educação moderna e contemporânea são a base para a compreensão teórica que norteia o segundo capítulo, denominado “Fundamentos da Educomunicação”. Neste ponto, o conceito é apresentado a partir das reflexões e desdobramentos de Soares (2011), Braga e Calazans (2001), Citelli (2017), entre outros expoentes que desenvolveram e expandiram o conceito ao longo dos anos no país.

O resultado da pesquisa de campo consta no capítulo 4, denominado “Análise da Educomunicação em duas escolas estaduais de Campo Grande” e, por fim, o capítulo final da dissertação se atém às conclusões da pesquisa, que, com base nos levantamentos, indicam rupturas na continuidade dos projetos implementados nas escolas durante o Educomrádio.Centro-Oeste. Porém, a pesquisa também aponta para o desenvolvimento de iniciativas na inter-relação entre a comunicação e a educação em escolas estaduais de Campo Grande.

2 CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Em diversas paredes de cavernas pelo mundo, inclusive no Brasil há desenhos rupestres que mostram como eram as primeiras comunicações e representações dos homens pré-históricos, ou seja, seres humanos que viveram antes da invenção da escrita, milhares de anos atrás. Seja por instinto, lazer ou apenas como uma forma de registro, os desenhos feitos pelos homens e que datam de até 40 mil anos a.C contêm formas geométricas e humanas, representações de caças a outros animais e concedem pistas de como era o relacionamento humano dentro das primeiras organizações sociais. Os desenhos são exemplos de que a comunicação e a necessidade de disseminar a informação no homem são intrínsecas, estão presentes desde o início de seu desenvolvimento. “Considera-se arte rupestre como uma forma de comunicação através de convenções, ou seja, um tipo de linguagem simbólica organizada; uma estratégia de se relacionar com as pessoas e através do tempo” (PARELLADA, 2015, p. 47).

Foram por meio de antigos objetos descobertos em escavações de sítios arqueológicos e desenhos rupestres que historiadores conseguiram descobrir algumas capacidades do homem pré-histórico, como a de criar ferramentas, utensílios domésticos, manusear o fogo, inventar a roda e promover a troca desses aprendizados entre seus iguais. Com a arte rupestre compreendemos como o ser humano se relacionava com essas inovações e o seu desejo de representá-las, um processo que se mostrou eficiente e cresceu na Pré-História, assim como a capacidade de emitir sons, falar, desenvolver a linguagem e a expressão corporal.

Essas características formaram o que posteriormente é denominado de tradição, do latim *traditio*, ou seja, “entregar” ou “passar adiante”. A tradição nada mais é que a transmissão de costumes, comportamentos, memórias, rumores, crenças e lendas para as pessoas de uma determinada comunidade.

> Durante grande parte da história da humanidade, o conhecimento e o saber estiveram presos à tradição. Nesse contexto, educar consistia em passar a tradição dos antigos aos mais novos e manter vivo aquele conhecimento acumulado ao longo do tempo. Até o advento da escrita isso era feito através da Oralidade e da expressão corporal, com a utilização das narrativas míticas, dos rituais, da indumentária, entre outros recursos (LEITE; SOUZA; GIOEILLI, CASTELANO, 2003, p. 23).

A construção da tradição, principalmente da utilização da oralidade e dos símbolos para a troca de informações entre os seres humanos na Pré-História, possibilitou o desenvolvimento posterior da linguagem simbólica[3], como o advento dos primeiros alfabetos. Entre os historiadores não há um consenso sobre o ano exato do surgimento da escrita, mas estipula-se que o primeiro alfabeto tenha se desenvolvido entre os sumérios com a escrita cuneiforme há cerca de 3.000 a.C na Mesopotâmia. Há indícios de outras regiões que também conseguiram estabelecer uma escrita própria, como a China em torno de 1.500 a.C.

> Depois de algumas descobertas, surgiu gradualmente o quadro de uma forma prototípica de escrita alfabética, a norte-semítica, formada por vinte e dois símbolos escritos uniformemente da direita para a esquerda: uma escrita consonântica, agora tida como o antepassado direto das escritas hebraica, moabita, fenícia, aramaica e grega, e que teve a sua existência definitiva nos últimos séculos do segundo milênio a. C. (QUEIROZ, 2005, p. 6).

Ao todo, 16 textos em língua semítica foram encontrados por arqueólogos na Península do Sinai, onde é possível reconhecer 26 símbolos diferentes que significavam um código de comunicação específico, semelhante à função de um alfabeto convencional contemporâneo. Os símbolos semíticos foram disseminados na região e entraram em contato com a civilização grega, se transformando posteriormente em um alfabeto mais completo. Queiroz (2005) ressalta que esse alfabeto foi um auxiliar vital para o sistema comercial que se estendeu da atual Palestina até o estreito de Gibraltar, que vigorou por mais de mil anos. Apenas em 900 a.C o alfabeto fenício deu lugar à forma definitiva do alfabeto jônico, composto por 24 letras e até hoje utilizado. Os alfabetos europeus se originaram do fenício, assim como o latino é derivado do grego, com a diferença de ter no início apenas 16 letras, sendo posteriormente adotadas as restantes (g, h, j, k, q, v, x e y).

A construção da linguagem simbólica marcou o início da Idade Antiga e a capacidade do homem de promover a troca de informações, de criar símbolos e códigos para dialogar sobre a vida cotidiana, o passado e o futuro.

> Com a escrita o homem venceu definitivamente o tempo e, mais ainda, venceu o espaço. Ela permitiu a fixação do conhecimento num substrato material – papiro, cerâmica, papel, memória do computador, etc – mantendo o disponível ao longo do tempo para sucessivas e inumeráveis gerações e,

---

[3] Linguagem simbólica é um sistema de símbolos, isto é, signos que, por convenção, representam alguma coisa. Por exemplo, as línguas portuguesa, inglesa etc. (COTRIM, 2002, p.12).

> simultaneamente, admitiu a disseminação do conhecimento à distância pelo transporte daquele substrato (COSTELLA, 2002, p. 15).

Não é à toa que a evolução humana anterior a invenção da escrita é denominada de Pré-História. Todo o desenvolvimento anterior do homem foi essencial para a construção da sua trajetória, mas na Idade Antiga, com a evolução da escrita, um leque de opções foi aberto, com novas possibilidades de comunicação que transformaram a vida em sociedade para sempre.

> A escrita foi inventada diversas vezes e separadamente nas grandes civilizações agrícolas da Antiguidade. Reproduz, no domínio da comunicação, a relação com o tempo e o espaço que a agricultura havia introduzido na ordem da subsistência alimentar. O escriba cava sinais na argila de sua tabuinha assim como o trabalhador cava sulcos no barro de seu campo. É a mesma terra, são instrumentos de madeira parecidos, a enxada primitiva e o cálamo distinguindo-se quase que apenas pelo tamanho. O Nilo banha com a mesma água a cevada e o papiro. Nossa página vem do latim pagus, que significa o campo do agricultor (LEVY, 1993, p. 87-88).

Stephens (1993) ressalta que a escrita libertou o homem da obrigação de memorizar o conhecimento como era feito nas primeiras civilizações por meio da oralidade. Foi possível com essa evolução revisitar pensamentos e ideias a partir de marcos e contextos diferentes, tornando o acúmulo de conhecimento um processo mais complexo.

> Uma vez que palavras e ideias estão impressas sobre tabuletas de barro ou rabiscadas em papel, ganham peso; podem ser estudadas independentemente dos objetos aos quais se referem; podem ser comparadas, manuseadas, rearranjadas. Os pensamentos, depois de terem sido escritos, podem ser mais facilmente reelaborados (STEPHENS, 1993, p. 117).

A escrita integra um conceito amplo de linguagem do homem, que surgiu na Idade Antiga e que se refere não só ao seu alfabeto, mas ao conjunto de sua comunicação, como a oralidade, os gestos e a música.

> Num sentido restrito, linguagem é o meio de comunicação humano que utiliza um código sonoro verbal (as palavras) para expressar ideias, sentimentos e desejos, entre outras coisas. Exemplos desses códigos de linguagem verbal são as línguas, como o português, o inglês, o espanhol, o russo, o japonês. Num sentido amplo, o termo linguagem é empregado para referir-se a outras formas de comunicação não-verbais: são as linguagens dos gestos, da música, da pintura etc. (COTRIM, 2002, p. 14).

Xavier (2016) ressalta a importância das primeiras grandes civilizações na Idade Antiga para o desenvolvimento do conhecimento. A egípcia, por exemplo, contribuiu para a evolução da geometria, matemática, astronomia, medicina e arquitetura, sendo que as sociedades orientais foram essenciais por influenciarem as demais, principalmente a grega, a conservar, transmitir e reproduzir as tradições culturais coletivas. Considerada o berço da civilização ocidental, a Grécia aprofundou essas lições orientais e outras concepções ocidentais da época para difundir um ideal liberal, individual e principalmente filosófico.

> O aperfeiçoamento, a assimilação e a praticidade das técnicas de captação cultural antes e pós-escrita são bem anteriores ao mundo grego e seus conquistados. Entretanto, é dessas terras gregas que o legado cultural/educacional do Ocidente encontrará suas bases e fundamentações (XAVIER, 2016, p. 87).

A história do povo grego com o conhecimento remete principalmente ao surgimento da filosofia[4] e do saber filosófico, que segundo Cotrim (2002) era o desejo do homem de descobrir a verdade sobre todas as coisas, sem a divisão por meio de áreas de conhecimento. Segundo o filósofo, para o homem que se dedicava a essas questões, o interessante era observar, analisar e compreender as experiências do passado, as vivências do presente e as lógicas do futuro. Entre os principais expoentes deste conhecimento estão Sócrates (470-399 a.C), morto acusado de corromper os jovens e negar a superioridade dos deuses gregos, Platão (428 a.C.-347 a.C) e Aristóteles (384-322 a.C).

O conhecimento que foi construído na Grécia permaneceu como expoente durante o Império Romano, um dos grandes incentivadores da escrita, que como lembra Stephens (1993), utilizava do meio para relatar notícias de outras partes do extenso império. O procônsul Cícero, por exemplo, em 51 a.C recebia cartas durante sua estadia na Ásia Menor, denominadas por Caelius, político encarregado de informá-lo com frequência, de “coleção de notas sobre os negócios da cidade (*commentarium rerum urbanarum*)”. As cartas eram uma espécie de primeiras notícias, que continham fofocas, rumores, mandados e outros acontecimentos. Os pacotes provavelmente não eram dirigidos apenas a Cícero e informavam outros membros do império que residiam em áreas mais afastadas de Roma.

---

[4] A palavra filosofia é formada por dois termos gregos: filos, que traduz a ideia de amor, e Sofia, que significa sabedoria. Filosofia tem o sentido etimológico de amor à sabedoria (COTRIM, 2002, p. 50).

Tais mudanças na sociedade durante a Idade Antiga mostram como o homem construiu a base do conhecimento nos anos seguintes de sua evolução, aprendendo a modificar a natureza, a ter um interesse crescente em escrever a história e em noticiá-la. Nesse período, o homem desenvolveu uma linguagem, a escrita, aprendeu fórmulas e categorizou elementos, consolidando, desta forma, diferentes culturas[5].

2.1 O conhecimento na Idade Média

Na Pré-História, a tradição e principalmente a oralidade foram as responsáveis pela disseminação do conhecimento ainda com as primeiras comunicações entre os homens. “A comunicação é conatural ao ser humano. Não há sociedade, não há comunidade, sem comunicação entre os homens. Para agir em comum os seres humanos interagem” (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 14).

Com o advento dos primeiros alfabetos na Idade Antiga e o consequente crescimento e desenvolvimento da escrita em comunidades localizadas no Oriente Médio e na Europa, o homem iniciou a construção do conhecimento racional, com as investigações em relação ao corpo humano, a geometria, a arquitetura e a filosofia.

Na Idade Média, por sua vez, a Igreja Católica foi a grande responsável pela disseminação do conhecimento entre os homens. O processo foi possível porque o cristianismo, adotado como religião oficial pelo Império Romano antes de sua queda, possibilitou que a Igreja Católica, na época sua única instituição representante, entrasse em um estado crescente de ascensão, conhecendo a fundo o sistema econômico, político, social e educacional da sociedade romana. Quando o Império foi conquistado pelos germânicos em 476 d.C., a Igreja auxiliou os conquistadores na transição, se apoderando principalmente do conhecimento e dos modelos educacionais que existiam na época. “Em meio a todas as mudanças, a Igreja Católica conseguiu manter-se como instituição social. Para isso consolidou sua organização e difundiu a doutrina católica ao mesmo tempo em que incorporou e preservou muitos elementos da cultura greco-romana” (COTRIM; FERNANDES, 2013, p. 237).

---

[5] A palavra cultura tem vários significados, como cultura da terra ou cultura de uma pessoa letrada, como culta. Em antropologia, cultura significa tudo o que o ser humano produz ao construir sua existência: as práticas, as teorias, as instituições, os valores materiais e espirituais. Se o contato com o mundo é intermediado pelo símbolo, a cultura é o conjunto de símbolos elaborados por um povo (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 49).

Os elementos gregos estavam presentes na cultura romana como uma consequência natural da abrangência do Império Romano sobre outros países, inclusive a Grécia desde 146 a.C. A educação greco-romana se baseava nas sete artes liberais, sendo divididas em dois ciclos, o *trivium*: gramática, retórica e lógica; e o *quadrivium*: aritmética, geografia, astronomia e música. Após a ascensão da Igreja Católica, surgiu paralelamente a filosofia medieval cristã, que segundo Cotrim e Fernandes (2013) pode ser dividida em quatro momentos principais, sendo o primeiro o dos padres apostólicos (séculos I e II), quando os apóstolos deram início ao cristianismo e disseminaram a religião e os temas morais com a palavra do Cristo; o segundo momento em que os padres apologistas (séculos III e IV) iniciaram a defesa e o elogio do cristianismo contra a filosofia pagã, inclusive a grega; o terceiro momento em que surge a patrística (meados do século IV ao século VIII), que buscou a conciliação entre a razão e a fé, com destaque para Agostinho e a influência da filosofia platônica; e por fim, a escolástica (do século IX ao XVI), que sistematizou a filosofia cristã e teve como expoente Tomás de Aquino e a interpretação pelo viés cristão da filosofia de Aristóteles.

Em relação ao sistema econômico e social, a Idade Média pode ser dividida em dois períodos, a Alta Idade Média, com a consagração do feudalismo, e a Baixa Idade Média, em que a população iniciou um processo de desenvolvimento das cidades. No primeiro período, o continente europeu viveu um momento de grande turbulência pelas mudanças na transmissão do conhecimento, que foi motivado pelas constantes guerras, invasões e a consolidação do feudalismo como um sistema econômico fechado para o mercado externo e ligado à agricultura. No feudalismo, um senhor feudal era o responsável pela terra denominada de Feudo, onde autorizava a moradia e o trabalho dos servos no local, garantindo não só o alimento, como a proteção dos inúmeros conflitos. Em troca, o senhor feudal solicitava o pagamento de impostos e de parte da produção gerada pelos servos. Nos feudos, “prevaleciam a autoridade do Papa, do Rei e dos Senhores Feudais e o trabalho da gleba serviçal, com a produção de subsistência retirada da terra como exclusiva fonte de renda” (XAVIER; CHAGAS; REIS, 2017, p. 312).

As consequências culturais e educacionais do feudalismo foram decisivas para a construção do conhecimento durante toda a Idade Média devido ao notável declínio da escola clássica greco-romana e o crescimento em paralelo do ensino da educação e filosofia com bases religiosas bíblico-cristãs junto à massa camponesa. Nos feudos

surge com expressividade o teocentrismo, a crença de que Deus está no centro do universo. Ao priorizarem esta crença, o homem olhou para si como um indivíduo em busca de salvação e se afastou das tradições em comunidade.

Queiroz (2005) ressalta que a influência da Igreja Católica na educação permaneceu durante toda a Idade Média e cita como exemplo a figura do copista, ou seja, monges que moravam em monastérios e eram responsáveis pela disseminação do conhecimento por meio de cópias fiéis de livros, que nessa época, eram basicamente escrituras bíblicas e religiosas. O primeiro material utilizado para a confecção dessas escrituras pelos monges foi o papiro, que se mostrou frágil demais para o armazenamento e manuseio das pessoas. Os monges decidiram substituir o material pelo pergaminho feito com pele de animais, em sua maioria cabras, que concediam maior durabilidade ao material. Por mais religioso que fossem as obras copiadas pelos monges, todas as edições de livros eram feitas em sua maioria pela iniciativa de nobres e clérigos, normalmente para a reprodução de missais e manuais de teologia, ou seja, os camponeses servos não tinham o direito de manusear ou conhecer as obras, sendo o conhecimento restrito aos mais nobres.

Posteriormente, no século XV, a reprodução de livros e escrituras dos copistas ganhou uma grande concorrente. Na década de 1430, surgiu a prensa de tipos móveis de Gutenberg, sendo que a primeira publicação do ourives foi justamente uma Bíblia Sagrada completa, que antes só poderia ser manuseada e lida pelos líderes religiosos. A prensa foi essencial para a história do conhecimento na humanidade ao transformar a educação em uma aprendizagem mais dinâmica e acessível. Cresceu na burguesia[6] e em outras esferas da comunidade o desejo pela alfabetização, principalmente pela acessibilidade aos livros e o início do Renascimento, um movimento de intensa revalorização das referências da antiguidade clássica que freou o dogmatismo religioso e incentivou a valorização da racionalidade, da ciência e da natureza. O teocentrismo cedeu lugar ao humanismo, a teoria que valoriza o ser humano como o centro da criação.

O surgimento da prensa coincide com o período da Baixa Idade Média (século XIII ao XV) em que também ocorrem mudanças na esfera política e socioeconômica

---

[6] Segundo Engels (2017, p. 22), por burguesia “entende-se a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social que empregam o trabalho assalariado”. Pansani (2011, p.11), reforça que a burguesia “ocupava uma posição intermediária entre a aristocracia e o operariado, durante a revolução burguesa. Essa classe adquiriu importância com o capitalismo moderno”.

do período, como o fim da união estabelecida com o império Romano do Oriente desde a divisão em 395 d.C., a formação das cidades e o início da expansão comercial. A educação mantém a relação com a Igreja, porém, há a influência de outras civilizações devido às novas relações comerciais e a emergência cultural de uma vida cotidiana nas cidades.

Outro fator que eclode durante a Baixa Idade Média, mas que vinha se consolidando desde o século X, é o crescimento demográfico na Europa, motivado pela estabilização da mortalidade causada por conflitos e a melhora na qualidade de vida dos feudos. Como consequência há um desenvolvimento agrícola a fim de suprir a necessidade por sustento da população e que se mostra ineficaz. Em busca de alimentos e até expulsos dos feudos por falta de mantimentos, os servos se deslocaram para as cidades para trabalhar no comércio de mercadorias.

Franco Júnior (2001) explica que na Baixa Idade Média as mudanças climáticas tornaram-se mais comuns, sendo que duas das causas mais investigadas são o desmatamento e a exploração de recursos naturais nos séculos anteriores para a manutenção dos feudos e a criação de lavouras. O desequilíbrio ecológico teria causado um período de invernos prolongados e grandes chuvas em várias regiões da Europa, prejudicando as colheitas e ocasionando a falta de alimentos para a população. Com a escassez de mantimentos e a morte por fome, o homem iniciou um processo de busca por melhores condições de vida, que gerou o crescimento das cidades, o trabalho no comércio e a imigração para outros países, sendo este último recurso um dos pontos para o início da disseminação de doenças e epidemias, como a Peste Negra[7].

> Na verdade, este foi apenas um ensaio da crise demográfica da Baixa Idade Média, que teve seu ponto crucial no ressurgimento da peste, então conhecida por peste negra. Ela apresentava-se de duas formas. A bubônica (assim chamada por provocar um bubão, um inchaço) tinha uma letalidade (relação entre os atingidos pela doença e os que morrem dela) de 60% a 80%, com a maioria falecendo após três ou quatro semanas. A peste pneumônica, transmitida de homem a homem, tinha uma letalidade de 100%, fazendo suas vítimas depois de apenas dois ou três dias de contraída a doença (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 36).

[7] O sentimento de medo causado pela epidemia conhecida como peste negra é retratado no filme “O Sétimo Selo”, de 1959 e dirigido por Ingmar Bergman. No longa-metragem, um cavaleiro retorna das Cruzadas e encontra o país com problemas causados por doenças e pela fome. Com a fé na Igreja abalada, o cavaleiro tem diálogos existenciais enquanto joga xadrez com a Morte.

Os problemas socioeconômicos criaram um cenário de desconfiança entre a população e a Igreja Católica. Com poder acumulado, controle das escolas, riquezas e terras que se beneficiavam do sistema feudal, a Igreja permaneceu próspera ao ponto de vender indulgências, o famoso perdão de qualquer pecado mediante pagamento de dinheiro à Igreja, enquanto a população morria de fome e lutava para sobreviver em meio às epidemias.

A Reforma Protestante foi o pontapé inicial para os questionamentos em relação ao comportamento da Igreja Católica, criando uma crise na instituição religiosa durante o século XVI. O movimento reformista cristão foi liderado por Martinho Lutero e simbolizado pela publicação de 95 teses em 31 de outubro de 1517 na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg.

> Quando negou a autoridade do Papa, Lutero também protestava contra a venda de indulgências, contra os perdões concedidos pelo Papa, e o relaxamento dos costumes pelo clero. O protestante Martin Lutero recebeu o apoio de muitos nobres e camponeses, conseguindo assim a dissolução das ordens monásticas, a revogação do celibato clerical, a secularização dos bens da igreja pela nobreza, e a substituição da autoridade eclesiástica pela autoridade estatal. Lutero encontrou terreno fértil à sua pregação nas regiões em que era interessante aos nobres se apoderarem das terras da Igreja Católica (ARSEGO, 2008, p. 14).

A Reforma Protestante diminuiu os poderes do clero e abriu caminho para o desenvolvimento econômico nas cidades e o fortalecimento do Estado. Mesmo com o movimento da Contrarreforma (1545) da Igreja Católica e a perseguição aos protestantes, o conflito proporcionou o crescimento das feiras de venda de mercadorias, o nascimento de diversas moedas e o início do capitalismo[8], sistema econômico que permaneceu em crescimento durante toda a Idade Moderna.

2.2 O conhecimento na Idade Moderna

A Idade Moderna é uma consequência das transformações iniciadas na Baixa Idade Média, como a troca do sistema econômico feudal para o capitalismo, o início do comércio, das grandes rotas comerciais e a emergência da burguesia, uma nova classe social formada pela população das cidades. Cotrim (2002) explica que essas

[8] Segundo Pansani (2011, p. 12-13) o capitalismo é um sistema em que os meios de produção são de propriedade privada de uma pessoa (ou grupo de pessoas) que investe o capital. O sistema também se caracteriza pela lei da oferta e da procura, a existência de trabalhadores assalariados e pela regulamentação das atividades econômicas por meio do princípio de cálculo e dos lucros máximos.

alterações socioeconômicas da Idade Média, incluindo a ruptura na unidade religiosa europeia com a Reforma Protestante, foram essenciais para diminuir a passividade do homem frente ao mundo.

> A quebra da unidade religiosa europeia, com o movimento da Reforma, rompeu com a concepção passiva do homem, entregue unicamente aos desígnios divinos, e reconheceu o trabalho humano como fonte da graça divina e origem legítima da riqueza e da felicidade, além de conceber a razão humana como extensão do poder divino, o que colocou o homem em condições de pensar livremente e responsabilizar-se por seus atos de forma autônoma (COTRIM, 2002, p. 137).

Com diversas mudanças de cunho político, econômico e social, a Idade Moderna inaugurou uma nova era, que segundo Cotrim (2002), é caracterizada, principalmente pela formação de novos estados nacionais por meio da monarquia absoluta, ou seja, um governo no qual o rei detém a autoridade suprema do país, o desenvolvimento da ciência natural, a criação de novos métodos científicos - colocando em xeque a submissão da razão aos dogmas do cristianismo - além do início das grandes navegações e a expansão marítima, que resultou na dominação do continente europeu sobre os continentes africano e americano. O período é marcado também pela invenção da imprensa, que:

> Possibilitou a impressão dos textos clássicos gregos e romanos que tanto contribuíram para a mentalidade humana renascentista, bem como a divulgação das obras científicas, filosóficas e artísticas, a partir de então acessíveis a um número muito maior de pessoas, o que conduziu a um maior grau de consciência e de liberdade de expressão (COTRIM, 2002, p. 137).

Hohlfeldt (2014) explica que a partir de 1605 começaram a circular folhas informativas, como a *Nieuwe Tijdingen,* editada por Abraham Verhoeven, após a derrota de Maurício de Nassau nos Países Baixos, atualmente Holanda.

> Os mais fieis antecessores de nossos jornais, vendidas a exemplar, nas portas muradas das cidades ou nas feiras, onde todo o tipo de gente se reunia, aguçando a curiosidade e fazendo que o mais letrado, em altos brados, lesse o que se achava impresso para aqueles que estavam impossibilitados de o fazer. [...] essa foi, na verdade, uma nova função logo descoberta para os processos de comunicação: a popularização de novidades (HOHLFELDT, 2014, p. 88).

Stephens (1993) acrescenta que a escrita se manteve em ascensão enquanto meio de comunicação em detrimento da oralidade, principalmente em relação às notícias de outros países e continentes. Os reis utilizaram cartas mais de uma vez

para noticiarem vitórias ou disseminarem determinadas informações de seu interesse para os plebeus.

> Nações-estados centralizadas – como a que os Tudor desenvolveriam na Inglaterra – requerem um veículo de notícia capaz de focalizar a atenção dos cidadãos de toda nação sobre o governo. As notícias escritas – na forma de boletins informativos e de correspondência particular – estavam começando a demonstrar, na Europa renascentista, do mesmo modo como o haviam feito em Roma e na China, que tinham a possibilidade de orientar um público limitado, porém importante, em direção ao monarca (STEPHENS, 1993, p. 164).

Na Modernidade, com a queda do poder da Igreja, o teocentrismo, a ideia de que Deus está no centro do universo, cede lugar à tendência social antropocêntrica, que transfere para a posição de Deus a figura do homem. Essa valorização da própria humanidade traz benefícios para a produção humana, seja no campo artístico, científico ou filosófico. Houve um otimismo que motivou o desejo da sociedade de intervir no mundo, uma influência direta da consagração do Renascimento, movimento que surgiu ainda no século XV, conforme citado no tópico anterior, e que na modernidade tornou-se mais intenso.

> O Renascimento propiciou o desenvolvimento de uma mentalidade racionalista. Revelando maior disposição de questionar os mistérios do mundo, o homem moderno aguçou seu espírito de observação sobre a natureza, dedicou mais tempo à pesquisa e às experimentações, deixou a mente mais aberta ao livre exame do mundo (COTRIM, 2002, p. 137-138).

Surgiram novas teorias, como a do heliocentrismo, esboçada por Copérnico, na qual o Sol é o centro do universo e não a Terra, as concepções de Galileu Galilei, considerado um dos fundadores da física moderna e que começou a pensar a natureza a partir da matemática, entre outras concepções que deixaram de certa forma o homem confuso, porém, propenso a acreditar que a razão é a busca pela liberdade. “O ser humano só encontraria um novo centro em si mesmo, isto é, na razão, entendida como a capacidade humana de avaliar a realidade e distinguir o verdadeiro do falso” (COTRIM, 2002, p. 143).

Com a Revolução Francesa de 1789, que resultou na queda da monarquia francesa e a criação de um estado-nação constituinte, o homem iniciou um novo pensamento socioeconômico, baseado no racionalismo e posteriormente no que seria denominado de Iluminismo.

> A revolução burguesa de 1789 dividira radicalmente a história social francesa. Dali em diante, não era mais o sangue azul ou a tradição nobiliárquica que contava. Era a experiência real de vida. Sem nada a ter para valorizar no seu passado, a nova classe – a burguesia – tratou de valorizar o presente e investir no futuro. Por isso, a criança passou a ser reconhecida em sua autonomia e a educação ganhou um status especial. Rompiam-se os laços entre a escola e a religião. Surgia a escola leiga, gratuita, pública, num processo que levaria quase um século, completando-se apenas ao final do século XIX, mas cujos frutos logo se poderiam colher (HOHLFELDT, 2014, p. 88-89).

Para Stephens (1993), os jornais que surgiram na época contribuíram para as mudanças políticas e sociais que culminaram nas revoluções.

> Esses leitores ganhariam um título – o público – e conquistariam, em massa, um papel na determinação da legitimidade daqueles que buscavam governá-los. As heresias e as rebeliões podiam ser excisadas dos primeiros livretos e baladas noticiosas, mas o desenvolvimento de um grupo crescente de leitores com reconhecido interesse em assuntos políticos contribuiria com heresias maiores e rebeliões ainda mais bem-sucedidas (STEPHENS, 1993, p. 220).

Surgiram ao lado da Revolução Burguesa outras conquistas importantes para o conhecimento, segundo Hohlfeldt (2014, p.89), como as atividades dos enciclopedistas, que pretendiam reunir em uma única obra, “mediante verbetes a cargo de diferentes autores, o conjunto de conhecimentos então disponíveis na Europa (leia-se mundo)”.

Chauí (2000) esclarece que os defensores do Iluminismo acreditavam que é pela razão que o homem pode conquistar a liberdade, a felicidade social e a política, ideais que foram ao encontro da Revolução Francesa. Portanto, na Idade Moderna, o homem foi incentivado pelo Renascimento e pelo Iluminismo a se libertar dos preconceitos religiosos, sociais, morais, além das superstições e do medo, sempre buscando se afastar da tradição e das sociedades denominadas primitivas ou selvagens. Para os iluministas, as civilizações mais adiantadas estavam na Europa Ocidental.

> O despertar da Revolução Industrial[9] e o sucesso da ciência em campos como a química, a física e a matemática inspiravam filósofos de todas as partes. Surge, então, um novo mito, a ideia de progresso. Havia a crença de que a razão, a ciência e a tecnologia tinham condições de impulsionar o trem da história numa marcha contínua em direção à verdade e à melhoria da vida humana. Aos poucos, foi se desenvolvendo um pensamento que culminaria

[9] Revolução Industrial é o complexo de transformações socioeconômicas que alterou a vida de sociedades da Europa ocidental e outras regiões do mundo, a partir de meados do século XVIII e ao longo do século XIX (COTRIM, 2002, p. 168).

> no movimento cultural do século XVIII denominado de Iluminismo, Ilustração ou Filosofia das Luzes (COTRIM, 2002, p. 169).

O sentido de progresso, como algo que deve ser construído longe da tradição, solidificou o conhecimento científico e possibilitou as mudanças sociais, econômicas, culturais e os decorrentes benefícios que surgiram para a saúde, a educação e a tecnologia nas décadas seguintes.

> Para o homem moderno, o conhecimento verdadeiro precisa ser construído e testado, tendo como ponto de partida a ciência e a argumentação. O conhecimento tradicional e religioso torna-se sinônimo de atraso, de irracionalidade, de subdesenvolvimento. Oposto às particularidades das diversas tradições religiosas, o conhecimento iluminado da modernidade seria universal, dotado de um sentido único. O progresso é o ideal que passa a ser perseguido, dando a ideia de uma linearidade única para toda a vida em sociedade (LEITE; SOUSA; GIOEILLI; CASTELANO, 2003, p. 24).

Habermas (2000) acrescenta que esse processo de afastamento das questões religiosas ocorrido na Europa resultou em uma valorização da ciência.

> As ciências empíricas modernas, as artes tornadas autônomas e as teorias morais e jurídicas fundamentadas em princípios formaram esferas de aprendizado de problemas teóricos, estéticos ou práticos-morais, segundo suas respectivas legalidades internas (HABERMAS, 2000, p. 3).

Foi com o início da Revolução Industrial que surgiram descobertas, como a máquina a vapor e a indústria da impressão. Como o livro era um item caro, países como a França buscaram uma forma de barateá-lo, por meio, por exemplo, da inclusão de outros públicos, como as mulheres recém-alfabetizadas e os jovens estudantes. Nesse período, surgiram os romances, as biografias e o gênero de romance policial.

Nos Estados Unidos, o jornalismo cresceu, assim como a industrialização. Stephens (1993) afirma que em 1825 havia muitos jornais no país, com uma influência superior nas esferas da sociedade do que em comparação à Europa. A comunicação interferiu por meio dos jornais na consolidação do Estado e do governo representativo, que ao contrário da monarquia não tem a inteligibilidade da herança ou da força para se manter no poder. O jornal auxiliou na unificação dos Estados Unidos e na criação de uma identidade como nação, contribuindo para a estabilidade da sociedade norte-americana.

> Ao discutir “mudanças de estado, a morte dos favoritos, projetos dos grandes”, e até ao atacar George Washington, os jornais americanos

> auxiliavam em tornar inteligível um sistema no qual os líderes eram considerados falíveis e a verdade era objeto de discussão; estavam simultaneamente estabelecendo os parâmetros desse sistema, animando-o com suas energias e imprimindo seus problemas nas mentes da população – garantindo que os problemas do governo se tornassem também problemas do povo (STEPHENS, 1993, p. 452-453).

Na década de 1830 começaram também a circulação de jornais mais baratos nos Estados Unidos e na Inglaterra. O uso de prensas a vapor auxiliou nesse processo, que segundo Stephens (1993), possibilitou ao jornal *Sun*, nos Estados Unidos, por exemplo, quatro mil cópias em uma hora. Antes, com as máquinas mais tradicionais, o processo consistia em 125 jornais por hora.

A partir de 1838, os folhetins começam a publicar histórias em um espaço pré-determinado do jornal, criando uma tendência que se manteria por séculos. Assim, o romance-folhetim seria "uma narrativa dinâmica, construída em partes que deviam atingir um suspense a cada momento em que terminasse o espaço da publicação, de modo a manter o leitor preso até a próxima edição" (HOHLFELDT, 2014, p. 91). A inclusão de romances nos jornais proporcionou o aumento das vendas e contribuiu para a consolidação de uma indústria cultural, ou seja, a fabricação seriada e em larga escala de produtos culturais para o consumo da população.

> O século XIX, de fato, viu nascer a industrialização cultural, e a comunicação, assim, conheceu um novo patamar de funcionamento, a massificação, graças às conquistas industriais e ao imenso alargamento dos públicos que, ao mesmo tempo, desdobravam-se e especializavam. A imprensa, definitivamente, tornava-se uma mercadoria dentro do sistema capitalista de produção (HOHLFELDT, 2014, p. 93).

Sobre a modernidade, Alves (1968) provoca o leitor ao iniciar o artigo "Tecnologia e Humanização" com a afirmação de Alfred N. Whitehead de que a maior invenção do século XIX "foi à invenção de um método de invenção". Toda a tecnologia que surgiu a partir da Revolução Industrial culminou para uma mudança profunda na relação do homem com a natureza, que passa da estética e do acaso à intencionalidade. "A tecnologia é, em si, uma compreensão nova das condições em que é possível o conhecimento científico: uma nova epistemologia, uma nova teoria do conhecimento" (ALVES, 1968, p. 9).

Psicanalista, educador, teólogo e escritor brasileiro, Alves (1968) continua com sua análise ao ressaltar que a tecnologia mudou completamente a história do homem ao torná-lo um ser que não teme a natureza, mas que a controla e domina. Esse

pensamento trouxe consequências para o desenvolvimento humano não só do ponto de vista científico, mas sociológico, ao permitir que o homem desenvolvesse um otimismo e deslumbramento em relação à convivência com a máquina. “A tecnologia vai oferecer as bases históricas para uma filosofia de otimismo que crê que finalmente se resolveu a milenar contradição entre um homem que tema e um mundo que ameaça” (ALVES, 1968, p. 8).

O educador afirma que o homem passa a acreditar em um tecnologismo, um “messianismo da técnica”, em que por meio da tecnologia a sociedade seria capaz de ver o auge de sua liberdade e criatividade. Alves (1968) ainda cita como um contraponto a essa utopia o marxismo, frisando que para a teoria, a tecnologia está a serviço das relações de produção dominantes.

> O Marxismo, ao contrário, analisa a tecnologia com olhos profundamente críticos. Examinando-a na sua função dentro da história descobre que ela não existe abstratamente; é determinada pelas relações de produção dominantes dentro de uma sociedade. Assim, ela não pode ser compreendida simplesmente como ferramenta para dominar a natureza. Mais do que isto: a máquina é um instrumento que perpetua um mundo em que os donos dos meios de produção exploram os deserdados. É esta ambivalência técnica que extrai suas forças de um mundo em que não há liberdade. Excelência e eficácia funcional nem requerem e nem criam um mundo de liberdade. O inverso é que é verdadeiro (ALVES, 1968, p. 14).

Do ponto de vista educacional, com a Modernidade as instituições escolares passaram a ser coordenadas pelo Estado, que decidia a metodologia, o conteúdo, o horário e o objetivo do estudo a ser transmitido pelos professores. Como representante da educação estatal, a escola assume o poder de transmitir o conhecimento e é apenas por meio da instituição escolar e do professor que o homem será legitimado a aprender. A hierarquia educador-educando cresce e se beneficia da construção de uma aprendizagem funcionalista[10], em que cada organismo da sociedade – escola, família, religião - tem uma função determinada, sendo que o se não houver um desenvolvimento adequado a sociedade será prejudicada. “A natureza organísmica da abordagem funcionalista toma como estrutura o organismo do ser vivo, composto de partes, e no qual cada parte cumpre seu papel e gera o todo, torna esse todo funcional ou não” (ARAÚJO, 2014, p. 122). Após a alfabetização, o aluno é incentivado a seguir as aptidões descobertas durante esse processo e que irão refletir

[10] Funcionalista é um termo derivado de funcionalismo, “método de interpretação sociológica que interpreta qualquer elemento da sociedade, quer seja uma instituição ou uma ideologia, em função do que ela faz e de seu papel” (PANSANI, 2011, p. 52-53).

consequentemente na mão de obra especializada que a sociedade necessita para manter o desenvolvimento capitalista e consequentemente o trabalho como o centro da sociedade.

Ao manter o saber racional no centro, a sociedade rejeita os ensinamentos oriundos da tradição, os sentimentos básicos, entre eles, os desejos sexuais e irracionais, e dissemina a crença de que tudo que fosse contrário ao saber científico aproximaria a humanidade da condição animal.

Para Martín-Barbero (2015), apesar de surgir como uma alternativa ao domínio da Igreja, o Estado se beneficiou do individualismo e da submissão repassada ao homem durante um século na Idade Média. Ao invés de jurar fidelidade aos representantes da Igreja, a sociedade passou a aceitar as leis da ciência e da nação. A educação controlada pela Igreja passou a ser administrada pelo Estado, uma mudança que auxiliou na manutenção da hegemonia, do sistema capitalista e da ascensão da industrialização. O saber recebe uma reformulação capaz de intensificá-lo, de colocá-lo como um sonho a ser almejado pela burguesia.

> A aprendizagem da nova sociabilidade começa pela substituição da nociva influência dos pais – principalmente da mãe – na conservação e transmissão das superstições. E passa sobretudo pela mudança nos modos de transmissão do saber. Antes se aprendia pela imitação de gestos e através de iniciações rituais; a nova pedagogia neutralizará a aprendizagem ao intelectualizá-la, ao convertê-la em uma transmissão desapaixonada de saberes separados uns dos outros e pelas práticas (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 139).

Martín-Barbero (2011) afirma que a estrutura escolar a partir da Modernidade desarticula a curiosidade natural dos educandos e funciona sobre dois princípios: preenchimento de recipientes vazios (alunos) e a moralização como extirpação dos vícios. O “modelo predominante é vertical, autoritário na relação do professor-aluno e linearmente sequencial no aprendizado” (MARTÍN-BARBERO, 2011, p.123).

Assim como a educação, a comunicação também ganhou um papel central na Modernidade com o crescimento da imprensa beneficiada pelos jornais, revistas, folhetins e toda uma indústria cultural que crescia lado a lado com as invenções.

> A história nos ensina, na verdade, que tanto a educação como a comunicação, ao serem instituídas pela racionalidade moderna, tiveram seus campos de atuação demarcados, no contexto do imaginário social, como espaços independentes, aparentemente neutros, cumprindo funções específicas: a educação administrando a transmissão do saber necessário ao desenvolvimento social e a comunicação responsabilizando-se pela difusão

> das informações, pelo lazer popular e pela manutenção do sistema produtivo através da publicidade (SOARES, 2000, p.13).

Nesse período, além do desenvolvimento da imprensa surgiram outros meios de comunicação, como o cinema. A partir da invenção dos irmãos Lumière, em 1895, na França, o cinema cresceu como uma linguagem e produção artística, com desdobramentos importantes também nos anos de 1930 com a inclusão do som e nos anos 1940, com as imagens coloridas. O desenvolvimento do som e da imagem como comunicação também se consolidou pelo rádio e pela televisão, meios que se tornaram ainda mais próximos do homem por estarem presentes no cotidiano, com programações ouvidas e assistidas diariamente em casa e no trabalho.

2.3 O conhecimento na contemporaneidade

A sociedade contemporânea permaneceu ancorada na herança da Modernidade, no funcionalismo e na crença de que apenas por meio do trabalho árduo e da ciência seria possível alcançar o desenvolvimento socioeconômico. O trabalho como mercadoria foi valorizado durante a Revolução Industrial e suas consequências para a sociedade – crescimento das cidades, descobertas científicas, desenvolvimento filosófico etc. – se sobrepuseram aos pontos problemáticos, como as péssimas condições de trabalho nas fábricas e as desigualdades socioeconômicas entre a população. "A exploração dos operários fica explícita em extensas jornadas de trabalho em péssimas instalações, salários baixos, arregimentação de crianças e mulheres como mão de obra mais barata" (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 69).

Durante o século XIX ocorreu a Segunda Revolução Industrial (1850 a 1870), um marco contemporâneo da evolução do conhecimento científico e da tecnologia, que também influenciou diretamente na concepção da sociedade sobre o trabalho. Durante essa fase o homem aprendeu a explorar o petróleo, criou o automóvel e desenvolveu novos arranjos de trabalho para a mão de obra, como o taylorismo[11] e o fordismo[12]. As extensas horas de trabalho que as fábricas necessitavam para manter

---

[11] Teoria elaborada por Frederick Taylor que parte do princípio "de que os operários são indolentes e não sabem usar seus gestos de modo econômico. Taylor estabeleceu um controle científico, por meio da mediação por cronômetros, para que a produção fabril fosse cada vez mais simples e rápida (ARANHA; MARTINS, 2009, p.72).

[12] Modelo de Henry Ford de trabalho para aumentar a produtividade que consistia em "introduzir a esteira da linha de montagem e o processo de padronização ou estandardização da produção em séria na sua fábrica de automóveis (ARANHA; MARTINS, 2009, p.72).

a produção foram justificadas para o trabalhador em forma de remuneração, sendo que em teoria quanto mais tempo do relógio o homem permanecesse no ambiente de trabalho, mais ele deveria receber, uma promessa que nem sempre resultou em um acúmulo de capital pelo trabalhador. Um bom exemplo dessa concepção do tempo para o trabalho são os tradicionais cartões-ponto em empresas, que surgiram na industrialização e permanecem em uso no século XXI, com alterações apenas de cunho tecnológico. A máquina registra no sistema a hora que o funcionário entra e sai da empresa, o horário de almoço, entre outras necessidades.

> O tempo passa a ser dividido de maneira objetiva e racional em etapas e metas a serem cumpridas: o momento do trabalho, do descanso, do lazer, do estudo, etc. como algo escasso e que se esvai, o homem moderno passa a sentir o tempo como pressão (LEITE; SOUZA; GIOEILLI, CASTELANO, 2003, p. 25).

Ao manter a produção fragmentada, ganha-se tempo, porém, perde-se o relacionamento mais emotivo do homem com a sua obra, com a fonte do seu trabalho, que, anteriormente, era mais próxima do artesanal. “A chamada racionalização do processo de trabalho trouxe em si uma irracionalidade básica, ao desvalorizar o ritmo do corpo, o sentimento, a imaginação, a inventividade humana” (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 73).

Para Muniz Sodré (2006), a racionalidade marcou a vida cotidiana e refletiu diretamente no *ethos*, palavra de origem grega que remete ao sentido de habitar, de existir. O *ethos*, que resultou na episteme *Ethiké* (ética) significa, segundo o autor, “as condições, as normas, os atos práticos que o homem repetidamente executa e por isso com eles se acostuma, ao se abrigar num espaço determinado” (SÓDRÉ, 2006, p. 24). É nesse espaço, de acordo com Sodré, que estão os costumes, hábitos, valores e regras que alimentam o *ethos* e que regulam o senso comum. Esse processo é possível por meio da influência da cultura e de um ambiente cognitivo dinâmico.

> Toda repetição padronizada de uma ação implica também na intervenção e controle da temporalidade, o que atesta o modo de presença do tempo no *ethos*. Por isto, a moderna organização técnica da produção capitalista sempre operou sobre a rotina do trabalho. A lógica taylorista do tempo métrico previa o cálculo minucioso do tempo do trabalhador em toda parte da fábrica. No fordismo, a divisão técnica do trabalho mediante uma rígida hierarquia piramidal preconizava a reorganização das funções rotineiras. E se contemporaneamente (nos tempos de especialização dita “flexível”) a rotina perde lugar na produção, certamente ressurge, com todo o vigor da mídia, no consumo (SODRÉ, 2006, p. 25).

Para manter o capitalismo e suas leis básicas de oferta e procura mencionadas no item anterior, o consumo foi mantido como o centro da vida cotidiana e por esse fator permaneceu relacionado com a mídia. Stephens (1993) explica que as propagandas de produtos se popularizaram junto com os jornais impressos, que cresceram vertiginosamente nos Estados Unidos e na Europa. As propagandas eram concebidas com o propósito de impulsionar no homem o desejo de consumir, sendo que essa tendência também permaneceu posteriormente em outros meios de comunicação, como o rádio, que iniciou as transmissões de informações logo após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), e a televisão, que começou a se popularizar com o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). “Estava nascendo a sociedade de consumo com seus patrocinadores, anunciantes, facilidades de crediário e campanhas publicitárias veiculadas, naquele tempo, sobretudo pelo rádio” (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 73).

A criação desse ciclo de consumo também despertou as críticas de alguns teóricos. Rudiger (2014) explica que para os pensadores da escola de Frankfurt, Theodor Adorno e Max Horkheimer, mesmo as sociedades capitalistas mais avançadas teriam componentes autoritários ao incentivar na população o engajamento em tarefas que possibilitassem a manutenção do sistema econômico, como o consumo de determinados produtos e o incentivo a determinados estilos de vida. Os autores compreenderam essa questão como a Dialética do Iluminismo, em que “os tempos modernos criaram a ideia de que não apenas somos seres livres e distintos como podemos construir uma sociedade capaz de permitir a todos uma vida justa e a realização individual” (RUDIGER, 2014, p. 133). Porém, o projeto iluminista se mostrou contraditório e criou, além de problemas socioeconômicos, políticos e culturais, sofrimentos existenciais para a população.

Silva (2017, p. 215) cita a temporalidade e a objetividade como exemplos de padrões hegemônicos apontados por Adorno e Horkheimer. Ambos os padrões formaram uma racionalidade instrumental e permaneceram presentes também nos pilares do jornalismo e dos meios de comunicação na contemporaneidade.

Para McLuhan (1964), esses novos padrões hegemônicos começaram a partir da disseminação das invenções derivadas da tecnologia elétrica, sendo que não só o conteúdo das mídias faria parte do processo, mas a própria existência dessas tecnicidades seria uma influência ao comportamento humano, como ele defendeu com a expressão “o meio é a mensagem”. Para o comunicólogo canadense, a técnica nem

sempre é entendida como parte da mensagem, porém, o autor defende que a ferramenta, a tecnologia em si, se tornou uma extensão do homem.

> Isto apenas significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio - ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos - constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos. Assim, com a automação, por exemplo, os novos padrões da associação humana tendem a eliminar empregos, não há dúvida. Trata-se de um resultado negativo. Do lado positivo, a automação cria papeis que as pessoas devem desempenhar, em seu trabalho ou em suas relações com os outros, com aquele profundo sentido de participação que a tecnologia mecânica que a precedeu havia destruído (MCLUHAN, 1964, p. 21).

McLuhan (1964) cita, por exemplo, o telefone, que modificou o entendimento sobre o tempo e o espaço desde a sua criação. A partir dele, o homem foi capaz de impulsionar a comunicação, diminuir distâncias entre estados, países e familiares, sendo o aparelho tanto meio quanto a mensagem. Essa percepção dialoga com outro termo defendido por ele, a aldeia global. McLuhan (1972) defende que com todas essas mudanças o homem está cada vez mais interligado e coexistindo, semelhante a uma grande aldeia, uma grande tribo, que pela tecnologia consegue transmitir suas crenças aos seus iguais.

Conhecido por suas ideias de tom premonitório pelo fato de tê-las desenvolvido anos antes da popularização das tecnologias digitais no século XXI, McLuhan (1972) concluiu que a sociedade não manteria os padrões com a mudança da cultura letrada, mais ligada à escrita, para a visual, com a presença massificada de imagens, sons e a confluência de ambos. Isso, para ele, não significava que a tecnologia afetaria o pensamento crítico, o qual seríamos treinados para manter, mas modificaria o senso comum de vida, que criaria os vértices e as matrizes de pensamento e ação.

Com a tecnologia em plena ascensão, o homem envolvido com as inovações e o investimento da publicidade na mídia, os meios se tornaram ao longo dos anos, segundo Stephens (1993), verdadeiros “monopólios de conhecimento”, cada vez mais associados a “homens de capital”.

> Com o passar do tempo, no século XX, um novo público de massa seria apresentado aos noticiários radiofônicos, e então aos jornais televisivos, sem que disso decorresse qualquer tangível radicalização das massas. Nos estados Unidos, as estações que transmitiam esses noticiários eram pelo menos tão capitalizadas quanto os jornais locais. Na Inglaterra, a maior rede de difusão iniciou-se como um monopólio controlado pelo governo (STEPHENS, 1993, p. 473).

Logo após a Segunda Guerra Mundial surgiram os primeiros embriões dos computadores pessoais, que ao longo do tempo modificaram a forma como a informação seria produzida e repassada à sociedade. “A fase inicial, compreendida entre os anos 40 e 50 do século XX, tem como característica principal a busca pelo aumento da potência de cálculo dos computadores para finalidades militares” (LAIGNIER, 2008, p. 2). As máquinas foram desenvolvidas tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra e eram fisicamente enormes.

A Guerra Fria - disputa de ordem política, militar e tecnológica entre os Estados Unidos e a União Soviética até o ano de 1991- também motivou a continuação dos investimentos em melhorias computacionais e na corrida espacial.

Laignier (2008) ressalta que para a sociedade os computadores só foram considerados bens de consumo quando diminuíram de tamanho. Entre as décadas de 1950 e 1980 diversas invenções como o chip e, posteriormente, o microprocessador da Intel[13] proporcionou o aumento da usabilidade da máquina para fins de trabalho, educação e comunicação.

> Nos anos 80, juntamente com novos dispositivos de hardware que favoreciam a usabilidade dos computadores (mouse, teclados, monitores próprios), começaram a se desenvolver cada vez mais os dispositivos de software. Sistemas operacionais (como o Windows, da Microsoft) e programas tornaram as funções dos computadores mais amplas, com o intuito de difundi-los a um público não só de especialistas (LAIGNIER, 2008, p. 6).

Na década de 90 há, enfim, a popularização da Internet, um sistema global de rede de computadores que possibilita a comunicação instantânea e de qualquer parte do mundo. “O novo objetivo estratégico da indústria da comunicação passa a ser, evidentemente, as telecomunicações, sobretudo nos seus desdobramentos digitalizados e de compactação dos sinais via satélite” (CITELLI, 2000, p. 15).

Martín-Barbero (2014) explica que as mudanças da “revolução tecnológica” atingiram também a América Latina a partir dos anos 80, principalmente em relação às comunicações, sendo esta uma das poucas indústrias que se desenvolveram na época. Brasil e México mantiveram satélites próprios, assim como o rádio e a televisão

---

[13] Multinacional, a Intel Corporation é uma empresa de tecnologia fundada em 1968 por Gordon Moore e Robert Noyce. A Intel é sediada no Vale do Silício, nos Estados Unidos e ainda é uma das principais fabricantes de microprocessadores utilizados no mundo (KLEINA, Milton. Feliz 50 anos: a história da Intel [vídeo]. **Tecmundo**, 17 jul. 2018, 13:06 Disponível em: https://www.tecmundo.com.br/mercado/132281-feliz-50-anos-historia-intel-video.htm. Acesso em: 11 abr. 2019.

(inclusive a cabo) abriram conexões internacionais. O autor cita que outros investimentos como a implementação de redes de informações, fibra óptica e antenas parabólicas são exemplos do crescimento do setor.

> A conversão dos meios em grandes empresas industriais encontra-se ligada a dois movimentos convergentes: a importância estratégica que o setor das telecomunicações começa a jogar, desde finais dos anos 1980, na política de modernização e abertura neoliberal da economia, e a pressão que, ao mesmo tempo exercem as transformações tecnológicas em direção à desregulação da estrutura e gestão dos meios. Em poucos anos essa convergência redesenha o mapa (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 67 - 68).

Martín-Barbero (1997, p. 39) ressalta que, apesar desse desenvolvimento na América Latina, “apareceram 60 milhões de novos pobres e a região converteu-se na única do mundo na qual a distribuição da renda piorou”. Esse dado integra os paradoxos e desafios para a comunicação e o pluralismo presente nos meios, assim como essa complementação do autor, “tanto na Europa como nos Estados Unidos, não são poucos nem de pouca monta os pensadores que afirmam que a liberação das diferenças é resultado da ação dos meios massivos” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 40).

Para Alves (1968) por mais que o homem estivesse cansado das consequências da modernidade, principalmente no mundo do trabalho, a tecnologia ainda permaneceu como fonte de inspiração e libertação, esperança oriunda das revoluções industriais. “Quer queiramos ou não somos filhos desta esperança. O desapontamento que o século XX nos trouxe não apagaram esta memória. Ao contrário, a esperança se renova com cada nova conquista da técnica” (ALVES, 1968, p. 10).

Segundo Moraes (2006, p. 11), há duas razões interessantes na forma contemporânea de viver baseada na “tecnocultura”, sendo a primeira, a capacidade de a tecnologia de interligar os povos em uma hipotética vontade geral, e a segunda, a midiatização dos processos simbólicos, “sob a égide de mediações e interações baseadas em dispositivos teleinformacionais”.

> Tudo parece reforçar as identificações projetivas e a representação total em telas e monitores: a moda, o corpo, a intimidade, o sexo, as competições esportivas, o design, a literatura de auto-ajuda o turismo, a ficção científica, o cinema- catástrofe, a religião, a música tecno, os museus...Essa febre midiática afigura-se como imperativo para a fixação de valores e crenças, bem como a consolidação da lógica da lucratividade em todos os ramos culturais (MORAES, 2006, p.11).

Com a fuga dos padrões hegemônicos iluministas, a tecnologia criou um terreno fértil para novos comportamentos de uma sociedade, considerada por sociólogos como Bauman (2004), pós-moderna.

Ao explicar a pós-modernidade no século XX, Bauman (2004) cita como exemplos a opção do homem pela busca do bem-estar e do prazer em primeiro lugar, da confissão de posicionamentos pessoais a multidões e pela abdicação da privacidade, que antes seria exposta apenas no confessionário. A pós-modernidade é a era dos relacionamentos mutáveis e não duradouros, adicionados e excluídos tecnologicamente. Para distrair as mentes consumidoras, as indústrias criam produtos feitos especialmente para não durar.

> A líquida racionalidade moderna recomenda mantos leves e condena as caixas de aço. Nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão, no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante. Essa razão nega direitos aos vínculos e liames, espaciais ou temporais. Eles não têm necessidade ou uso que possam ser justificados pela líquida racionalidade moderna dos consumidores (BAUMAN, 2004, p.66).

É também na dinâmica líquida do tempo, que parece passar tão rápido, que as relações humanas serão ancoradas, assim como as decisões da vida e as escolhas que fazemos para adquirir o saber.

> A regulagem dos horários, compromissos, assim como a duração técnica ou até tecnológica dos produtos – concebidos para resistirem por uma estação de novidades -, serve para exemplificar o princípio geral da fluidez que objetiva ou subjetivamente marca as nossas relações com as mercadorias, bens e serviços. Desse movimento não estão livres sequer os territórios mais íntimos dos desejos, expectativas e afetos. Daí a percepção do encurtamento dos dias e do ano, e mesmo da evidência segundo a qual as coisas estragam com maior rapidez (CITELLI, 2017, p. 13).

Martín-Barbero (1997, p. 40) acredita que os meios de comunicação se tornam o “aparelho sensitivo pós-moderno: aquela pluralização que dissolve os pontos de vida unitários e faz emergir de modo irrefreável a palavra das minorias de todo tipo, em todo o mundo”. Porém, para o autor, os meios expõem a diversidade, mas também mostram a indiferença em relação à integração do heterogêneo, sendo que os discursos dos meios não passariam de “imagens baratas e esquemáticas” de aproximação, enquanto o distanciamento fica a cargo das definições exóticas e folclorizadas de determinados povos, como os indígenas, negros e subdesenvolvidos,

que sofrem um “movimento de afirmação da heterogeneidade que ao mesmo tempo que o torna interessante o excluí do nosso universo, negando-lhe a capacidade de interpelar-nos e de questionar-nos” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 41).

Neste mundo agora denominado de globalizado[14], Martín-Barbero (1997) acredita que quem continua ditando as regras é o mercado.

> Global é o espaço novo que o mercado e as tecnologias produzem e do qual necessitam. Como ocorreu com o espaço nação a partir do fim do século XVII na Europa, agora é o espaço mundo que se constitui em horizonte do fluxo econômico e informacional que tem como eixo a empresa, como chave a relação de interdependência e como veículo e sustentação a trama tecnológica da comunicação (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 41).

Mesmo os mais desconfiados dos propósitos das tecnologias da comunicação não conseguiriam resistir por muito tempo a avalanche de aparatos que viria a invadir a vida em sociedade nos séculos XX e XXI. Para Sodré (2006), o impacto da economia digital sobre o mundo do trabalho e da cultura foi e continua arrebatador.

> De fato muda a natureza do espaço público, tradicionalmente animado pela política e pela imprensa escrita. Agora, formas tradicionais de representação da realidade e novíssimas (o virtual, o espaço simulativo ou telerreal) interagem, expandindo a dimensão tecnocultural, onde se constituem e se movimentam novos sujeitos sociais. Transmitida em tempo real, uma fórmula já antiga, como o noticiário jornalístico, torna-se estratégica nos termos globalistas do mercado financeiro: um pequeno boato pode percutir como terremoto em regiões do planeta fisicamente distantes (SÓDRE, 2006, p.19).

A internet reorganizou as relações sociais e provocou uma reação da mídia dita tradicional, que precisou de novos formatos para contar as suas histórias e vender os seus produtos.

> Como espaço de uma nova forma de socialização, a internet reconfigura as relações humanas e organiza uma cultura digital que privilegia novos conceitos, além de novos tipos de interação, como as novas narrativas chamadas hipertextos, que são, hoje, as ferramentas do jornalismo online, por exemplo. Com isso, alguns paradigmas do jornalismo estão sendo postos em questão: grandes e impolutas redações, conglomerados de comunicação; concentração das informações; uniformidade de produtos (TAVARES, 2013, p. 195-196).

A mídia entrou em um novo ciclo de produção de conteúdo que inevitavelmente ocorre com a participação do público. Para Jenkins (2009), o processo ocorre dentro

---

[14] Globalização é “a palavra que designa a constituição de uma economia mundial caracterizada pelo enfraquecimento dos Estados-nação e a interdependência cada vez maior entre as diversas regiões do planeta” (PANSANI, 2011, p.54).

de uma “Cultura da Convergência”, em que “a circulação de conteúdos – por meio de diferentes sistemas de mídia, sistemas administrativos de mídias concorrentes e fronteiras nacionais – depende fortemente da participação ativa dos consumidores” (JENKINS, 2009, p. 29).

O espectador ou usuário encontra a informação dispersa em diferentes canais de mídia, sendo a internet o principal deles, e precisa realizar a conexão dos assuntos em meio a esse turbilhão de conteúdo.

> A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços de fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana (JENKINS, 2009, p. 30).

Jenkins (2009) explica as nuances dessa nova forma de construir narrativas utilizando, como exemplo, os grandes marcos da cultura pop global, como séries, filmes, livros infanto-juvenis e reality shows. Há um desejo do mercado de incentivar uma participação ativa dos espectadores, ou melhor, dos fãs – criando teorias sobre enredos, buscando informações antes da divulgação oficial, escrevendo histórias paralelas, entre outros exemplos -, a fim de impulsionar o consumo não só dessas mídias, mas dos produtos relacionados a cada uma dessas criações. “Por haver mais informações sobre determinado assunto do que alguém possa guardar na cabeça, há um incentivo extra para que conversemos entre nós sobre a mídia que consumimos” (JENKINS, 2009, p.30). Esse processo resulta em uma natural propaganda para o mercado de entretenimento.

Para o autor (JENKINS, 2009), uma narrativa pode se estender por múltiplas plataformas de mídia na pós-modernidade, como a franquia Matrix. Lançado em 1999 e com três longas-metragens, Matrix tinha como diferencial o fato de que a história continuava em outras plataformas, além do cinema. Então, os fãs podiam acessar informações sobre a história do protagonista Neo em sites específicos da franquia, no jogo de videogame ou nas histórias em quadrinhos.

> Uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser

> explorado em games ou experimentado como atração de um parque de diversões. Cada produto determinado é um ponto de acesso à franquia como um todo. A compreensão obtida por meio de diferentes mídias sustenta uma profundidade de experiência que motiva mais consumo. A redundância acaba com o interesse do fã e provoca o fracasso da franquia. Oferecer novos níveis de revelação e experiência renova a franquia e sustenta a fidelidade do consumidor (JENKINS, 2009, p. 138).

A convergência não ficou restrita apenas às franquias de filmes, pelo contrário, invadiu vários interesses da mídia, inclusive do jornalismo. Silva (2010) explica que as redações se tornaram mais enxutas e integradas no século XXI. “A digitalização das mídias e o surgimento da Internet, colocou o jornalismo digital imerso na produção multiplataforma e nas redações integradas” (SILVA, 2010, p. 133).

Os jornais impressos, gigantes no passado, precisaram se adaptar as novas possibilidades oferecidas pela internet, migrando primeiro para os sites de notícias e depois para as plataformas digitais. O objetivo era incrementar a narrativa, se espelhando na proposta transmídia, apesar de Jenkins (2009) afirmar que pouco ainda é feito nesse sentido na mídia, inclusive no jornalismo. “Temos uma situação que não privilegia uma narrativa sequencial, mas sim a ubiquidade feita por informações adicionais, tais como enquetes, maior detalhamento em fotos, discussões etc.” (TAVARES; MASCARENHAS, 2013, p. 200). É interessante o uso da expressão “narrativa sequencial”, já que uma das principais características do jornalismo feito para a web é a hipertextualidade, ou seja, a capacidade de realizar interconexões de textos através de links hospedados em palavras da notícia. Dessa forma, o leitor pode acessar diferentes conteúdos partindo de um ponto inicial, “hipertexto que nos colocou diante de uma nova máquina de ler, fazendo de cada leitor um editor” (SOUZA, 2011, p. 9).

Citelli (2000) cita como exemplo dessa dimensão da mídia na vida cotidiana uma pesquisa que aponta a presença de aparelhos de rádio e televisores em 90% dos domicílios brasileiros, sem contar as outras tecnicidades, como os videocassetes, um aparelho pouco utilizado em 2018, mas que tem vários substitutos à altura, como o videogame, os computadores pessoais e as televisões *smart*, que por meio de uma conexão com a *Internet* oferecem ao usuário uma imersão mais completa, em que é

possível assistir aos canais abertos, pagos, além das populares plataformas de *streaming* de filmes e séries, como a *Netflix*[15], e de música, como o *Spotify*[16].

> Para se ter uma ideia do impacto dessa transformação, um programa de televisão produzido nos anos 1980, por exemplo, demandava muito investimento para sua realização, além da complexidade para viabilizar sua transmissão. Hoje, podemos assistir a pequenos programas feitos por algum colega em seu quarto, sob demanda, no Youtube. Somos todos pequenos magnatas da comunicação. Nos idos dos anos 200, os blogs já começaram a ocupar o papel dos fanzines marginais da década de 1970, acelerando o processo de aproveitamento da internet como "megafone" dos grupos sociais (SAYAD, 2011, p. 40).

Essas possibilidades também estão presentes nos celulares, que a partir do século XXI reúnem em um único aparelho – agora denominado de *smartphone* - a televisão, a *Internet*, as plataformas de *streaming*, os jogos interativos, as câmeras fotográficas com resoluções cada vez melhores, aplicativos de redes sociais (*Facebook, Instagram, WhatsApp* etc), que incluem a troca mensagens instantâneas, e, por fim, a possibilidade tradicional de realizar as ligações. Tudo isso à disposição do usuário e do tamanho ideal para caber em um bolso de calça jeans.

> A "era da criatividade" tem encontrado seu terreno mais fértil nas chamadas redes sociais, cujo conteúdo é produzido de forma descentralizada e direta por seus usuários, num fenômeno chamado *crowdsourcing*. Uma das suas consequências pode ser constatada no fato de que, nos últimos anos, a internet vem sendo pautada pelo relacionamento entre pessoas e pelos focos de interesse das mesmas. Os sites passaram a ser criados a partir de grupos ou pequenas redes, característica que define a chamada internet 2.0 (SAYAD, 2011, p. 45-46).

As informações na internet que antes eram disponibilizadas em blogs agora podem ser acessadas por meio das redes sociais, inclusive, oferecidas por canais de notícias conceituados de mídia, como The New York Times, dos Estados Unidos e a Folha de S. Paulo, no Brasil. Os conteúdos são oferecidos por meio de múltiplas plataformas com o propósito de impulsionar o acesso aos sites oficiais e buscar novos assinantes.

---

[15] Fundada em 1997, a Netflix é o principal serviço de entretenimento por internet do mundo, com cerca de 139 milhões de assinaturas em mais de 190 países. Disponível em: https://media.netflix.com/pt_br/about-netflix. Acesso em 19 abr. 2019.

[16] Lançado em 2008, o Spotify é um serviço de música digital que oferece acesso a milhões de músicas, podcasts e vídeos a seus assinantes. Também funciona como serviço de streaming, por meio de conexão a internet. Disponível em: https://www.spotify.com/br/about-us/contact/ Acesso em: 19 abr. 2019.

> O lado menos alternativo dessa história é que, com os modelos comerciais mais diversos esquentando economicamente a rede, os grandes grupos de mídia tradicional (como a Time Warner), e mesmo as empresas ".com" (como o Google), começam a abocanhar fatias grandes do tráfego on-line, formando uma espécie de cartel da mídia digital. Ou seja, para deixar o cenário das mídias ainda mais confuso, até o caráter independente que a internet carregava desde seu nascimento é hoje relativo – ela está mais para um lobo em pele de cordeiro. Assim, muitas vezes os usuários não estão cientes de que, ao produzir conteúdo na forma de postagens em redes sociais ou repositórios de vídeos e outros arquivos, seguem trabalhando gratuitamente para um grande grupo de mídia, reinventando, assim o mundo digital (SAYAD, 2011, p. 46).

Mesmo assim, os perfis particulares, de profissionais e de artistas são os mais "seguidos" e que têm um maior alcance do público-alvo. Basta observar a quantidade de seguidores no Instagram que a cantora Selena Gomez acumula: 146.299.787, sendo desbancada apenas por outra artista norte-americana, a cantora Ariana Grande, que exibe a marca de 146.271.182 milhões de fãs em 2019[17]. Essa cultura dos *likes* – denominação dada ao ato de aprovar determinada publicação nas redes sociais – criou uma forma de publicidade baseada na influência de uma pessoa para oferecer um produto, os chamados "influenciadores digitais". As publicações normalmente são diárias, recorrentes e feitas para não durar, assim como a dinâmica líquida da pós-modernidade. Para Bauman, "o advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves" (BAUMAN, 2004, p. 83).

> A não linearidade dessa produção e do consumo de informação acaba por tecer as tramas dessa rede e desconstruir o esquema unilateral, ou mesmo piramidal, de comunicação e poder ao qual o mundo estava preso até pouco tempo atrás. Esse é, sem dúvida, o principal legado da internet para a "era da criatividade" (SAYAD, 2011, p. 43).

A sociedade pós-moderna não só incluiu novas ferramentas de comunicação, como modificou processos de interação. "É o que leva à caracterização das estruturas do século XX por expressões como "sociedade de informação", "sociedade da comunicação", "sociedade mediática", "idade mídia" (BRAGA E CALAZANS, 2001, p. 30). Para os autores, no entanto, o mais assertivo é a denominação "sociedade mediatizada", por parecer "assinalar a presença e a relevância da mídia em sua

---

[17] Ariana Grande supera Selena Gomez como a mulher mais seguida do Instagram. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 25 fev. 2010. Disponível em: https://emais.estadao.com.br/noticias/gente,ariana-grande-supera-selena-gomez-como-a-mulher-mais-seguida-do-instagram,70002735654. Acesso em 10 abr. 2010.

comunicação, sem, entretanto, pretender que a mídia “determine” as estruturas sociais ou que seja monolítica e totalizante” (BRAGA E CALAZANS, 2001, p. 30).

Sayad (2011) acredita que o impactante na sociedade pós-moderna é como os seres humanos lidam com as informações, com a participação nessas novas diretrizes de comunicação interpessoal e social.

> Não há dúvida de que a informação precisa e útil é hoje sinônimo de poder. No entanto, numa análise mais detalhada, veremos que o computador; e mesmo a internet, já são revoluções pertencentes a um passado recente; são ferramentas e estruturas que abriram caminho para que a informação circulasse de uma outra maneira, fazendo com que a comunicação, assim, se ampliasse. Computadores já são quase peças de museu, e a informação banal está cada vez mais acessível a todas as camadas da sociedade (SAYAD, 2011, p. 41).

Enquanto a sociedade capitalista descobria novos modos de produção e divulgação de seus produtos digitais, o campo da educação, assim como todos os níveis da sociedade, também caminhou para o relacionamento estreito com o capital. Aranha e Martins (2009) esclarecem que, desde o século XVII e XVIII, o Estado atribuiu e incentivou uma disciplina para o controle da sociedade, com a criação de instituições fechadas, como orfanatos, reformatórios, asilos para pobres e pessoas sem trabalho, hospícios, quarteis e escolas. “A escola institucionalizou-se de maneira mais complexa quando foram criados os internatos, com a exigência de separação por idades, graduação em anos e organização de currículos” (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 71). As divisões por idade e graduação, assim como a intervenção do Estado na metodologia e no conteúdo do ensino continuaram na contemporaneidade.

Martín-Barbero (2011) ressalta que a educação herdada da modernidade é como um banco de informações, sendo que os professores são depositários e os alunos meros recipientes de conhecimento. Ao afirmar essa tendência, Martín-Barbero dialoga com a teoria da educação bancária, defendida pelo pedagogo brasileiro Paulo Freire (2017):

> A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor o educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão (FREIRE, 2017, p.80).

O ensino bancário exposto por Freire é derivado da concepção de educação que inibe a trajetória individual e a tradição do educando. O saber é dividido em diferentes fases, conforme o conteúdo ou série escolar, e repassado ao aluno como pequenas pílulas de conhecimento. “Na visão bancária da educação, o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (FREIRE, 2017, p. 81).

A educação bancária também reaparece nas pesquisas do argentino Mario Kaplún (2002). Para o escritor, existem três modelos metodológicos da comunicação educativa: o modelo da educação bancária, o modelo dos efeitos e o modelo dialógico ou transformador.

O primeiro, o modelo da educação bancária, como já mencionado, reproduz os ensinamentos da Revolução Industrial.

> Se trata de «inculcar» nociones, de introducirlas en la memoria del alumno, que es visto como receptáculo y depositario de informaciones. Todos conocemos este tipo de educación vertical y autoritaria. O paternalista (el paternalismo es tan sólo una forma más edulcorada del autoritarismo). Todos lo hemos padecido. Es el que predomina en el sistema educativo formal: en la escuela primaria y secundaria, en la universidad (KAPLÚN, 2002, p. 20).

As questões socioeconômicas e políticas dos países influenciam o contexto em que cada conhecimento será repassado. Kaplún (2002) reafirma esse processo como uma perspectiva funcionalista e positivista[18] do sistema. Cada peça da instituição escolar precisa ter uma função previamente decidida pelo Estado e que contribua para o sistema capitalista. “O modelo da educação bancária reproduz o ideário das práticas sociais engendradas pela revolução industrial (produção em série, padronização e massificação do consumo)” (SOARES, 2009, p. 12).

O segundo modelo citado por Kaplún (2002), o modelo dos efeitos, se aproxima da concepção bancária de educação, porém, com algumas atualizações. Apesar de mais aberto às tecnologias, o sistema prioriza o conteúdo seriado, idealizando nos aparatos mecânicos as verdadeiras máquinas de ensinar. Soares (2009) esclarece que um dos problemas de se depositar a fé na tecnologia está no fato de que nem todos os sistemas educativos têm recursos financeiros suficientes para manter o alto

---

[18] Positivista remete ao positivismo, “termo adotado por Augusto Comte para designar toda uma diretriz filosófica marcada pelo culto da ciência e pela sacralização do método científico. O positivismo expressa um tom geral de confiança nos benefícios da industrialização, bem como um otimismo em relação ao progresso capitalista, guiado pela técnica e pela ciência, manifestando-se de modo variado em diversos países ocidentais, a partir da segunda metade do século XIX, o positivismo reflete, no plano filosófico, o entusiasmo burguês pelo progresso capitalista e pelo desenvolvimento técnico-industrial” (COTRIM, 2002, 189).

padrão tecnológico. O caso pode ser exemplificado ao se comparar a diferença da rapidez com que as novas invenções chegam às salas de aula de escolas públicas e particulares.

Por fim, o modelo dialógico ou transformador aposta nos movimentos sociais que surgiram como forma de contestação por volta do século XX, buscando a mobilização da sociedade em torno dos direitos humanos e do multiculturalismo. Conforme aponta Soares (2009):

> Aposta-se nos grupos de trabalho de caráter construtivista, na possibilidade de produção coletiva do saber e nas redes facilitadas pela internet. Neste contexto, Kaplún identifica as práticas sociais de construção do conhecimento sob a ótica de uma visão processual geradora de sentidos. No campo dos discursos, passa a vigorar o apelo à "leitura crítica dos meios", inicialmente de cunho ideológico, assumindo aos poucos uma abordagem mais dialética que põe ênfase não exatamente no conteúdo ou na forma, mas nas razões de uso do processo de recepção (SOARES, 2009, p. 13).

Freire (2017) aponta ainda que combater as desigualdades sociais e a opressão da sociedade não estão entre as urgências do Estado. Portanto, a educação bancária, que limita a criatividade do aluno e impõe a passividade, serve como alicerce para a permanência de uma sociedade apática.

> Em lugar de comunicar-se, o educador faz "comunicados" e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção "bancária" da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberam os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fixadores das coisas que arquivam (FREIRE, 2017, p. 81).

Freire (2017) ressalta que nem todos os educandos concordam com o sistema opressor, sendo que alguns professores apenas não percebem que integram o serviço de "bancarismo" e que "cedo ou tarde, os próprios 'depósitos' podem provocar um confronto com a realidade em devenir e despertar os educandos, até então passivos, contra a sua 'domesticação'" (FREIRE, 2017, p. 85).

Assumindo esse contexto líquido e tecnológico, o cenário educacional na contemporaneidade pós-moderna é um espaço de tensionamento. Mediado pela comunicação em massa, ou seja, a disseminação de informações por jornais, rádios, televisores e a internet, além das interferências tecnológicas na vida cotidiana, ou seja, o uso prolongado dos computadores, livros digitais, redes sociais e uma infinidade de invenções. O sistema educacional se equilibra em uma dança de

conhecimentos modernos e pós-modernos, em que a privacidade não é mais uma opção, mas sim uma utopia em tempos de mídias digitais.

> O que muda, em verdade, com a crise do sujeito individual diante da velocidade que impera nas redes de poder na construção do conhecimento são as formas de comunicação de e para a educação. Chega ao fim o antigo sistema educacional erigido pela modernidade, cujo símbolo tópico é a universidade, tendo como objetivo a formação de um sujeito coletivo capaz de atender às demandas do processo de industrialização, estruturando-se nas bases do fordismo, do treinamento de habilidades técnicas e profissionais, de modelos seriados e adaptáveis à máquina, enfim, preparando o indivíduo para o mundo do trabalho (SCHAUN, 2002, p. 75).

Para Braga e Calazans (2001), as aprendizagens mediáticas são diferentes das escolares em muitos aspectos, desde a ruptura da formalização do aprender, presente nas escolas, até o fato de que nem sempre o espectador percebe que está realmente aprendendo algo em meio à comunicação oferecida pelos meios.

> Essa aprendizagem aparece como uma dimensão entre outros presentes na interação com (ou sobre) os produtos mediáticos. Não parece ser, portanto, separável da informação da atualidade, do entretenimento, e das mais diversas permeações próprias à disponibilidade de materiais simbólicos. Eventualmente, nem se percebe ou se explicita isto como “aprender” (justamente porque estamos habituados como o sentido escolar-educacional dessa palavra). Nesse sentido, seria mais próximo do aprender cultural: as pessoas não refletem normalmente sobre o que estão “aprendendo”, como ou por que. Apenas “vão sabendo” as coisas (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 63).

O conhecimento trilhou um novo caminho com a disseminação de sites de notícias, buscadores e outras ferramentas mais democráticas, que possibilitaram que o homem pudesse se informar e aprender sem necessitar obrigatoriamente de um professor ou do sistema escolar tradicional. Pela primeira vez em décadas, a hierarquia entre professor-aluno começou a ser questionada e desse tensionamento surgiram novos rearranjos educacionais na pós-modernidade. Um exemplo é o uso de processos mediatizados no ambiente escolar como uma forma de se aproximar da realidade e da linguagem do aluno no século XXI. “O sistema escolar, enquanto espaço socialmente legitimado para a organização da aprendizagem, se articula então para absorver ou direcionar os processos mediatizados” (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 66).

Essa absorção das mídias é compreendida por meio do uso de computadores, inclusive locados normalmente em ambientes específicos como as salas de

tecnologias, o uso de videogames e celulares no aprendizado, sendo estes últimos ainda um processo recente na educação. Outro ponto é a disseminação da educação a distância, em que as aulas são disponibilizadas em ambientes virtuais. São ações como estas que mostram as tentativas da educação formal de introduzir e conviver com as tecnologias, priorizando a utilização dos meios para a recuperação da hierarquia entre professor-aluno.

A mídia cresceu ao incorporar a tecnologia com menos resistência que a escola e se firmou no espaço entre a novidade e a necessidade de informação do homem que estão presentes na vida cotidiana da sociedade, enquanto a escola ainda estuda como incluir não só as ferramentas, mas a mídia em sua complexidade nas relações existentes dentro de sala de aula. “A escola é inevitavelmente mais lenta na revisão de programas e currículos. Enquanto isso, a mídia disponibiliza imediatamente os conhecimentos que se destacam” (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 67).

Para Martín-Barbero (2014, p. 125), “estamos diante de um processo de produção em que o conhecimento está passando a ocupar o lugar que ocuparam, primeiro, a força muscular humana e, depois, as máquinas”. Se apoderar dos meios de comunicação e suas vertentes dentro do ambiente escolar possibilita aos educadores e principalmente aos educandos a chance de protagonizar e compreender a história e a vida em sociedade, como foi para certas classes sociais nos séculos passados.

Os meios de comunicação são mais acessíveis na pós-modernidade devido ao barateamento de equipamentos e as facilidades do mundo digital, mas é a sua capacidade de alterar os modos de circulação do saber, a principal contribuição da comunicação para a educação atual.

> O deslocamento implica a disseminação do conhecimento, isto é, ficam borradas as fronteiras que o separava, de um lado, do saber comum, isto é, do saber que habita na experiência social, desvalorizando a barreira que ergueu o positivismo entre a universalidade da ciência e a particularidade do saber da experiência. De outro lado, está a mudança na ideia de informação, que, de associada ao mundo da notícia, passou a inserir-se no mundo da experimentação e do fluxo digital (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 127).

O processo de empoderamento do educando e sua capacidade de protagonizar o conhecimento, disseminá-lo e transformá-lo também em comunicação contribuiria para o desenvolvimento do ambiente escolar para além da ciência moderna, ou seja,

da tecnicidade exacerbada valorizada no mundo do trabalho, mas que não encontra eco nas relações da sociedade cotidiana pós-moderna.

A relação da mídia com a escola e o protagonismo do educando são pontos importantes para os estudos da Educomunicação, teoria que defende a inter-relação entre a comunicação e a educação como um campo de estudo autônomo e importante em tempos pós-modernos. No Brasil, a difusão deste conceito tornou-se possível por meio de políticas públicas criadas a partir dos anos 2000, após o resultado positivo de projetos inovadores com base nesta inter-relação no estado de São Paulo. Posteriormente, o conceito da Educomunicação também foi difundido em várias regiões do país ao ser incorporado ao programa de implementação da escola integral do Governo Federal, o Mais Educação.

3 FUNDAMENTOS DA EDUCOMUNICAÇÃO

3.1 A inter-relação entre comunicação e educação

As primeiras investigações a respeito da relação entre educação e comunicação surgiram na contemporaneidade, por volta da metade do século XX, após a inquietação de pesquisadores à frente das mudanças nos campos da comunicação e da educação na sociedade pós-moderna. Com a popularização dos meios de comunicação de massa – televisão, rádio, cinema, internet – a inter-relação entre os campos de estudo tornou-se cada vez mais tensionada e próxima, ocasionando rearranjos de ensino e mudanças de comportamento de educadores e educandos.

Compreender esse processo também requer um breve entendimento sobre a comunicação. Braga e Calazans (2001, p.16) afirmam que a comunicação poderia ser descrita de forma mais simplista como uma "conversação", uma troca de ideias e experiências entre um ou mais seres humanos. Porém, os pesquisadores optam pela palavra "interação", uma definição mais completa, que vai além da concepção de conversação ao acreditar que a troca comunicacional é um processo simbólico e prático, que possibilitaria a viabilização de diversas ações e objetivos em que os seres humanos se veem engajados, como na área política, econômica, estética e educacional. Assim sendo:

> A comunicação é também o que decorre do esforço humano de enfrentar as injunções do mundo e de desenvolver aquelas atuações em direção a seus objetivos – o próprio "estar em contato", quer seja solidário quer conflitivo – e provavelmente com dosagens variadas de ambos, por coordenação de esforços ou por competição e dominação (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 16-17).

Sousa (2001) acredita que para compreender a comunicação é preciso relembrar as três grandes fases de sua trajetória, sendo a primeira fase mediada pelos sons, gestos e signos escritos, quando ainda se experimentava o diálogo por meio das comunidades. A segunda fase está relacionada com o desenvolvimento da Idade Moderna e todas as consequências socioeconômicas do período, como o crescimento da indústria, do capitalismo, as influências do iluminismo e das tecnologias na vida produtiva e no cotidiano do homem.

Por fim, a terceira fase da comunicação ainda está em construção. Para Sousa, na pós-modernidade, o processo industrial está em exaustão e percebemos uma sociedade dos serviços, das linguagens e dos processos. “A comunicação deixa de ser apenas mediática e coletiva para se tornar digital, em sua terceira fase, baseada não mais na representação, mas na simulação, no performático e no visual” (SOUSA, 2001, p.21).

Ao analisar as três fases apontadas por Sousa (2001), o autor mostra que a história da comunicação esteve atrelada em muitos aspectos com a trajetória da educação. Braga e Calazans (2001) justificam essa proximidade não só pelas inter-relações dos campos, mas pelo fato de que anteriormente ao século XX as questões que norteavam a comunicação eram vistas como nuances de outras áreas de conhecimento como, por exemplo, a educação, a política e a retórica, não havendo um estudo específico sobre o campo da comunicação.

> A comunicação é conatural ao ser humano. Não há sociedade, não há comunidade, sem comunicação entre os homens. Para agir em comum os seres humanos interagem. Desde que se pode identificar a existência de grupos humanos, na pré-história mais remota, existe “comunicação social”. Em contraste com este truísmo, entretanto, é interessante perceber que esta questão – de como os homens se comunicam – só se coloca na sua forma atual a partir do século XX (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 14).

Braga e Calazans (2001) ressaltam que foi a partir da Idade Moderna que ocorreu o desenvolvimento da cultura de massa, ou seja, da criação de padrões de comportamento que não seguem os preceitos da tradição e são produzidos devido às necessidades do capitalismo, na sua forma de indústria cultural e com o propósito de atingir a maior parte da população, gerando o desejo por produtos e fomentando a lei da oferta e da procura. Apropriados pela indústria cultural, os meios de comunicação denominados de meios de “comunicação de massa” - como o cinema, o rádio, a televisão - tornam-se potências de circulação de mensagens, facilitando um dos objetivos da interação comunicacional, que é o registro e o transporte de ideias. O processo permaneceu também na pós-modernidade, com novas possibilidades a partir da internet.

A popularização da comunicação de massa, em especial as mídias audiovisuais, impulsionaram o interesse pelo estudo do campo da comunicação. Braga e Calazans (2001) ressaltam que há três razões básicas para esse movimento, sendo a primeira, como mencionado anteriormente, a popularização dos meios

audiovisuais, constituindo o cinema e a televisão os grandes responsáveis por atraírem a atenção da sociedade, que envolvida por eles no cotidiano se interessou por investigar os processos comunicacionais dos mesmos. A segunda questão apontada pelos autores é o alto investimento em comunicação que resultou no aumento da tecnologia utilizada para veicular mensagens e produzir padrões estéticos e de entretenimento. Ambas resultam na terceira razão, a de que a comunicação é um fenômeno que explica os modos habituais de conversação e interação social nos espaços organizados de função social, entre eles, a educação.

Neste ponto, para Braga e Calazans (2001), abordar o relacionamento entre comunicação e educação é estar atento para as características de sua interface, já que são “ambos campos de abrangência, com tendências ‘avassaladoras’ sobre variadíssimos aspectos do mundo social e físico” (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 56). Os autores continuam ao afirmar que por terem essas características, a comunicação e a educação tendem a absorver e avassalar os assuntos para as suas perspectivas, sendo que o interfaceamento, em vez de apenas “gerar um campo específico na fronteira, tendencialmente penetra os dois campos, solicitando reconsiderações em largas porções de suas práticas e seus conceitos” (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 56). O importante seria qualificar as relações de fluxo, observando a complexidade da interface, a partir de suas tensões e hesitações conforme as diferentes correntes que o abordam.

Soares (2000) explica que essa percepção sobre a inter-relação da comunicação e educação ocorreu em nível global, sendo observada em vários países que perceberam as mudanças da sociedade pós-moderna. Um exemplo são os questionamentos levantados por pesquisadores norte-americanos que observaram a perda do controle da educação por parte de professores e alunos na contemporaneidade causando, por exemplo, a inclusão da educação em uma indústria do conhecimento, que rende até 200 bilhões de dólares ao propor um ensino tecnológico e à distância. No Brasil, o mesmo fenômeno foi observado, com a criação de 15.394 polos de ensino à distância, denominados pela sigla de EAD, no ano de 2018.

O crescimento da modalidade de educação a distância surgiu após a publicação do decreto nº 9057, de 25 de maio de 2017, que regulamenta a criação de novos polos com o objetivo de ampliar a oferta de cursos superiores nesta modalidade,

sendo que em um ano após a publicação, o número de polos cresceu 133%[19]. Sem entrar no mérito da qualidade do ensino oferecido na modalidade a distância, o que se percebe com essa tendência é uma valorização da tecnologia como facilitadora do processo de aprendizagem.

Sobre esse recorte, Martín-Barbero (2014) explica que ao ocorrer o "descentramento", que retira o saber de seus dois lugares considerados sagrados, a escola e o livro, há uma quebra da linearidade e sequencialidade do ensino, ou seja, podemos aprender de diferentes fontes sem uma ordem explícita. O descentramento está presente na internet, por exemplo, com páginas que oferecem informações, relatos históricos e científicos de forma gratuita e sem censura, em que o aluno pode acessar mesmo sem ter um conhecimento anterior ou básico sobre o tema. Outro ponto apresentado pelo autor é a deslocalização dos saberes, em que há uma facilidade do acesso à informação de determinadas classes sociais, sendo que "fica abolida a proximidade que, desde os faraós aos senhores feudais e aos monarcas modernos, construiu a morada dos sábios sempre muito perto do castelo ou do palácio em que morava o poder" (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 126).

Por fim, Martín-Barbero (2014) cita também a destemporalização, a mudança no tempo de aprender. Para o autor anteriormente apenas os jovens eram beneficiados pela oportunidade de frequentar a escola. "Os milhares de idosos que estudam na universidade a distância, hoje, na Europa são a prova mais clara da desancoragem que vivem os saberes tanto em seu conteúdo como em suas formas" (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 127).

Essas mudanças que interferem na aprendizagem são alguns exemplos dos rearranjos que surgiram ao longo dos últimos anos entre a comunicação e a educação, conforme aponta Soares (2000, p. 2), "colaboraram também para esta aproximação o avanço das conquistas tecnológicas e o barateamento dos cursos dos equipamentos".

No entanto, segundo Soares (2000), para especialistas norte-americanos, o ponto de análise não pode se restringir à tecnologia, mas ao próprio modelo de comunicação adotado, priorizando a condição de igualdade entre os alunos e os professores em todo o processo de aprendizagem.

---

[19] Marques, Júlia. "Um ano após MEC mudar regra, polos de ensino a distância aumentam 133%. O Estado de São Paulo", 28 de maio de 2018. Disponível em https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,um-ano-apos-mec-mudar-regra-polos-de-ensino-a-distancia-aumentam-133,70002327115. Acesso em: 28 ago. 2018.

> Nós concluímos, através de nosso trabalho com a internet, que a construção da comunidade educativa (*learning Community*) – com os professores participando em igualdade de condições com seus alunos – é a chave do sucesso de todo o processo (PALLOF; PRATT, 1999, p.XVI apud Soares, 2000, p. 13).

A partir dessas considerações, os autores norte-americanos acreditam que o campo da inter-relação comunicação/educação está em mutação, pronto para uma profunda revisão dos atos educativos.

Martín-Barbero (2014) analisa essa mudança como uma mutação sociotécnica, que desafia as fronteiras e hierarquias da sociedade. Para ele, a educação precisa assumir novos caminhos "deixando-se interpelar, questionar e refundar por processos em que aquilo que fala e desafia a escola não são os aparatos da técnica, mas as incertezas do nascimento de outros modos de estar juntos" (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 141). O teórico espanhol sugere como intervenção um mapa-projeto, que converteria a educação em espaço estratégico e de interação entre linguagens, culturas e escrituras. Para ele, as ações seriam voltadas para a promoção de novos espaços de aprendizagem por meio de diferentes modalidades de leitura e escrita, além da inclusão de outras culturas, que foram deixadas ao longo da modernidade, como a oral, sonora, musical, audiovisual e digital. "O sentido desse mapa-projeto aponta para a inserção de políticas e projetos educativos em um horizonte culturalmente interativo, isto é, intercultural e politicamente mais amplo" (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 142). Para o autor essas modificações no processo de ensino seriam o suporte para o desconchave dos dispositivos de exclusão social que ainda permanecem validados no ambiente escolar, promovendo então o exercício da cidadania entre os educandos.

Questionamentos sobre as fronteiras cada vez menos delimitadas entre a comunicação e a educação ocorreram a autores de diversos países, inclusive latino-americanos. Os estudos pioneiros de Braga são contemporâneos às investigações de Soares e de outro pesquisador latino-americano, o argentino José Huergo. Segundo Pinheiro (2013), os três desenvolveram pesquisas no fim do século XX e início do XXI simultaneamente e de forma independente sobre o tema. O interesse dos pesquisadores sobre a inter-relação entre os campos de estudo se consolidou como uma necessidade após os constantes avanços tecnológicos que culminaram em uma educação ainda mais atravessada pelo mundo digital. Apesar de defenderem que a

relação estreita entre a comunicação e a educação não pode se restringir à inclusão da tecnologia em sala de aula como mero fator técnico de transformação social, os autores mantêm divergências em relação a compreensão do fenômeno e as formas de intervir sobre o tensionamento existente.

Segundo Pinheiro (2013), enquanto Braga acredita em uma educação capaz de preparar os educandos para a compreensão dos processos midiáticos, Soares vê na união da educação e comunicação um campo de estudo emergente e independente de intervenção. Em contrapartida, Huergo ressalta que a interface da comunicação/educação é um território disperso e confuso, almejando assim como Soares, a transformação social por meio da aproximação entre as duas áreas de estudo.

> Mais do que divergências, as pesquisas indicam convergências: áreas de atuação fundamentais para uma nova educabilidade, como afirma Huergo. Todos concordam que não basta a utilização ou a ampliação da tecnologia nos ambientes escolares. A tecnologia é uma plataforma para que as relações se estabeleçam ou não. O fundamental é criar espaços para o diálogo, para que a palavra possa ser exercida com autonomia, procurando ampliar as vozes e os protagonistas (PINHEIRO, 2013, p. 41).

Para Braga e Calazans (2001), neste processo de intensa mutação existe a possibilidade de um recorte específico e interdisciplinar entre os campos de estudo, porém, esse caminho pode não ser capaz de abranger todas as questões que provavelmente surgiriam na interface entre a educação e a comunicação no decorrer do tempo. Como uma proposta alternativa, Braga e Calazans (2001) apresentam duas ações de “construção educacional” e duas de “construção comunicacional” que ajudam a compreender as interfaces entre a comunicação e educação.

A Construção Educacional tem como primeiro ponto o uso dos meios de comunicação nos processos formais de ensino, tanto presencial quanto à distância, possibilitando a informação e a elaboração expressiva a partir dos avanços tecnológicos, assim como a experimentação com formas e linguagens audiovisuais. O segundo ponto está relacionado ao sistema escolar e à sociedade de comunicação, em que há a necessidade educacional de formar e socializar os estudantes para aprender a trabalhar com a lógica dos sistemas midiáticos. Esse propósito pode ser aplicado em estudos para os meios na escola ou a leitura crítica dos meios.

Do ponto de vista da Construção Comunicacional, Braga e Calazans (2001) abordam primeiro os efeitos da mídia sobre a educação a partir do tensionamento

entre a escola e os meios de comunicação, apresentando as dificuldades da escola em se colocar como espaço de maior relevância para a vida futura do aluno e, em segundo lugar, ressaltam os dispositivos de mediação e circulação de saberes como um novo terreno de interface, em que é possível trabalhar as relações de fluxo que ocorrem entre os saberes e processos da escola e os saberes e processos midiáticos.

Em contrapartida, Soares (2001) difere de Braga ao não só propor um recorte interdisciplinar, mas a autonomia de um campo de estudo independente entre a comunicação e a educação, denominado de Educomunicação. Para o autor, o tensionamento existente na sociedade contemporânea é capaz de suscitar a criação de um novo campo de estudo autônomo, que possibilitaria o auxílio na transformação da educabilidade vigente.

3.2 A construção do conceito da Educomunicação

Para o desenvolvimento desta pesquisa será utilizado o conceito de Educomunicação elaborado a partir das investigações de Ismar de Oliveira Soares e do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP). Dessa forma, a Educomunicação pode ser compreendida como:

> Um campo voltado para o planejamento e a execução de políticas de comunicação educativa, tendo como objetivo a criação e o desenvolvimento de ecossistemas comunicativos mediados pelos processos de comunicação e por suas tecnologias. Definimos assim, a educomunicação como o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem (SOARES, 2001, p. 43).

A definição acima é resultado dos primeiros estudos sobre a inter-relação entre Comunicação/Educação organizados pelo NCE/USP, entre os anos de 1997 e 1999. Como base inicial para a pesquisa do NCE/USP foram realizadas coletas de dados no Diretório Latino-americano de Pesquisadores e Especialistas em Comunicação e Educação, formado por 1.200 profissionais – produtores culturais, arte-educadores, tecnólogos, professores, pesquisadores e profissionais da comunicação e de educação da América Latina – que desenvolviam um trabalho como coordenadores de programas e projetos na área de comunicação educativa. A amostragem da

pesquisa foi finalizada com 178 especialistas que efetivamente responderam um questionário exploratório enviado previamente sobre a natureza da inter-relação entre educação e comunicação, as áreas de atividade e o perfil dos trabalhadores.

A partir da pesquisa realizada pelo NCE/USP, Soares (1999) publicou um artigo na Contato, Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação, onde defendeu a formação de um campo autônomo e consolidado de intervenção social na inter-relação entre Educação/Comunicação. A pesquisa inaugurou um novo paradigma definido como discursivo, transverso, estruturado de modo processual, mediático, transdisciplinar e interdiscursivo.

> Sendo assim, um novo campo epistemológico emergente pode se configurar como esta ponte: a inauguração de um discurso-transverso, isto é, de um discurso apoiado em inter-relacionamentos, em processos circulares de interpenetração ao invés da análise de processos lineares marcados pela visão fragmentada da parte pelo todo (SOARES, 1999, p. 54).

A pesquisa do NCE/USP também apontou as principais áreas de intervenção social da Educomunicação, que podem ser definidas como portas de entrada para as práticas educomunicativas. Soares (1999) levantou a hipótese de que havia quatro áreas de intervenção, sendo elas, a “Educação para a Comunicação”, “Mediação tecnológica na Educação”, “Gestão Comunicativa” e “Reflexão Epistemológica”.

Ao longo das investigações novas áreas de intervenção foram descobertas, confirmando a proposta defendida na pesquisa de que “as quatro áreas não são excludentes, nem são as únicas. Representam, apenas, um esforço de síntese, uma vez que parecem aglutinar às várias ações possíveis no espaço da inter-relação em estudo” (SOARES, 1999, p. 27-28).

Posteriormente, Soares (2017) defendeu sete áreas de intervenção estabelecidas, sendo elas: “Educomunicação para a comunicação”, “Expressão comunicativa através das artes”, “Mediação tecnológica na educação”, “Pedagogia na comunicação”, “Gestão da comunicação nos espaços educativos”, “Reflexão Epistemológica sobre o agir Educomunicativo” e “Produção Midiática”. As características de cada área serão aprofundadas no item 3.4.

Além das definições sobre o termo, o artigo publicado por Soares (1999, p.58) na Contato traçou o perfil inicial do Educomunicador, o profissional que está inserido em alguma das áreas de intervenção descritas anteriormente e precisa desenvolver as seguintes características de percepção:

a) inserir-se em um momento pluricultural, pleno de negociações de sentidos;
b) conhecer os mecanismos que regem a recepção e o consumo de matérias e bens simbólicos;
c) ter capacidade para expressar saberes prévios e mobilizar-se em negociações com novos saberes, especialmente no que se refere aos projetos tecnológicos da sociedade em construção;
d) adotar a dialogicidade e a escuta do outro como atitude política básica;
e) manter-se disponível para a construção de um novo espaço público (pág.58)

Os dados levantados durante a pesquisa também elencaram informações sobre o perfil do educomunicador como sendo um profissional do sexo feminino, com idade entre 42 e 52 anos, possuindo formação superior e dedicado essencialmente à área de intervenção dos Estudos epistemológicos, ou seja, dos estudos e da pesquisa sobre a inter-relação entre comunicação/educação. O objetivo desse profissional, segundo o pesquisador, é “a formação de cidadãos críticos, participativos e inseridos no seu meio social” (SOARES, 1999, p. 62). O educomunicador seria, neste período, um profissional autodidata, que nem sempre compreendeu o papel que desempenhava na inter-relação comunicação/ educação, indicando a importância de cursos de formação na área.

A pesquisa defende ainda um campo específico de atuação do profissional, que pode desempenhar diversas atividades destinadas a todas as faixas etárias, no espaço da educação formal e não formal. Para Soares (1999), o educomunicador pode desempenhar variadas funções, como:

> (1) elaborar diagnósticos; (2) assessorar os educadores no adequado uso dos recursos da comunicação ou promover, ele próprio, quando lhe cabe a tarefa, o emprego cada vez mais intenso das tecnologias não apenas como recurso didático, mas como instrumentos de expressão da cidadania; (3) implementar programas de educação pelo e para os meios; (4) refletir sobre o novo campo; (5) coordenar ações, gestões de processos, traduzidos em políticas públicas (SOARES, 1999, p. 64-65),.

A partir das informações levantadas nesta pesquisa inicial, os estudiosos da Educomunicação puderam desenvolver novas perspectivas ao longo do tempo, que possibilitaram a atualização do conceito e a definição de um novo campo epistemológico que resultou, conforme o próprio Soares (2011), na seguinte afirmação:

> Partimos da premissa de que a educomunicação, conceito que – no entendimento do Núcleo de Comunicação e Educação da USP – designa um campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos de educação e da comunicação, apresenta-se, hoje, como um excelente caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos os seguimentos humanos, especialmente da infância e da juventude (SOARES, 2011, p.15).

Na mesma publicação, Soares (2011) reforça que a Educomunicação é uma práxis social que não pode ser reduzida à didática e nem a uma simples aplicação das tecnologias da comunicação, tendo nesse caso "lógica própria, daí sua condição de campo de intervenção social. No caso, a universidade – com suas pesquisas e sua docência – tem muito a identificar e a desvendar" (SOARES, 2011, p.14). O entendimento do profissional educomunicador tornou-se mais completo no decorrer das pesquisas do NCE/USP, principalmente após a abertura dos cursos de licenciatura em Educomunicação no país[20].

Porém, segundo Soares (2011), a construção do conceito da Educomunicação e do termo educomunicador foi possível por meio da colaboração de dois profissionais importantes, o educador Paulo Freire e o comunicador Mario Kaplún, os quais ele considera como os primeiros educomunicadores. Freire é citado por defender que não era possível compreender a educação fora da função cognoscitiva e comunicativa, enquanto Kaplún, compartilhando de um pensamento semelhante, ressaltava que a comunicação educativa é capaz de dar à educação métodos e procedimentos para formar a consciência comunicativa do educando.

Schaun (2002, p.15) relembra que "o nome Educomunicador foi cunhado pela primeira vez pelo filósofo da educação, falecido em 1998, Mario Kaplún". Amigo de Paulo Freire, Kaplún manteve um olhar atento aos movimentos populares e questionou o modelo de emissor-receptor presente na comunicação.

> La verdadera comunicación no está dada por un emisor que habla y un preceptor-recipiente que escucha, sino por dos seres o comunidades humanas que dialogan (aunque sea a distancia y a través de medios artificiales) (KAPLÚN, 1984, p.14 apud Coelho, 2009, p. 5).

---

[20] Segundo Zanforlim e Gulin (2017, p.258), o Conselho Universitário da Universidade de São Paulo (USP) criou o curso de Licenciatura em Educomunicação e a Câmara Superior de Ensino do Conselho Universitário da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) aprovou a Habilitação, em nível de Bacharelado em Educomunicação no mesmo ano, em 2009. As aulas tiveram início em 2010 na UFCG e, em 2011, na USP.

Na década de 1970, as investigações de Kaplún resultaram no desenvolvimento de um trabalho com camponeses no Uruguai que se aproximava da concepção da leitura crítica dos meios. Ao incentivar a reflexão sobre como os meios influenciam a vida em sociedade, dentro da comunidade em que realizava o projeto, o autor percebeu que era necessário que os próprios participantes se apoderassem da linguagem midiática.

> A partir daí, desenvolveu o que é conhecido hoje como K7 Fórum, que consistia em integrar camponeses de regiões muito distantes usando um gravador, que na época ficou conhecido como K7, era um gravador que servia para as pessoas se ouvirem, no caso os trabalhadores, e que em pouco tempo, ficou provado que todas as pessoas que assistem televisão e ouvem Rádio também são capazes de utilizar as tecnologias desses meios para falar de si. Então em determinado momento esse trabalho de educar-se usando os meios de comunicação Mario Kaplún chamou de educomunicação (FRANÇA, 2013, p. 32).

O pensamento de Kaplún complementa as investigações de Soares, que acredita que a educomunicação pode oportunizar ao sujeito não só uma educação crítica em relação aos meios, mas também formas de o incluir na elaboração de práticas educomunicativas, tornando-o protagonista e transformando os recursos midiáticos em instrumentos do saber.

> Não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas de que a própria comunicação se converta na vértebra dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação. Dentro desta perspectiva da comunicação educativa como relação e não como objeto, os meios são ressituados a partir de um projeto pedagógico mais amplo (SOARES, 2011, p. 23).

O conceito da Educomunicação prioriza justamente a liberdade e o protagonismo do educando e do educador, incentivando o conhecer que respeita as concepções individuais do estudante, assim como a comunidade em que o mesmo está inserido.

A inclusão que nasce na prática cotidiana tem uma relação estreita com a concepção de educação de Paulo Freire, que surgiu justamente da crítica em relação à escola bancária, conforme conceito abordado no capítulo anterior. Na verdade, o ponto de partida não poderia ser diferente. Foram as reflexões sobre a alfabetização para adultos e a educação para camponeses e oprimidos de Paulo Freire no século XX que também inspiraram os estudos sobre a Educomunicação, lançando um norte para o início das pesquisas.

Para Freire, educar é fazer comunicação, ir além do burocrático ensino tradicional e buscar compreender a realidade em que o aluno está inserido e as “palavras geradoras” de seu cotidiano, ou seja, o vocabulário que está presente no universo do aluno. O pedagogo brasileiro defendeu que uma educação acolhedora e menos burocrática é eficaz, sendo necessário se desvencilhar das amarras da educação moderna, que prioriza a memorização ao invés da construção da cidadania.

> A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada. A mesma, ainda que encarnada deste outro ângulo, que se encontra, por exemplo, em quem escreve, quando identifica a possível qualidade de seu trabalho, ou não, com a quantidade de páginas escritas (FREIRE, 1989, p. 12).

O educador que assume a postura de um sujeito capaz de conhecer e que se apropria do material com a única missão de repassá-lo ao aluno reproduz uma educação bancária, que vê no educando um arquivador de comunicados. Freire busca um outro caminho, em que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 2017, p. 89).

A comunicação na educação está atrelada aos signos e convicções presentes no educador e no educando. Freire (2017) ressalta que caso as crenças do educando não sejam as mesmas do educador, o sistema opta por promover apenas a extensão do conhecimento, ao invés da proposta dialógica e comunicativa. Quando não há a sintonia, o sistema - na figura do professor - acredita que o aluno não é capaz de aprender o conteúdo e se vale de formas de manipulação e até meios de comunicação de massa para subverter o conhecimento no outro, afastando a relação do processo educativo-libertador.

Segundo Freire (2017), o processo dialógico entre o educador e educando é possível porque o aprendizado é praticamente eterno. Não está configurado apenas no objeto de estudo, mas em toda a relação que o aprendiz tem com o conteúdo, por isso, o educando sempre pode aprender mais no processo dialógico que tem consigo mesmo, com o teórico que aborda a mensagem e com o aluno. Para Baccega (2009, p.13), neste caso, o processo de recepção é “o ponto de chegada de um largo processo de práticas culturais do receptor que lhe permitem destacar, perceber aquilo que vê, ouve ou lê de um determinado modo”. Dessa forma, o educando ou receptor não é um ser passivo que apenas recebe os comunicados de seus emissores sem

ressignificar a mensagem, mas sim um produtor de significado, capaz de realizar uma leitura ideológica do que lhe é transmitido. Conforme explica Martin-Barbero:

> Qualquer tipo de mensagem é suscetível de uma leitura ideológica, a especificidade e a eficácia dessa leitura dependem por inteiro de sua capacidade de vincular as estruturas de significação descobertas com 'os processos em nível de sociedade global' (MARTÍN-BARBERO, 2002 p. 56).

Gaia (2001) acredita que a pedagogia de Paulo Freire poderia ser compreendida como uma pedagogia da comunicação por justamente defender o diálogo como princípio da educação em sala de aula. A autora também cita um exemplo da utilização da mídia como uma geradora de conhecimento, mas ressalta que apenas introduzir o meio de comunicação de massa no ambiente escolar não possibilita a promoção instantânea de uma ação educomunicativa, sendo que o processo de integrar os meios de comunicação às aulas "não significa necessariamente abrir espaço ao diálogo" (GAIA, 2011, p. 33).

> Professores interessados no uso de notícias em sala de aula podem contribuir para a efetivação de uma proposta em que o exercício da cidadania seja tão importante quanto os conteúdos programados, a ponto de estarem integrados. Para que isso ocorra, é fundamental a existência de um espaço onde os alunos, juntamente com o professor, possam emitir opiniões e formar análises. Ou seja, o texto jornalístico pode colaborar nesse debate sobre as questões presentes no cotidiano dos alunos, garantindo assim interesse e, consequentemente, uma discussão ampliada (GAIA, 2001, p. 33).

O sistema educacional inclui ao longo dos últimos anos a tecnologia presente nos meios de comunicação em sala de aula, como uma resposta natural às mudanças ocorridas no último século. A diferença do interesse dos educandos pela mídia em relação a escola está na evolução dos meios de comunicação na contemporaneidade e a crescente necessidade da mídia de compreender, envolver e conquistar a interação com o receptor, principalmente em tempos pós-modernos. Esse desejo de ouvi-lo e agradá-lo possibilitou um caminho ainda não experimentado pelas instituições escolares. O conhecimento e aprendizagem adquiridos por meio da mídia foram possíveis por processos "não de memorização, nem de cópias de modelos, mas de exploração e descobertas. Era preciso assumir que de qualquer programa aprende-se mesmo que não seja 'educativo'" (OROZCO GÓMEZ, 2014, p.23).

De acordo com Orozco Gómez (2014), acreditar que a aprendizagem é restrita ao ambiente escolar é uma concepção moderna e ultrapassada de ensino.

> O ensino é restrito, a aprendizagem é aberta, quase interminável. É preciso romper esse monopólio e a crença generalizada de que a educação só tem a ver com o escolar. Esse seria o caso dos meios de comunicação de massa e, hoje, das diversas tecnologias e das redes sociais que sem reconhecer-se educadoras, estão educando e o produto de sua educação é polêmico, pelo menos, e nem tudo o que conseguem vale a pena (OROZCO GÓMEZ, 2014, p. 25).

Por razões das mudanças tecnológicas, a necessidade de uma aproximação entre os dois campos ficou ainda mais explícita. O acesso à informação tornou-se democrático e os mais variados assuntos começaram a ser abordados pela mídia, que explora ao máximo sua capacidade de convencimento e absorção pelo público. Inevitavelmente entramos em uma nova era para o conhecimento. “Ser audiência significou e significa interagir com a informação e com o mundo sempre mediados por telas sejam estas grandes, pequenas, intermediárias, massivas ou pessoais, fixas ou portáteis, unidirecionais ou interativas” (OROZCO GÓMEZ, 2014, p. 55).

Criaram-se modos de percepção, linguagens e interpretações. O homem não se relaciona e não constrói o conhecimento como nos séculos anteriores. A comunicação de massa consegue transpor uma função que era estritamente da escola com contribuições de outros núcleos sociais, como a família, a Igreja e a comunidade. A escola entrou em crise ao perceber que não é mais a única responsável por transmitir o conhecimento e a informação.

> O que a trama comunicativa da revolução tecnológica introduz em nossas sociedades não é, pois, tanto uma quantidade inusitada de novas máquinas, mas um novo modo de relação entre os processos simbólicos – que constituem o cultural – e as formas de produção e distribuição de bens e serviços. A “sociedade da informação”, não é, então, apenas aquela em que a matéria-prima mais cara é o conhecimento, mas também aquela em que o desenvolvimento econômico, social e político encontra-se intimamente ligado à inovação, que é o nome da criatividade e da invenção (MARTIN-BARBERO, 2014, p.79).

Esse processo moderno de conhecimento está relacionado com o modelo organizado, burocrático e hierarquizado das instituições escolares definido pelo Estado. Soares (2011) explica que a comunicação criou uma relação diferente com a sociedade, em que a prioridade estabelecida era o prazer, a informação despretensiosa, líquida e rápida, semelhante ao que a sociedade pós-moderna vive.

> Com um tempo próprio (o presente) e um espaço desterritorializado (o ecossistema virtual ou ciberespaço), a comunicação de massa mantém, como garantem os estudos de recepção, um pé na realidade, ainda que esta

> seja o universo fluido do imaginário e das paixões humanas. A comunicação de massa faz as pessoas sentirem-se, de alguma forma, cidadãs de um mundo em mutação (SOARES, 2011, p. 17).

O desenvolvimento tecnológico aproximou os meios de comunicação da escola, porém, o uso das invenções se mantém na prática instrumental e funcionalista, sem relação com o potencial dialógico e criativo que tais tecnicidades poderiam ter. Por mais que existam tentativas de encaixar o modelo midiático nas instituições escolares, por se manterem um ensino vertical e burocrático, essa relação traz mais ansiedade e distanciamentos do que benefícios em si. Os professores sofrem por nem sempre terem conhecimento sobre as invenções e suas variações constantes e os alunos sentem que não têm a mesma liberdade que encontram ao utilizar o meio fora do ambiente escolar. Em comum, ambos concordam que a internet, por exemplo, pode trazer mais rapidez ao ensino, sem refletir o porquê desse desejo, apesar de ser uma clara ponte com a aceleração social do tempo. Citelli (2017) frisa que em boa parte das escolas em que realizou uma pesquisa com professores e alunos existe “um elo quase imediato entre facilidades permitidas pelo uso de tecnologias nas salas de aula e economia de tempo” (CITELLI, 2017, p. 15).

Em um contexto pós-moderno, a Educomunicação surge como uma área de intervenção no cenário formado pela tríade educação, comunicação e tecnologia. O conceito pode ser definido como um caminho emergente de renovação das práticas sociais, com o propósito de construir um conhecimento mais inclusivo e participativo.

> Em uma síntese, é possível conceber a Educomunicação como uma área que busca pensar, pesquisar, trabalhar a educação formal, informal e não formal no interior do ecossistema comunicativo. Posto de outro modo a comunicação deixa de ser algo tão somente midiático, com função instrumental, e passa a integrar as dinâmicas formativas, com tudo que possa ser carreado para o termo, envolvendo desde os planos de aprendizagem (como ver televisão, cinema, ler o jornal, revista; a realização de programas na área do audiovisual, da internet) (CITELLI, 2011, p.8).

A Educomunicação almeja o discernimento em meio ao bombardeio de informações, verdadeiras ou não, que a mídia e a internet disponibilizam todos os dias à população. A geração que nasceu ou vive no século XXI aprendeu a descobrir um saber que não é construído de forma linear, mas por meio de *hiperlinks* e *websites*, capazes de relacionar informações paralelas dentro de uma reportagem, por exemplo. O conhecimento está disponível independentemente da presença física do professor e do ambiente escolar.

O propósito da Educomunicação consiste em promover espaços de inclusão e disseminar o poder de fala do educando, que tem a oportunidade por meio da comunicação de compreender a sociedade e ser ouvido pela comunidade em que está inserido. A ideia é buscar alternativas e rearranjos em uma sociedade cada vez mais capitalista, moldada por uma indústria cultural forte e com a internet presente no cotidiano.

> A questão da educomunicação busca ressignificar os movimentos comunicativos inspirados na linguagem do mercado da produção de bens culturais, mas que vão se resolver no âmbito de educação como uma das formas de reprodução de organização de poder da comunidade, como um lugar de cidadania, aquele índice do qual emergem novas esteticidades e eticidades (modos de perceber e estar no mundo) (SCHAUN, 2002, p. 15).

De acordo com Soares, o conceito vai além da educação crítica para os meios, que consistia em "educar o público receptor para que tenha uma atitude crítica perante o impacto das mensagens ideológicas, culturais e publicitárias que nos bombardeiam continuamente" (SOARES, 1988, p. 5 apud GOTTLIEB, 2010, p.103). O que antes nasceu com o intuito de formar as audiências, para que elas pudessem interpretar os produtos midiáticos, conforme Kaplún experimentou, agora tem o propósito de criar protagonistas de suas próprias histórias. Como Paulo Freire desejou, uma comunicação e educação capazes de criar diálogos de saber.

> Se antes foi fundamental formar para a recepção, agora é imprescindível formar também para a emissão e produção criativas. Isso visa tornar realidade essa cultura de participação que as redes sociais estimulam e possibilitam, mas que a maioria das audiências pelo menos nos países ibero-americanos, ainda não se assume plenamente. Os novos participantes na comunicação têm de aprender a ser comunicadores. E isso é um desafio complexo, político, cultural e socioeconômico, mas que começa com a comunicação e a educação (OROZCO GÓMEZ, 2014, p. 33).

Longe de ditar respostas e regras para a pedagogia, a Educomunicação se preocupa com o aluno e sua relação consigo mesmo, como um ser em desenvolvimento, além de suas capacidades de interação com os colegas, docentes, a escola e a sociedade. Essa proposta de intervenção é baseada na concepção de "ecossistemas comunicativos", ou seja, um ideal de relações, construído coletivamente em um espaço delimitado para "favorecer o diálogo social, levando em conta, inclusive, as potencialidades dos meios de comunicação e de suas tecnologias" (SOARES, 2011, p. 44).

O termo ecossistemas comunicativos também aparece nos estudos de Martín-Barbero (2014), no livro A Comunicação na Educação. Na publicação, o autor defende que a escola se preocupe menos com os efeitos ideológicos do crescimento dos meios de comunicação entre os alunos e mais com as interações decorrentes desse envolvimento.

> Ecossistema comunicativo que configura a sociedade ao mesmo tempo como modelo e trama de interações, conformada pelo conjunto de linguagens, escrituras, representações e narrativas que alteram a percepção das relações entre o tempo do ócio e o trabalho, entre o espaço privado e o público, penetrando de forma não mais pontual – pela imediata exposição ao meio ou pelo contato com ele -, mas transversal (Castells, 1986), a vida cotidiana, o horizonte de seus saberes, gírias e rotinas (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 55).

Soares (2011) difere de Martín-Barbero ao empregar o termo de ecossistemas comunicativos mais próximo da biologia, se assemelhando a biomas que convivem na mesma atmosfera com diferentes tipos de relacionamentos dentro deles: “a existência de diferentes tipos de relações entre os mundos físico, biológico e social, com maior ou menor velocidade de mutação com maior ou menor densidade de vida” (SOARES, 2011, p. 44).

Para Soares (2009), relacionamentos com regras determinadas e rigorosamente seguidas constituem um tipo de ecossistema comunicativo, porém, a Educomunicação busca uma modalidade aberta e criativa de relacionamento. “Contribuindo para que as normas que regem o convívio passem a reconhecer a legitimidade do diálogo como metodologia para a aprendizagem e convivência” (SOARES, 2009, 22).

Um ecossistema comunicativo é rico, tem inúmeras possibilidades, influências e resultados que são construídos pelos seus participantes a partir de um diálogo que preza pela igualdade das vozes. Não há a valorização de uma hierarquia entre quem pode ou não opinar, ou tem conhecimento suficiente ou não para isso. A abertura à participação e a convivência saudável são os pilares de um ecossistema comunicativo que se sedimenta nas concepções da Educomunicação.

Soares (2011) ressalta que para muitos a criação de um ambiente saudável por meio de ecossistemas comunicativos pode parecer utópico, um “devaneio”, em relação ao mercado competitivo oriundo da sociedade moderna que se consolidou não só nos sistemas de produção, mas na escola e nas esferas profundas do conhecimento. “Toda educação individualista, marcada pela competitividade, não faz mais que classificar as pessoas, naturalizando e legitimando ecossistemas

comunicativos rígidos contra os quais os jovens se revoltam" (SOARES, 2001, p. 445). A revolta que aparece por meio da indisciplina ou evasão escolar é um dos pontos que a educomunicação busca ressignificar. "Nesse sentido, a convivência saudável passa a ser, definitivamente, a grande meta do projeto educomunicativo" (SOARES, 2011, p. 45).

3.3 Áreas de intervenção da Educomunicação

A Educomunicação atua por meio de áreas de intervenção, "ações mediante as quais, ou a partir das quais, os sujeitos sociais passam a refletir sobre suas relações no âmbito da educação" (SOARES, 2011, p. 47). Soares explica que a opção pela nomenclatura intervenção não se aproxima do sentido de intromissão ou imposição, mas sim do significado presente nas artes, como a inserção de um artista em determinado espaço, buscando atrair a atenção para uma questão específica.

> No caso, as áreas de intervenção do campo da educomunicação são, sobretudo, "pontes" lançadas entre os sujeitos sociais e o mundo da mídia, do terceiro setor, da escola, oferecendo um diálogo sobre determinado âmbito da ação educomunicativa (SOARES, 2011, p. 49).

As áreas de intervenção da Educomunicação são caminhos promissores para o desenvolvimento das atividades, projetos pedagógicos e estudos sobre a inter-relação entre educação e comunicação.

Conforme relatado no tópico anterior, durante as primeiras pesquisas do Núcleo de Comunicação e Educação da USP foram identificadas quatro áreas de intervenção da Educomunicação. No artigo publicado na revista Contato, Soares (1999) citava a existência das áreas de Educação para a comunicação, Mediação Tecnológica na Educação, Gestão Comunicativa e Reflexão Epistemológica.

> Em última análise, foi a identificação de que diferentes tipos de ações vinham sendo desenvolvidas a partir de referenciais e metodologias semelhantes ou muito próximas entre si que possibilitou a identificação e a sistematização de um novo campo de conhecimento e de prática social, na América Latina. As Áreas de Intervenção asseguram a especificidade e a diversidade do novo campo frente a outras abordagens que buscam aproximar comunicação e educação (SOARES, 2017, p. 14).

Durante o desenvolvimento do conceito da Educomunicação, principalmente com os projetos de extensão realizados pelo NCE/USP, foi possível a inclusão de

novas áreas de intervenção. A hipótese levantada em 1999 de que outros caminhos para a prática educomunicativa seriam possíveis se mostrou correta.

> Com os avanços dos estudos, outras áreas foram sendo agregadas, como ocorreu, imediatamente após o encerramento da pesquisa em São Paulo (1997-1999), quando Ângela Schaun solicitou autorização ao NCE/USP para usar a mesma metodologia investigativa em sua tese doutoral, junto ao espaço multicultural de Salvador, na Bahia, quando descobriu que era pela ação artística que a expressividade comunicativa da comunidade vinha à tona, envolvendo diferentes gerações, incluindo as crianças e os jovens apoiados por projetos sociais . Foi naquele espaço que nasceu o reconhecimento de que os sujeitos sociais podem se expressar, igual ou predominantemente, por processos e produções inerentes às diferentes manifestações das Artes (5º. Área) (SOARES, 2017, p. 15).

Além da área de intervenção “Expressão comunicativa através das artes” outra proposta foi incluída, denominada de “Pedagogia da Comunicação”. Ambas estão presentes no livro “Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio”, publicado por Soares em 2011 e que define seis áreas de intervenção da Educomunicação:

1. Educação para a comunicação: é o conceito básico da Educomunicação e fundamenta-se na compreensão da comunicação no nível interpessoal, grupal, organizacional e massivo. Como uma consequência acaba investigando qual são os lugares dos meios de comunicação na sociedade e o seu impacto. De forma prática também está presente na implementação de programas de recepção pedagógicos organizados, que segundo Soares (2011) são fundamentados nas contribuições das ciências humanas.
2. Expressão comunicativa através das artes: A área se aproxima das práticas da arte-educação e se atenta ao potencial criativo e emancipador das manifestações artísticas da comunidade educativa, como meio de comunicação acessível a todos. Essa área presta atenção à produção coletiva, mas também à performance individual.
3. Pedagogia da comunicação: Busca a concepção da escola formal como um todo, mantendo-se atento ao cotidiano da didática, prevendo a multiplicação da ação dos agentes educativos, que seriam formados pelos professores e alunos, trabalhando e crescendo juntos. Há a possibilidade pela ação por meio de projetos.

4. Mediação tecnológica na educação: Esta área reflete a presença das tecnologias da informação e seus múltiplos usos pela comunidade educativa, buscando a acessibilidade e as formas democráticas de sua gestão. Por ser próxima do cotidiano das crianças e dos adolescentes, a tecnologia é utilizada para criar um espaço de vivência pedagógica propiciando que não apenas dominem o manejo dos aparelhos, mas que criem projetos para o uso social das invenções que caracterizam a chamada Era da Informação. Apropriadas como práticas relacionadas ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), sempre compreendidas como uma forma solidária e democrática de apropriação dos recursos técnicos.
5. Gestão da Comunicação: Planejamento e a execução de planos, programas e projetos referentes às demais áreas de intervenção, inclusive, indicadores para a avaliação de ecossistemas comunicacionais. Como é uma área central, é necessário o aporte de um especialista, um coordenador ou um gestor, que auxilia os educadores em relação às áreas de intervenção, a suprir as necessidades do ambiente no que diz respeito aos espaços de convivência e às tecnologias necessárias.
6. Reflexão epistemológica: Estudo da inter-relação entre educação e comunicação, mantendo atenção especial à coerência entre teoria e prática (SOARES, 2011, p.47-48).

Por fim, Soares (2017, p.15) ressalta que ocorreram diálogos que levaram à concepção de uma nova e última área de intervenção, identificada como “Produção Midiática” e que apesar das sete possibilidades de ações educomunicativas ainda há discussões para uma possível ampliação.

> Há os que defendem que a “Educomunicação Socioambiental” já poderia ser considerada como uma nova (a oitava) Área da Educomunicação. No entanto, alguns estudiosos afirmam que as ações que ocorrem no espaço da educação ambiental pertencem às diferentes Áreas já consolidadas, representando apenas um espaço de aplicação, e não exatamente a uma genuína modalidade da prática educomunicativa (SOARES, 2017, p. 16).

É importante compreender que Soares (2011, p.48) define as áreas de intervenção como “possíveis tipos de ação a partir dos quais a comunidade é despertada para o novo, podendo perceber com mais facilidade o pensamento qualificado pela ação educomunicativa, com ela dialogando”. As áreas de intervenção

são guias para a prática educomunicativa, sendo que o desenvolvimento de metodologias e conceitos dentro de suas concepções auxiliam o mediador a identificar os ruídos, desafios e ganhos de cada espaço.

3.4 Mediação Tecnológica na Educação

Dependendo da área de conhecimento em que está inserida, a palavra mediação tem um significado diferente. O termo pode aparecer na astronomia, no direito, em observações religiosas e na comunicação. Para a sociologia, por exemplo, mediação é a "técnica de reunir indivíduos de relações estremecidas, criando neles o desejo de tomar em consideração um possível ajuste da questão" (PANSANI, 2011, p. 72). O propósito seria então diminuir as fissuras de diferentes opiniões entre grupos ou pessoas, proporcionando uma unidade de pensamento ou, pelo menos, a interrupção de desavenças.

Meier e Garcia (2007) explicam que a palavra mediação foi incluída no dicionário da língua portuguesa em 1670, com um significado que se aproxima do conceito sociológico. Porém, a sua definição já estava em discussão há muito tempo. "Já na tradição clássica, a noção de mediação liga-se ao problema da necessidade de explicar a relação entre duas coisas, sobretudo entre duas naturezas distintas" (MEIER; GARCIA, 2007, p. 37).

A tradição clássica mencionada pelos autores remete às primeiras concepções de mediação que surgiram nas investigações de filósofos da antiguidade, como Sócrates, Platão e Aristóteles. Meier e Garcia (2007) ressaltam que ao se definir o mediador como aquele que medeia, que é intermediário e serve como elo, a mediação se aproxima dos primeiros processos dialógicos dos filósofos clássicos, que por meio de questionamentos e alegorias buscavam o despertar do conhecimento no outro. No caso de Aristóteles, por exemplo, a concepção de mediação se aproxima do entendimento do filósofo acerca do "termo médio".

> Assim, em Aristóteles constata-se, pela dialética, a dimensão mediadora do conhecimento, aproximando as pessoas da realidade. Então, na lógica aristotélica, segundo Japiassu (2001), o termo médio é aquele que realiza, no silogismo, uma função de mediação entre os outros termos das premissas, permitindo que se chegue a conclusão (MEIER; GARCIA, 2007, p.47).

A mediação mais próxima da definição priorizada pelas Ciências Sociais só seria concebida por outro filósofo, desta vez, o alemão Friedrich Hegel. Consani (2008) explica que o autor deu um “salto quântico” em relação às outras investigações sobre mediação, “por ter construído um referencial metodológico pra o tema (mediação dialética) que por via direta ou indireta, levou ao desenvolvimento da Teoria das Mediações na comunicação social” (CONSANI, 2008, p. 84).

Para Mora e Terricabas (1994 apud Consani, 2008), o conceito de mediação de Hegel está relacionado primeiramente com o entendimento do conhecimento mediato/imediato de realidade:

> Hegel concebe o conhecimento mediato em relação com uma ideia de reflexão. Assim como a luz é refletida por um espelho e volta à sua fonte, o pensamento é também refletido ao ricochetear sobre a realidade ou as coisas “em sua imediatividade”. Transforma-se então em saber mediato ou reflexivo (MORA; TERRICABAS, 1994:1919 apud CONSANI, 2008, p. 84).

Conforme Gama (2015), Hegel explica em Fenomenologia do Espírito que a mediação é o apossar-se desse objeto imediato pela consciência, sendo que a mediação é o sinal de que não se está de posse do objeto mesmo, mas de algo que sofreu influência pela própria consciência.

> A mediação na perspectiva em que Hegel a situa, tem, portanto, o sentido de “reflexão sobre si mesmo”. O ser imediato, o homem somente supera a sua animalidade em um processo constante de construção de conhecimentos, de tornar-se sujeito, em contínuo vir-a-ser-de-si-mesmo. Sucessivas mediações permitem que se produza a si mesmo, que se torne semovente (GAMA, 2015, p. 48).

Consani (2008) ressalta que Hegel qualifica o saber imediato como superior ao mediato, como uma espécie de verdade original. Porém, não seria possível alcançar o saber imediato, não-mediado, sem a imediatividade. Essa concepção mais próxima do idealismo alemão manteve o autor como alvo de críticas da filosofia marxista, sendo que Marx, segundo Gama (2015), não negava a mediação como uma reflexão sobre si mesmo, mas demonstrava inquietação com a visão fechada de que a mediação é uma atividade exclusivamente cerebral, descolada do mundo real.

> Para Marx, a capacidade que os homens e as mulheres têm de transformar a natureza está nas mediações que podem fazer diante das coisas que os desafiam. Os seres humanos se diferenciam “da melhor abelha porque eles figuram na mente sua construção antes de transformá-la em realidade” (Marx, 1974). Esta possibilidade de criar um determinado projeto primeiro em termos mentais é um processo de mediação, impossível de ser feito pelas demais

> espécies animais, e é exatamente este mediatizar que permite aos seres humanos criar e recriar a sua própria existência (GAMA, 2015, p. 50).

Em Marx, o trabalho está relacionado com a mediação. “O esforço de Marx e de seus seguidores caminhou no sentido de emprestar uma dimensão humana real e não-idealista à mediação, o que a aproxima da noção de causalidade” (CONSANI, 2008, p. 87).

As ideias iniciais de Hegel foram importantes para a construção nos últimos anos da Teoria das Mediações, que segundo Consani (2008), é o ponto chave para o desenvolvimento da área de intervenção da Mediação Tecnológica na Educação (MTE) e da educomunicação como um todo. As contribuições de Martin Serrano, Martín-Barbero e Orozco Gómez para a mediação se fazem necessárias para o entendimento da MTE e, por consequência, da metodologia desta dissertação.

A construção da Teoria das Mediações passou por diferentes autores ao longo do caminho, que segundo Consani (2008) contribuíram para o desenvolvimento do conceito. Do ponto de vista cronológico, os posicionamentos do sociólogo e professor espanhol Manuel Martín Serrano (1986) foram pioneiros nesse caminho e diferem em alguns pontos de Martín-Barbero, que publicou a primeira edição de “De los meios a las mediaciones. Comunicación, cultura y hegemonia” em 1987.

Serrano (1986) acredita que a mediação equivale a um sistema que objetiva um modelo de ordem, aplicável à totalidade dos campos das ciências humanas e que obriga a delimitação de tipos de mediadores e categorias de mediação. Para Serrano, coexistem vários modelos de mediação que auxiliam no controle e na fragmentação das formas de representação da realidade, impondo a cada setor de conhecimento um modelo do qual não se escapa. Dessa forma, “define-se a mediação como a atividade de controle social que impõe limites ao que poderia ser dito (e às maneiras de dizê-lo) por meio de um sistema de ordem” (SERRANO, 1986, p. 736 apud CONSANI, 2008, p. 90).

A concepção de mediações de Serrano (1986) se aproxima da comunicação quando estabelece um paralelo entre mediação e código. Para o autor, existem dois pontos neste caso, o primeiro seria o sistema codificante, em que há modelos que oportunizam a massificação da diversidade a partir de um ponto de vista sociocultural que aparentemente emissor e receptor compartilham. O segundo é descrito como elemento coercitivo e se aproxima do sentido de ideologia, que tem como objetivo

principal “corrigir” desvios do conhecimento e do comportamento com relação a um propósito prefixado.

Para Lopes (2003), os estudos sobre mediação têm relação com a teoria latino-americana de recepção e o seu início nos anos 80, com a reflexão crítica sobre a comunicação e a cultura de massas na perspectiva gramsciana, que percorria um caminho diferente das análises funcionalistas, semióticas e frankfurtianas. Segundo a autora, os projetos pioneiros de recepção ativa no México e América Latina estavam ancorados em experimentações metodológicas que tinham como base a temática das culturas populares e que culminaram em uma “teoria complexa e multifacetada da recepção” a partir das investigações de Martín-Barbero e dos processos de hibridização cultural.

> A recepção, por conseguinte, não é um processo redutível a fatores psicológicos e à vida cotidiana, a despeito de ancorar-se nessas esferas, mas é um fenômeno profundamente, político e cultural. Isto é, os processos de recepção devem ser vistos como parte integrantes das práticas culturais que articulam processos tanto subjetivos como objetivos, tanto de natureza micro (o ambiente imediato controlado pelo sujeito) como macro (a estrutura social que escapa a esse controle). A recepção é por isso um contexto complexo, multidimensional em que as pessoas vivem suas vidas diárias e em que, ao mesmo tempo, se inscrevem em relações de poder estruturais e históricas que extrapolam suas atividades cotidianas (LOPES, 2003, p. 67).

Lopes (2003, p.68) afirma que “a mediação pode ser pensada como uma espécie de estrutura incrustada nas práticas sociais e na vida cotidiana das pessoas que, ao realizar-se através dessas práticas, traduz-se em múltiplas mediações” e cita Martín-Barbero ao ressaltar que a perspectiva do autor foge das delimitações dos estudos de audiência, ao acreditar que as mediações possibilitam a compreensão de que a mídia não responde apenas ao sistema industrial e a estratégias comerciais, mas também a exigências que vem da trama cultural e dos modos de ver.

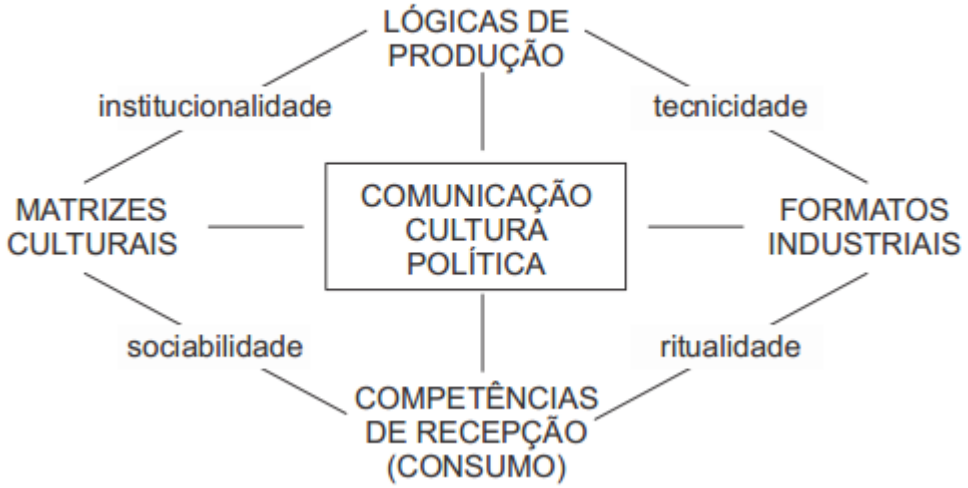
Martín-Barbero (2015, p. 265) considera que “o campo daquilo que denominamos de mediações é constituído pelos dispositivos através dos quais a hegemonia transforma por dentro o sentido do trabalho e da vida da comunidade”.

As mediações se tornam o ponto de partida da pesquisa, que busca compreender a comunicação a partir dos eixos de ligação entre os espaços da produção e do consumo, tendo em vista que a mídia não atende apenas as aspirações do mercado, mas também as demandas culturais que norteiam a sociedade.

As contribuições de Martín-Barbero para a teoria das medições culminaram no desenvolvimento de um mapa metodológico das mediações em 1987, que foi

posteriormente atualizado no prefácio da 5ª edição do livro dos Meios às Mediações. O mapa exemplifica a trama de múltiplas mediações existentes nas relações em sociedade no qual Martín-Barbero acredita.

Figura 1 - Mapa Metodológico dos meios às mediações



Fonte: MARTÍN-BARBERO (2015, p. 16)

Não cabe nesta dissertação aprofundar o entendimento sobre o mapa metodológico de Martín-Barbero, porém, é interessante frisar que há duas formas de "ler" o mapa, segundo o autor (2015), sendo eles o diacrônico ou histórico de longa duração, que iria de Matrizes Culturais e Formatos Industriais, e o sincrônico, entre Lógicas de Produção e Competências de Recepção ou consumo.

> Por sua vez, as relações entre MC e LP encontram-se mediadas por diferentes regimes de institucionalidade, enquanto as relações entre MC e CR estão mediadas por diversas formas de socialidade. Entre LP e FI medeiam as tecnicidades e entre os FI e as CR, as ritualidades (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 16).

Lopes (2003) ressalta que a partir desse mapa é possível operacionalizar qualquer análise de fenômeno social que relaciona comunicação, cultura e política, vistas como mediações constitutivas, sendo que a importância dessa representação está em afirmar que a comunicação medeia todas as formas da vida cultural e política da sociedade.

A partir dessa análise, é possível ressaltar que os meios virtuais também desempenham uma função mediadora da vida cotidiana. Orozco Gómez (1997) segue

essa linha de pensamento ao afirmar que não há comunicação tradicional entre emissor-meio-mensagem-receptor sem a relação mediada, sem um contexto por trás das informações, sendo necessário assumir que os pressupostos da mediação no campo comunicacional incluem a imprevisibilidade de resultados, a necessidade de contextos e a identificação das principais fontes de mediação.

> Ainda que a informação que os emissores de mensagens põem em circulação e fazem significar de modos específicos seja mais ampla e se relacione com uma multiplicidade de aspectos da vida social, econômica e política, ela não é neutra. Carrega matizes e ênfases particulares que a convertem em um produto cultural, no sentido mais amplo do termo. Por outro lado, a informação se converteu em um bem de consumo, aparentemente cada vez mais necessário para seus indivíduos e os grupos em seu esforço para uma existência plena de sucesso, em uma sociedade moderna, repleta de interações sociais informatizada. (OROZCO-GÓMEZ, 1997, p. 58).

Os estudos de mediação anteriores a popularização da internet se mostraram mais próximos de análises referentes à televisão e ao rádio, segundo Orozco Gómez (2014), que acredita que o período de múltiplas tecnologias do século XXI também acrescenta densidade em alguns aspectos as discussões anteriores:

> A mediação comunicacional de nosso tempo (Orozco, 2009) consiste nessa mudança fundamental pela qual, como audiências, as sociedades atuais vão deixando de ser reconhecidas essencialmente por seu status e processos de recepção anônima e massiva, caracterizados por uma atividade muito escassa, para começarem a ser reconhecidas por um estar e ser ativos, cada vez mais criativos, na produção e na emissão comunicacionais (OROZCO GÓMEZ, 2014, p. 57).

O uso de tecnologias no ambiente escolar cresceu com as inovações do mundo digital. Mesmo após a preocupação e a resistência de alguns educadores durante a modernidade, a popularização dos computadores pessoais e dos celulares com acesso à internet na vida cotidiana dos alunos foi inevitável. Em meio a informação disponível e às modificações nos relacionamentos entre alunos e professores, a Mediação Tecnológica na Educação (MTE) busca justamente compreender as consequências do atravessamento dessas tecnologias na realidade escolar.

Soares (2007, p.37) defende que a razão iluminista na modernidade foi a grande responsável pela estruturação da educação no mundo ocidental, mas que essa construção do conhecimento não permaneceu inquestionável no novo século com a pós-modernidade e a sociedade virtual, ou seja, “a concretização dos desejos e aspirações humanas traduzidos em sistemas digitais, através de programas”. Para

o teórico, a tecnologia consagrou a informação como um fator-chave na oferta de bens e serviços e influenciou a natureza material e a simbólica. Soares (2007) utilizou o termo “era da informação” para definir esta época virtual, onde não há certezas dos paradigmas que a regem. Ao escrever o artigo há mais de dez anos, o educomunicador citava dados que mostravam como o brasileiro aderiu a tecnologia sem grandes hesitações, seja com o uso da televisão, ao permanecer 18,4 horas por dia vendo TV, ou com a internet, 20 horas e 25 minutos, conectado por dia. Neste período, o smartphone ainda não era tão popular quanto viria a ser.

> Diante da apreensão geral, o sistema educativo procura aproximar-se das tecnologias de forma recatada. Tecnologia sim, mas sob controle. Seu uso com parcimônia justifica-se para garantir a performance do professor, melhorando sua didática ou distribuindo conteúdos de maneira mais barata e rápida. Nada que pretenda incentivar o uso indiscriminado do novo aparato tecnológico ou que venha desviar ou alterar o equilíbrio de força na teia das relações no espaço escolar. Em outras palavras, o aluno não estaria autorizado a avançar mais que o professor, mantendo-se intacta, dessa forma, a hierarquia funcional na produção do conhecimento (SOARES, 2007, p. 38).

Nove anos após a publicação do artigo de Soares, segundo o IBGE[21], 116 milhões de pessoas estavam conectadas à internet em 2016, o equivalente a 64,7% da população com idade acima de 10 anos. Para acessar a rede, segundo o instituto, 94% dos internautas preferem o celular, contra 63,7% dos computadores, 16,4% dos tablets e 11,3% dos televisores. Portanto, vetar o uso das tecnologias em sala de aula se tornou ainda mais difícil.

Para Soares (2007), apesar da apreensão dos educadores há quem busque o caminho da apropriação. Ao se analisar que o jovem brasileiro mantém uma relação estreita com a tecnologia e agora mais do que nunca com a internet, o caminho defendido pelo educomunicador é o da “convivência com o fenômeno, criando condições para que os jovens transformem-se, eles mesmos, em usuários atentos e críticos” (idem, p. 38). Esse é o propósito da educomunicação e da criação de comunidades conscientes, que ao compreenderem as necessidades pessoais de seus membros, participam e buscam formas responsáveis de acolhimento. “Para tanto, é de fundamental importância a valorização desse modelo pelo sistema educativo (ou

[21] GOMES, Helton. “Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à internet, diz IBGE”. Disponível em https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml Acesso em: 22 fev. 2018.

educomunicativo), posicionando-se o professor como mediador das relações entre seus alunos e a máquina" (SOARES, 2007, p. 39). Segundo o teórico, as experiências que se assemelham a essa proposta têm se mostrado positivas a partir do momento em que se investem na participação ativa dos membros da comunidade escolar. Como existem abusos e perigos na internet, a saída seria a aceitação de que a escola é o "espaço para detectá-los e criar os antídotos" SOARES, 2007, p. 39), de forma colaborativa.

Consani (2008) observa que a Mediação Tecnológica na Educação foi a segunda área de intervenção proposta pela Educomunicação e identificada pelos estudos iniciais do NCE/USP. O conceito surgiu como uma análise dos procedimentos e das reflexões em relação ao uso das tecnologias de informação em sala de aula, ganhando densidade posteriormente com a popularização da Internet.

O interesse pela Mediação Tecnológica na Educação, segundo Soares (1999) está relacionado à expansão dos sistemas de educação presencial e a distância, além da possibilidade que o computador oferece de oportunizar o acesso à produção midiática, beneficiando pequenos produtores culturais, como o aluno e o professor. Dessa forma, a área da Mediação Tecnológica da Educação foi definida pelo autor como "o estudo das mudanças decorrentes da incidência das inovações tecnológicas no cotidiano das pessoas e grupos sociais, assim como o uso das ferramentas da informação nos processos educativos, sejam os presenciais, sejam os a distância". (SOARES, 2002, p.18).

O educomunicador complementa a reflexão ressaltando que:

> A tecnologia eletrônica garante leveza e criatividade ao ambiente educacional, sempre que a apropriação de seus recursos e processos dê-se a partir do reconhecimento da potencialidade da comunicação em favorecer a construção permanente de novas alternativas de busca de conhecimento e de convivência. A isso a educomunicação denomina mediação tecnológica nos espaços educativos (SOARES, 2007, p. 40).

O olhar da comunicação sobre a mediação tecnológica deve se ater também à aprendizagem, não só do ponto de vista educacional, mas levando em consideração que o processo é positivo no homem a partir do momento que ele se sente envolvido com o conhecimento. "Dessa maneira, o ambiente mediado por tecnologias pode ajudar a produzir sentidos, convertendo-se em mediação. É o sentido que provoca a

aprendizagem, não a tecnologia, e é por isso que o campo compete à comunicação ou a educomunicação" (SOARES, 2002, p. 20).

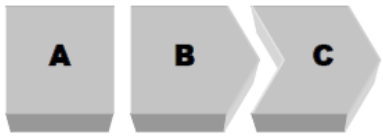
Alves (2007) explica que os meios de comunicação ao serem utilizados em uma perspectiva educomunicativa assumem um papel pedagógico coerente em que todos possam desempenhar o papel de emissor e receptor, tanto aluno quanto professor.

> O uso das mídias numa perspectiva educomunicativa afirma a compreensão de que os meios de comunicação desempenham um papel pedagógico coerente quando são usados de modo a romper a unidirecionalidade da comunicação entre um emissor ativo e um receptor passivo, quando cria espaços e formas de interlocução e co-participação que trazem para uma dinâmica coletiva de trocas comunicacionais o universo simbólico e a identidade cultural de cada sujeito envolvido no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, os meios de comunicação tornam-se um recurso pedagógico que potencializa o grau de significação das mensagens emitidas e recebidas por múltiplos atores e o caráter de produção coletiva de sentidos no processo interativo de ensino-aprendizado (ALVES, 2007, p. 191).

Para compreender a mediação tecnológica, Consani (2008) utiliza protomodelos simples de mediação (Gráfico 1) para exemplificar o processo. Segundo o autor, a interação entre individualidades só é possível entre "agentes", ou seja, elementos que participam ativamente da ação. "Nesse sentido, elementos mediados equivalem a elementos mediadores, ainda que considerados pela perspectiva de um exercício menor de seu protagonismo" (CONSANI, 2008, p.147).

O autor defende ainda que a interação entre agentes díspares pode ser estabelecida segundo o grau de motivação/necessidade da interação, a partir do momento que o agente mediador tenha consciência dos processos, sendo que ser "ativo", não é algo natural e inerente e sim específico ao contexto da mediação naquele momento.

Figura 2 - Modelo de mediação



Fonte: CONSANI (2008)

Ao analisarmos o gráfico é possível notar que A e C são incompatíveis no encaixe, o que na realidade pode indicar distância física ou temporal, por exemplo, sendo necessária a presença de B como mediador ativo para que ocorra a aproximação entre os blocos.

O fluxo mediatório seria, segundo Consani (2008), definido por meio da interação intencional ou o desejo de interação existente entre os blocos, que denotam o esforço de mediação e são evidenciados por meio do sentido, intensidade e bidirecionalidade dos fluxos. Esse esforço e qualidade só serão possíveis por meio da disponibilidade dos agentes para a mediação, afinidade do agente mediador com os agentes mediados e sinergia pelo interesse e resultados da mediação.

> A mediação resulta, ao final, em uma interação volitiva exercida por um conjunto de elementos-agentes que passam a constituir uma nova unidade em ação, numa relação que pode ser descrita como sinérgica. Notemos que esta unidade só existe no tempo e em função da mediação, o que não impede que ela – enquanto processo de transformação da realidade – seja modificada, restaurada, repetida, replicada ou expandida sempre que a mesma volição se repetir em contexto semelhante (CONSANI, 2008, p. 148).

Com base nas concepções reflexivas do protomodelo e ainda nas considerações de mediação de Bordenave[22] e da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)[23], Consani (2008, p. 162) construiu um modelo estruturado para compor e fortalecer os conceitos-parâmetros e analisar projetos que se encaixem em um primeiro momento nas bases da MTE, o qual será utilizado nessa pesquisa. O autor também buscou referências etimológicas de educadores, como Paulo Freire e da corrente sociointeracionista, principalmente Vigotsky, pensador e psicólogo russo, pioneiro no conceito de que o desenvolvimento infantil ocorre em função das relações dialéticas do homem em sociedade, ou seja, a interação que a criança estabelece com o ambiente, sem generalizações. Neste comportamento, o homem modifica o estímulo que recebe como parte da resposta a ele, sendo esse todo compreendido pelo russo como a mediação.

---

[22] Paraguaio, Juan E.Diaz Bordenave é pioneiro na pesquisa das inter-relações entre comunicação e educação, com semelhanças a trajetória de Paulo Freire, por sua atuação em comunidades rurais (CONSANI, 2008, p 151).

[23] Conceito criado por Vygotsky, em que a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial, caracteriza a Zona de Desenvolvimento Proximal. O modelo é no estilo linha do tempo, em que os estágios I e II constituem os iniciais que marcam a transição em que a criança ainda necessita de auxílio exterior para alcançar domínio de uma capacidade e a fase em que ela própria consegue se autodirigir na tarefa. Os estágios III e IV correspondem à fase de aquisição e desenvolvimento de capacidade, quando o aprendiz consolida o aprendizado, incluindo no seu repertório e pronto para recomeçar o ciclo.

Dessa forma, para Consani (2008, p. 162), a “mediação educomunicativa é um fenômeno de natureza estritamente cultural ou, se preferirmos, sociocultural”. Dinâmica, ela implica ainda na interação dos participantes e no feedback, que por sua vez reorienta o trabalho do mediador, definido pelo autor como aquele que participa do processo mediatório, variando o grau de protagonismo durante a atividade. Tal protagonismo se apoia na existência de quatro pré-condições, que se manifestam em maior ou menor grau de intensidade, clareza e completude:

a) **intencionalidade**, isto é, a presença de um propósito ou deliberação definido a priori, sem a qual o processo mediatório perde seu sentido;
b) **consciência**, colocada no sentido de percepção mais ou menos precisa das causas e consequências do processo;
c) **consensualidade**, identificada com a concordância (anuência) em relação ao propósito e às condições envolvidas no processo;
d) **simetria**, entendida como a relativa igualdade ou equivalência de “poder” para dirigir ou influenciar o processo de mediação (CONSANI, 2008, p.163).

Existem seis elementos constituintes do processo mediatório, segundo o autor, que são os agentes mediadores, ou seja, os protagonistas da mediação e que têm o poder de condução dela, o objeto da mediação, os objetivos da mediação, os fluxos mediatórios, o espaço da mediação e os resultados da mediação. Esses elementos são partes do modelo de análise de projetos incluídos na MTE desenvolvido pelo autor, que também cunhou dois termos para a avaliação, denominados de mediância e mediatividade.

> Levando em conta que a mediação é uma ação executada por agentes bem definidos, seu exercício pode ser observado e qualificado à luz do maior ou menos grau de iniciativa das partes envolvidas. Essa prerrogativa – que na prática, no mais das vezes, é já fornecida por instituições organizadoras – define o papel e os limites da atuação mediadora. Posto isso, denominamos mediatividade à capacidade do agente para influenciar e conduzir o processo da mediação, enquanto chamamos de mediância à atitude coadjuvante ou de “menor proatividade” do mediador (CONSANI, 2008, p. 167).

Segundo o autor, os conceitos não são antônimos. Do ponto de vista da comunicação, a mediatividade remete a ação do emissor e a mediância a do receptor,

enquanto na educação, o primeiro caso está ligado a relação do professor/educador (mediativo) e aluno/aprendiz (mediante).

> Assim, acreditamos que fica evidenciado o grau de complexidade das relações envolvidas, que não caberiam em parâmetros simples como “mais ativo”, “menos ativo”, “com poder de decisão” ou “sem poder de decisão” e similares, uma vez que os protagonistas em situações reais apresentam um leque de possibilidades muito maior do que os papéis a eles destinados pela convenção do senso comum (CONSANI, 2008, p.167).

A partir dessas concepções, o autor desenvolveu um “Quadro Esquemático: modelo para a mediação Educomunicativa”, denominado de Metáfora da Orquestra, em que é possível encontrar “indícios metodológicos (mas não “um método”) de alguma aplicabilidade prática, ao menos, no campo organizacional” (CONSANI, 2008, p.168).

Figura 3 - Quadro Esquemático: Modelo para a mediação Educomunicativa

QUADRO ESQUEMÁTICO: MODELO PARA A MEDIAÇÃO EDUCOMUNICATIVA	
Elementos da mediação	**Perguntas contextualizadoras**
agentes mediadores:	- quais são os agentes da mediação? - quem são os agentes e "de onde" (a partir de que universo cultural) eles falam? - quem concentra o protagonismo no processo?
objeto da mediação:	- pode-se definir, com clareza, o objeto da mediação? - em qual universo cultural estamos trabalhando (de qual conceito de "Cultura" se fala)? - sob quais diferentes enfoques se pode apreender esse objeto?[270]
objetivos da mediação:	- o que se busca, ao final? - que processos possibilitaram a escolha desse(s) objetivo(s)? - os objetivos foram instrumentalizados (ou seja, formulados em termos técnicos tais como objetivos gerais, específicos, metas e ações)? - o processo de avaliação objetiva (objetivos alcançados/não alcançados) foi previsto?
fluxos mediatórios:	- existe bidirecionalidade real (nos fluxos tecnologicamente mediados, falamos em *interatividade*) ? - existem gargalos e/ou bloqueios? - existe o *feedback*?
espaço da mediação:	- a mediação ocorre em um espaço determinado? - trata-se de espaço físico, virtual ou de ambos? - trata-se de um espaço institucional? De que natureza? - a estrutura do ecossistema educomunicativo é transparente?
resultados da mediação:	- o processo foi concluído? - o que foi alcançado? - como se realiza a avaliação? - como o processo foi registrado? - qual será o passo seguinte?

Fonte: CONSANI (2008, p. 169)

O quadro estabelecido por Consani (2008) foi utilizado para analisar o programa Mídias na Educação, citado no capítulo anterior e na linha do tempo da Educomunicação em Mato Grosso do Sul, o que evidencia a importância do projeto na formação de professores para lidar com as mudanças tecnológicas em todo o país.

3.5 Educom.rádio

A Educomunicação foi a base de diversos projetos de extensão[24] que tiveram o apoio e a participação do Núcleo de Comunicação e Educação da USP e do poder público. A trajetória de desenvolvimento do conceito pelo país tem como marco inicial o projeto Educom.rádio, que oportunizou por meio de capacitação o ensino de práticas educomunicativas através do rádio a alunos e professores da rede municipal de ensino de São Paulo.

O Educom.rádio nasceu do projeto "Educomunicação pelas ondas do rádio – Construindo a paz pela comunicação", lançado em 2001 em 455 escolas da Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo. A iniciativa foi inserida inicialmente como parte do Projeto Vida, uma proposta municipal que, na época, trabalhava a violência nas escolas públicas do município.

> O projeto foi confiado pela Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo ao Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da USP, que, para sua execução, despendeu sete semestres, entre 2001 e 2004, atendendo, ao todo, aproximadamente 11 mil agentes educacionais, incluindo professores, estudantes e membros das comunidades educativas, todos vinculados a 455 escolas de Ensino Fundamental da rede pública municipal (SOARES, 2011, p. 38).

Em relação aos investimentos, segundo dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) no relatório de Projetos de Educação, Comunicação & Participação - Perspectivas para Políticas Públicas (2004), o Educom.rádio recebeu R$ 5,8 milhões em três anos e meio. O relatório do Unicef cruza as informações com os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), com o objetivo de comparar quanto o projeto investiu nos estudantes durante a sua existência em relação à média do Governo Federal com os estudantes do ensino fundamental no mesmo período. Segundo o relatório, no caso do Educom.rádio, o valor do investimento *per capita* do estudante foi de R$ 500,00 por pessoa, sendo que no Brasil, um estudante "custava" em 1999, cerca de R$ 700,00 por ano. Segundo informações do NCE/USP relatadas ao Unicef, os valores investidos ainda foram "subdimensionados", ao não serem levados em conta os gastos com equipamentos de comunicação que eventualmente surgiram e o pós-trabalho, como a avaliação externa e o acompanhamento posterior à capacitação dos professores.

---

[24] Os projetos de extensão do NCE/USP estão disponíveis por meio do link http://www.usp.br/nce/?wcp=/oquefazemos/abertura,4,10,14 Acesso em: 23 ago. 2018.

O plano de ação do Educom.rádio incluiu, de acordo com Tavares (2007), 840 palestras, 420 workshops e 840 oficinas de produção midiática, durante 1.008 encontros presenciais de 8 horas cada.

> O programa pedagógico era composto por doze encontros presenciais, oferecidos aos sábados, com oito horas de atividades, das 8 às 17h horas (com pausa para o almoço), totalizando 96 horas. O curso estava dividido em três módulos de quatro encontros cada. Os professores e funcionários que participavam do curso registrando frequência superior a 75% foram certificados pela USP, o que garantia direito à reclassificação na carreira com aumento em seus respectivos salários. Os estudantes, por sua vez, se inscreviam no projeto mediante convite e permaneciam no Educom.rádio devido ao interesse que o curso despertava, pois não ganhavam qualquer tipo de bonificação, participando por adesão. Havia um limite de inscrições, por escola, de até dez estudantes, doze professores e/ou funcionários, além de três membros da comunidade (TAVARES, 2007, p. 106).

A equipe do NCE/USP enviada à escola desenvolveu diversas atividades para oferecer suporte à criação da rádio no ambiente escolar. Nesse período, foram realizadas com esse propósito leituras críticas da mídia, dinâmicas de estímulo do trabalho corporativo, oficinas e workshops de produção radiofônica, produção de programas de rádio, de jornal mural e *story-boards*,[25] além de bate-papos com profissionais das áreas de comunicação, educação e correlatas, como meio ambiente, saúde e linguagens. Por meio de práticas pedagógicas colaborativas e prática radiofônica foram incluídas no cotidiano da escola.

Segundo Alves (2007), os encontros aconteceram no período matutino, vespertino e sempre aos sábados:

> A programação matutina subdividia-se em duas turmas, a saber: uma turma de participantes adultos, composto em sua maioria de membros da escola e da comunidade, em palestras e workshop, e outra de estudantes em atividades planejadas especificamente para este público. [...] a programação vespertina subdividia-se também em grupos, desta vez menores, separados por escola de origem, reunindo membros da escola e da comunidade com os estudantes. As atividades da tarde centravam-se em oficinas sobre linguagem radiofônica e planejamento de prática na escola. Tais oficinas constituíram-se em espaços privilegiados de discussão sobre as práticas pedagógicas dialógicas e participativas sob o viés da gestão da comunicação no ambiente educativo (ALVES, 2007, p. 170).

Os conteúdos, segundo Alves (2007) foram ministrados nos primeiros semestres divididos em teoria e prática. Porém, com o tempo percebeu-se que era

---

[25] Ferramenta aplicada para organizar as ideias ao longo do desenvolvimento de um projeto, normalmente por meio de desenhos (FISCHER, SCALETSKY, AMARAL, 2010).

mais atrativo para os frequentadores que a capacitação abordasse ambos no mesmo sábado, sendo que, nesse caso, participavam mais profissionais, como palestrantes, mediadores e radialistas.

Segundo o relatório de Projetos de Educação, Comunicação & Participação - Perspectivas para Políticas Públicas do Fundo das Nações Unidas para a Infância - Unicef (2004), o Educom.rádio teve três módulos temáticos, sendo o primeiro voltado para a construção do campo e das práticas da Educomunicação, inclusive com palestras sobre o tema, linguagens de comunicação, o impacto dos meios sobre as crianças e adolescentes, além de oficinas de diagnóstico da Educomunicação e produção radiofônica.

O segundo módulo foi direcionado para o planejamento da Educomunicação, também com oficinas e práticas com atividades de multimídia no rádio, jornal e vídeo, além de palestras sobre eixos temáticos da educação e comunicação. Para finalizar, o projeto teve o terceiro módulo, construído com uma abordagem sobre a comunicação, projetos colaborativos para a construção da paz, oficinas multimídias, práticas radiofônicas e avaliação dos processos que envolveram a capacitação do projeto em si.

Tavares (2007) ressalta que como parte do projeto, as escolas receberam da Prefeitura Municipal de São Paulo um kit de rádio composto por um equipamento radiofônico (duplo deck de fita cassete, aparelho leitor e gravador de CD, mesa de som de oito canais e microfone), além de cinco gravadores de mão, três microfones, um aparelho transmissor, uma antena, dez caixas acústicas receptoras do sinal de antena do aparelho.

> Em decorrência do curso, cada escola passou a ter o direito a receber um kit de produção radiofônica que permitia a montagem de um pequeno estúdio dotado de antena transmissora em condições de cobrir uma área entre 200 e 300 metros de raio, atingindo caixas receptoras móveis. No cotidiano da escola, o Educom mobilizou e continua mobilizando grupos de alunos que se voltam para a produção midiática de forma colaborativa, ampliando as formas de expressão e movimentando os recreios (SOARES, 2011, p. 38).

Porém, nem todas as escolas receberam o kit completo, segundo Tavares (2007), 200 instituições de ensino nunca receberam os equipamentos, o que resultou em cursos extras promovidos pelo NCE/USP para auxiliar no trabalho com materiais reduzidos ou após o recebimento atrasado dos mesmos.

Apesar dos problemas técnicos, o Educom.rádio apresentou resultados positivos na relação entre educandos e educadores, principalmente durante a

realização das oficinas e cursos, conforme apontou a pesquisa de Lago e Alves (2005). Segundo as autoras, durante o projeto os professores receberam o conhecimento necessário sobre a Educomunicação e a linguagem radiofônica no plano discursivo, enquanto os alunos participaram de oficinas voltadas às práticas. Com o avançar do projeto, os encontros entre educandos e educadores proporcionaram uma inversão de posições hierárquicas, onde o aluno teve a oportunidade de repassar informações aos professores. Os jovens foram capazes de demonstrar um conhecimento que antes não seria possível evidenciar.

> É a partir desse tipo de encontro conflitivo que se coloca em xeque também a própria noção do que é legítimo conhecer. Aqui, adultos e jovens, principalmente os últimos, têm a chance de perceber que possuem um repertório amplo e importante, apesar de costumeiramente desqualificado pelo ambiente escolar. Esta constatação, por sua vez, funciona também como forma de questionamento do que é considerado, tradicionalmente, conhecimento legítimo (LAGO; ALVES, 2005, p. 11).

A escolha pela linguagem radiofônica foi central por “permitir o resgate da oralidade do aluno, aspecto que tem se mostrado fundamental para ajudar a ampliar sua auto-estima” (ALVES, 2007, p. 170). Oralidade, que conforme demonstrado no capítulo anterior, é uma parte importante da construção do conhecimento no homem e da evolução dos meios de comunicação na Idade Moderna.

Alves (2007) também explica em sua tese “Educom.rádio: uma política pública em Educomunicação” que o projeto não se limitava a capacitar um número restrito de alunos e professores.

> Ao fazer ingressar na escola, por meio de um pequeno grupo de professores, funcionários, pais e alunos, uma nova orientação para a práxis educacional, pretende-se que a vigência efetiva dessa práxis desencadeie um processo de multiplicar, incorporando novos atores, reinventando procedimentos e relações, reconfigurando a cultura institucional que se expressa em novos modelos de conduta e ação incorporados à identidade individual e coletiva dos atores (ALVES, 2007, p.191).

O Educom.rádio permaneceu até o mês de dezembro de 2004 em atividade. Para Consani (2008) além dos resultados obtidos, um ponto interessante do projeto foi o desenvolvimento da área de intervenção Mediação Tecnológica na Educação, principalmente no crescimento da figura do educomunicador. Os mediadores do NCE/USP foram os responsáveis por atuarem nos grupos de trabalhos das escolas, assumindo a orientação instrumental e tecnológica, pedagógica, de logística e

administrativa, “o que o torna de certa forma, o esteio do projeto” (CONSANI, 2008, p. 64).

No cerne do Educom.rádio foram valorizados também os ecossistemas comunicativos presentes no ambiente escolar, assim como a sua readequação constante dentro dos parâmetros da Educomunicação, que ocorriam por meio de encontros com mediadores, palestrantes, professores e alunos. A área de intervenção utilizada como metodologia no projeto foi a Gestão da Comunicação, que segundo Soares (2011, p.48), “volta-se para o planejamento e a execução de planos, programas e projetos referentes às demais áreas de intervenção, apontando, inclusive, indicadores para a avaliação de ecossistemas comunicacionais”.

As fichas de avaliação do Educom.rádio eram abrangentes (Anexo H). O Relatório Semanal de Articulação, por exemplo, solicitava dados sobre os cursistas – grau de envolvimento, expectativa, tipo de intervenção, posicionamento frente à equipe do Educom.rádio, facilidade, dificuldades, questões levantadas e sugestões - da representante da NAE (Núcleo de Ação Educativa) – onde ocorriam os encontros nas escolas - e do NCE/USP, além de informações sobre as palestras, desenvolvimento das atividades e considerações finais sobre o projeto. Os mediadores também tinham uma ficha separada, com periodicidade semanal em que as informações sobre as ações deveriam ser preenchidas, ou seja, quais eram as escolas visitadas, a quantidade de homens e mulheres participantes, o perfil dos cursistas e as considerações finais. Essa metodologia prevista pela gestão comunicativa auxiliou na obtenção de dados sobre o trabalho, principalmente, se levarmos em conta que eram 455 escolas de ensino fundamental e um número alto de participantes. Para observar como o projeto estava em andamento era preciso a colaboração de todos na resposta dos questionários.

Tavares (2007) relembra que o Educom.rádio era visto no início apenas como uma extensão do Projeto Vida, sem status de política pública e continuaria dessa forma até julho de 2004, quando foi incorporado pela Diretoria de Orientação Técnica (DOT), passando a ser compreendido como uma prática de interesse da educação formal.

Soares (2011) ressalta essa mudança ao citar que em 28 de dezembro de 2004, a Lei Educom foi sancionada pela prefeita Marta Suplicy, “definindo o conceito da educomunicação como política pública no município de São Paulo” (SOARES, 2011, p. 39). A lei foi regulamentada pelo prefeito José Serra, em agosto de 2005, e em

dezembro de 2009, Alexandre Schneider, secretário de educação, aprovou a portaria orientando a implementação de projetos educomunicativos nas escolas do município, incluindo a contratação de especialistas na área, os educomunicadores.

A Lei Educom resultou na construção de dois projetos no município de São Paulo, a Rádio Escolar e o Imprensa Jovem, que trouxe aos alunos a possibilidade de atuarem como repórteres na cobertura de eventos, como a Bienal Internacional do Livro. Soares (2011) explica que segundo o relatório de atividades da Secretaria de Educação de São Paulo, em 2009, cerca de 1 mil professores e 500 alunos integraram os projetos. O sucesso do Imprensa Jovem foi tão significativo para o município, que continua em funcionamento no ano de 2019.

3.6 Educomrádio.Centro-Oeste

O sucesso do Educom.rádio se transformou anos depois em um projeto derivado e abrangente denominado de Educomrádio.Centro-Oeste, focado na região Centro-Oeste, consequentemente no estado de Mato Grosso do Sul e na cidade de Campo Grande, o lócus desta pesquisa.

No ano de 2003, em parceria entre o NCE/USP e o Ministério da Educação (MEC), foi lançado o “Educomunicação pelo rádio em escolas de ensino médio da Região Centro-Oeste”, mais conhecido pelo nome abreviado, o “Educomrádio.Centro-Oeste”. Soares (2009) explica que a iniciativa capacitou mais de 2,5 mil membros da comunidade educativa, entre educandos, educadores e membros da sociedade civil de 70 escolas públicas da região.

Segundo Alves e Machado (2006), o convênio para a realização do projeto foi firmado entre a Secretaria de Educação a Distância (SEED/MEC) e a Fundação da Universidade de São Paulo (FUSP), em parceria com as Secretarias de Educação de Mato Grosso do Sul, Goiás e Mato Grosso, no mês de novembro de 2003. O Educomrádio.Centro-Oeste começou no ano seguinte com a capacitação para professores e estudantes da rede pública. Documentos do Balanço Geral da União 2004 e 2005 (Anexos E, F e G), elaborados pela SEED/MEC, indicam a formalização do convênio, que teve um investimento de R$ 666.320,00 do Governo Federal.

O Educomrádio.Centro-Oeste integrou o projeto Rádio-Escola, da SEED/MEC e foi considerado um curso de extensão universitária que introduziu o conceito da

Educomunicação nas práticas pedagógicas por meio da formação de professores e gestores no uso da linguagem radiofônica.

Tabela 1 - Número de beneficiados no Educomrádio.Centro-Oeste

Estado	**Número de escolas atendidas**	**Beneficiados diretos**		**Beneficiados indiretos**		**Total**
		Equipe Técnico-pedagógica	Professores	Alunos	Membros da comunidade	
Mato Grosso	20	5	40	600	80	725
Mato Grosso do Sul	20	5	40	600	80	725
Goiás	30	5	60	900	120	1.085
Centro-Oeste	70	15	140	2.100	280	2.535

Fonte: MOREIRA (2007)

Moreira (2007) ressalta que o curso realizado pela equipe do NCE/ USP ocorreu na modalidade semi-presencial, com carga horária de 180 horas para os docentes e 264 horas para a equipe de técnicos das secretarias de Educação.

Tabela 2 - Distribuição da carga horária da equipe técnica e professores

Modalidade	Equipe Técnica	Professores
Educação a distância	120 horas	80 horas
Atividades presenciais	144 horas	100 horas
Total	264 horas	180 horas

Fonte: MOREIRA (2007)

Machado e Alves (2008) explicam que as atividades foram realizadas em um ambiente virtual de aprendizagem (AVA), que possibilitou um espaço onde os professores recebiam informações sobre a Educomunicação, interagiam com o tutor e incluíam depoimentos sobre o processo. Porém, em algumas escolas, segundo Moreira (2007), os professores não dispunham de computadores para a capacitação, o que dificultou a participação dos docentes conforme o esperado pela equipe do NCE/USP.

> Durante o desenvolvimento do projeto a coordenação do Educom.Rádio verificou que não existiam computadores disponíveis nas escolas para uso dos professores. Para solucionar o problema todas as informações disponibilizadas no ambiente virtual foram repaginadas e transferidas para o papel, em forma de fascículos. Ao todo foram editados três fascículos, desta maneira, os cursistas poderiam ler os textos, desenvolver os exercícios e encaminhá-los por fac-símile ou pelos correios para o tutor em São Paulo (MOREIRA, 2007, p. 67-68).

Além dos textos mencionados, o livro “Caminhos da Educomunicação”, que reúne artigos de diversos autores e tem a coordenação de Ismar de Oliveira Soares (2003), foi repassado aos professores mediadores do projeto, segundo uma das profissionais que atuou como capacitadora regional em Mato Grosso do Sul, a jornalista Márcia Chiad. A fundamentação teórica, seja por AVA ou livro, disseminou o conhecimento do conceito para o professor de forma consistente, ou seja, os professores receberam o suporte necessário para compreender o processo dialógico que o projeto tinha como essência.

> O Educomrádio.Centro-Oeste realizou cinco encontros presenciais com o intuito de aprofundar os tópicos norteadores entre a equipe do NCE (palestrantes, tutores e mediadores) e equipe técnica da Secretarias Estaduais (gestores e cursistas), com o intuito de ampliar a reflexão sobre a prática educomunicativa, inserir o debate sobre a inter-relação entre comunicação e educação no ambiente educativo e estimular a implementação do ecossistema educomunicativo em cada escola (MACHADO; ALVES, 2008, p. 6).

Ao todo foram quatro tópicos temáticos de estudo durante a capacitação do Educomrádio.Centro-Oeste, segundo Moreira (2007):

1. Educomunicação e suas linguagens
2. Pedagogia da linguagem radiofônica
3. Planejamento da educomunicação em espaços educativos
4. Projetos de educomunicação com o uso da linguagem radiofônica.

De acordo com Moreira (2007), cada grupo de participantes das escolas que integraram o projeto recebeu duas visitas de um técnico da Secretaria de Estado de Educação e de um educomunicador do NCE, sendo que o primeiro encontro teve o objetivo de estreitar os laços entre as equipes, discutir e aprofundar da fundamentação teórica, enquanto o segundo foi destinado à entrega dos laboratórios radiofônicos.

> Somavam-se às atividades on-line duas oficinas de produção radiofônica ministradas, em cada escola, por radialistas locais, assim como eventos destinados a socializar os resultados obtidos junto às escolas. A reunião anual da SBPC de 2007, ocorrida em Cuiabá, MT, teve cobertura, nos moldes midiáticos, de estudantes do Ensino Médio do Mato Grosso, com a divulgação, via web-rádio, de entrevistas como cientistas de todo o país, falando sobre suas pesquisas. Como ocorreu em São Paulo, também no estado do Mato Grosso o poder público acabou por aprovar um dispositivo legal destinado a garantir o emprego do conceito da educomunicação mediante o uso da linguagem radiofônica (SOARES, 2011, p.40)

O ambiente virtual implementado para o curso e workshops de professores auxiliaram na análise de dados do projeto Educomrádio.Centro-Oeste. Alves e Machado (2006) ressaltam que o modelo utilizado foi uma metodologia dedutiva nessa fase, enquanto no caso das práticas laboratoriais, a metodologia adotada foi a indutivo-construtivista.

> As práticas – ou também chamadas vivências partiram sempre, da experiência para se chegar à teoria, formando o que no movimento de educação popular denomina-se como espiral “prática-avaliação/teoria-prática”, tendo todo o grupo orientado a realizar atividades práticas voltadas à vivência no rádio, avaliar o processo de produção e sistematizar os resultados. Faz parte da metodologia de trabalho da Educomunicação o planejamento democrático e a gestão participativa das ações comunicativas, envolvendo todos os agentes do processo educativo. Neste caso, a participação de estudantes e de membros a comunidade na elaboração dos exercícios e 7 práticas previstas pela estrutura do curso foi de fundamental importância (ALVES; MACHADO, 2006, p. 6).

Soares (2011) acredita que uma escola pode ser considerada educomunicadora quando a maioria da comunidade escolar adere à pedagogia dialógica e midiática. Porém, o autor ressalta que mesmo uma simples movimentação das estruturas da rede escolar ou de uma escola em direção à educomunicação pode ser considerado um avanço, como ocorreu nas instituições que integraram o Educomrádio.Centro-Oeste.

Em Mato Grosso do Sul, documentos do NCE/USP indicam que 20 escolas participaram do projeto Educomrádio.Centro-Oeste (Anexo I), sendo que em Campo Grande foram nove unidades escolares, o maior número entre os municípios do Estado.

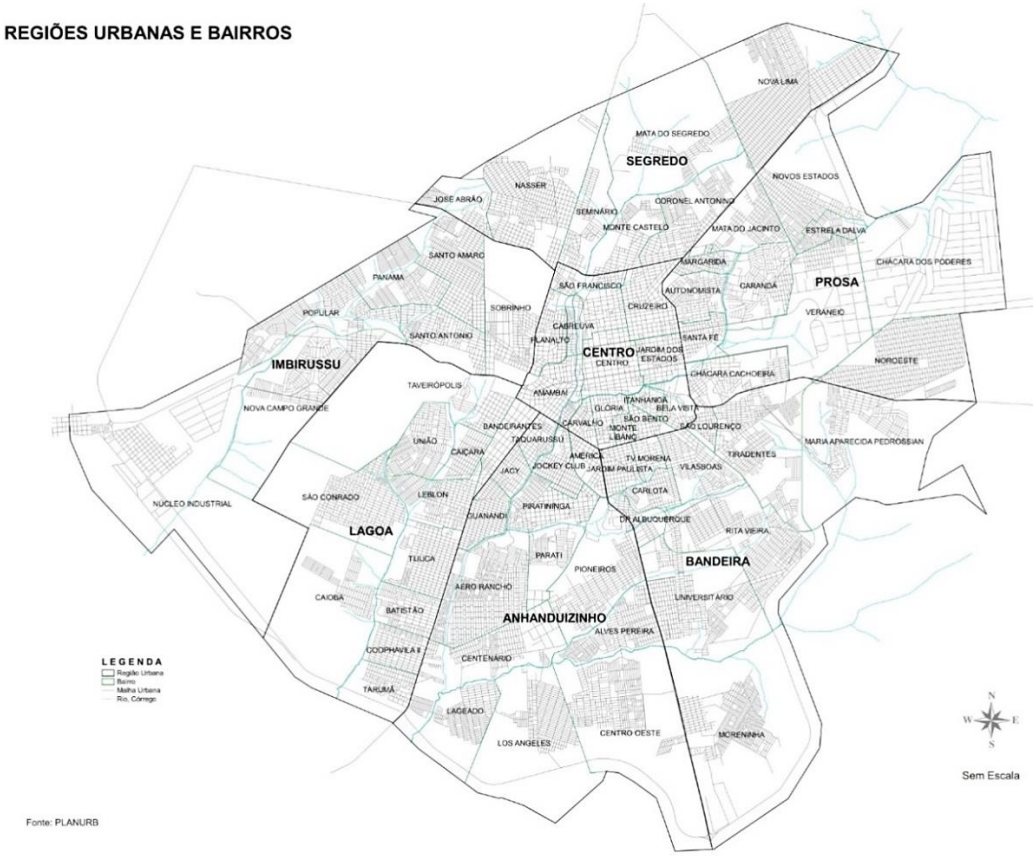
Tabela 3 - Escolas participantes do Educomrádio.Centro-Oeste em Campo Grande

Escola	**Bairro**
E.E. Waldemir Barros da Silva	Conj. Hab. Moreninha - Região Bandeira
E.E. Arlindo de Andrade Gomes	Santo Amaro – Região Imbirussú
E.E. Joaquim Murtinho	Centro – Região Centro
E.E. Dona Consuelo Muller	Vila Jacy – Região Anhanduizinho
E.E. Hércules Maymone	Itanhangá Park – Região Centro
E.E. Maria Constança Barros Machado	Amambai – Região Centro
E.E. Padre João Greiner	Conj. Estrela do Sul – Região Segredo
E.E. José Barbosa Rodrigues	Universitário – Região Bandeira
E.E Antônio Delfino Pereira – Comunidade Negra	São Francisco – Região Centro

Fonte: NCE/USP

O projeto Educomrádio.Centro-Oeste foi implantado em escolas localizadas em diferentes regiões de Campo Grande, como Bandeira, Imbirussú, Anhanduizinho e Segredo. Das nove escolas que participaram, três estão situadas na região Central da cidade. A distribuição por regiões indica um cuidado em contemplar diferentes características e histórias presentes em diferentes instituições.

Figura 4 - Mapa da cidade de Campo Grande



Fonte: Planurb [26]

A diversidade na escolha das escolas integrantes do projeto fica mais explícita em nível estadual, com a participação de instituições escolares localizadas em assentamentos rurais, comunidades quilombolas e indígenas do Estado.

Segundo reportagem publicada no site Aquidauana News[27] em 2005, foram selecionadas escolas de dois assentamentos do Estado, um deles o Itamarati, que na época era considerado o maior assentamento do país, três rádios em aldeias indígenas, sendo elas, Coroa Sagrada, em Amambai, Córrego do Meio, em Sidrolândia, e Bananal, no Distrito de Taunay, em Aquidauana, e duas escolas inseridas em comunidades negras do Estado, uma na comunidade quilombola de

[26] Disponível em http://www.campogrande.ms.gov.br/planurb/downloads/mapa-de-campo-grande-com-regioes-bairros-e-malha-urbana/ Acesso em: 29 ago. 2018.

[27] "MS: Governo instala emissora de rádio na aldeia Bananal", Aquidauana, 19 de agosto de 2005. Disponível em http://www.aquidauananews.com/0,0,00,2248-66814-MS+GOVERNO+INSTALA+EMISSORA+DE+RADIO+NA+ALDEIA+BANANAL.htm Acesso em: 24 ago. 2018.

Furnas de Dionísio, em Jaraguari, e outra na comunidade quilombola Tia Eva, na região do Segredo, no perímetro urbano de Campo Grande (Anexo C).

No boletim O Educomunicador nº 24 (Anexo J) há informações que comprovam a participação de alunos de comunidades indígenas no projeto. Segundo a reportagem foi realizado um vídeo Institucional do Centro-Oeste, gravado nos estados de Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, com imagens de oficinas promovidas nas escolas indígenas, com índios xavantes e guaranis, que inclusive, produziram a gravação de um programa de rádio na língua nativa de suas etnias, resgatando a importância da oralidade presente nas primeiras comunidades humanas.

Sobre a experiência do projeto como um todo, Alves e Machado (2006) compartilham no artigo “Educom.Rádio.Centro-Oeste, uma política pública, rumo a autonomia” trechos de depoimentos da jornalista Márcia Chiad.

> O segundo encontro com os professores cursistas e alunos do projeto Educomrádio.Centro-Oeste na Escola Estadual Barbosa Rodrigues (Bairro Universitário) aconteceu no dia 5 de julho. O equipamento já havia sido instalado anteriormente e neste encontro priorizamos a discussão sobre a filosofia do projeto. Com um grupo de 10 alunos e os professores cursistas, iniciamos a capacitação discutindo o uso do rádio como veículo de transformação. Os cuidados para não reproduzirmos as práticas dominantes dos meios de comunicação de massa. Trabalhamos a compreensão da escola como um ecossistema comunicativo e as possibilidades de trabalhar o veículo rádio (CHIAD, Márcia apud ALVES; MACHADO, 2006, p. 1).

Os encontros presenciais nas escolas ocorreram a partir de 2005 com a chegada dos equipamentos técnicos para a montagem da rádio, entregues pela Secretaria de Estado de Educação. Os encontros denominados de Visitas Técnico-pedagógicas ocorreram em duas frentes, sendo a primeira o planejamento teórico de debate com a comunidade educativa sobre temas relacionados à linguagem radiofônica e o segundo o planejamento da prática educomunicativas na escola. Outro objetivo da visita foi o auxílio a possíveis ruídos na proposta dialógica do projeto e na relação dos participantes com os equipamentos tecnológicos.

> A adoção de uma estratégia de acompanhamento permanente à implementação do projeto Educom.Rádio.Centro-Oeste implicou na solicitação de prorrogação dos trabalhos, baseando-se no calendário da chegada dos equipamentos de produção radiofônica previstos, que garantiu o atendimento dos 140 professores/as e 1.050 alunos/as através das visitas técnicas nas setenta escolas inscritas, como parte dos trabalhos conclusivos do Convênio (ALVES; MACHADO, 2006, p. 6).

Em entrevista concedida em setembro de 2018, a jornalista Márcia Chiad[28] relembra algumas nuances do projeto, principalmente o impacto que ele teve no ambiente escolar. Para a jornalista, o Educomrádio.Centro-Oeste foi bem desenvolvido em unidades escolares que mantinham professores engajados com o projeto. Um dos pontos levantados por Chiad é a ruptura da hierarquia entre o professor e o aluno, tornando ambos parceiros um do outro na produção da rádio. "O professor também não sabia sobre o rádio, sobre a técnica, eles eram aprendizes juntos. Então isso que era legal, eu lembro que eles batiam muito na questão das escolas que trabalhavam com a Educomunicação diminuíam a violência, tinha muita essa questão da diminuição da violência. Os professores e alunos trabalhavam juntos, os programas eram elaborados juntos".

A questão da diminuição da violência abordada por Chiad faz referência ao surgimento do Educom.rádio em São Paulo, que, como apresentado no tópico anterior, foi adotado pela Prefeitura Municipal em 455 unidades de ensino, com o objetivo de trabalhar o tema nas escolas paulistas.

Segundo Chiad, a questão da violência apareceu também no conteúdo criado e desenvolvido pelas rádios nas escolas sul-mato-grossenses.

> Tinha muita coisa relacionada à violência escolar, várias escolas fizeram programas sobre isso. Bullying, violência contra o professor, eu lembro depois que eu fiz algumas matérias com professores porque alguns tinham medo de entrar em sala de aula, eles eram coagidos, principalmente os do noturno. Os temas dependiam muito da escola, nas aldeias tinha muita a questão da cultura[29]

Após o encerramento do Educomrádio.Centro-Oeste em 2005, uma notícia publicada pelo NCE/USP (Anexo H) indicou o interesse do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul em continuar com o projeto como política pública estadual, porém, a proposta não foi levada à adiante. A secretaria de educação também não disponibilizou dados oficiais atuais e de outras gestões sobre quantas e quais escolas permaneceram com a iniciativa implementada no Educomrádio.Centro-Oeste nos anos seguintes, mas, há a informação da efetivação de uma prática educomunicativa

---

[28] CHIAD, Márcia. Entrevista exclusiva concedida a esta pesquisadora. Campo Grande, 11 set. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "A" desta dissertação]

[29] CHIAD, Márcia. Entrevista exclusiva concedida a esta pesquisadora. Campo Grande, 11 set. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "A" desta dissertação]

semelhante denominada de Projeto Estadual de Rádio na Escola (PERE/MS), promovida entre os anos 2009 e 2012, principalmente em instituições que integraram o Educomrádio.Centro-Oeste.

Apesar de não se ter um marco legal estabelecido em Mato Grosso do Sul, a Educomunicação foi a base da construção de diversas políticas públicas pelo país[30]. Em 2005, por exemplo, começaram os debates em torno da inclusão do conceito nas ações do Ministério do Meio Ambiente. Cinco anos depois, por meio de consulta pública, a Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental, do Departamento de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente criou o Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) através da Resolução nº 422, de 23 de março de 2010.

> O documento sintoniza-se com os pressupostos defendidos pelo NCE-USP ao afirmar a importância de elucidar as diversas dimensões a que o termo remete, levando em conta sua condição de campo do conhecimento, de episteme, estando presente em atividades de pesquisa, assim como na produção de conhecimento e na formulação de diretrizes filosóficas para projetos e programas socioambientais. Lembra, nesse sentido, o documento do Ministério do Meio Ambiente (MMA), que a "educomunicação corresponde ao movimento de gestão participativa dos meios de comunicação, à democratização dos sistemas e à defesa do direito à comunicação". Portanto, existe enquanto campo de intervenção social, dizendo respeito fundamentalmente aos processos formativos de habilidades comunicativas, convertendo-se, em última instância, na compreensão educativa da comunicação social (SOARES, 2011, p. 76).

O conceito também integra as ações interministeriais dos Ministérios da Educação e do Meio Ambiente, como a Conferência Infanto-Juvenil sobre o Meio Ambiente, que a cada dois anos mobiliza mais de 25 mil crianças e adolescentes, em todo o país.

Outro modelo interessante situa-se no estado vizinho. Soares (2011) confirma que assim como em São Paulo, Mato Grosso adotou uma política pública educomunicativa e aliada ao rádio, logo após a edição do Educomrádio.Centro-Oeste. Em 10 de junho de 2008 foi sancionada a Lei estadual nº 8.889/08, de autoria do deputado estadual Alexandre César, que implantou o programa "Rádio Escola Independente", na Rede Estadual de Ensino. "O poder público acabou por aprovar

[30] O site da Escola de Comunicação da Artes da USP disponibiliza a listagem com as políticas públicas relacionadas à Educomunicação. Disponível em: http://www.cca.eca.usp.br/politicas_publicas. Acesso em 10 mai. 2019.

um dispositivo legal destinado a garantir o emprego do conceito da educomunicação mediante o uso da linguagem radiofônica" (SOARES, 2011, p.40).

De acordo com uma publicação orientativa da Secretaria de Estado de Educação, Esporte e Lazer do Mato Grosso (SEDUC), intitulada "Programa Educomunicação – cultura científica, outros saberes e cotidiano escolar"[31], o projeto ocorreu em 2016, por exemplo, em 150 escolas, sendo que em cada uma delas foi necessária a presença de um professor educomunicador. No documento também é observado uma mudança na abordagem do programa devido às inovações tecnológicas, como a inclusão de novos temas que podem ser trabalhados concomitantes a rádio, como o "ambiente de redes sociais", "fotografia", "história em quadrinhos", "jornal escolar", "robótica educacional", "tecnologias educacionais" e "vídeo". A escola deve oferecer atividades relacionadas a pelo menos quatro desses itens durante o ano letivo.

Conforme os exemplos citados acima, outras iniciativas tiveram um impacto na expansão dos ideais educomunicativos e servirão de base para as discussões a seguir, como o programa de formação para professores Mídias na Educação e o projeto de implementação da escola integral no Brasil, o Mais Educação.

3.7 Mídias na Educação

Criado pelo Governo Federal em 2005, o Mídias na Educação foi um programa de Educação a Distância (EAD) que ofereceu a formação continuada para professores, principalmente do ensino básico e público do país, e com um módulo específico sobre a Educomunicação. Posteriormente, no ano de 2010, o programa sofreu uma reformulação, que ocasionou na sua migração de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) nacional para o gerenciamento dos cursos pelas universidades públicas, com a possibilidade de aulas presenciais.

Na primeira fase do projeto, de 2005 a 2009, o Mídias na Educação dividiu o conteúdo teórico em módulos, buscando por meio da formação preparar o professor

[31] Programa Educomunicação – cultura científica, outros saberes e cotidiano escolar. Disponível em: http://www2.seduc.mt.gov.br/documents/9314456/9727909/Implantacao+e+Continuidade+Educomunica%C3%A7%C3%A3o.pdf/79120b8b-816c-2c72-a646-196171546ae2. Acesso em: 04 jun. 2019.

para o uso pedagógico de diferentes tecnologias que surgiram vertiginosamente e nem sempre foram assimiladas com facilidade pelo educador.

Moraes (2015) recorda que o Mídias na Educação surgiu como um braço do Programa Nacional de Informatização (Proinfo), uma iniciativa que teve o objetivo de modificar as práticas pedagógicas e de gestão escolar do país, buscando democratizar o acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Segundo Consani (2008, p. 207), para suprir as necessidades tecnológicas do Proinfo foi criado um ambiente virtual de apoio ao processo ensino-aprendizagem em Tecnologia Internet, o e-Proinfo.

> O e-Proinfo pode, então ser entendido como o resultado de cerca de uma década de investimentos do MEC no desenvolvimento de uma plataforma de EAD poderosa, flexível e aberta, ao ponto de hospedar projetos de formação de educadores e alunos em escala nacional (CONSANI, 2008, p. 207).

O conteúdo do Mídias na Educação foi inserido dentro das plataformas virtuais do e-Proinfo[32] e permanece disponível para o acesso até o ano de 2019, porém, sem atualizações.

> O PROINFO, em sua gênese, intenciona gerar mudanças nas práticas pedagógicas e na gestão escolar, respeitado o princípio da gestão democrática no ensino público nacional. Insere-se em um conjunto de ações voltadas ao fortalecimento da ação pedagógica do/a professor/a em sala de aula, para ampliar o envolvimento da sociedade na busca de soluções educacionais e modernização com inovações tecnológicas a serem introduzidas no processo de ensino e de aprendizagem. Os fundamentos desse programa estão coadunados ao contido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – 9394/96 acerca desta temática (MORAES, 2015, p. 5).

O Mídias na Educação também teve como meta impulsionar a inclusão de programas desenvolvidos pela Secretaria de Educação a Distância (SEED) no plano de aula do professor. Foram difundidos pelo projeto, por exemplo, as produções da TV Escola, o canal de televisão do MEC que desde 1996 cria produtos especiais para professores e alunos, o próprio e-Proinfo, a Rádio Escola, que incentiva a criação de programas de rádio em instituições públicas do país e a Rede Internacional Virtual de Educação (Rived), um programa vinculado à SEED que produziu conteúdos

---

[32] "Mídias na Educação – Módulo Introdutório". Disponível em http://www.eproinfo.mec.gov.br/webfolio/Mod83230/programa.html. Acesso em 07 jun. 2019.

pedagógicos digitais para serem usados como objetos de aprendizagem na sala de aula, o que incluiu páginas de web, HTML, entre outros experimentos.

As metas centrais do Mídias na Educação, segundo informações do NCE/USP[33], foram o aprimoramento das linguagens de comunicação adequadas à escola, a incorporação de instituições de ensino superior e das secretarias estaduais e municipais de educação ao processo e a valorização da autoria e da formação crítica do professor-leitor em relação às diferentes mídias existentes.

De acordo com Moraes (2013), houve três níveis de certificação em três ciclos de estudo: o básico, de extensão, com 120 horas de duração; o intermediário, de aperfeiçoamento, com 180 horas; e o avançado, de especialização, com 360 horas.

Figura 5 - Ambiente virtual do Mídias na Educação – Nível Intermediário

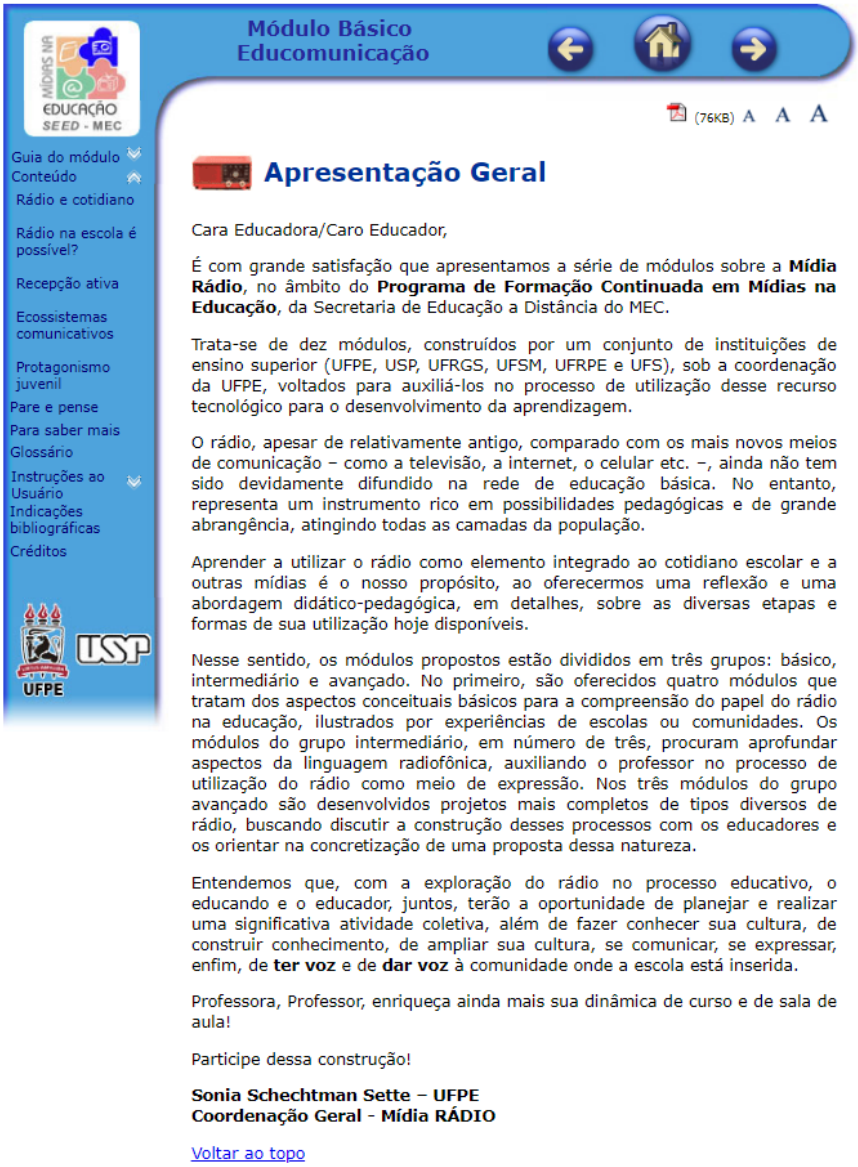
Fonte: Módulo Introdutório (BRASIL, 2005)

Nos níveis básico e intermediário[34], os módulos são sobre gestão, material impresso, TV e vídeo, rádio, informática, rádio na escola, linguagem radiofônica e Educomunicação.

---

[33] "Programa Mídias na Educação". Disponível em http://www.usp.br/nce/midiasnaeducacao/index.htm Acesso em: 07 jun. 2019.
[34] Disponível em: http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/index6.html# Acesso em: 14 mai. 2019.

Figura 6 - Ambiente virtual do Mídias na Educação – Módulo Básico Educomunicação



Módulo Básico
Educomunicação

(76KB) A A A

Guia do módulo
Conteúdo
Rádio e cotidiano
Rádio na escola é possível?
Recepção ativa
Ecossistemas comunicativos
Protagonismo juvenil
Pare e pense
Para saber mais
Glossário
Instruções ao Usuário
Indicações bibliográficas
Créditos

Apresentação Geral

Cara Educadora/Caro Educador,

É com grande satisfação que apresentamos a série de módulos sobre a **Mídia Rádio**, no âmbito do **Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação**, da Secretaria de Educação a Distância do MEC.

Trata-se de dez módulos, construídos por um conjunto de instituições de ensino superior (UFPE, USP, UFRGS, UFSM, UFRPE e UFS), sob a coordenação da UFPE, voltados para auxiliá-los no processo de utilização desse recurso tecnológico para o desenvolvimento da aprendizagem.

O rádio, apesar de relativamente antigo, comparado com os mais novos meios de comunicação – como a televisão, a internet, o celular etc. –, ainda não tem sido devidamente difundido na rede de educação básica. No entanto, representa um instrumento rico em possibilidades pedagógicas e de grande abrangência, atingindo todas as camadas da população.

Aprender a utilizar o rádio como elemento integrado ao cotidiano escolar e a outras mídias é o nosso propósito, ao oferecermos uma reflexão e uma abordagem didático-pedagógica, em detalhes, sobre as diversas etapas e formas de sua utilização hoje disponíveis.

Nesse sentido, os módulos propostos estão divididos em três grupos: básico, intermediário e avançado. No primeiro, são oferecidos quatro módulos que tratam dos aspectos conceituais básicos para a compreensão do papel do rádio na educação, ilustrados por experiências de escolas ou comunidades. Os módulos do grupo intermediário, em número de três, procuram aprofundar aspectos da linguagem radiofônica, auxiliando o professor no processo de utilização do rádio como meio de expressão. Nos três módulos do grupo avançado são desenvolvidos projetos mais completos de tipos diversos de rádio, buscando discutir a construção desses processos com os educadores e os orientar na concretização de uma proposta dessa natureza.

Entendemos que, com a exploração do rádio no processo educativo, o educando e o educador, juntos, terão a oportunidade de planejar e realizar uma significativa atividade coletiva, além de fazer conhecer sua cultura, de construir conhecimento, de ampliar sua cultura, se comunicar, se expressar, enfim, de **ter voz** e de **dar voz** à comunidade onde a escola está inserida.

Professora, Professor, enriqueça ainda mais sua dinâmica de curso e de sala de aula!

Participe dessa construção!

Sonia Schechtman Sette – UFPE
Coordenação Geral - Mídia RÁDIO

Voltar ao topo

Fonte: BRASIL (2005)

Uma breve análise revela que no módulo sobre Educomunicação dos Ciclos Básico e Intermediário o uso pedagógico das mídias foi o tema priorizado, com destaque para três pilares complementares: a “Pedagogia de projetos”, a ideia de “Escola cidadã” e, por fim, o próprio conceito da “Educomunicação”. A carga horária do módulo foi de 15 horas, sendo que além das informações conceituais, o curso manteve as atividades complementares, uma entrevista com o professor Ismar de Oliveira Soares – também coordenador do Ciclo Básico da Mídia Rádio do programa – e a avaliação com divulgação dos resultados.

Soares (2011) ressalta que apesar dos confrontos e preconceitos existentes que, por vezes, distanciam os educadores das tecnologias da informação, o objetivo da formação deve ir além da questão “oficineira”, que apresenta apenas a prática ou a técnica das tecnologias. O novo modo de compreender as relações, essa cultura que envolve esses meios, vai além das meras ferramentas tecnológicas, por isso o exemplo do Mídias na Educação é tão importante:

> A proposta educomunicativa é facultar ao sujeito educador que se transforme, sem receios e com desenvoltura, em sujeito educomunicador. Torna-se necessário, pois, que sejam adotadas políticas que facilitem a formação desse novo docente-educomunicador – como vem ocorrendo com o curso a distância Mídias na Educação, do MEC –, garantindo que os professores dominem os conhecimentos sobre a cultura midiática, familiarizando-se, por outro lado, com o uso que o campo da comunicação faz das suas tecnologias e linguagem. (SOARES, 2011, p. 19).

A formação continuada é uma oportunidade que o educador tem de aprimorar o conhecimento. O Mídias na Educação buscou justamente a construção de um protagonismo do professor em relação às tecnologias da comunicação e na leitura crítica desses meios:

> A formação continuada para professores da rede pública, nos dois níveis pretendidos pelo Programa Mídias na Educação, em extensão e em especialização, pretende contribuir para o aprimoramento das reflexões e das práticas no campo da inter-relação entre a Educação e as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) (CARVALHO; RAMOS, 2012, p. 2).

A capacitação dos professores contou com a participação de profissionais do NCE/USP, que segundo Carvalho e Ramos (2012) eram tutores e orientadores que possuíam uma aproximação com os referenciais da educomunicação como prática de intervenção social.

Foi apenas a partir de outubro de 2010, conforme citado anteriormente, que o Mídias na Educação sofreu uma reformulação. Segundo reportagem publicada no site oficial do MEC[35], a formação foi migrada para a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e recebeu uma nova estrutura curricular, com dois cursos independentes – de extensão, com 160 horas, e especialização, com 360 horas. Nesta mesma reportagem, há a informação de que o curso em 2010 estava em sua 4ª oferta, com cerca de 32 mil professores de todo o país matriculados e 52 mil formados.

---

[35] “Programa Mídias na Educação terá nova estrutura curricular”. Disponível em: www.capes.gov.br/36-noticias/2902-programa-midias-na-educacao-tera-nova-estrutura-curricular. Acesso em: 10 nov. 2018.

> Essa formação passou a fazer parte da Universidade Aberta do Brasil (UAB) a partir do ano de 2010. Nesta reestruturação, o Ministério da Educação redimensionou a função da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que se articulou também à Educação Básica. A CAPES é uma agência de fomento do ensino superior e, após a reformulação proposta pelo Ministério da Educação, atende e viabiliza, em regime de colaboração com os Estados, Municípios e o Distrito Federal, a formação inicial e continuada dos/as profissionais do magistério da Educação Básica. Sua articulação se dá junto às Instituições de Ensino Superior, mediante convênios estabelecidos entre as instâncias formadoras (MORAES, 2015, p. 6).

Os professores da educação básica podem fazer suas inscrições, segundo Moraes (2013), diretamente pela plataforma Freire, da Capes, ou, ainda, quando da especialização, diretamente nos polos da UAB, em alguma instituição pública de Ensino Superior, cadastrado no MEC para atuar na modalidade EAD.

No site oficial do programa, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) aparece como instituição cadastrada no Estado para oferecer a formação como especialização, o que ocorre ainda no ano de 2019[36], confirmando a existência da demanda pelo tema mesmo após 14 anos de criação do Mídias na Educação.

O curso está vinculado à Secretaria Especial de Educação a Distância e Formação de Professores da UFMS e segue as normas previstas na Resolução Nº 195, de 11 de agosto de 2017. Os módulos usam o Ambiente Virtual de Aprendizagem (Moodle), onde os alunos acessam o conteúdo do curso e entram em contato com o professor e o tutor. De acordo com informações do site oficial da UFMS, o curso de especialização acontece nos polos da universidade que são credenciados na Universidade Aberta do Brasil, sendo eles, em Campo Grande, Bataguassu, São Gabriel do Oeste, Porto Murtinho e Rio Brilhante. O campus da Capital de Mato Grosso do Sul oferece 150 vagas, enquanto os demais têm 50 vagas.

O início das atividades acontece em Campo Grande, com a apresentação das normas, metodologias e orientações sobre o uso do Moodle. Com oito módulos, o curso de pós-graduação tem carga horária de 45 horas/3 créditos, oito encontros presenciais e a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que será em conteúdo digital, no formato de projeto de intervenção.

Segundo as informações contidas na resolução do curso, o projeto deve propor uma ação pedagógica inovadora com o uso de mídias e tecnologias digitais no

---

[36] Disponível em: https://sedfor.ufms.br/midias-na-educacao/ Acesso em: 06 fev. 2019

contexto do trabalho em que o aluno está inserido, que resulte em um conteúdo. O trabalho deve vir acompanhado de um resumo expandido de no mínimo sete e no máximo dez laudas, que explique o objetivo do conteúdo digital, bem como sua fundamentação teórica e o uso pedagógico. A divulgação do Trabalho Final de Curso será feita no Seminário de Encerramento e ficará disponível para download no endereço eletrônico do Curso e apresentada no Seminário de Encerramento.

3.8 Mais Educação e a educação integral

O programa Mais Educação tornou-se um marco para a disseminação dos ideais educomunicativos pelo país, inclusive em Mato Grosso do Sul, ao incluir o conceito como um dos pilares para a implementação da educação integral nas escolas fundamentais do país.

Criado a partir da Portaria Interministerial nº 17/2007, que instituiu as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), do Governo Federal, o Mais Educação foi regulamentado pelo Decreto 7.083/10, que ampliava a jornada escolar na escolas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas em diversos macrocampos. A iniciativa foi uma ação em conjunto com o Ministério da Educação (MEC), Ministério da Cultura (MinC), do Esporte (ME), Meio Ambiente (MMA), do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), da Ciência e da Tecnologia (MCT) e também da Secretaria Nacional de Juventude e da Assessoria Especial da Presidência da República[37].

As discussões referentes à implementação da escola integral surgiram a partir de um contexto educacional complexo, que segundo a “Série Mais Educação” (BRASIL, 2009), é formado pela necessidade do Governo Federal de reduzir as desigualdades socioeconômicas entre os brasileiros e promover o combate à fome. Esses objetivos abrangentes foram relacionados a questões preocupantes, como os indicadores do Censo Escolar, pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

> Em 2006, em uma escala de 0 a 10, o IDEB identificou sistemas de ensino com índices que variavam de 1,8 a 6,0 e escolas que variavam de 0,7 a 8,5. Essa discrepância revela profundas desigualdades nas condições de acesso,

[37] Brasil, 2007. “Programa Mais Educação - Passo a passo”. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passoapasso_maiseducacao.pdf. Acesso em: 06 fev. 2019.

> permanência e aprendizagem na educação escolar, refletindo a complexidade de um processo em que se entrelaçam diversos fatores relativos tanto à estruturação social, política e econômica da sociedade brasileira, quanto ao trabalho pedagógico realizado no cotidiano por professores e demais profissionais nas escolas públicas (BRASIL, 2009, p. 11).

O documento (BRASIL, 2009) também divulgou informações que demostravam que, apesar de não ser determinante, a situação de vulnerabilidade e risco em que o estudante está inserido contribui para o baixo rendimento escolar, defasagem idade/série, reprovação e evasão escolar. Por mais que tenha ocorrido um aumento no número de vagas e de estudantes matriculados ao longo dos últimos anos no país, ainda ocorreram problemas na estrutura física das escolas, superlotação em salas de aulas e falta de tempo para a formação continuada e planejamento dos educadores. Realidades que continuam oferecendo riscos a permanência do aluno na escola[38].

A concepção da escola integral surgiu nesse cenário desafiador, que tem novos tensionamentos no século XXI, conforme o desenvolvimento da sociedade pós-moderna mencionado no capítulo anterior, em que a tecnologia se tornou mais inserida no ambiente escolar e as percepções de tempo e espaço sofreram modificações. A ideia da Educação Integral lida também com esses conceitos ao propor a ampliação da jornada escolar e do espaço, considerando os territórios em que cada unidade de ensino estaria situada.

> Falar sobre Educação Integral implica, então, considerar a questão das variáveis tempo, com referência à ampliação da jornada escolar, e espaço, com referência aos territórios em que cada escola está situada. Tratam-se de tempos e espaços escolares reconhecidos, graças à vivência de novas oportunidades de aprendizagem, para a reapropriação pedagógica de espaços de sociabilidade e de diálogo com a comunidade local, regional e global (BRASIL, 2009, p. 18)

O programa propôs a construção de um “tempo qualificado”, que mescla atividades educativas e supera a fragmentação e o estreitamento curricular que recai sobre a lógica educativa determinada por espaços físicos e tempos delimitados e rígidos. “Nesse sentido, entende-se que a extensão do tempo – quantidade – deve ser acompanhada por uma intensidade do tempo – qualidade – nas atividades que constituem a jornada ampliada na instituição escola” (BRASIL, 2009, p. 28).

---

[38] “Defasagem entre idade e série é quatro vezes maior em escolas públicas”. Disponível em http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-07/defasagem-entre-idade-e-serie-e-quatro-vezes-maior-em-escolas-publicas. Acesso em: 14 mai. 2019.

A comunicação surge no programa como um direito das crianças, adolescentes e jovens de terem acesso aos veículos de comunicação, ao domínio de diferentes linguagens, à prática da leitura, da crítica e da produção de comunicação como instrumento de participação democrática. Preceitos que dialogam diretamente com o conceito da Educomunicação.

Durante a implantação do Mais Educação, as disciplinas eletivas, ou seja, que não integravam a grade curricular tradicional, deveriam ser norteadas por algum dos dez macrocampos de conhecimento indicados pelo programa, sendo eles: Acompanhamento Pedagógico; Meio Ambiente; Esporte e Lazer; Direitos Humanos em Educação; Cultura e Artes; Cultura Digital; Promoção da Saúde; Educomunicação; Investigação no Campo das Ciências da Natureza e Educação Econômica.

O programa listava as atividades de estudo correspondentes a cada macrocampo, sendo que em Educomunicação apareceram como propostas de trabalho, a criação de jornais, rádio escolar, histórias em quadrinhos, fotografia e vídeo.

> Em 2006, as práticas pioneiras de educomunicação no país formaram a rede de experiências CEP (em Comunicação, Educação e Participação) justamente com o intuito de refletir sobre sua prática e desenvolver modelos de políticas públicas. A rede já deu alguns passos importantes no sentido da melhora da educação pública do Brasil. Pautou, por exemplo, o programa de educação integral do governo federal que passou a considerar a educomunicação como uma das opções de atividades no contraturno escolar. Isso levou projetos em educomunicação para mais de cinco mil escolas em todo o país (SOARES, 2001, p. 9).

Segundo a reportagem publicada no portal do NCE/USP[39], o Mais Educação iniciou as atividades em 2008, com 1.380 escolas participantes, de 55 municípios em 27 estados brasileiros, sendo que o objetivo na época era beneficiar 386 mil alunos. Em 2009, o programa cresceu e oportunizou o ensino a 5 mil escolas participantes, em 126 municípios e com 1,5 milhão de estudantes da rede pública de ensino envolvidos em um novo processo de ensino-aprendizagem. No ano seguinte, o programa dobrou o número de escolas e alunos integrantes, com 10 mil unidades e 3 milhões de estudantes.

Para analisar o andamento do Mais Educação, Canelada (2011) afirma que o Governo Federal, por meio das Secretarias de Educação Continuada, Alfabetização e

---

[39] A Educomunicação, como política pública no MEC/Mais Educação. Disponível em http://www.cca.eca.usp.br/politicas_publicas/ministerio_educacao. Acesso em: 06 fev. 2019.

Diversidade (SECAD) e da Educação Básica (SED), em parceria com o FNDE, criou uma matriz avaliativa dividida em qualitativa e quantitativa.

> Assim, a proposta da pesquisa foi elaborada com os objetivos de primeiramente mapear experiências de ampliação da jornada no ensino fundamental em curso no Brasil, para em seguida analisar as experiências mapeadas a partir da construção de critérios que evidenciassem suas concepções e práticas, e por fim, subsidiar a proposição de políticas públicas voltadas para a implementação de educação integral, em nível nacional (CANELADA, 2011, p. 19).

A pesquisa dividida por regiões teve a participação de universidades cadastradas pelo Governo Federal, que foram as responsáveis por auxiliar na coleta de dados, que resultou no relatório "Educação integral/educação integrada e(m) tempo integral: concepções e práticas na educação brasileira", publicado em 2009. O relatório traz informações sobre as diferentes práticas de ensino integral realizadas nos municípios brasileiros.

Na região Centro-Oeste, os dados publicados são dos Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, sendo que o Distrito Federal não foi incluído no relatório devido a problemas na coleta de informações. A Universidade de Brasília (UNB) foi a cadastrada para atuar nesta região.

Um indicativo positivo foi a participação do Centro-Oeste na pesquisa, com o maior percentual de municípios respondentes, 67,4% (BRASIL, 2009), um dado que não se mantém na adesão das escolas à jornada escolar ampliada. De acordo com a pesquisa, o Centro-Oeste é o segundo com menos experiências na área: dos 269 municípios respondentes do Centro-Oeste, apenas 35 (13%) afirmaram desenvolver experiências de jornada ampliada. O percentual nacional fica em torno de 23,7%. "A região Centro-Oeste configura-se como a segunda com menor número de municípios que relataram experiências em jornada escolar ampliada no Brasil" (BRASIL, 2009, p.79).

Figura 7 - Jornada escolar ampliada

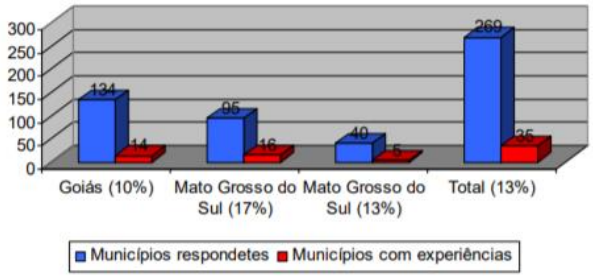


GRÁFICO 1 – Municípios respondentes com experiências de jornada escolar ampliada, segundo os estados da região Centro-Oeste – 2008

Fonte: BRASIL (2009)

Os dados disponibilizados pelo Governo Federal indicam ainda variações significativas na realidade dos estados participantes. Segundo Canelada (2011), Mato Grosso do Sul, por exemplo, teve o menor número de escolas com jornada ampliada, um total de nove instituições, um indicativo baixo em comparação com o estado vizinho, o Mato Grosso, que desenvolveu 21 experiências.

Tabela 4 - Experiências de jornada escolar ampliada, segundo os Estados da Região Centro-Oeste em 2008

Estados da região Centro-Oeste	**Número de experiências**
Goiás	14
Mato Grosso	21
Mato Grosso do Sul	09
Total	44

Fonte: CANELADA (2011)

O relatório também investigou as atividades elaboradas no ambiente escolar:

Figura 8- Atividades desenvolvidas na jornada ampliada

TABELA 7
Atividades desenvolvidas nas experiências de jornada escolar ampliada, segundo a região geográfica – 2008

Atividades	Regiões					N° reg. (total)	% exp.[1]
	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul		
Esportes	6	123	33	241	117	520	65,0
Aula de reforço	6	125	33	231	99	494	61,7
Música	7	80	27	222	121	457	57,1
Dança	3	93	22	200	114	432	54,0
Teatro	4	67	22	183	95	371	46,4
Informática	9	50	25	185	96	365	45,6
Oficinas temáticas	5	84	22	164	84	359	44,9
Artesanato	2	47	21	169	85	324	40,5
Tarefas de casa	2	58	21	173	68	322	40,2
Artes plásticas	4	48	17	160	77	306	38,2
Artes visuais	6	41	17	127	53	244	30,5
Capoeira	6	61	14	93	46	220	27,5
Línguas estrangeiras	1	12	14	68	47	142	17,8
Oficinas formação trabalho	3	21	5	40	21	90	11,2
Rádio/jornal	1	24	4	32	14	75	9,4
Outras atividades	1	14	7	48	40	110	13,8
Total	66	948	304	2.336	1.177	4.831	-

[1] O cálculo do percentual tomou por refer6encia o total de experiências de jornada escolar ampliada detectadas pela pesquisa (800).

Fonte: BRASIL (2009)

Apesar das poucas iniciativas de educação integral no Estado, Mato Grosso do Sul estabeleceu um plano de metas e ações para ampliar a jornada escolar na rede básica de ensino. Santos (2016) explica que foram criados marcos legais que dialogaram com as propostas indicadas pelo Mais Educação. O principal foi o Plano Estadual de Educação (2003-2010), estabelecido por meio da Lei nº 2.791, de 30 de dezembro de 2003, que assegurava a continuidade de políticas educacionais e a articulação das ações do estado durante a sua vigência, além de estabelecer prioridades que contemplem a diminuição das desigualdades sociais e regionais e a elevação do nível de escolaridade da população.

De acordo com Santos (2016, p.97), Mato Grosso do Sul se adequou às questões jurídicas que norteavam a implantação do Programa Mais Educação, em 2008. Na reformulação do Plano Estadual de Educação (PEE) 2014-2024, aprovado pela Lei n. 4.621, de 22 de dezembro de 2014, surgiu o desejo de implementar gradativamente a educação em tempo integral em ao menos 65% das escolas públicas com o propósito de atender 25% dos estudantes da educação básica.

Em relação aos marcos legais que indicam a importância do estudo da inter-relação entre a comunicação e a educação, Tiné (2017) afirma que as leis brasileiras indicam essa necessidade, como na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

(LDB), Lei n. 9.394/96, que inclui a comunicação e as tecnologias em todos níveis e etapas da educação e nortearam também a construção do Mais Educação. Além da LDB, o Plano Nacional e Educação – PNE, Lei n. 13.005/14, foi de extrema importância para a Educomunicação, por citar a comunicação e uso de tecnologias como essenciais para a educação - estando no mesmo patamar da ciência e da cultura.

Foram esses novos entendimentos sobre o ensino integral e a necessidade da presença e, principalmente, do diálogo da comunicação com o campo da educação, que possibilitou a inclusão da Educomunicação na construção do Mais Educação e de outros projetos ao longo dos anos.

Tiné (2017) ainda ressalta que o termo Educomunicação permaneceu até o ano de 2012 no Mais Educação, quando o macrocampo passou a ser denominado de “Cultura Digital, Comunicação e uso de Mídias” e no ano seguinte “Comunicação e Uso de Mídias, Cultura Digital e Tecnológica”. Nesta última reformulação foram incluídas novas atividades, como fotografia, ambiente de redes sociais, histórias em quadrinhos, robótica educacional, jornal e rádio escolar.

> As atividades desse macrocampo, estimulavam as práticas de socialização e convivência na e com a escola, sobretudo quando articuladas com outras atividades pedagógicas. O conceito de comunicação visa uma ação plena e dinâmica para garantir o direito à voz e o respeito à diversidade na comunidade escolar. Dessa forma, o professor não é mais um transmissor ativo e o estudante um receptor passivo de informações, mas constroem uma relação dialógica na qual todos tem a palavra, para estar no mundo e com o mundo (TINÉ, 2017, p. 77).

Mesmo após a reformulação do Mais Educação em 2016, o projeto continuou com os macrocampos, que segundo Tiné (2017) tiveram uma grande adesão, conforme a tabela abaixo:

Tabela 5 - Número de estudantes participantes das áreas do macrocampo

Área	Total – Brasil
Ambiente de redes sociais	293.775
Fotografia	252.741
Histórias em Quadrinhos	176.447
Jornal Escolar	1.198.803
Rádio Escolar	847.176
Robótica Educacional	116.379
Tecnologias Educacionais	1.442.006
Vídeo	236.606
Total de alunos	**4.557.006**

Fonte: TINÉ (2017, p. 77)

Posteriormente e paralelamente ao Mais Educação, outro programa importante para a implementação da educação integral no país foi o Ensino Médio Inovador (ProEMI), instituído pela Portaria nº 971, de 9 de outubro de 2009, em consonância com o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). O programa buscava incentivar a adoção de propostas curriculares inovadoras nas escolas de ensino médio, disponibilizando apoio técnico e financeiro para a adoção de um currículo dinâmico, flexível e que promova a formação integral dos estudantes (BRASIL, 2011).

O ProEMI sugeriu oito Campos de Integração Curriculares (CIC) às escolas que adotaram o programa, que incluem o Acompanhamento Pedagógico (Língua Portuguesa e Matemática), Iniciação Científica e Pesquisa; Mundo do Trabalho, Línguas Adicionais/Estrangeiras; Cultura Corporal, Produção e Fruição das Artes, Comunicação, Uso de Mídias e Cultura Digital – nomenclatura semelhante ao Mais Educação - e Protagonismo Juvenil. As escolas recebem apoio técnico e financeiro por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola - PDDE para a elaboração e o desenvolvimento de suas Propostas de Redesenho Curricular (PRC).

Em Mato Grosso do Sul, segundo Assis e Silva (2018), a implementação ocorreu por meio do Decreto nº 2.335, de 29 de março de 2010, como programa piloto em nove escolas estaduais, sendo elas, Escola Estadual Roberto Scaff (Anastácio), Escola Estadual Guaicuru (Anaurilândia), Escola Estadual Abadia Faustino Inácio

(Camapuã), Escola Estadual Amélio de Carvalho Baís (Campo Grande), Escola Estadual Manoel Bonifácio Nunes da Cunha (Campo Grande), Escola Estadual Hermelita Barbosa Leal (Cassilândia), Escola Estadual Viriato Bandeira (Coxim), Escola Estadual Vila Brasil (Fátima do Sul) e Escola Austrílio Capilé de Carvalho (Nova Andradina).

O ProEmi teve a última chamada para adesão feita em 2016 e executada no ano de 2017. No mesmo período, foi instituída a Lei nº 13.415/2017, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ampliando a carga horária de aulas de 800 horas para 1.000 horas anuais e buscando a unificação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com o foco nas principais áreas de conhecimento, na formação técnica e profissional do estudante.

Como consequência dessa lei, em 2018 foram lançadas as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e o programa Novo Ensino Médio, com a proposta dos itinerários formativos, ou seja, as disciplinas, projetos, oficinas, núcleos de estudo e outras situações de trabalho que os estudantes podem escolher se aprofundar ao longo do ano. Os artigos da diretriz indicam que os currículos serão compostos por formação geral básica e itinerário formativo, indissociavelmente. Esses itinerários podem ser organizados por meio de diferentes arranjos curriculares, levando em consideração a relevância para o contexto local e as possibilidades de ensino e que as escolas devem orientar os estudantes nas escolhas de seus itinerários.

Em Mato Grosso do Sul, as escolas de ensino médio que oferecem o ensino integral são denominadas de Escola de Autoria pelo Governo Estadual, mas sua metodologia está relacionada com a estrutura nacional do programa Novo Ensino Médio, em que há as disciplinas obrigatórias, os itinerários formativos, os clubes de conhecimento, entre outras definições.

Um diferencial dessa proposta em relações às concepções anteriores de ensino integral é a sugestão da disciplina eletiva Projeto de Vida, em que os alunos são orientados a conhecer diferentes profissões, como uma forma de decidir qual é o melhor caminho para a vida profissional. Segundo o Ministério da Educação (2017), as escolas têm autonomia para optar por quais disciplinas serão desenvolvidas no ambiente escolar, com a participação da comunidade[40].

---

[40] Brasil, 2018. Guia de Implementação do Novo Ensino Médio. Disponível em: http://novoensinomedio.mec.gov.br/#!/guia. Acesso em: 06 fev. 2019.

O Guia de Implementação do Novo Ensino Médio (BRASIL, 2018) descreve unidades curriculares tradicionais e de outros contextos, como projetos, oficinas e atividades. Nos exemplos citados no manual estão laboratórios de jornalismo, comunicação e mídia, oficinas de quadrinhos, audiovisuais, escrita criativa e observatórios, voltados a acompanhar e fiscalizar a evolução de fenômenos como a imprensa, juventude, democracia e meio ambiente.

O projeto do Governo Federal tem como propósito aumentar o número de escolas integrais de ensino médio pelo país e tem influências do Mais Educação e de outras políticas públicas anteriores, que incluíram a inter-relação entre a educação e comunicação dentro da escola, inclusive pelo nome de Educomunicação.

No ano de 2018 foram mantidas 16 Escolas de Autoria em Mato Grosso do Sul, que seguem os mandamentos da Lei que regulamenta o Novo Ensino Médio. A resolução de ampliação das escolas que adotaram o ensino integral a partir de janeiro de 2018 (Anexo M) mostra as divisões de carga horária, Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as disciplinas eletivas do programa.

Tabela 6 - Escolas de tempo integral em Mato Grosso do Sul denominadas de Escolas de Autoria

Escolas de Autoria	Municípios
E.E. Amélio De Carvalho Baís	Campo Grande
E.E. Dona Consuelo Muller	Campo Grande
E.E José Barbosa Rodrigues	Campo Grande
E.E. Lucia Martins Coelho	Campo Grande
E.E Manoel Bonifácio Nunes Da Cunha	Campo Grande
E.E. Maria Constança Barros Machado	Campo Grande
E.E. Prof. Emygdio De Campos Widal	Campo Grande
E.E. Profª Clarinda Mendes De Aquino	Campo Grande
E.E. Severino De Queiroz	Campo Grande
E.E. Vespasiano Martins	Campo Grande
E.E. Waldemir Barros Da Silva	Campo Grande
E.E. Júlia Gonçalves Passarinho	Corumbá
E.E. Antônia Da Silveira Capilé	Dourados

E.E. Padre Constantino De Monte	Maracaju
E.E. Presidente Médice	Naviraí
E.E. João Brembatti Calvoso	Ponta Porã

Fonte: SED (2018)

A proposta da escola integral visa que o professor permaneça na unidade durante todo o horário letivo, oferecendo suporte aos alunos nas disciplinas obrigatórias, nas aulas eletivas e nos clubes de estudo. Como um incentivo para a permanência do mesmo professor durante toda a carga horária, a Lei nº 5.306, de 21 de dezembro de 2018, sancionada pelo Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, prevê que os professores que cumprirem a jornada integral receberão uma Gratificação de Dedicação Plena e Integral (GDPI) de 15% na remuneração.

4 A EDUCOMUNICAÇÃO EM MATO GROSSO DO SUL

4.1 Panorama histórico

A região Centro-Oeste é formada pelos estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás e o Distrito Federal. Considerado um estado jovem, Mato Grosso do Sul foi criado por meio da Lei Complementar nº 31 de 11 de outubro de 1977, que alterou as delimitações territoriais de Mato Grosso, dividindo o estado em dois.

De acordo com Bittar (1999), no entanto, o desejo separatista se consolidou na população do sul de Mato Grosso muito antes da década de 70.

> A parte sul de Mato Grosso, desde que começou a ser povoada pelas primeiras famílias mineiras e paulistas, em princípios do século XIX, foi palco de conflitos envolvendo a posse de terras. De um lado, os núcleos povoadores brancos, ao adentrarem em território sul-mato-grossense, ocuparam áreas que já tinham donos. Muitas vezes, os que chegavam tiravam o espaço dos índios escudados em documentos governamentais, como o de 1874, do Império, que autorizava a "arredar os índios de qualquer modo e tomar conta de suas posses e garantir a família" (BITTAR, 1999, p. 95).

A demarcação das fronteiras nesta região permaneceu durante um tempo instável, a exemplo da Guerra do Paraguai (1864-1870). O conflito é considerado o maior da América do Sul e foi travado pelo Paraguai e a Tríplice Aliança, uma união de forças do Brasil, da Argentina e do Uruguai. Após o final do conflito, uma parte do território paraguaio, derrotado na guerra, foi anexado ao Brasil, integrando o Mato Grosso uno.

As diferenças socioeconômicas entre os estados também são apontadas por Bittar (1999) como uma das razões para o movimento separatista ter surgido na região.

> Na verdade, as duas porções do estado cresceram separadas. Pode-se dizer que, de certa forma, era um estado com duas histórias: um lado não conhecia o outro. O isolamento do sul em relação à capital não era fictício, tanto é que panfletos divisionistas da década de 30 reclamavam: "Sabe-se que existe Mato Grosso pelo talão de imposto" (BITTAR, 1999, p. 94).

Segundo Bittar (1999), o norte do Mato Grosso uno permaneceu identificado com a Amazônia, enquanto o sul era influenciado por elementos culturais do Rio Grande do Sul e São Paulo, devido aos movimentos de migração dos estados para a região,

e do Paraguai, por causa da proximidade com a fronteira. Um marco histórico que representa essas diferenças, por exemplo, é a implantação na década de 70 de uma estrada de asfalto que ligou Campo Grande ao estado de São Paulo. A melhoria foi feita antes de Cuiabá, a então capital de Mato Grosso. Outro ponto que pode ser citado é a comunicação entre o sul e o Norte serem feitas prioritariamente por meio de embarcações pelo Rio Paraguai, sendo que apenas Corumbá permaneceu relativamente próximo à Capital da época.

> Consultando o mapa do antigo Mato Grosso relembramos sua configuração alongada, que ensejou, mais do que em qualquer outra unidade federativa, o uso dos termos norte e sul. Portanto, a divisão foi um ato de reconhecimento dessa realidade (BITTAR, 1999, p. 94).

Os movimentos separatistas, segundo a historiadora, foram inflamados por diversos fatores, como a expansão da empresa Matte Larangeira, localizada no sul de Mato Grosso, próximo à fronteira e, que foi, durante muito tempo, importante para a economia da região e, consequentemente uma companhia muito poderosa. De acordo com Bittar (1999), após a Guerra do Paraguai, os imigrantes, principalmente as “comitivas” gaúchas tentaram se estabelecer na região, porém, “com apoio do governo estadual, a empresa tentava impedir o povoamento da região e, com isto, gerou a semente divisionista, que nasceu como lema dos proprietários rurais” (BITTAR, 1999, p.95).

Outro marco histórico importante para a divisão ocorreu no início do século XX, com a inauguração da estrada de ferro Noroeste do Brasil, em 1914, e que ligou o sul do Estado a São Paulo. O crescimento econômico que resultou da estrada de ferro em Campo Grande tornou-se um dos fatores positivos para a divisão do Estado, mas as tensões existentes no país, como a ditadura do Estado Novo em 1937, adiaram o sonho.

Para Bittar (1999), foi apenas no regime militar instaurado em 1967, com respaldo do governo Geisel, que o movimento separatista ganhou força novamente. O general Golbery do Couto e Silva mergulhado nas concepções da Guerra Fria, acreditava que a ocupação estratégica do território nacional era importante para barrar o comunismo.

> As regiões de fronteira com outros países, como era o caso do sul de Mato Grosso, não poderiam ficar “desguarnecidas”, à mercê de “ataques subversivos”, de “guerrilhas” etc, enfatizava ele. É oportuno lembrar que em

> 1967 o líder revolucionário Che Guevara fora assassinado na Bolívia e que essa região fronteiriça com o sul de Mato Grosso sofria, segundo Golbery, a influência dos movimentos de guerrilha (BITTAR, 1999, p. 104).

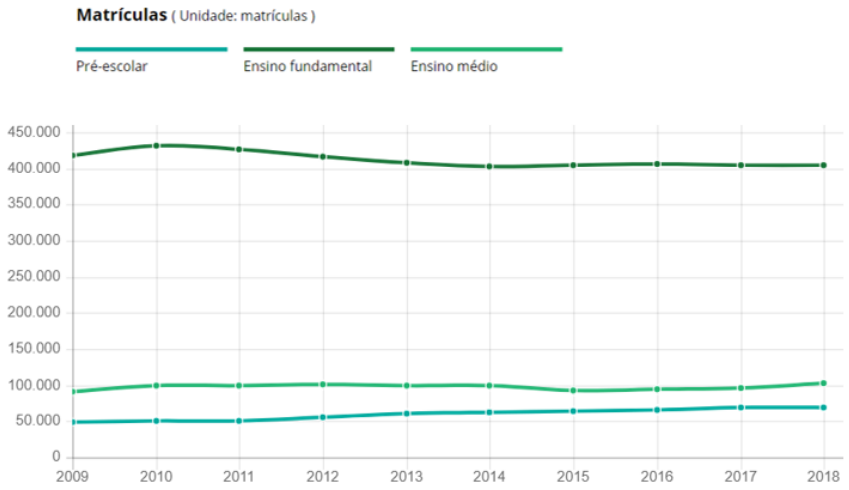
Mato Grosso do Sul se manteve após a divisão de 1977 com uma economia relacionada às atividades agrárias e agropecuárias e uma população estimada, em 2018, de 2.748.023 milhões de habitantes, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Concluindo os desejos separatistas, Campo Grande se consolidou com a capital de Mato Grosso do Sul e segundo os últimos censos tem 885.711 mil moradores (Planurb, 2017)[41], que estão divididos em sete regiões urbanas, sendo elas, Centro, Segredo, Prosa, Bandeira, Anhanduizinho, Lagoa e Imbirussu.

No campo educacional, Mato Grosso do Sul tem cerca de 400 mil alunos matriculados em escolas públicas, segundo o IBGE. As informações do instituto indicam que a taxa de escolarização dos estudantes de 6 a 14 anos chegou a 98% em 2010.

De acordo com os dados do IBGE apresentados na figura abaixo, o número de matrículas da pré-escola e do ensino médio da rede pública de ensino de Mato Grosso do Sul se manteve estável de 2009 a 2012, tendo um leve crescimento até 2018. Em relação às matrículas do ensino fundamental, o número começou a cair em 2013 e se estabilizou desde 2014.

[41] Plano diretor, versão aprovada CMDU, 25 de outubro de 2017. Regiões urbanas e bairros. Disponível em http://www.campogrande.ms.gov.br/planurb/downloads/plano-diretor-versao-aprovada-cmdu-25-10-2017-anexo-4-parte-1-e-2/ Acesso em: 01 set. 2018.

Figura 9 - Panorama matrículas em Mato Grosso do Sul.



Fonte: IBGE (2018)

Em 2017, o número total de instituições educacionais federais, municipais, estaduais e privadas foi de 1.751 mil[42], de acordo com informações disponibilizadas pela Secretaria de Estado de Mato Grosso do Sul (SED/MS) e que incluem as escolas urbanas, rurais e Centros de Atendimento Educacionais Especializados (CAEE). No município de Campo Grande, o mesmo recorte remete a 462 escolas.

No quesito ensino estadual, Campo Grande tem o maior número de instituições de unidades em relação a outros municípios de Mato Grosso do Sul, sendo que ao todo são 80 escolas em funcionamento no ano de 2018, segundo informações da SED/MS.

[42] Informações cedidas pela Secretaria de Estado de Educação de MS/Superintendência de planejamento e apoio institucional/ Setor de estatística/censo escolar.

Tabela 7 - Índices da Educação em Mato Grosso do Sul

Matrículas no ensino fundamental [2018]	**404.114** matrículas
Matrículas no ensino médio [2018]	**102.123** matrículas
Docentes no ensino fundamental [2018]	**21.965** docentes
Docentes no ensino médio [2018]	**7.880** docentes
Número de estabelecimentos de ensino fundamental [2018]	**1.138** escolas
Número de estabelecimentos de ensino médio [2018]	**421** escolas

Fonte: (IBGE[43], 2018)

Em Mato Grosso do Sul, o estado oferece o ensino médio em três modalidades – tradicional, integral e técnico, além do ensino fundamental, porém, este último é ofertado apenas em algumas instituições estaduais, sendo uma prioridade das prefeituras municipais.

4.2 Linha do tempo da Educomunicação em Mato Grosso do Sul

A investigação da inter-relação entre educação e comunicação tem como ponto de partida o ensino público estadual devido à primeira iniciativa educomunicativa documentada no estado, o Educomrádio.Centro-Oeste, que conforme mencionado anteriormente, ocorreu em escolas estaduais, com 600 alunos do ensino médio e 80 membros da comunidade, como professores e técnicos.

Apesar dos dados macros serem monitorados pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, o órgão não tem a mesma precisão de informação acerca de iniciativas individuais educacionais que ocorram na inter-relação entre educação e comunicação. Segundo o coordenador de Tecnologia Educacional da

[43] Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/panorama> Acesso em 29/08/2018

SED/MS, Paulo Cezar Rodrigues dos Santos, as escolas estaduais têm autonomia para desenvolver os projetos de extensão durante o ano, o que impossibilita informações precisas e individuais da SED/MS sobre tais iniciativas.

> A escola tem autonomia. Há vários projetos acontecendo. Teve um projeto nosso que ganhou um prêmio fantástico, ele foi até Praga, ganhou uma etapa estadual, depois ganhou uma etapa nacional e foi representar o país. Era um projeto em que os alunos criaram uma agência de comunicação que veiculava os acontecimentos da escola. Mas, foi tomando um bojo tão grande, era um projeto fantástico porque eles tinham fotógrafo, digital, pessoal para fazer o texto, então, eles aprendiam uma série de situações ligadas a comunicação para desenvolver o projeto (Informação verbal)[44]

A pesquisa de campo detectou que algumas unidades de ensino mantiveram ao menos por algum tempo o programa de rádio, conforme estabelecido durante o Educomrádio.Centro-Oeste, como é o caso da Escola Estadual Waldemir de Barros da Silva, localizada no bairro Moreninhas.

A escola foi inaugurada em 1993 e tem cerca de 410 alunos no ensino médio e técnico. Desde 2016, a instituição oferece o ensino integral, que é denominado de Escola de Autoria pelo governo estadual de Mato Grosso do Sul e já recebeu pelo segundo ano consecutivo o Prêmio Gestão Escolar 2017, com o título de “Destaque Estadual”. A iniciativa do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), em parceria com as secretarias estaduais de educação, é considerada uma valorização e estímulo em relação às gestões das escolas públicas brasileiras de educação básica[45].

Na Escola Estadual Waldemir de Barros da Silva, o programa de rádio no formato do Educomrádio.Centro-Oeste permaneceu até o ano de 2010 devido ao empenho dos professores e estudantes que formaram o ecossistema educomunicativo da instituição. Após esse período, algumas aulas e atividades foram desenvolvidas no estúdio de rádio, permanecendo com a tradição radiofônica na escola até o ano de 2014.

Um dos incentivos para a manutenção do projeto foi a construção de um estúdio de rádio na instituição, com isolamento acústico, para abrigar os equipamentos –

---

[44] Entrevista concedida por SANTOS, Paulo. Entrevista 1. [maio. 2019]. Entrevistador: Naiane Gomes de Mesquita. Campo Grande, 13 mai. 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "B" desta dissertação].

[45] Dorsa, Emília. “EE Waldemir Barros da Silva é escolhida “Destaque Estadual” no Prêmio Gestão Escolar 2017”. Campo Grande, 10 de outubro de 2017. Disponível em: http://www.sed.ms.gov.br/ee-waldemir-barros-da-silva-e-escolhida-destaque-estadual-no-premio-gestao-escolar-2017/. Acesso em: 30 ago. 2018.

novos ou herdados do Educomrádio.Centro-Oeste – e possibilitar a gravação de programas noticiosos sobre a escola ou determinados temas solicitados por professores com antecedência para a exibição em sala de aula. A programação durante este tempo foi feita exclusivamente pelos estudantes, o que configura uma prática educomunicativa.

Conforme Chiad (Informação verbal)[46], o projeto permaneceu por mais tempo ativo em escolas que contavam com o apoio de um professor mediador, exatamente como ocorreu na unidade do bairro Moreninhas, com a professora de biologia e atual coordenadora pedagógica, Valdirene Ungari. Lotada há 22 anos na escola, Valdirene participou da capacitação para professores promovida no Educomrádio.Centro-Oeste e permaneceu como mediadora do projeto subsequente durante praticamente toda a história da rádio na escola.

Entusiasta do Educomrádio.Centro-Oeste, Ungari relembra[47], a importância das aulas presenciais e do suporte teórico sobre o conceito da Educomunicação para que o projeto tivesse êxito ao longo dos anos:

> A parte teórica foi muito boa, eles começaram a contar, falar mais da educação, dessa parte pedagógica, depois vieram com a história do rádio e como a gente podia ligar. Como eram pessoas de vários lugares, de aldeias indígenas, de quilombos, a gente conseguiu fazer uma integração muito bacana. Você percebia como funcionava a rádio para os índios, como funcionava a rádio para os negros, como funcionava para o MST, o pessoal de acampamentos, muito bacana, e então no centro da cidade, na periferia, os programas que os meninos faziam (informação verbal).

Ungari permaneceu à frente da rádio na escola até o ano de 2010 quando precisou se afastar da instituição ao obter uma licença médica. Segundo a professora, a rádio “não estava funcionando legal, mas funcionava, porque nessa época os alunos já tomavam conta da rádio sozinha” (informação verbal).

A estimativa de Ungari indica que mais de 100 alunos participaram da rádio de 2005 a 2010, sendo que “a primeira equipe já era muito grande, com cerca de 15 alunos, dava para trabalhar tranquilo” (informação verbal).

---

[46] Entrevista concedida por CHIAD, Márcia. Entrevista 2. [set. 2018]. Entrevistador: Naiane Gomes de Mesquita. Campo Grande, 11 set. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "A" desta dissertação].

[47] Entrevista concedida por UNGARI, Valdirene. Entrevista 3. [set. 2018]. Entrevistador: Naiane Gomes de Mesquita. Campo Grande, 13 set. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "C" desta dissertação].

Figura 10 - Valdirene Ungari no estúdio de rádio da E.E Waldemir de Barros da Silva

Fonte: Elaborada pela autora (2018)

Figura 11 - Equipamento com tecnologia remanescente do Educomrádio.Centro-Oeste e novas aquisições da Escola Estadual Waldemir de Barros da Silva.

Fonte: Elaborada pela autora (2018).

A rádio da escola resultou não só em um legado físico para a instituição, mas em uma tradição intelectual entre o corpo docente, que com frequência tenta incluir iniciativas relacionadas à comunicação na grade curricular. Ungari explica que em 2017, por exemplo, a instituição estabeleceu a modalidade de educação integral no ensino médio e uma das disciplinas eletivas oferecidas pela escola trabalhava a concepção de *podcasts,* ou seja, arquivos de áudio que podem ser baixados e consumidos a qualquer momento e são semelhantes a programas de rádio convencionais, porém, com um tema definido e um assunto mais denso que o formato comercial do meio de comunicação. Os programas foram gravados no estúdio de rádio, utilizando os equipamentos do local e aparelhos celulares dos próprios estudantes e professores.

Com base na experiência da Escola Estadual Waldemir de Barros da Silva e da afirmação da SED/MS de não ter dados individuais sobre as instituições, se mostrou necessária a aplicação de um questionário para levantar informações sobre as escolas participantes do Educomrádio.Centro-Oeste.

O questionário estruturado com seis perguntas fechadas e três abertas referentes à relação entre a comunicação e a educação nas instituições de ensino foi hospedado na plataforma de formulários do *Google* e enviado por e-mail às instituições de ensino. As questões investigam, entre outros pontos, se o projeto Educomrádio.Centro-Oeste se tornou uma semente na escola, com a permanência da iniciativa após o encerramento do convênio federal ou por meio de outras iniciativas semelhantes inseridas inter-relação entre comunicação e educação.

As perguntas foram enviadas para o e-mail institucional de cada escola nos dias 21 de novembro, 27 de novembro e 12 de dezembro de 2018, permanecendo aberto para respostas até o dia 31 de janeiro de 2019. Também constituiu uma ação da pesquisa, o contato telefônico com coordenadores pedagógicos e diretores das escolas confirmando o recebimento do questionário e solicitando mais uma vez a participação, sendo que todas as escolas confirmaram o recebimento do formulário.

Como resultado, das nove escolas que integraram o Educomrádio.Centro-Oeste em Campo Grande, seis responderam o questionário completo. Os responsáveis pelas informações foram principalmente coordenadores pedagógicos e diretores das instituições de ensino.

Tabela 8 - Questionário enviado às escolas de Campo Grande que integraram o Educomrádio.Centro-Oeste

Escolas				Questionamentos					
	As disciplinas obrigatórias oferecidas na escola incluem informações e/ou diálogos sobre a mídia (jornal, TV, rádio, internet, redes sociais etc)?	*Os alunos são incentivados a dialogar sobre o papel dos meios de comunicação no cotidiano?*	*Os estudantes criam produtos de mídia (programas de rádio, jornais escolares, curtas-metragens etc)?*	*Caso a resposta para a questão acima seja "sim". Quais os trabalhos desenvolvidos pelos alunos no ambiente escolar?*	*A escola participou do projeto "Educom.rádio Centro-Oeste". O projeto continuou até o ano de 2018?*	*Caso o projeto não esteja em andamento. Há informações sobre o ano de encerramento do projeto "Educom.rádio Centro-Oeste" na sua escola?*	*A escola oferece disciplinas em tempo integral?*	*Caso a resposta para a questão acima seja "sim". Há alguma disciplina eletiva que promova o diálogo com os alunos sobre a mídia, a comunicação e a educação?*	*Os professores da escola participaram de capacitações oferecidas por meio do programa Mídias na Educação do Ministério da Educação?*
E.E. Joaquim Murtinho	Sim	Sim	Sim	Vídeos relacionando o conteúdo disciplinar com o contexto histórico e cotidiano.	Não	Não	Não	-	Não
E.E. Maria Constança Barros Machado	Sim	Sim	Sim	CNME (Centro Nacional de Mídias na Educação	Não	Não	Sim	CNME	Sim
E.E. José Barbosa Rodrigues	Sim	Sim	Sim	Disciplinas eletivas sobre youtubers e documentários etc.	Não	2006	Sim	CNME	Sim
E.E. Waldemir Barros da Silva	Sim	Sim	Sim	Já produzimos curtas e páginas na web.	Não	2010	Sim	Não	Sim
E.E. Dona Consuelo Müller	Sim	Sim	Sim	Eletiva de curta-metragem e CNME.	Não	2008	Sim	CNME	Sim
E.E. Arlindo de Andrade Gomes	Sim	Sim	Não	-	Não	Não	Não	-	Não

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

O questionário acima apontou unanimidade em perguntas mais amplas, como as que remetem à presença da mídia no ambiente escolar e a promoção de diálogo sobre os meios de comunicação no cotidiano da sala de aula. Todas as seis escolas que responderam o questionário afirmaram que as disciplinas obrigatórias incluem informações e/ou diálogos sobre as grandes mídias, ou seja, jornais, programas de televisão, rádio, internet e redes sociais, observando o papel que os meios de comunicação têm no cotidiano da população. Não é possível por meio do questionário definir como ocorre o diálogo e se a iniciativa se encaixa no estudo da Educação para a Comunicação, uma das áreas de intervenção da Educomunicação, que consiste na

compreensão não só da comunicação em todos os seus níveis, mas também dos impactos dos meios na sociedade. Porém, a afirmação por parte dos educadores de que ela ocorre abre diversas possibilidades para pesquisas futuras.

Na tabela 7 é possível observar outras nuances das escolas. Na terceira pergunta, por exemplo, na questão que investiga a prática dos estudantes com conteúdos de mídia, a E.E. Arlindo de Andrade Gomes foi a única a afirmar que não desenvolve iniciativas do gênero, assim como ressaltou não ter continuado com o Educomrádio.Centro-Oeste e não ter informações de quando o projeto foi encerrado.

Sobre a continuidade do programa, as escolas estaduais Joaquim Murtinho e Maria Constança de Barros Machado também não souberam informar quando o projeto foi encerrado. Já a E.E. José Barbosa Rodrigues ressaltou que o Educomrádio.Centro-Oeste permaneceu até 2006, a Escola Estadual Dona Consuelo Muller até 2008 e a Escola Estadual Waldemir Barros da Silva até 2010, ou seja, 50% das instituições que responderam o questionário mantiveram o programa após o fim do contrato com o Ministério da Educação e o NCE/USP.

Em contrapartida, o engajamento nas questões referentes as produções na inter-relação entre comunicação e educação foi positivo, com cinco sinalizações de atividades na interface, principalmente no campo do audiovisual.

No caso da E.E Joaquim Murtinho, a produção é centrada em “vídeos relacionando o conteúdo disciplinar com o contexto histórico e cotidiano”, enquanto a E.E José Barbosa Rodrigues estreitou os laços com a internet, ao promover uma disciplina eletiva sobre *Youtubers*, profissionais especializados em produzir conteúdo para a plataforma de vídeos *Youtube*, e de documentários.

Das quatro instituições pesquisadas que aderiram ao programa de ensino integral denominado de Escola de Autoria, pelo Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, três afirmaram ter disciplinas eletivas na inter-relação entre comunicação e educação. Há um crescente interesse da escola integral por temas relacionados à comunicação e à educação, que mostram uma ponte do programa atual com o Mais Educação, a primeira iniciativa desta modalidade aplicada pelo Governo do Estado em escolas públicas do país.

Um ponto interessante é que as instituições citaram como exemplo de iniciativas próximas da inter-relação entre comunicação e educação a eletiva de Mídias, que também é um projeto do Governo Federal, por meio do Centro Nacional de Mídias da Educação (CNME).

O programa entrou em vigor no ano de 2018 e se consolidou em diversos estados do país, sendo que em Mato Grosso do Sul foi adotado em outras 15 instituições de ensino nos municípios de Campo Grande, Corumbá, Naviraí, Maracaju, Dourados e Ponta Porã, conforme listagem da tabela 8. É possível observar a presença de quatro escolas que integraram o Educomrádio.Centro-Oeste, sendo elas: Dona Consuelo Muller, Maria Constança Barros Machado, Waldemir Barros Da Silva e José Barbosa Rodrigues.

Tabela 9 - Escolas que aderiram ao CNME em MS

	ESCOLA	MUNICÍPIO
1	E.E Amélio De Carvalho Baís	Campo Grande
2	E.E Dona Consuelo Muller	Campo Grande
3	E.E José Barbosa Rodrigues	Campo Grande
4	E.E Lúcia Martins Coelho	Campo Grande
5	E.E Maria Constança Barros Machado	Campo Grande
6	E.E Manoel Bonifácio Nunes Da Cunha	Campo Grande
7	E.E Profª. Clarinda Mendes de Aquino	Campo Grande
8	E.E Prof. Emygdio Campos Vidal	Campo Grande
9	E.E Prof. Severino De Queiroz	Campo Grande
10	E.E Vespasiano Martins	Campo Grande
11	E.E Waldemir Barros Da Silva	Campo Grande
12	E.E Julia Gonçalves Passarinho	Corumbá
13	E.E Presidente Médici	Naviraí
14	E.E Pe. Constantino De Monte	Maracaju
15	E.E Antônia Da Silveira Capilé	Dourados
16	E.E João Brembatti Calvoso	Ponta Porã

Fonte: SED/MS (2018)

Apesar da adesão, o CNME foi interrompido em 2019, segundo informações da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. Segundo o coordenador de Tecnologia Educacional da SED/MS, Paulo Cezar Rodrigues dos Santos (informação verbal), o projeto foi suspenso devido a questões licitatórias e deve ter a sede transferida de Manaus para Brasília, em sua nova fase de atuação, prevista para iniciar em 2019.

Para traçar a linha do tempo da Educomunicação em Mato Grosso do Sul, a pesquisa precisou recorrer a mais uma entrevista. Quatro anos após o encerramento do Educomrádio.Centro-Oeste, as escolas estaduais de Mato Grosso do Sul desenvolveram outro projeto, semelhante ao do Governo Federal, que também incluiu o rádio nas instituições de ensino. Denominada de Projeto Estadual de Rádio na Escola (PERE/MS), a iniciativa foi idealizada pela Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul e implementada entre os anos de 2009 e 2012.

Segundo documentos disponibilizados pela SED/MS, o projeto utilizou o conceito da Educomunicação no seu desenvolvimento teórico e prático. As informações também indicam a preferência da organização do projeto pelo trabalho dos alunos com temas relacionados à arte e à história de Mato Grosso do Sul, construindo um ambiente favorável às manifestações culturais e obtendo a colaboração mútua entre escola e comunidade local. Os programas de rádio foram orientados a abordar temas como drogas, violência, gravidez na adolescência, depredação e evasão escolar, “pretensões da construção ética e cidadã pertinente ao ser humano e ao seu ambiente”.

A justificativa do projeto também tem semelhanças com a proposta do Educomrádio.Centro-Oeste, assim como os objetivos principais:

1. Criar um canal de comunicação entre os alunos e os entes da escola e comunidade;

2. Valorizar a cultura sul-mato-grossense em todas as suas áreas culturais - música, dança, folclore, artesanato, teatro etc.;

3. Levantar problemas, buscar soluções utilizando-se das ferramentas multimídias ou não.

O PERE foi coordenado pela professora Solange França da Silva[48] durante o seu período de vigência, que de acordo com a educadora começou após o encerramento de uma outra iniciativa realizada na SED/MS, denominada de “Educom Rádio Digital”. Esse projeto foi desenvolvido provavelmente no ano de 2009, por um acadêmico do curso de Rádio e TV da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Porém, há poucos documentos que comprovem como ocorreu o programa, sendo que

[48] Entrevista concedida por SILVA, Solange França da. Entrevistador: Naiane Gomes de Mesquita. Entrevista 4. [out. 2018]. Campo Grande, 9 out. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "D" desta dissertação]

a Secretaria de Educação disponibilizou apenas uma listagem com escolas que provavelmente participaram do projeto e alega que por ser anterior à gestão de 2017 não há informações mais precisas sobre a iniciativa.

Tabela 10 - Lista de escolas integrantes do Educom.rádio digital

ESCOLA ESTADUAL	MUNICÍPIO
E.E. Indígena Mbo'eroy Guarani Kaiwoá	Amambai
E.E Indígena Mihin - Prof. Domingos V. Marcos	Aquidauana
E.E Jorge Amado	Chapadão do Sul
E.E Maria Helena Albaneze	Corumbá - Distrito De Albuquerque
E.E Presidente Vargas	Dourados
E.E Zumbi Dos Palmares - Comunidades Negras	Jaraguari
E.E Nair Palácio De Souza	Nova Andradina
E.E José Edson Domingos Dos Santos	Ponta Porã /Assentamento Itamarati
E.E João Brembatti Calvoso	Ponta Porã
E.E. Kopenoti De Em Prof Lucio Dias	Sidrolândia
E.E. Fernando Corrêa	Três Lagoas
E.E. Arlindo De Andrade Gomes	Campo Grande
E.E. Joaquim Murtinho	Campo Grande
E.E. Dona Consuelo Muller	Campo Grande
E.E. Hércules Maymone	Campo Grande
E.E. Maria Constança Barros Machado	Campo Grande
E.E. Padre João Greiner	Campo Grande
E.E. José Barbosa Rodrigues	Campo Grande
E.E. Antonio Delfino Pereira	Campo Grande
E.E. Waldemir Barros Da Silva	Campo Grande
E.E. Maestro Heitor Vila Lobos	Campo Grande
E.E. 11 De Outubro	Campo Grande
E.E. Luisa Vidal Borges Daniel	Campo Grande
E.E. Fausta Garcia Bueno	Campo Grande
E.E. Rotary Club	Corumbá
E.E. Aral Moreira	Antônio João
E.E. Pantaleão Coelho Xavier	Antônio João
E.E. 26 De Agosto	Campo Grande
E.E. José Maria Hugo Rodrigues	Campo Grande

Fonte: Comitê de Cultura e Esporte Escolar/SUPEB (SED/MS, 2018).

Solange Silva (informação verbal) explica que conheceu o conceito da Educomunicação neste período, entre os anos de 2009 e 2010, ao buscar uma teoria que abordasse a inter-relação entre comunicação e educação.

> Eu trabalhava no Cocesp, que era a divisão de arte e cultura no Estado. Nós tínhamos um menino da UCDB (Universidade Católica Dom Bosco) que solicitou um estágio na secretaria e como ele estava fazendo um trabalho técnico e não tinha pedagogia, não tinha o trato com as crianças, a minha chefe Eliane de Matos Carvalho, achou melhor designar uma pessoa para estar com ele e eu fui (informação verbal).

Segundo Solange Silva (informação verbal), o projeto não teve continuidade devido aos problemas tecnológicos da proposta, que necessitava de computadores e de uma rede de Internet disponível. A educadora ressalta que o responsável pela iniciativa cogitou utilizar as mesas de som remanescentes do Educomrádio.Centro-Oeste, porém, nem todas permaneceram em bom estado de funcionamento.

> Era um sofrimento muito grande o projeto dele por ser uma rádio na web e a internet não funcionava. Ele tentou muito fazer rádio nas escolas estaduais, mas foram poucas escolas em que ele conseguiu avanço. Na verdade, eu acho que não vimos nenhum programa de rádio e era uma questão de um pouco de falta de organização e planejamento. Ele ligava nas escolas dizendo que ia tal dia, nós chegávamos na escola no tal dia e a escola estava com gente trabalhando. Ele precisava fazer formação com os alunos e não conseguia e quando conseguia ficava a formação pela formação, não conseguia fluir. Esse foi o meu início, entre 2009 e 2010 (informação verbal).

De acordo com Silva (informação verbal), essa proposta foi encerrada provavelmente em 2009, mesmo ano de implementação do PERE, que ao invés de utilizar a internet e os recursos digitais, buscou o caminho contrário, solicitando para a escola apenas uma caixa de som, um microfone e os alunos participantes.

> O PERE iniciou com muita pesquisa, muito trabalho, a gente sempre buscou conversar com eles sobre a questão ética, da pessoa que está no meio de comunicação, do cuidado, todo esse trabalho social e de educação que nós fazemos na rádio do município também acontecia no estado, no entanto, nós temos escolas que até hoje todo o trabalho de organização de eventos, que não é função da rádio, mas que também é função da rádio, é comandando pela rádio, até hoje ela persiste, tem toda uma questão de educação e aprendizagem, lá no PERE a gente já começa com isso (informação verbal).

Devido aos mesmos problemas do Educom.rádio Digital, a SED/MS não conseguiu recuperar muitos documentos oficiais do PERE/MS, porém, a antiga coordenadora refez a lista das escolas que integraram o projeto em Campo Grande, Mato Grosso do Sul:

Tabela 11 - Lista de escolas que participaram do PERE em Campo Grande

ESCOLA	MUNICÍPIO
E.E 11 de Outubro	Campo Grande
E.E Aracy Eudociak	Campo Grande
E.E. Dr. Arthur de Vasconcellos Dias	Campo Grande
E.E João Carlos Flores	Campo Grande
E.E. Joaquim Murtinho	Campo Grande
E.E. José Antônio Pereira	Campo Grande
E.E. José Maria Hugo Rodrigues	Campo Grande
E.E. Manoel Bonifácio Nunes da Cunha	Campo Grande
E.E. Padre José Scampini	Campo Grande
E.E. Pe. João Greiner	Campo Grande
E.E Pólo Profª Evanilda Maria Neres Cavassa	Campo Grande
E.E. Profª Brasilina Ferraz Mantero	Campo Grande
E.E Profª Clarinda Mendes de Aquino	Campo Grande
E.E Profª Fausta Garcia Bueno	Campo Grande
E.E. Profº Henrique Ciryllo Corrêa	Campo Grande
E.E. Profº Severino de Queiroz	Campo Grande
E.E Profº Silvio Oliveira dos Santos	Campo Grande
E.E. Waldemir Barros da Silva	Campo Grande

Fonte: Solange França

O PERE permaneceu nesta estrutura até o ano de 2015, quando a educadora, que era cedida ao Governo do Estado, retornou à Prefeitura Municipal de Campo Grande onde era lotada, com a missão de impulsionar a rádio pela proposta educomunicativa em escolas municipais, desta vez, com estudantes do ensino fundamental. “Eu cheguei aqui em 3 de novembro de 2015, eu retornei porque eu era cedida pelo Estado. A minha volta já veio firmada, através da Secretária de Educação, a professora Leila. Na época, ficou firmado que eu viria pelo projeto de rádio na escola” (informação verbal).

O projeto “Diálogos em Educomunicação – Rádio na Escola” continua em funcionamento até o ano de 2019 nas escolas municipais de Campo Grande, porém,

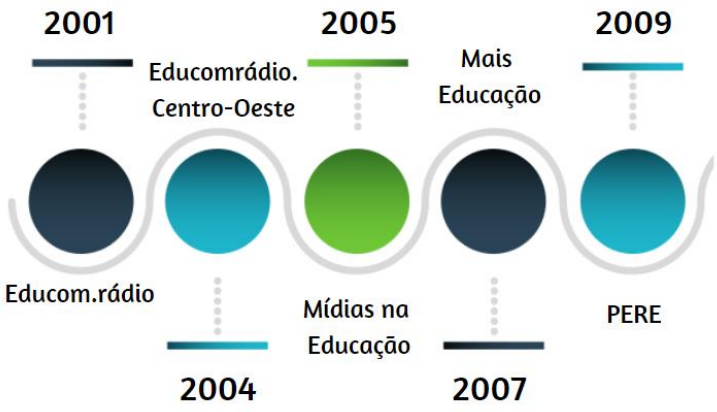
crescendo a partir das possibilidades tecnológicas dos *smartphones*, conforme Solange ressalta:

> O que é preciso para fazer a rádio? Microfone, caixa de som e aluno. Só que na primeira formação precisa de um computador e isso não é impossível dentro da escola. Hoje, nós temos escolas que trabalham o tempo todo com o celular e alunos pequenos fazendo edição no Audacity. Nós temos escolas que os pais não deixam os filhos irem no contraturno por causa de segurança, falta de dinheiro para passe de ônibus, então eles gravam as suas matérias no celular e no determinado dia, eles se encontram com algum professor parceiro da escola. Vamos supor, o professor de arte deixa os meninos e meninas da rádio irem para o laboratório, no dia eles juntam tudo, preparam o programa e põe no ar. E não tem idade para fazer isso (informação verbal).

A professora explica que os principais parceiros da implementação da rádio foram os coordenadores de tecnologia presentes nas escolas, sendo que o “Diálogos em Educomunicação – Rádio na Escola” continua em ascensão no município, com 50 escolas integrantes em 2018 e o experimento de alunos em outras mídias, como os vídeos por meio de telefones celulares.

Assim como o PERE e o Diálogos em Educomunicação, outros projetos e marcos legais foram essenciais para a construção e o desenvolvimento do conceito em Mato Grosso do Sul e, principalmente, em Campo Grande. Conforme exposto nos tópicos anteriores, a história da Educomunicação no Estado iniciou com o Educomrádio.Centro-Oeste, um projeto que surgiu em nível nacional, e após sedimentado proporcionou que professores conhecessem e difundissem o entendimento de uma escola mais democrática e dialógica em outros ecossistemas, inclusive, transitando de nível estadual para municipal.

Figura 12 - Linha do tempo da Educomunicação em Campo Grande



Fonte: Elaborada pela autora (2019).

A linha do tempo da Educomunicação em Mato Grosso do Sul (figura 12) foi construída para compreender como o conceito se solidificou ao longo dos anos no Estado e, principalmente, em Campo Grande. A primeira iniciativa incluída foi o Educom.rádio, que apesar de ser implementado em São Paulo foi de extrema importância para as iniciativas posteriores devido ao seu desempenho positivo. Com base nos resultados obtidos durante o Educom.rádio foi possível a implementação do Educomrádio.Centro-Oeste, em 2004. Essa iniciativa foi a primeira a nível nacional que disseminou os preceitos da Educomunicação no Centro-Oeste e possibilitou às escolas de Mato Grosso do Sul que conhecessem a proposta de uma educação mais dialógica e libertária.

Após esse período, dois programas também de amplitude nacional se tornaram os responsáveis por pulverizar os ideais educomunicativos, o Mídias na Educação, em 2005, e o Mais Educação, em 2007. O primeiro foi voltado para a formação de professores e o segundo para a implementação da educação integral em escolas da rede pública do país.

Posteriormente, a primeira iniciativa exclusiva de Mato Grosso do Sul, que abordou a Educomunicação, foi o Projeto Estadual de Rádio na Escola (PERE/MS) em 2009, que implantou uma iniciativa semelhante ao Educomrádio.Centro-Oeste,

mas, de acordo com os responsáveis, investindo menos em tecnologia e mais em conteúdo.

Ao todo foram oito anos de atividades que incluiram o conceito em iniciativas de comunicação e educação nas escolas de ensino público de Campo Grande, uma tradição que apesar não resultar nos últimos dez anos em novas iniciativas governamentais nas escolas estaduais criou um ambiente propício para projetos independentes promovidos por professores e estudantes.

5 ANÁLISE EDUCOMUNICATIVA EM DUAS ESCOLAS ESTADUAIS DE CAMPO GRANDE

A análise educomunicativa foi aplicada em dois projetos desenvolvidos em escolas estaduais da cidade de Campo Grande e que a priori mesclam conceitos e técnicas da comunicação e da educação. Para a análise foram utilizados os conceitos descritos no Quadro Esquemático: Modelo para a Mediação Educomunicativa, de Consani (2008), que investiga como os projetos escolares se encaixam na área de intervenção da Mediação Tecnológica da Educação.

A seleção das escolas ocorreu como consequência das investigações preliminares, do envio do questionário para as instituições de ensino e com base na análise da linha do tempo da Educomunicação em Campo Grande. Portanto, dois caminhos distintos, porém, paralelos foram firmados nesta seleção, sendo o primeiro a opção por uma escola que recebeu o Educomrádio.Centro-Oeste e o segundo, uma instituição de ensino integral que iniciou a modalidade de ensino a partir do Mais Educação, do Governo Federal.

A primeira instituição selecionada foi a E.E. Maria Constança Barros Machado, pelo fato de a instituição integrar o Educomrádio.Centro-Oeste, aparecer na listagem do Educom.digital, ser uma das pioneiras a desenvolver a eletiva “Mídias”, do CNME, e se aventurar em uma eletiva de jornalismo denominada “Quem não se comunica, se trumbica”, essas duas últimas ações implementadas um ano após sofrer a transição para o ensino integral.

Posteriormente, a E.E Manoel Bonifácio Nunes da Cunha também foi escolhida por desde 2009 oferecer o ensino integral, com sua adesão citada nos documentos oficiais do Mais Educação em 2011 (Anexo N). Localizada no Jardim Tarumã, bairro periférico de Campo Grande, a escola também integrou o PERE e, mais recentemente, desenvolve o jornal “Bonifácio News”, com notícias veiculadas nas redes sociais e produzidas pelos alunos, por meio do Clube de Protagonismo Estudantil, uma das possibilidades da Escola de Autoria, do Governo do Estado de MS.

5.1 Escola Estadual Maria Constança Barros Machado

Fundada em 1939, a E.E Maria Constança Barros Machado foi o primeiro Liceu Campograndense (PESSANHA, 2013, p. 225), também denominado de Ginásio na época, ou seja, uma escola que oferecia o ensino secundário à estudantes adolescentes, o “objeto de desejo da classe média em ascensão”. Antes da criação da instituição de ensino, a educação neste nível foi oferecida apenas nas escolas católicas Dom Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora, para homens e mulheres respectivamente, e o Colégio Oswaldo Cruz, que não tinha ligação religiosa.

Segundo Pessanha (2013), o desejo de criar uma escola que oferecesse a educação pública para os campo-grandenses surgiu em uma professora cuiabana, a educadora Maria Constança Barros Machado, que liderou a mobilização para a instalação do primeiro ginásio aberto a todos os estudantes da cidade.

> O Liceu Campograndense funcionou regularmente anexo ao Grupo Escolar Joaquim Murtinho, na Rua Afonso Pena, até a década de 1950, quando foi construída sua sede própria. O lugar escolhido na cidade de Campo Grande foi a Rua Y Juca Pirama, no bairro Amambaí, região conhecida pelos moradores como “Cabeça de Boi”, de moradia operária. Hoje a rua onde se localiza o colégio denomina-se Marechal Cândido Mariano Rondon que constitui num importante acesso de ligação da área central da cidade com a parte oeste, onde se situam os quartéis militares e mais recentemente a Base Aérea da Aeronáutica. Oscar Niemeyer havia elaborado o projeto para a cidade de Corumbá, na época, mais importante do que Campo Grande e, por determinação do Governador, o projeto foi repetido em Campo Grande (PESSANHA, ARRUDA, 2008, p. 67).

O prédio em que a escola permanece em funcionamento até 2019 foi tombado como patrimônio cultural de Mato Grosso do Sul, por ato da Secretaria de Cultura em 1996, e, portanto, não pode sofrer alterações nas fachadas, por exemplo.

A escola permaneceu nos moldes tradicionais de ensino até o ano de 2017, quando aderiu à escola integral por meio do programa Escola de Autoria, do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul. Em 2018, a instituição teve 253 estudantes matriculados em horário integral, que cursavam as disciplinas da Base Curricular Comum Nacional e participavam de clubes de conhecimento e disciplinas eletivas, entre elas, a de jornalismo, denominada “Quem não se comunica se trumbica”, frase célebre do apresentador José Abelardo Barbosa de Medeiros, mais conhecido como Chacrinha, comunicador de rádio e televisão do Brasil que iniciou suas atividades nos anos 50 e faleceu em 1988.

Segundo a professora de português Karina Rodrigues, responsável pela eletiva “Quem não se Comunica se trumbica”, o projeto engloba todos os processos da comunicação:

> O nome da eletiva é “Quem não se comunica se trumbica” é um termo usado pelo Chacrinha que ele usava na época do programa. Hoje, os alunos não sabem bem muito bem o significado, mas na época as pessoas sabiam e era um termo muito usado. A eletiva é envolvendo a comunicação, tudo que envolve a comunicação. Nós trabalhamos com eles desde foto, a filmagem, ângulo de foto, o que faz um profissional da comunicação e câmera. Nós conhecemos o estúdio de televisão, conhecemos uma rádio. É isso, os alunos gostaram, alguns se identificaram com o projeto, encontraram uma possível profissão para eles (informação verbal[49]).

A eletiva foi realizada no segundo semestre do ano de 2018, com seu encerramento prático no mês de novembro. Porém, no contato por telefone com a instituição de ensino, nas visitas presenciais à unidade e no questionário que investigava os projetos, não foram mencionados a implementação da eletiva de jornalismo. A descoberta da atividade ocorreu apenas no dia 4 de dezembro, durante um evento de culminância das eletivas da escola, em que os alunos e professores responsáveis pelo projeto apresentaram os vídeos produzidos durante a eletiva.

Devido ao fato de o evento ser o encerramento do ano letivo, a coleta de dados sobre o projeto foi possível apenas por entrevista com a professora responsável. Foi observado durante a apresentação do encerramento da eletiva a preferência do grupo pela encenação de fatos, que tornava a prática mais próxima da linguagem artística e teatral, do que da apuração de notícias de acontecimentos da escola. Na culminância da eletiva, por exemplo, os estudantes simularam a apresentação de um jornal de televisão nos moldes tradicionais, com um estudante caracterizado apresentador e exibiram os vídeos curtos produzidos durante a aula sobre temas diversos, como suicídio e incentivo ao esporte.

Segundo Karina Rodrigues (informação verbal), os estudantes têm mais afinidade com a linguagem artística, por isso a eletiva caminhou para uma aproximação do teatro. “Uma possibilidade de atuação no teatro que nós tivemos foi a produção de vídeo, que tem o gravar o teatro como foi feito e tem o processo para

---

[49] Entrevista concedida por RODRIGUES, Karina. Entrevistador: Naiane Gomes de Mesquita. Entrevista 5. Campo Grande, 5 dez. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "E" desta dissertação]

ele ficar pronto na TV". Para os anos posteriores, a professora de português pretende reformular a eletiva, ampliando o relacionamento da proposta com o jornalismo.

> Ano que vem quero voltar mais para a parte de produção, como fazer um vídeo, montar um vídeo, conhecer mais universidades, quem sabe a Federal [Universidade Federal de Mato Grosso do Sul] abrir as portas também, quero buscar mais parcerias, como a TV Morena, o Correio do Estado, quero mostrar como funciona a impressão de um jornal, como que é feito, que é bem legal também (Informação verbal).

Apesar de não ser possível acompanhar o projeto durante a sua execução, algumas informações relevantes foram levantadas por meio da entrevista com a professora responsável pela eletiva e na observação da apresentação da parte prática durante o encerramento.

Nesta eletiva de jornalismo há uma busca pela história da comunicação implícita, por exemplo, no nome do projeto que remete ao apresentador Chacrinha, que inclusive possibilita que os estudantes conheçam a personalidade do comunicador que faleceu em 1988. Outro ponto interessante é o uso de tecnologia para a produção do material audiovisual das aulas práticas. Os alunos foram os responsáveis, segundo a professora, pelo roteiro, ensaio e encenação das reportagens, sendo que todo o processo foi realizado por meio do aparelho celular, inclusive a edição.

Apesar dos temas relevantes para a contemporaneidade, como o suicídio, os estudantes mantêm uma postura mais tradicional em relação à mídia e a produção de conteúdo e não priorizam o compromisso com a veracidade das informações veiculadas no produto, conforme mencionado anteriormente, utilizando os recursos teatrais nos vídeos e na apresentação para toda a escola.

Além da eletiva de jornalismo, a E.E. Maria Constança Barros Machado designou no mesmo semestre a implementação da eletiva de Mídias, com base no projeto do Centro Nacional de Mídias na Educação, um programa desenvolvido pelo Governo Federal instituído pela Portaria nº 1.204, de 16 de novembro de 2018. A iniciativa é implementada pela TV Escola em parceria com a Fundação Roberto Marinho e tem o apoio neste primeiro momento da Fundação Ayrton Senna, Organização de Estados Ibero-Americanos e Centro de Inovação para a Educação Americana, além das Universidades Federais de Alagoas, Goiás e Ceará.

De acordo com o artigo 1º do decreto que instituiu o CNME, a ação está no âmbito do Programa de Inovação Educação Conectada, do Decreto nº 9.204, de 23 de novembro de 2017, que propõe a educação presencial mediada pela tecnologia. Os alunos são divididos nas equipes de Coordenação, Socialização, Síntese e Avaliação e cada grupo é responsável por essas atividades, por exemplo, a proposta é que os alunos que integram a coordenação auxiliem na dinâmica das atividades, enquanto a avaliação discute o conhecimento adquirido durante a aula.

Segundo o plano de aula disponibilizado pelo CNME, a eletiva é presencial com mediação tecnológica, utilizando o vídeo como recurso pedagógico. Cada aula é dividida em oito momentos que integram a Agenda do Dia, sendo eles:

1) Acolhida, em que os alunos trocam experiências em sala de aula e participam de dinâmicas. A equipe responsável pela acolhida deve promover esse diálogo com os colegas de sala.
2) Equipe. Nesse momento, os alunos são incentivados a interagir entre si e com as turmas de outros estados.
3) Problematização, que proporciona o acesso imediato aos conhecimentos dos estudantes, estimulando a reflexão por meio de questionamentos orais ou escritos, desafios, situações-problema, entre outros exemplos.
4) Exibição de vídeo sobre o tema, produzido pela TV Escola ou Fundação Roberto Marinho.
5) Leitura de imagem, em que o professor deve motivar os alunos e estimular a observação dos conhecimentos prévios e a compreensão a partir do material exibido. Nesse momento há a socialização das aprendizagens, em que uma pergunta ou atividade é solicitada pelo professor do CNME e uma das escolas participantes deve responder. Os alunos normalmente têm poucos minutos para encontrar a resposta ou chegar a um consenso sobre o tema, depois os próprios estudantes utilizam a câmera e o microfone do equipamento para responder ao vivo para todas as escolas participantes. Por serem muitas escolas integrantes, a professora-mediadora deve avisar a central do interesse pela participação, sendo de responsabilidade do CNME escolher a unidade que entrará ao vivo.
6) Atividade complementar, em que o professor sugere outras possibilidades de atividades e leituras complementares sobre o tema.

7) Memorial. Neste espaço, que pode ser um caderno pessoal do estudante, ele é incentivado a escrever sobre as aprendizagens e o que absorveu da aula, promovendo a autoavaliação.
8) Avaliação do dia. Os educandos são estimulados a participar de forma ética, crítica e criativa, observando mais uma vez o que foi descoberto durante as aulas.

Para que o projeto ocorra, as escolas que integram o CNME utilizam equipamentos que recebem e transmitem imagem e som por satélite. Segundo o site oficial do CNME[50], há dois grupos de aparatos tecnológicos diferentes para dar andamento ao projeto:

Equipamentos instalados nas escolas participantes do CNME:

- 1 Antena de 2,4 m de diâmetro;
- 1 BUC (receptor e transmissor de dados);
- 1 LNB (conversor de sinal de satélite);
- 1 Modem satélite.
- A conexão entre a antena e o modem é feita por cabos coaxiais.

Equipamentos diretamente para a sala de aula:

- TV (a princípio 43”) ou um projetor de LED portátil, se o ambiente puder ser escurecido.
- set-top box android
- microfone
- web câmera
- cabos correspondentes
- notebook do técnico a ser utilizado também pelo professor para interatividade.

Na E.E. Maria Constança Barros Machado, a professora de história e sociologia há 20 anos, Rose Mary Vargas Toledo[51], é a mediadora da eletiva, que dura em média 50 minutos e tem 20 alunos. Para acompanhar os estudantes durante o projeto, ela participou de uma capacitação em Manaus (AM), promovida pelo Ministério da

[50] Disponível em http://cnme.mec.gov.br/ Acesso em 14/12/2018.
[51] Entrevista concedida por TOLEDO, Rose Mary. Entrevistador: Naiane Gomes de Mesquita. Entrevista 6. Campo Grande, 6 nov. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "F" desta dissertação]

Educação, a TV Escola e o CNME. Segundo a professora, o papel do mediador é “explicar as perguntas para que eles possam responder e interagir com os professores de Manaus” (informação verbal). Porém, ela considera a interação “difícil”, devido a problemas técnicos, “o sinal é ruim” (informação verbal).

A professora explica que o CNME disponibilizou dois temas, tecnologia e profissões, constituindo este último o escolhido por meio de votação pelos alunos da escola:

> Essa é uma inicialização para quando o aluno interagir com outras culturas, de outros povos, como Manaus, Tocantins, Sergipe, são 18 estados que estão com esse sistema para que os alunos de um lugar reconheçam a identidade do outro, respeitem a identidade, é um projeto só para o ensino médio, para que ele termine o ensino médio sabendo mais ou menos que profissão ele quer, porque esse é o tema da eletiva. Estudamos profissão da floresta, profissão do campo etc. Se faltar um professor eles têm uma agenda especial, você avisa e o aluno vem para cá e vem assistir uma aula de química. O aluno pode falar no microfone, é daquela forma e não é um curso on-line (Informação verbal).

A educanda Stephanie Arruda[52] é uma das participantes da eletiva de Mídias, do CNME. Para a jovem, “a experiência está sendo bem inovadora” (informação verbal), por possibilitar novos aprendizados principalmente em relação ao mundo do trabalho, “não sabia que poderia fazer trabalho em casa, você mesmo ser a sua própria chefe. Várias coisas bem inovadoras, a gente estuda bastante o trabalho”.

Para a professora Rose Mary, no entanto, os alunos ainda não têm uma postura independente durante as aulas. “Eu delego as funções deles, mas como eles são do 1º ano, primeiro eles estão se adaptando com o ensino médio, segundo que eles vieram para uma coisa que eles são os pioneiros na escola” (Informação verbal).

Na figura 4 (abaixo), os alunos assistem às aulas online disponibilizadas pelo CNME via satélite.

---

[52] Entrevista concedida por ARRUDA, Stephanie. Entrevistador: Naiane Gomes de Mesquita. Entrevista 7. Campo Grande, 6 nov.2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “G” desta dissertação].

Figura 13 - Estudantes assistem a videoaula durante a eletiva de Mídias, do CNME

Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Na figura 13 a estudante Stephanie participa ao vivo do programa, respondendo à questão solicitada pelo apresentador. Há muita resistência dos alunos com a interatividade que o projeto necessita, sendo a timidez e o desinteresse pelo tema os empecilhos mais observados pela pesquisadora.

Figura 14 - Aluna responde ao vivo para estudantes de outras regiões do país, o questionamento proposto pelo professor-mediador de Manaus.

Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Apesar das críticas da educadora Rose Mary e dos problemas técnicos que o programa apresentou, a exemplo da queda de sinal, os estudantes demonstraram engajamento quando Stephanie resolveu participar:

> Eu ainda fico meio nervosa, mas eu acho que se a gente não tentar, a gente tem que aprender a se soltar, porque uma hora ou outra a gente tem que sair pelo mundo, a gente tem que saber falar, basicamente estamos falando com outras pessoas e que vão avaliar a gente querendo ou não. Eu acho que é bom porque estou aprendendo a me soltar mais. Eu sou um pouco tímida, não sabia soltar minha voz, falar minha opinião e agora estou conseguindo (Informação verbal).

Com base nas informações e entrevistas coletadas durante as visitas na escola foi possível aplicar os conceitos de análise presentes na Metáfora da Orquestra (CONSANI, 2008).

Tabela 12 - Análise da Escola Estadual Maria Constança Barros Machado

Quadro esquemático: modelo para a mediação Educomunicativa	
Perguntas contextualizadoras	**Respostas no contexto**
Agentes mediadores A- quais são os agentes da mediação?	(A1) O professor-mediador e os alunos, (A2) professores no estúdio de Manaus (AM), (A3) estudantes de outras instituições de ensino.
B- quem são os agentes e “de onde” (a partir de que universo cultural) eles falam?	(B1) Os estudantes e professores, determinados pelo universo da educação pública e institucional.
C- quem concentra o protagonismo no processo	(C1) Os estudantes e os professores-mediadores, durante a aula transmitida ao vivo pelo CNME.
Objeto da mediação A- pode-se definir com clareza, o objeto da mediação?	(A1) Em sentido mais específico, as informações repassadas durante a aula, como a modalidade de trabalho homeoffice (A2) Em sentido mais abrangente o mundo do trabalho (A3) a própria tecnologia.
B- em qual universo cultural estamos trabalhando? De qual conceito de “cultura” se fala?	(B1) De forma abrangente, mais próximo da concepção de pós-modernidade apontada por Sousa (2001), Braga e Calazans (2001) e da “sociedade da informação” descrita por Martín-Barbero (2014), e, por fim, a presença da modernidade, da valorização do mundo do trabalho e da racionalidade técnica.

C- sob quais diferentes enfoques se pode apreender esse objeto?	(C1) Processo educacional (C2) aprendizagem interativa (C3) iniciativa na inter-relação entre comunicação e educação
Objetivos da mediação	
A- o que se busca, ao final?	(A1) Compreender o conhecimento repassado por meio das videoaulas exibidas por satélite e, posteriormente, de modo presencial em sala de aula (A2) conhecer as diferentes culturas presentes no país, por meio da interação de outras escolas (A3) diminuir o preconceito com outras etnias e outras regiões do país (A4) reconhecer as competências dos estudantes frente à outras instituições de ensino (A5) No caso do tema profissões, promover o autoconhecimento no estudante afim de que ele possa interpretar as suas habilidades e descobrir a vocação.
B- que processos possibilitaram à escolha deste(s) objetivo(s)?	(A1) organização (professor presencial e à distância) (A2) adesão ao programa CNME (instituição) (A3) participação (estudantes) (A4) tecnologia.
C- os objetivos foram instrumentalizados (ou seja, formulados em termos técnicos tais como objetivos gerais, específicos, metas e ações)?	(C1) a escola recebe planos de aulas completos do CNME (C2) professora criou uma rotina, conforme o previsto com os estudantes para auxiliar na realização das aulas. (D1) Sim, os estudantes expressam no Memorial a avaliação do projeto (D2) A

D- o processo de avaliação objetiva (objetivos alcançados/não alcançados foi previsto?)	professora apresentou os resultados esperados e conquistados durante a culminância das disciplinas eletivas na escola.
Fluxos mediatórios A- existe bidirecionalidade real (nos fluxos tecnologicamente mediados, falamos em *interatividade*)?	Existe uma bidirecionalidade limitada, em que (A1) entre o professor-mediador (>mediatividade) e os estudantes (> mediância), que reflete em uma (> mediância) entre alunos e professores e outros alunos de Manaus. Porém, há interatividade.
B- existem gargalos e/ou bloqueios?	(B1) Alguns gargalos ocorrem pela demora dos estudantes de se adaptar à sala de tecnologia, onde ocorrem as aulas (B2) problemas técnicos, que causam bloqueios (B3) Aparente desânimo e timidez dos estudantes durante a interação (B4) os professores-mediadores de Manaus são rápidos, devido ao tempo de aula, que é igual à convencional com duração de 50 minutos.
C- existe o *feedback*?	(C1) os estudantes respondem questões apresentadas pelo professor-mediador de Manaus (C2) os professores comentam a participação dos estudantes após as respostas também ao vivo.
Espaço da mediação A- a mediação ocorre em um espaço determinado?	(A1) sim, na sala de tecnologia da instituição de ensino, com o material disponibilizado pelo CNME.
B- trata-se de espaço físico, virtual ou de ambos?	(B1) ambos, no espaço físico adaptado para a aula onde estão presentes os alunos e no

	espaço virtual, onde ocorrem a interação entre alunos e professores de diferentes estados do país.
C- trata-se de um espaço institucional? De que natureza?	(C1) Sim, as aulas ocorrem na sala de tecnologia da E.E. Maria Constança Barros Machado, do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul. (C2) as videoaulas e a interação virtual é realizada pelo Governo Federal e organizações da sociedade civil.
D- a estrutura do ecossistema educomunicativo é transparente?	(D1) Sim.
Resultados da mediação	
A- o processo foi concluído?	(A1) Do ponto de vista dos alunos, sim (A2) para a professora-mediadora, o processo permanece em aberto devido a problemas técnicos e de entendimento dos estudantes sobre a proposta e o próprio ensino médio.
B- o que foi alcançado?	(B1) Os alunos não conseguiram assistir ao início da videoaula transmitida por satélite devido a problemas técnicos que impossibilitaram o sinal (B2) os alunos conseguiram concluir uma resposta em conjunto que representasse a turma, porém, com o auxílio da professora (B3) os estudantes responderam à questão proposta pela equipe de Manaus ao vivo e para outras escolas. (B4) os estudantes assistiram um vídeo após a transmissão ao vivo, enviado pelo programa, com um teste vocacional.

C- como se realiza a avaliação?	(C1) a avaliação ocorre após a aula, por meio do diálogo com os estudantes (C2) os alunos são responsáveis por criarem um memorial a respeito da experiência durante o CNME, incluindo a aprendizagem.
D- como o processo foi registrado?	(D1) no Memorial dos estudantes (D2) na culminância das disciplinas eletivas no final de cada semestre (D2) na avaliação final da professora repassada à coordenação da escola.
E- qual será o passo seguinte?	(E1) As aulas foram realizadas semanalmente por seis meses na instituição, do mês de julho a dezembro de 2018.

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

A breve análise acima demonstra que a eletiva de Mídias demonstrou problemas técnicos que atrapalharam o entendimento dos alunos sobre o tema. A investigação também detectou problemas na relação dialógica entre mediador e aluno, o que dificulta o protagonismo pleno do educando, que por timidez ou falta de compreensão do tema e da proposta, demonstrou dificuldade em interagir em consonância com o idealizado, tendo o professor-mediador uma responsabilidade não só de guiar, mas também de interferir no processo educomunicativo.

O protagonismo citado pelos estudantes está relacionado intimamente com o ator de “pegar no microfone”, sendo que o empoderamento proporcionado pela técnica aparece primeiro nos estudantes que são mais descontraídos. O restante dos alunos apresenta comportamento disperso em sala de aula, sendo necessário em diversos momentos, o pedido da professora por silêncio ou retorno ao foco da aula e da problemática do tema apresentado pelos professores *online*.

A educadora também oferece um lanche para os estudantes, após o encerramento da aula *online*, uma iniciativa que, segundo ela, promove a adesão dos alunos a eletiva, reforça os laços de amizade e de interação após as atividades do dia. Os alunos são os responsáveis pela organização dos lanches, desde o preparo até a distribuição.

5.2 Escola Estadual Manoel Bonifácio Nunes da Cunha

Instituição fundada por meio do Decreto nº1492 de 1º de janeiro de 1982, por ato do então governador Pedro Pedrossian, a E.E. Manoel Bonifácio Nunes da Cunha, recebeu o primeiro nome de Escola Estadual de 1º Grau “Vila Tarumã” e funcionou até 1986 no Centro Comunitário da Coophavilla II, oferecendo o ensino fundamental da 1ª a 8ª série. Em 5 de abril de 1986, na gestão do governador Wilson Barbosa Martins, a escola foi transferida para o prédio atual com 18 salas de aulas e localizado na Rua Itaóca, nº 196.

Foi apenas em 1993, por meio do Decreto nº 7220, de 25 de maio de 1993, que a escola recebeu o nome de Manoel Bonifácio Nunes da Cunha e começou a oferecer também o ensino médio. Do ponto de vista estrutural, a escola sofreu duas reformas em seu prédio, em 2012 e 2016, que incluiu nesta última a sala de tecnologia com 18 novos computadores. Um ano após a reestruturação predial, a escola passou a oferecer apenas o ensino médio, excluindo o nível fundamental.

Segundo a Secretaria de Estado de Educação, a unidade tornou-se escola de tempo integral em 2009, por meio do Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI) do Governo Federal e instituído pela Portaria nº 971, de 9 de outubro de 2009, que oferece apoio técnico e financeiro para a implementação de um currículo integral, flexível e em consonância com o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) para as escolas que oferecem ensino médio. A escola também aparece na listagem de instituições que integraram o Mais Educação.

De acordo com a professora de português da instituição, Patrícia Henrique Vieira da Silva Cardoso[53] (informação verbal), a unidade passou a integrar a Escola de Autoria em 2017, mas oferece esta modalidade de ensino há muito tempo,

[53] Entrevista concedida por CARDOSO, Patrícia. Entrevistador: Naiane Gomes de Mesquita. Entrevista 8. Campo Grande, 20 nov.2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "H" desta dissertação]

subsidiada por programas de implementação da jornada estendida, como o ProEMi e o Mais Educação.

Foi por meio do programa estadual de educação integral, o Escola de Autoria, que o Clube de Protagonismo[54] pôde ser implementado. No projeto, os alunos do ensino médio criaram o Bonifácio News, uma iniciativa baseada nas orientações de jornalismo que inclui a redação, edição e divulgação de notícias produzidas pelos estudantes por meio das mídias sociais *Instagram* e *Facebook*. Segundo Patrícia, “como eles tem um tempo estendido, principalmente no horário de almoço, das 12h até 13h30 em intervalo, o projeto prevê que eles não fiquem ociosos. Então eles fomentam muito a criação de clubes de protagonismo e esses clubes são de responsabilidade dos alunos” (informação verbal).

Os alunos são os responsáveis pela organização dos clubes de protagonismo, que atuam em diferentes áreas de conhecimento, como esportes e jornalismo. Patrícia explica que o clube surgiu no segundo semestre de 2017, a partir de reflexões da disciplina de língua portuguesa, ministrada pela professora:

> Eu pedi que eles produzissem um telejornal com essas variações linguísticas, conforme as regiões do país. Como eu vi que eles foram muito bem, que eles dominam esse negócio de editar os vídeos, fazem tudo rápido por celular e são muito criativos, eu sugeri que eles criassem um clube de jornalismo, para cobrir os eventos da escola. Só dei a ideia e joguei para eles. E eles se organizaram entre si (informação verbal).

Ao todo sete alunos do 2º ano do ensino médio participaram do clube em 2018, sendo responsáveis pela elaboração, escrita, produção, gravação e edição de vídeos e fotografias, publicadas nas páginas *online* do jornal escolar.

---

[54] A ideia de clubes dentro da escola está presente na reforma do Novo Ensino Médio, dentro da concepção de unidades curriculares, ou seja, “unidades curriculares são os elementos com carga horária pré-definida cujo objetivo é desenvolver competências específicas, seja da formação geral básica, seja dos itinerários formativos” (BRASIL, 2018).

Figura 15 - Facebook criado pelo Clube de Jornalismo

Fonte: Reprodução/Facebook (2019).

Figura 16 - Instagram da E.E. Manoel Bonifácio Nunes da Cunha

Fonte: Reprodução/Instagram (2019).

Figura 17 - Perfil da escola no *Instagram*

Fonte: Reprodução/Instagram (2019).

Segundo os estudantes, em entrevista para esta pesquisa, com o clube eles desenvolveram as habilidades de planejamento, organização de ideias, melhora na escrita e uma maior compreensão dos processos midiáticos, principalmente pela realização de cursos de roteiro, cinema e a visita do Curso de Jornalismo da UFMS na unidade escolar.

No campo tecnológico, o processo é inverso. Os estudantes aprenderam sozinhos a editar vídeos e utilizaram a experiência de um colega youtuber para coletarem dicas sobre softwares de edição. Democrático, o clube não obriga os alunos a participar, sendo que cada integrante escolhe uma atividade que irá desempenhar ao longo do processo. Outro ponto ressaltado pelos alunos é o apoio da coordenação e da direção da escola, que avisam com antecedência os eventos e atividades promovidos no ambiente escolar ou os convidados que visitarão a instituição de ensino e podem ser interessantes para o clube. As publicações do jornal também

informam a comunidade escolar sobre atividades que são de interesse de todos, como o Dia da Família na Escola.

> Normalmente quando tem evento na escola como a feira dos clubes, ou alguém vem dar uma palestra, ou quando tem exposição de trabalhos como o Dia da Consciência Negra. Nós fizemos uma reunião na semana passada para decidir o que cada um iria fazer. Fulano vai editar, outro as perguntas, outro o roteiro ou entrevistar (Informação verbal[55], 2018).

Os estudantes são responsáveis por todo o processo, que tem a professora de português como uma “madrinha” do clube, uma “incentivadora” das atividades. Segundo ela, “às vezes nós fazemos alguma reunião, dou uma cutucada para fazerem algumas atividades. Dou umas ideias quando tem algum convidado para fazermos uma entrevista. Mas eles mesmos se organizam” (informação verbal).

Figura 18 - Giovana e Mariany entrevistam colega sobre horta na escola

Fonte: Elaborada pela autora (2018).

[55] Entrevista concedida por ABADE, Mariany. Entrevistador: Naiane Gomes de Mesquita. Entrevista 9. Campo Grande, 20 nov. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "I" desta dissertação].

Figura 19 - Alunos usam celular para gravar as entrevistas.

Fonte: Elaborada pela autora (2018).

A edição dos vídeos é feita pelo *software* Sony Vegas, além de outras plataformas disponíveis gratuitamente e utilizadas pelo celular. Segundo os estudantes, não foram feitos treinamentos ou cursos prévios que oferecessem suporte técnico para a criação e edição de vídeos, ou seja, os alunos são autodidatas nesse quesito. De acordo com Mariany, a proximidade dos colegas de clube com as plataformas digitais auxilia no desenvolvimento do trabalho. “O Luis já tinha um canal do *Youtube* e já conseguia editar. Daí surgiu a ideia” (informação verbal).

Para os alunos o que tornou o projeto duradouro foi a satisfação de informar ao outro.

> Ah sei lá, a sensação de você informar e levar conhecimento para as outras pessoas e perceber que elas estão satisfeitas com o nosso trabalho, dá um ar de inspiração para continuar e por não ter uma cobrança, ser mais da gente (informação verbal[56]).

[56] Entrevista concedida por PEREIRA, Giovanna. Entrevistador: Naiane Gomes de Mesquita. Entrevista 10. Campo Grande, 20 nov. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "I" desta dissertação]

A sensação de pertencimento e de responsabilidade com o desenvolvimento do projeto se mostrou presente nos integrantes do clube, o que também foi reforçado pela valorização do trabalho e pesquisa desempenhados pelos alunos ao longo do ano de 2017 e 2018. Essa dedicação foi tema de reportagens publicadas tanto na mídia institucional da SED/MS[57] quanto em jornais[58] de Campo Grande.

Tabela 13 - Análise da Escola Estadual Manoel Bonifácio Nunes da Cunha

Quadro esquemático: modelo para a mediação Educomunicativa	
Perguntas contextualizadoras	**Respostas no contexto**
Agentes mediadores	
A- quais são os agentes da mediação?	(A1) Integrantes do Bonifácio News: estudantes e professora-mediadora "madrinha" do clube (A2) alunos da escola (A3) corpo docente (A4) comunidade escolar (pais, familiares, público das redes sociais)
B- quem são os agentes e "de onde" (a partir de que universo cultural) eles falam?	(B1) Os estudantes e professores, determinados pelo universo da educação pública, institucionalizada, integral e periférica.
C- quem concentra o protagonismo no processo	(C1) Os alunos que integram o clube de protagonismo Bonifácio News.
Objeto da mediação	
A- pode-se definir com clareza, o objeto da mediação?	(A1) As informações sobre a escola (A2) a comunicação entre os estudantes (A3) a notícia publicada nas redes sociais.

[57] MOTTA, Thereza. Com Bonifácio News, EE Manoel Bonifácio Nunes da Cunha mantém a comunidade informada. Disponível em: http://www.sed.ms.gov.br/com-bonifacio-news-ee-manoel-bonifacio-nunes-da-cunha-mantem-a-comunidade-informada/ Acesso em: 09 nov. 2018

[58] SOUZA, Paulo. Comunicação vai além do jornal escolar e alcança Youtube e Facebook. Disponível em: https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/comunicacao-vai-alem-do-jornal-escolar-e-alcanca-youtube-e-facebook Acesso em: 09 nov. 2018

B- em qual universo cultural estamos trabalhando? De qual conceito de “cultura” se fala?	B1) De forma abrangente, mais próximo da concepção de pós-modernidade apontada por Sousa (2001), Braga e Calazans (2001) e da “sociedade da informação” descrita por Martín-Barbero (2014).
C- sob quais diferentes enfoques se pode apreender esse objeto?	(C1) comunicação (C2) inter-relação entre a comunicação e a educação (C3) Educomunicação
Objetivos da mediação	
A- o que se busca, ao final?	(A1) Aflorar o protagonismo nos estudantes que participam do clube de conhecimento (A2) divulgar as atividades e informações da escola para os estudantes, corpo docente e a comunidade em geral (A3) promover a organização, o desenvolvimento e a construção de conhecimento na inter-relação entre comunicação e educação (A4) oportunizar o diálogo democrático entre professores e alunos (A5) incentivar o diálogo sobre o papel da comunicação entre os educandos.
B- que processos possibilitaram à escolha deste(s) objetivo(s)?	(B1) pesquisa (B2) organização dos estudantes ao longo dos anos para realizar as pautas (B3) participação em atividades na escola sobre literatura, produção de texto, cinema e roteiro (B4) a professora atua como mediadora do processo entre alunos – corpo docente e estudantes – teoria (língua portuguesa)

C- os objetivos foram instrumentalizados (ou seja, formulados em termos técnicos tais como objetivos gerais, específicos, metas e ações)?	(C1) Sim, os participantes seguem os preceitos descritos dentro da iniciativa do Clube de Protagonismo, da Escola de Autoria.
D- o processo de avaliação objetiva (objetivos alcançados/não alcançados foi previsto?)	(D) A avaliação ocorre por meio de (D1) do diálogo entre a professora e os alunos participantes (D2) interações entre usuários nos perfis do *Facebook* e *Instagram*
Fluxos mediatórios	
A- existe bidirecionalidade real (nos fluxos tecnologicamente mediados, falamos em *interatividade*)?	existe bidirecionalidade, em que (A1) entre o professor-mediador (> mediância) e os estudantes (> mediatividade), que reflete em uma (A2) (> mediatividade) dos estudantes do clube e (> mediância) do restante dos alunos. A interatividade ocorre no meio virtual, nos sites de relacionamento.
B- existem gargalos e/ou bloqueios?	(B1) existem gargalos entre os estudantes do clube, que demonstram cansaço ou desânimo em situações esporádicas.
C- existe o *feedback*?	Sim (C1) nas páginas na internet do jornal escolar (C2) e da professora mediadora, que aconselha e incentiva diante dos possíveis gargalos.
Espaço da mediação	
A- A mediação ocorre em um espaço determinado?	(A1) na escola (A2) na *Internet*, em sites de relacionamento onde estão localizadas as páginas.

B- trata-se de espaço físico, virtual ou de ambos?	(B1) ambos.
C- trata-se de um espaço institucional? De que natureza?	(C1) instituição de ensino.
D- a estrutura do ecossistema educomunicativo é transparente?	(D1) sim, os alunos reconhecem a importância de todos para a construção do processo educomunicativo.
Resultados da mediação	
A- o processo foi concluído?	(A1) sim.
B- o que foi alcançado? C- como se realiza a avaliação?	(B) a execução além do esperado com a (B1) construção de um jornal escolar sólido há mais de um ano (B3) crescimento do protagonismo e responsabilidade nos estudantes do clube
D- como o processo foi registrado?	(D1) nos sites onde estão presentes os jornal escolar (D2) por meio de vídeos, fotografias e publicações dos estudantes atuando no clube (D3) em reportagens instituições e da mídia local.
E- qual será o passo seguinte?	(E1) Manter o projeto em andamento. (E2) criar um canal no Youtube.

Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Por meio das informações incluídas no Quadro Esquemático (acima) é possível compreender que a Educomunicação está presente no desenvolvimento do projeto Bonifácio News, não do ponto de vista teórico, mas prático. Os estudantes desempenham um papel relevante e essencial para o andamento das atividades, que

envolvem um ecossistema educomunicativo, formado por professores, alunos e a comunidade externa.

A professora mediadora atua como incentivadora das atividades do projeto, além de oferecer suporte em relação a possíveis tropeços de ortografia nos textos e vídeos dos estudantes. Porém, a responsabilidade de selecionar as pautas e manter uma continuidade de publicações é dos jovens repórteres. O processo que envolve o ecossistema educomunicativo da escola se encaixa dentro das definições da Educomunicação (SOARES, 2001), enquanto o uso da tecnologia se aproxima das concepções da Mediação Tecnológica na Educação (CONSANI, 2008).

Durante o acompanhamento das atividades do clube na escola foi possível observar que os estudantes demonstram uma facilidade no diálogo com os outros alunos, ao ponto de, por exemplo, as entrevistas apenas serem gravadas com base na confiança do colega no repórter, que conseguiu driblar a timidez da “fonte”.

Os alunos do clube também demonstram interesse em participar de outras atividades fora do ambiente escolar, como o projeto Repórter-Júnior, iniciativa realizada em 2018 pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em que estudantes de escolas públicas da cidade realizaram a cobertura jornalística do Integra, evento de ciência, tecnologia e inovação da instituição federal. Como a proposta da cobertura foi educomunicativa, os estudantes foram os responsáveis por selecionar, entrevistar, escrever e editar as reportagens, que foram publicadas nos principais veículos de comunicação da Universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção desta pesquisa, "A Educomunicação nas escolas estaduais de Campo Grande", é resultado dos diversos questionamentos que surgiram ao longo dos últimos dois anos de estudo sobre a inter-relação entre comunicação e educação. A partir de uma extensa pesquisa bibliográfica, entrevistas com educadores e educandos, além da análise de dados e informações, foi possível compreender como a Educomunicação se consolidou no ensino público de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul.

A pesquisa partiu do pressuposto de que o projeto Educomrádio.Centro-Oeste, que ocorreu nos estados que integram a região, atuou como impulsionador de iniciativas posteriores na inter-relação entre comunicação e educação na cidade de Campo Grande. Esse pressuposto surgiu a partir de informações coletadas nas pesquisas bibliográficas, que indicavam, por exemplo, a influência do programa na construção de uma política pública educomunicativa no estado de Mato Grosso.

Três hipóteses foram levantadas durante a pesquisa, sendo a primeira de que as escolas que participaram do Educomrádio.Centro-Oeste continuaram com iniciativas na inter-relação entre educação e comunicação nos anos posteriores. A hipótese se mostrou parcialmente correta ao longo das investigações, que incluíram a aplicação de um questionário nas escolas participantes, além de entrevistas com responsáveis e participantes do projeto na época. Foi constatado que poucas escolas continuaram com a rádio educomunicativa após o encerramento do Educomrádio.Centro-Oeste, sendo que apenas uma instituição de ensino permaneceu até o ano de 2010 com o projeto.

Outro ponto foi a análise da Escola Estadual Maria Constança de Barros Machado, que participou do Educomrádio.Centro-Oeste, mas não informou por meio do questionário enviado às escolas quando o projeto foi encerrado. Apesar de não ter uma iniciativa continuada, ou seja, estabelecida há muito tempo, a escola aborda a inter-relação entre as áreas de estudo em diversos projetos, como as disciplinas eletivas de Jornalismo e Mídia.

A segunda hipótese da pesquisa está relacionada aos estudos sobre a educação integral no país, principalmente o programa Mais Educação. Conforme Próspero (2013), o Mais Educação foi promissor na disseminação da educomunicação na educação formal devido ao seu alcance, por ter sido implementado em diversos

estados brasileiros, entre eles, Mato Grosso do Sul. Na Escola Estadual Manoel Bonifácio Nunes da Cunha, uma das escolas analisadas pela pesquisa e que adotou a modalidade de ensino desde 2009, há uma naturalidade com as possibilidades educacionais da jornada estendida, como as disciplinas eletivas e os clubes de conhecimento, sendo que o jornal escolar “Bonifácio News” é produzido há três anos, uma continuidade que não foi observada em outras instituições de ensino da cidade.

Apesar de a pesquisa a priori não se estender na investigação sobre escolas de tempo integral que realizam projetos inseridos na interface comunicação/educação, nos últimos anos devido à ascensão de programas semelhantes ao Mais Educação, como o Escola de Autoria, do Governo do Estado, várias escolas que participaram do Educomrádio.Centro-Oeste se tornaram escolas integrais, indicando uma tendência na transformação das instituições campo-grandenses em unidades integrais.

A terceira e última hipótese era de que os projetos escolares permaneceram vinculados a tecnologia e, portanto, estavam inseridos na área de intervenção da Mediação Tecnológica na Educação. A investigação acabou comprovando essa análise por mostrar diversas iniciativas em sala de aula que utilizavam a tecnologia em suas produções, seja na disciplina eletiva de Mídias da escola Maria Constança de Barros Machado ou no Clube de Jornalismo, da escola Bonifácio Nunes da Cunha. Além desses exemplos, algumas escolas desenvolveram eletivas de produção de vídeos e até sobre o *Youtube*, uma plataforma de vídeos extremamente popular que cunhou até uma nova profissão, a dos *Youtubers*, pessoas que são remuneradas pela empresa por número de acesso que conseguem para seus vídeos com temas variados, como comportamento, culinária, moda, viagens ou maquiagem.

Em meio a todas essas descobertas também foi possível construir uma linha do tempo da Educomunicação em Mato Grosso do Sul, que mostra não só as iniciativas realizadas em nível estadual, mas as influências nacionais que resultaram na construção e solidificação do conceito em 20 anos.

Com base nas informações coletadas durante a pesquisa é possível afirmar que as escolas estaduais de Campo Grande realizam projetos na inter-relação entre comunicação e educação, apesar de não utilizarem a nomenclatura da Educomunicação. As escolas visitadas durante a pesquisa de campo confirmaram que não utilizam o conceito como base teórica dos projetos, mas, têm a preocupação em estabelecer o diálogo com o estudante, incentivar o protagonismo e a independência

dos alunos durante as iniciativas, além de proporcionar o engajamento com a comunidade escolar.

A Educomunicação como base teórica é utilizada no projeto implementado pela gestora do PERE no ensino fundamental das escolas municipais de Campo Grande. Denominado de “Diálogos em Educomunicação – Rádio na Escola”, o projeto orienta os professores a criar rádios de baixo custo nas instituições de ensino, utilizando apenas uma caixa de som e um microfone. No entanto, com a popularização dos smartphones ocorreu um crescente interesse entre os educandos e educadores pela produção de materiais audiovisuais, uma tendência que também se aproxima da Mediação Tecnológica na Educação.

Com base nas informações coletadas durante as entrevistas e a pesquisa de campo é possível observar um desejo de alguns educadores de Campo Grande de romper com o processo bancário descrito por Freire (2017), almejando uma educação mais dialógica e transformadora, que incentiva o protagonismo nos estudantes. No caso da Escola Estadual Maria Constança de Barros Machado, por exemplo, ocorreram empecilhos nessa caminhada, como os problemas técnicos que impediram o aproveitamento e a participação ativa dos estudantes na eletiva de Mídias. Porém, a abertura para o desenvolvimento de duas eletivas relacionadas a inter-relação entre comunicação e educação demonstra um interesse do corpo docente e dos estudantes – que auxiliam na escolha das disciplinas eletivas a cada semestre – em explorar as possibilidades da comunicação em sala de aula.

No caso do “Bonifácio News”, os alunos estão mais preocupados com a cobertura de eventos e atividades do cotidiano da escola e não se arriscam, por enquanto, a buscar novas possibilidades. Porém, os estudantes demonstraram ao longo das entrevistas um grande sentimento de pertencimento ao projeto, assim como o desejo de revelar à comunidade externa como são realizados os processos educacionais que ocorrem no ambiente escolar. Os educandos se preocupam com a continuidade do “Bonifácio News”, com os futuros repórteres que assumirão o jornal e com a opinião dos colegas e professores, que participam das iniciativas realizadas na escola, criando um ambiente de integração, conforme Soares (2001), um ecossistema comunicativo.

O crescimento das escolas de tempo integral em Campo Grande, tanto em nível estadual no ensino médio quanto em nível municipal no ensino fundamental, também possibilita o surgimento de um terreno fértil para novos projetos educomunicativos,

pelo fato de que os marcos legais dessa política de implementação do ensino integral do país indicam a necessidade de um estudo contínuo em sala de aula sobre os meios de comunicação e seu atravessamento na vida cotidiana.

Pode-se considerar que a educação em Campo Grande tem buscado uma nova forma de ensino-aprendizagem, voltado para o protagonismo dos estudantes e do uso da tecnologia além da instrumentalização, mas essa transformação e afastamento do ensino bancário ainda tem um longo caminho a percorrer.

REFERÊNCIAS

ALVES, Patrícia Horta. Educomrádio: **Uma política pública em Educomunicação**, 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.

ALVES, Patrícia Horta; MACHADO, Eliany Salvatierra. Educom.Rádio.Centro-Oeste, uma política pública, rumo a autonomia. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom**), 2006, 11 p. Disponível em http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1554-1.pdf. Acesso em 02 set. 2018.

ALVES, Patrícia Horta; MACHADO, Eliany Salvatierra. NCE: Um projeto de intervenção social. In**: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom**), 2008, 13 p.. Disponível em http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/82638806612225034759680058084635145182.pdf. Acesso em 10 ago.2018.

ALVES, R. **Tecnologia e humanização.** Revista Paz e Terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, n. 8, 1968.

ARANHA; Maria Lúcia de A.; MARTINS, **Maria Helena P. Filosofando: Introdução à Filosofi**a. 4ª ed, São Paulo: Editora Moderna, 2009.

ARAÚJO, Carlos A. A Pesquisa Norte-americana. *In*: HOHLFELDT, Antônio; MARTINHO, Luiz C.; FRANÇA, Vera V. (orgs). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 14 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

ARSEGO, Franciele. **Catolicismo e protestantismo: a influência de ambos na vida econômica da idade média aos dias atuais**. 2008. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ASSIS, Waneide; SILVA, Celeida. O programa ensino médio inovador (ProEMI) em Campo Grande/MS (2007-2011). **Revista Brasileira de Educação, Cultura e Linguagem (RBECL/UEMS)**, Campo Grande, V.2, n. 2, 2018, p. 99-112.

BACCEGA, Maria Aparecida. Campo Comunicação/Educação: mediador do processo de recepção. In. BACCEGA, Maria Aparecida; COSTA, Maria Cristina Castilho Costa (org.). **Gestão da Comunicação, epistemologia e pesquisa teórica.** São Paulo: Paulinas, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BERGMAN Ingmar (Direção). O SÉTIMO Selo. Suécia: Svensk Filmindustri, 1959. (1h 36min) son., p&b. Vimeo. Disponível em <https://vimeo.com/282833707> acesso em: 26 mar. 2019.

BITTAR, Marisa. Sonho e realidade: vinte e um anos da Divisão de Mato Grosso. **Multitemas** n. 15, out. 1999. Disponível em: http://www.multitemas.ucdb.br/article/viewFile/1136/1075 Acesso em: 08 ago. 2018.

BRAGA. José L.; CALAZANS, Regina. **Comunicação e Educação: Questões delicadas da interface.** São Paulo: Hacker, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de implementação do novo ensino médio**, Brasília, 2018.

CARVALHO, Márcia D; RAMOS, Patrícia. A Especialização no Programa Mídias na Educação: o processo de orientação na produção da monografia. I**V Encontro Brasileiro de Educomunicação.** São Paulo, 2012.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação: A linguagem em movimento.** São Paulo: Editora Senac, 2000.

CITELLI, Adilson.. **Educomunicação: Comunicação e educação: Os desafios da aceleração social do tempo**. São Paulo: Paulinas, 2017.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Editora Ática, 2000.

COELHO, Fernanda. Mario Kaplún: A comunicação educativa por uma sociedade mais democrática. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, 2009. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0275-1.pdf. Acesso em: 04 out. 2018.

CONSANI, Marciel A. **Mediação tecnológica na educação: conceito e aplicações.** 2008. Tese. (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.

COSTELLA, Antônio F. **Comunicação do Grito ao Satélite: história dos meios de comunicação**. 5 ed, Campos do Jordão: Mantiqueira, 2002.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia: Histórias e Grandes Temas**. 15ª ed, reformada e ampliada. – São Paulo: Saraiva, 2002.

COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. **Fundamentos de Filosofia.** São Paulo: Saraiva, 2013.

ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista; Teses de abril**. Tradução de Tariq Ali. *In* MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; LÊNIN, Vladímir Ilitch. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

FISCHER, Gustavo; SCALETSKY, Celso; AMARAL, Laura. **O storyboard como instrumento de projeto: reencontrando as contribuições do audiovisual e da publicidade e seus contextos de uso no design.** Porto Alegre: Unisinos, 2010.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. 2ªed.rev. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FRANÇA, Alberto Luiz R. **O uso da televisão na educação a distância (EAD): Um estudo sobre o Centro de Mídias da Seduc no Amazonas**. 2013. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Comunicação). Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam,** 23ª Ed., São Paulo: Editora Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 64º Ed., Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2017.

GAIA, Rossana Viana. **Educomunicação & Mídias.** Maceió: EDUFAL, 2001.

GAMA, Zacarias. A categoria mediação em Hegel, Marx e Gramsci: para suprimir ruídos conceituais. **Revista Ciências e Luta de classe digital.** Ano I. Vol 2. N.2, 2015.

GOTTLIEB, Liana. Da leitura crítica dos meios de comunicação à educomunicação. In: **Trama interdisciplinar,** ano 1, Volume 2, 2010. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/3115/2618> Acesso em: 28 ago. 2018.

HABERMAS, Jürgen; **O discurso filosófico da modernidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HOHLFELDT, Antônio. As origens antigas: a comunicação e as civilizações. *In:* HOHLFELDT, Antônio; MARTINHO, Luiz C.; FRANÇA, Vera V. (orgs). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 14ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** 2ª Ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KAPLÚN, Mario. ***Una pedagogía de la comunición (el comunicador popular).*** La Habana: Editorial Caminos, 2002.

LAGO, Cláudia; Patrícia Horta ALVES. Educom. Rádio: um a política pública que pensa a mudança da prática pedagógica. **III Seminário Latino-americano de Pesquisa em Comunicação–ALAIC**, 2005.

LAIGNIER, Pablo. Breve história dos computadores e do ciberespaço: uma abordagem conceitual**.** In: **Anais**...6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho – UFF, 2008. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Breve%20historia%20dos%20computadores%20e%20do%20ciberespaco.pd> acesso em 05 jan. 2019.

LEITE, Marcelo Henrique; SOUSA, Mauro Wilton de; GIOEILLI, Rafael Pompéia; CASTELANO, Ronaldo Mathias. **Mediações sociais e práticas escolas.** Novos Olhares, n. 12, 2003.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIMA, Gracia Maria Lopes de. **Educomunicação, psicopedagogia e prática radiofônica.** 2012. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação**. Formulação de um modelo metodológico. 7 ed. São Paulo: Loyola, 2003.

MARQUES, Edilmar Galeano. O serviço de informação profissional na Escola Estadual Hércules Maymone, Campo Grande/MS. In: **EdUECE** – Livro 3, 2015. Disponível em: http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro3/354%20O%20SERVI%C3%87O%20DE%20INFORMA%C3%87%C3%83O%20PROFISSIONAL%20NA%20ESCOLA%20ESTADUAL%20H%C3%89RCULES%20MAYMONE%20CAMPO%20GRANDE%20MS.pdf. Acesso em: 31 ago. 2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A Comunicação na Educação.** São Paulo: Contexto, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Comunicação plural: alteridade e sociabilidade**. São Paulo: Comunicação & Educação, 1997. P. 39-48.

MARTÍN-BARBERO, Jesús.. Desafios culturais: da comunicação à Educomunicação. Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. CITELLI, Adilson Odair. COSTA, Maria Cristina Castilho. (orgs). **Coleção Educomunicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesús.. **Dos Meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Tradução de Ronald Polito e Sergio Alcides. 7.ed., 1. Reimp. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

MATO GROSSO DO SUL (O Estado). Secretaria De Estado De Educação. Pesquisa autorizada. Destinatário: Naiane Mesquita, 9 ago.2018. 15 mensagens eletrônicas.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Rio de janeiro: Cultrix, 1964.

MEIER, Marcos; GARCIA, Sandra. **Mediação na aprendizagem: contribuições de Feuerstein e Vygotsky**. Curitiba: Edição do autor, 2007.

MORAES, Dênis De. A tirania do fugaz: mercantilização cultural e saturação midiática. In: MORAES, Dênis de (org). **Sociedade Midiatizada.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MORAES, Denise Rosana da Silva. As mídias na educação e na formação de professores/as: limites e possibilidades. In **6º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na**

educação – 2º Colóquio Internacional de Educação com tecnologias. Recife, Pernambuco. Disponível em: <http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2015/As%20m%C3%ADdias%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20na%20forma%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 30 ago. 2018.

MOREIRA, Claudia da C. **Educom.rádio: indícios e sinais**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação, na linha de pesquisa Movimentos Sociais, Política e Educação Popular). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá. http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp046239.pdf. Acesso em: 30 ago. 2018.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **Educomunicação: Recepção Midiática, aprendizagens e cidadania**. 1ª ed, São Paulo, Paulinas, 2014.

PANSANI, Clóvis. **Pequeno Dicionário de Sociologia.** 2ª ed. rev. Ampliada, Campinhas, São Paulo: Autores Associados, 2011.

PARELLADA, Cláudia. Revista Tecnologia e Ambiente. **Dossiê IX Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira / Regional Sul**, v. 21, n. 1, Criciúma, Santa Catarina, 2015.

PESSANHA, Eurize C. Estudar e lecionar em escolas exemplares: cruzamento de sentidos. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.11 n.01 abr. 2013.

PESSANHA, Eurize C.; ARRUDA, Angêlo Marcos V. de. Arquitetura Escolar de "Escolas Exemplares" em quatro cidades brasileiras: expressão de projetos de modernização e escolarização de 1880 a 1954. **Cadernos de História da Educação, Uberlândia**, n. 7, jan./dez. 2008

PINHEIRO, Rose Mara. **A Educomunicação nos centros de pesquisa do país: um mapeamento da produção acadêmica com ênfase à contribuição da ECA/USP na construção do campo**. 2013. Tese. (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.

PRÓSPERO, Daniele. **Educomunicação e políticas públicas: os desafios e as contribuições para o Programa Mais Educação**. 2013. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.

QUEIROZ, Rita de C. R. de. **A informação escrita: do manuscrito ao texto virtual.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/escritacoletiva/pdf/a_info_escrita.pdf> Acesso em: 14 ago. 2018.

ROSSETTI, Fernando. Projetos de Educação, **Comunicação & Participação: Perspectivas para Políticas Públicas.** Brasília: Unicef, 2004. 168 p. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/midia_escola.pdf>. Acesso em: 03 set. 2018.

RÜDIGER, Francisco. A escola de Frankfurt. *In:* HOHLFELDT, Antônio; MARTINHO, Luiz C.; FRANÇA, Vera V. (orgs). **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 14 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

SANTOS, Fábio. **O programa mais educação na rede estadual de ensino de Mato Grosso do Sul (2008-2014).** 2016. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande.

SAYAD, Alexandre Le Voci. **Idade Mídia: a comunicação reinventada na escola.** São Paulo: Aleph, 2011.

SCHAUN, Ângela. **Educomunicação. Reflexões e princípios.** Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SILVA, Fernando Firmino. Mobilidade ampliada: tecnologias móveis digitais no jornalismo. **Tecnologia, pra quê?,** Universidade Federal da Paraíba, 2010.

SILVA, Marcos Paulo da. **Apontamentos sobre a contribuição da sociologia das formas de Franco Moretti para os estudos em jornalismo.** Revista Matrizes, São Paulo, V.11, 2017.

SOARES, Ismar de Oliveira. A mediação tecnológica nos espaços educativos: uma perspectiva educomunicativa. **Revista Comunicação & Educação** (São Paulo), v. 12, n. 1, 2007.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Cadernos de educomunicação. Caminhos da Educomunicação.** São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação** (Brasília), ano 1, n. 2, jan./mar. 1999.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio.** São Paulo: Editora Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação** (São Paulo), set./dez. 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. **Comunicação & Educação** (São Paulo) jan./abr., 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Teorias da Comunicação e Filosofias da Educação:** Fundamentos epistemológicos da educomunicação. São Paulo, Documento de suporte à Prova de Erudição de Concurso para Professor Titular da USP, ECA/USP, 2009.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiatização. In: **Sociedade Midiatizada.** Dênis de Moraes (org). Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SOUSA, Mauro Wilton. **O lugar social da comunicação. Caminhos da Educomunicação.** Ismar de Oliveira Soares (coord). São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

SOUZA, Flavia. Conteúdo: dos softwares aos estudos dos softwares. **Anais...**In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife, PE. Disponível em http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1405-1.pdf. Acesso em 18/04/2019.

STEPHENS, Mitchell. **História das Comunicações: do tantã ao satélite**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1993.

TAVARES, Olga; MASCARENHAS, Alan. Jornalismo e convergência: possibilidades transmidiáticas no jornalismo pós-massivo. **Revista Famecos: Mídia, cultura e tecnologia.** Porto Alegre, v. 20, n. 1, pp. 193-210, janeiro/abril 2013.

TAVARES, Renato. **Educomunicação e Expressão Comunicativa: a expressão radiofônica de crianças e jovens do projeto Educom.rádio,** 2007. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo. São Paulo.

TINÉ, Sandra Zita Silva. A Educação midiática e a educomunicação como elementos das políticas públicas de educação no Brasil: o Programa Mais Educação *In*: SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir E. XAVIER, Jurema B. (orgs). **Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural**. São Paulo: ABPEducom, 2017. Disponível em: http://www.abpeducom.org.br/wp-content/uploads/2018/05/Livro-Educom-pagina-a-pagina Acesso em 06 fev. 2019.

XAVIER, Antônio Roberto. História e filosofia da educação: da Paideia grega ao pragmatismo romano. **Revista Dialectus,** Ano 3 n. 9 setembro - dezembro 2016 p. 81 – 99. Disponível em: http://www.periodicos.ufc.br/dialectus/article/viewFile/6535/4764 Acesso em: 02 ago. 2018.

XAVIER, Antônio Roberto; CHAGAS, Eduardo Ferreira; REIS, Edilberto Cavalcante. Cultura e Educação na Idade Média: Aspectos Histórico-Filosófico-Teólogo. **Revista Dialectus**, n. 11, 2017: Dossiê Michel Foucault. Disponível em: http://www.periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/31016/71640. Acesso em: 01 ago. 2018.

YIN, Robert K. Estudo de Caso: Planejamento e métodos. Trad. Daniel Grassi. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZANFORLIM, Flávia; GULIN, Giovana. Formação em Educomunicação: a cultura educomunicativa em evidência. *In*: SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir E. XAVIER, Jurema B. (orgs). **Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural**. São Paulo: ABPEducom, 2017. Disponível em:http://www.abpeducom.org.br/wp-content/uploads/2018/05/Livro-Educom-pagina-a-pagina Acesso em 06 fev. 2019.

APÊNDICES

Apêndice A

Entrevista Márcia Chiad

Mediadora durante o projeto Educomrádio.Centro-Oeste, jornalista e empresária

Data: 11 de setembro de 2018

Mesquita: Você era a única jornalista em Campo Grande que acompanhava as atividades nas escolas?

Chiad - Acho que sim. Foi uma loucura, eu lembro que a gente recebia por etapa cumprida, você fazia tantas escolas a primeira etapa, você recebia o valor, depois você ficava três, quatro meses trabalhando e depois você recebia de novo. Todas as viagens eram de ônibus. Eu gostava, era uma ideia, eu acreditava no jornalismo, eu ainda estava naquele sonho de trabalhar com as comunidades. Eu só sonhei como jornalista, o Educomrádio.Centro-Oeste foi um sonho também.

Mesquita: Você se lembra de como foi o processo durante o Educom.rádio Centro-Oeste? Como foi a participação dos alunos?

Chiad - Eu lembro que nós fazíamos as oficinas, trabalhávamos os conceitos da Educomunicação e as técnicas de produção de material para o rádio. Eu lembro que eu fui em algumas aldeias também e lá funcionou muito legal. Na minha profissão, no jornalismo, sempre foi muito intenso tudo que eu fiz. Na época do jornalismo eu buscava coisas que saiam fora desse movimento padronizado, eu não queria trabalhar mais na imprensa. Em 2004 eu tinha saído do jornalismo diário e acho que eu iria dar aula como professora substituta na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, junto com o Marcelo Câncio. Eu sempre fui para a linha da comunicação alternativa e popular e assim, o Educom era bem legal porque eles tinham uma didática muito boa. Eu lembro que tinha muito material, a gente era muito subsidiado de texto, de conteúdo pela USP e teve se eu não me engano uma formação aqui e quando nós chegávamos na escola para implantar, eu tive muita dificuldade com a parte técnica. Sempre tinha um professor junto, que tinha o perfil, nos lugares onde o professor gostava de trabalhar com a técnica, com a rádio mesmo, com a fiação, com montar e colocar, o projeto fluiu.

Mesquita: Todas as escolas receberam os equipamentos?

Chiad - Teve escola que não recebeu e em outras escolas o equipamento sumiu. Teve escola que chegou o equipamento, sumiu e não funcionou o projeto. Não tenho informações mais precisas. Eu lembro que só funcionava bem o projeto quando o professor era engajado, porque a gente ia lá para passar as informações que a gente recebia, a gente era uma ponta, um mediador, a gente fazia a mediação, depois a gente fazia toda a parte de avaliação, de pesquisa, você mandava, o que funcionou. Precisava enviar os relatórios diretos.

Mesquita: Você notou se a relação de hierarquia entre professor e aluno foi de alguma forma quebrada durante o projeto?

Chiad - Quebrava, porque o professor também não sabia sobre o rádio, sobre a técnica, então eles eram aprendizes juntos. Então isso que era legal, eu lembro que eles batiam muito na questão das escolas que trabalhavam com a Educomunicação diminuíam a violência, tinha muita essa questão da diminuição da violência. Os professores e alunos trabalhavam juntos, os programas eram elaborados juntos.

Mesquita: Em relação a isso, você se lembra quais eram os temas mais abordados pelos alunos nos programas de rádio?

Chiad - Tinha muita coisa relacionada a violência escolar, várias escolas fizeram programas sobre isso. Bullying, violência contra o professor, eu lembro depois que eu fiz algumas matérias com professores porque alguns tinham medo de entrar em sala de aula, eles eram coagidos, principalmente o do noturno. Os temas dependiam muito da escola, nas aldeias tinha muita a questão da cultura.

Apêndice B

Entrevista: Paulo Cezar Rodrigues dos Santos
Coordenador de Tecnologia Educacional - SED/SUPED/COTED-MS
Data: 13/05/2019.

Mesquita: Atualmente vocês têm projetos que relacionam a educação, a comunicação e consequentemente a tecnologia?

Paulo: Todos os nossos projetos estão voltados para a educação. Nós temos dezenas de projetos, em tecnologia nós temos diversos projetos acontecendo, como uma plataforma denominada de Protagonismo Digital, que acaba englobando muito da comunicação com os nossos professores e com os nossos alunos. Há projetos em Educação a Distância, a maioria das formações da Secretaria de Educação acaba envolvendo a tecnologia porque hoje nós temos a dificuldade de fazer a formação presencial, então você acaba utilizando muitos canais de comunicação para promover a educação a distância. Então você faz uma pequena parcela de formação presencial, mas o grande bojo acaba entrando a distância. Você precisa utilizar diversos canais, hoje a Secretaria de Educação tem vários canais de comunicação bem estruturados, nós temos o E-doc, que é um sistema próprio de transmissão de documentos, então em tempo real eu tenho como essa comunicação chegou a escola, quem abriu, horário que abriu, se ela respondeu, se ela não respondeu, então nós temos todo um controle. Nós temos toda uma rede de W*hatsaap* que é rápida, então quando queremos informar as escolas rapidamente, sai da Secretaria via o grupo da SED e chega rapidamente no grupo das 12 regionais. Nós temos 12 regionais de ensino, essas regionais replicam para os seus diretores, que automaticamente replicam para os professores. Então acaba que a gente consegue atingir a rede toda de uma forma muito rápida com esses mecanismos. Nós temos a página da SED, que é muito acessada, temos o canal no Youtube, onde nós postamos essa questão dos vídeos, dos passos a passos para os professores e gestores. Acaba tendo muita ligação e as escolas nos pedem para vincular seus projetos nos setores de comunicação. Nós temos um setor de comunicação aqui que é ligado ao Governo do Estado. Então não sai nada daqui relativo à comunicação que não seja passado para esse setor. Então esse setor faz um filtro, vê se está alinhado com a proposta de Governo e a partir de então manda para a mídia aberta, televisiva etc.

Mesquita: Os projetos que ocorrem dentro das escolas que envolvem a inter-relação comunicação e educação precisam ser comunicados ao setor? A escola tem autonomia?

Paulo: A escola tem autonomia. Há vários projetos acontecendo. Teve um projeto nosso que ganhou um prêmio fantástico, ele foi até Praga, ganhou uma etapa estadual, depois ganhou uma etapa nacional e foi representar o país. Era um projeto em que os alunos criaram uma agência de comunicação que veiculava os acontecimentos da escola. Mas, foi tomando um bojo tão grande, era um projeto fantástico porque eles tinham fotógrafo, digital, pessoal para fazer o texto, então, eles aprendiam uma série de situações ligadas a comunicação para desenvolver o projeto. A verba do projeto disponibilizada pela escola foi de R$ 30,00 e os alunos tinham que administrar. Eles tinham que produzir os folders, as peças publicitárias, chegou a um patamar que eles começaram a envolver a comunidade no entorno da escola. Pequenas empresas começaram a contatar eles para pedir peças, como o mercadinho da vila, padaria, para que os alunos produzirem essas peças publicitárias. Depois disso várias escolas começaram a desenvolver projetos em que os alunos criavam peças de marketing e publicidade.

Mesquita: O projeto do Centro Nacional de Mídias na Educação ele é coordenado pelo Coted?

Paulo – ele foi implementado o ano passado, tinham onze escolas participando e nós enviamos um professor nosso que ficou em Manaus por seis meses, um professor nosso que tinha experiência em eletivas midiáticas. As nossas escolas, escolas de tempo integral os alunos se inscrevem para eletivas, então, além do currículo normal que ele é obrigado a compor, um professor prepara tipo uma oficina e oferta, tem várias oficinas, como teatro, a que mais chamava atenção ela ligado as tecnologias. Nós enviamos um professor que tinha expertise na área e ele foi para lá para se preparar e de lá ele transmitia para o país inteiro e nós captávamos de outras pessoas que estavam lá. Vários estados mandaram participantes. Aqui em cada escola nós tínhamos um professor mediador, o professor mediador era responsável por aquela eletiva, os alunos estavam produzindo os seus trabalhos, eles seguiam toda uma linha metodológica, tinha que aprender a se comunicar, porque era tudo muito cronometrado, era questão de tempo, o aluno não estava habituado, o professor também não. Então era assim, você tem um tempo x para preparar o seu cartaz, um tempo x para expor as suas ideias e um tempo x para compartilhar isso nacionalmente.

Isso foi fantástico, as escolas aderiram bastante. Agora, com a troca de governo, o projeto infelizmente deu uma parada devido a uma questão licitatória, eles estão licitando novamente, não vai ser mais o Centro Nacional de Mídias na Educação, não vai ser mais em Manaus, porque nos pegamos muito da experiencia de Manaus, eles fazem muito bem, devido a sua extensão territorial e sua precariedade geográfica em questão de ter recursos humanos, professores naquelas aldeias, cidades que você para chegar são três meses de voadeira para chegar lá, dois meses de barco, acaba dificultando isso. Nós pegamos a expertise dele e transformamos isso nacionalmente. Hoje o projeto está meio em *stand by*, mas o MEC está anunciando que está implementando novamente e vai ser em Brasília o novo centro e vamos continuar o trabalho.

Mesquita: Eu enviei questionários para as escolas que participaram do Educomrádio.Centro-Oeste e a maioria respondeu que participava do CNME atualmente. Por isso eu questionei sobre a manutenção do projeto.

Paulo: Ele deu só uma parada por conta da troca de governo, então tinha toda uma outra gestão. Era um projeto que hoje, o secretario de educação de São Paulo, que é o Rossieli Soares da Silva, ele era ministro da educação e ele idealizou o projeto quando ele era secretário no Amazonas. Ele se tornou ministro da educação, hoje ele é secretário de educação do Estado de São Paulo, mas ele era apaixonado por isso. Hoje, com esse novo governo, novo ministro, entrou em fase, mas o projeto não morreu, ele continua, só que alguns contratos que estavam sendo viabilizados foram rompidos, então você tem que fazer um processo de licitação para contratar equipamento. O grande *boom* do projeto em CNME é que ele era em tempo real, você precisa de uma tecnologia muito específica para eu professor daqui em tempo real interagir com o professor do Amazonas e isso dar o mínimo de lag, a transmissão tem que ser quase instantânea. Então, eu faço a minha apresentação daqui e de lá você me dá a sua resposta, era uma tecnologia específica para isso, com antenas e uma internet de banda larga melhor. Esses equipamentos eram locados pelo Ministério da Educação e acabou esse contrato. Agora você tem que licitar uma nova empresa.

Mesquita: Como o senhor avalia a presença da tecnologia hoje nas escolas de Campo Grande. A tecnologia é mais acessível? Os professores têm mais facilidade atualmente? Como o senhor analisa esse cenário?

Paulo: é uma discussão extremamente complicada essa questão porque muita gente tem a tecnologia como a panaceia, aquela que vai vir resolver todos os

problemas da educação e a gente sabe que não é por aí. Segundo ponto, todos que defendem uma inserção da tecnologia nas escolas sabe que isso tem um preço e um preço elevado. Hoje para você comprar equipamentos, ter uma banda larga nas escolas, você ter escolas com Datashow, isso tem um ônus. Acaba aqui, quer dizer que as escolas que têm famílias de maior poder aquisitivo ou que estejam em regiões mais ricas ela terá uma educação melhor porque ela tem mais condições de acessar tecnologia e aquela que está lá no interior, as nossas indígenas, as nossas rurais, as nossas quilombolas, elas ficarão sempre em defasagem dos nossos alunos? Então não, a tecnologia é você usar tudo aquilo que você tem dentro da escola, é mais você mudar uma postura enquanto educador de você pegar um livro didático e usar de forma diferenciada, não usar para você reproduzir, mas para o aluno construir conhecimento, esse é o grande boom, você incentivar o aluno para que ele tenha condições de ser agente transformador. Então nessa visão usar a tecnologia para nós é dar condições ao professor dele ser o mediador, olha você está aqui não para dar o conhecimento pronto para o aluno, nós já passamos dessa fase. Isso é muito fácil. Você chegar aqui e explicar para o seu aluno, eu sou professor de história, por exemplo, eu explicar para os meus alunos quais os motivos que levaram a Primeira Guerra Mundial é muito fácil, agora eu te proporcionar mecanismos de pesquisa, de leitura e uma série de coisas para você chegar a conclusão de quais são os motivos da Primeira Guerra Mundial e eu mediar isso para dizer se você está correto na sua linha de pensamento ou não é o caminho. Hoje nós temos na rede estadual, Diário Online, Planejamento Online, teve um projeto fantástico que era o Mera Educação, que infelizmente nós tivemos que parar, que era um app onde o professor fazia chamada, nós estamos desenvolvendo um substituto para ele. Então quanto mais eu dar tecnologia para o professor para eles fazer as funções as burocráticas, então imagina você chegar para dar a sua aula em sala de aula, você pega e abre o seu diário e faz a chamada, você gasta em média 15 minutos para fazer a chamada. Em uma aula de 50 minutos ou 1 hora, você teria uma média de 30 minutos de aula efetiva. São questões burocráticas que eu preciso minimizar no seu fazer. Quando eu minimizo isso eu te dou mais tempo para você criar situações de efetiva aprendizagem em sala de aula e que você planeje melhor a sua aula. Hoje, o professor de Mato Grosso do Sul já está adaptado. Quando nós implantamos o Planejamento Online ou o Diário Online, em que ele estava acostumado a fazer tudo no caderno, no papel era

uma briga. Mas, se hoje você chegar na escola e falar que vai tirar isso, vira uma briga, eles já estão adaptados a isso, hoje já é uma realidade.

A tecnologia é aquela situação, o aluno nosso ele gosta, hoje essa geração a gente está passando por um momento extremamente complicado com a educação. A minha geração, aquilo que funcionou para mim, não funciona para essa geração. É uma geração extremamente conectada, um garoto de 12 anos, ele tem mais informações que um imperador romano. Informações. Só que eles estão conseguindo transformar essas informações em conhecimento? Não. Nesse momento que entra o papel do professor, você transformar aquilo que é, ainda mais nessa época agora de fake News, em que você tem que ser extremamente crítico para você não construir as suas verdades baseada em falsas verdades, esse aluno tem que ser muito bem preparado para filtrar isso. Quando ele vai para a sala de aula, o professor possa usar o celular, possa usar o que ele tiver à disposição para dar condições a esse aluno para se desenvolver e incentivar esse desenvolvimento nele. O nosso aluno, hoje, ele vem para a sala muito diferente. O aluno antigamente você o mandava estudar, a minha geração, por exemplo, você entra no quarto, fica ali com o marca-texto, você adora um lápis, uma caneta. O aluno de hoje, ele coloca um fone de ouvido, com um batidão, um funk pesado, ele está com apostila na mão, ele está ligado no *whatsaap*, nos grupos que ele faz parte, ele faz carinho no cachorro com o pé e ele está estudando e pasme ele está aprendendo. Quando você pede para um aluno estudar e você vê uma criança, um jovem, um adolescente em uma situação dessas, você pensa como esse jovem vai aprender e ele está aprendendo. Isso que nós temos que entender e usar esses mecanismos que eles têm para incentivar uma aprendizagem positiva, porque a maioria deles que tem acesso a e-mail, *Facebook* e *Whatsaap*, ele não usa em prol da aprendizagem e sim do lazer. Nós professores precisamos pegar essas ferramentas que eles gostam e transformar em ferramentas efetivas para a aprendizagem.

Mesquita: É um desafio para os próximos anos?

Paulo - É o desafio para o educador que está hoje em sala de aula. É extremamente desafiador você chegar em sala de aula e transformar aquela aula em algo interessante para o seu aluno. Imagina você, hoje nosso jovem passa horas e horas na frente da televisão, ele passa horas e horas jogando, ele se comunica, ele tem acesso a qualquer tipo de informação que ele quiser no mundo. E ele ir para uma sala de aula e ficar 90 minutos ouvindo o professor, isso é extremamente maçante,

então hoje transformar essa aula em uma aula de excelência e que esse aluno possa usar o próprio celular. Nós fizemos uma pesquisa e nós descobrimos que mais de 80% dos alunos tem um *smarthphone* e um *smarthphone* de qualidade. Então se eu tenho uma boa rede de wi-fi, que hoje você ainda tem aquela questão de pacote de dados, muitos das famílias de baixa renda o celular é pré-pago, ou seja, isso consome o pacote de dados. Coloca uma wi-fi de qualidade na escola e deixa esses alunos acessarem, não é fazer uma pesquisa e jogar esses alunos no Google, é saber como foi construído o Castelo de Versalhes, mas muitas vezes ele não vai achar muitas informações. Então o professor já tem que ter visitado os sites interessantes e propor uma pesquisa mais orientada. A escola vai ter alguns celulares disponíveis e você usa o que tiver. É o grande desafio dos educadores hoje, filtrar aquilo que eles têm que passar efetivamente para o aluno. Em história, no 7º ano, ele estuda unificação italiana e unificação alemã. Pensa um garoto da periferia de Mato Grosso do Sul se interessando como que se deu a formação do estado alemão e estado italiano. É imprescindível para ele entender o porquê dessa economia global que nós temos hoje, porque nós temos tantos conflitos lá, então isso está lá atrás, explicado na nossa história, então você precisa criar mecanismo para tornar essa história mais interessante, se não ele vai fazer a famosa pergunta: por quê eu estou aprendendo isso? No que eu vou usar isso? Então você tem que tornar isso interessante e mostrar para ele que só tendo conhecimento para entender o mundo de hoje. Se você não tiver uma boa escrita, um bom raciocínio matemático, lógico e um bom conhecimento histórico, você está fadado a ser um profissional que não vai ter sucesso na sua vida ou na faculdade que você precisa entrar. Esse é o grande desafio do educador, associar a tecnologia, associar esse grande fazer, esse novo jovem, essa nova criança que está dentro da escola, ele quer, ele está voraz, mas ele está perdido, ele usa para o lazer, para se divertir e muitas vezes a gente tem que dar orientação como ferramenta de aprendizagem.

Mesquita: As salas de tecnologia continuam em funcionamento?

Paulo – Existem. Todas as nossas escolas têm salas de tecnologia. Até o ano passado nós tínhamos o Professor gerenciador de tecnologias educacionais e recursos mediáticos, que a gente chamava de Progetec. Eles eram professores mesmo, para você assumir o cargo você tinha que ter licenciatura, bacharéis não eram permitidos nesse projeto. Isso tinha ponto positivo e ponto negativo. O ponto positivo é que eu tinha uma pessoa dentro da escola para resolver e para ficar incentivando

efetivo uso das tecnologias. Então era mais fácil eu dar para os professores que estavam nessas escolas e eram responsáveis pelas salas de tecnologia, a formação para você e você dar essa formação na escola em serviço. Você estava perto do seu grupo, você conhece as pessoas e sabe como melhor atingir os professores. Só que o ponto negativo, o professor sempre ficava ancorado naquela pessoa (progetec), o ideal era que você como professor domine as tecnologias porque o plano de aula é seu, a pedagogia é sua, a hora que você for falar quais as habilidades, as competências, principalmente, a metodologia, ninguém pode interferir. Eu posso orientar e nenhum professor aceita que a interferência na metodologia, se ele estiver em uma situação assertiva. Então, esse cargo nós tiramos e estamos essa semana finalizando a contratação de novos profissionais, pessoas de nível médio para cuidar do laboratório, como acessar um programa, uma pessoa mais técnica, porque o pedagógico é do professor.

Mesquita: A questão da escola integral, escola de autoria, essas escolas na sua visão, ela oferece mais condições para os professores e os alunos desenvolverem projetos de extensão ou não, que auxiliem no caminho dos desafios da tecnologia expostos nas perguntas anteriores?

Paulo – É completamente o caminho. Se você pegar os países desenvolvidos, que tem o melhor desempenho nas avaliações externas são escolas em tempo integral. O aluno ele passa um tempo maior nas escolas, mas assim tem que ser escola integral em tempo integral, então não é aquela escola que você estuda de manhã e à tarde, talvez, você tenha um xadrez, balé, judô, mas aquilo não estava completamente ligado as competências que você estava desenvolvendo no seu período letivo legal. Essa escola em tempo integral é uma escola que o nosso próprio nome diz, é a escola de autoria, então ele tem que te dar protagonismo. O protagonismo é de quem? Do aluno e do professor. O professor ele tem que saber pegar aquele material didático e produzir uma boa aula, ao mesmo tempo que eu tenho que incentivar o aluno a ele ter esse protagonismo, a ele ser um agente no seu processo de aprendizagem, não seja aquela pessoa passiva que só recebe conhecimento. É aquele aluno que questiona, que propõe, que analisa o meio em que ele vive e para isso sem tecnologia hoje é praticamente impossível. Você tem que proporcionar mecanismos para esses alunos. A gente estuda aqui, na Coordenadoria de Tecnologia Educacional, em que nós analisamos os projetos de todas as escolas que desenvolvem projetos que usam a tecnologia em sala de aula. A gente tenta

proporcionar um meio termo no que a escola deseja e aquilo que a gente enxerga que a escola precisa para avançar. Então a gente acredita muito nesse modelo da escola em tempo integral porque, infelizmente, é uma parte da rede estadual de Mato Grosso do Sul é integral, mas nas nossas pesquisas nós já vimos que o desempenho dos nossos alunos na escola integral tem sido melhor, então cada vez mais, só que para isso é custo, você precisa de uma série, as nossas escolas infelizmente no país inteiro, elas não foram pensadas para serem em tempo integral. Nossas escolas não têm refeitório, elas foram pensadas como um lanche na hora do intervalo. Uma escola integral precisa almoçar. Nossas escolas não têm área de descanso, não foram pensadas para isso. Durante o intervalo, o jovem e a criança precisam descansar, precisa de um espaço de lazer, orientado, conduzido. Você acaba tendo um custo muito grande para transformar essas escolas em escolas de tempo integral. Aos poucos elas vão se transformando nas escolas que queremos e sonhamos.

Mesquita: O senhor já ouviu falar do termo Educomunicaçao?

Paulo – Eu ouvi algumas coisas em São Paulo, aqui em Mato Grosso do Sul, como você viu, é algo antigo, então nós não implantamos nenhum projeto.

Mesquita: Há quanto tempo o senhor trabalha na SED/MS?

Paulo: Sou servidor efetivo do estado desde 2001 e no Núcleo de tecnologia educacional estou há 4 anos, desde 2015 como coordenador. Sou bacharel com licenciatura plena em História, especialização em Mídias na Educação.

Mesquita: Como foi a especialização em Mídias na Educação

É um projeto fantástico, que merece continuidade porque ele te prepara, hoje, principalmente os professores mais jovem já vem com isso, é natural o uso de tecnologias, mas nós temos professores de carreira, que estão há 18 anos, professores perto da aposentadoria, com 20, 25 anos de carreira e era outra metodologia, outra formação continuidade, porque é muito complicado ser aquele que é o migrante da tecnologia, para aquele que nasceu nesse meio. Para uma criança que para ele é extremamente natural, para o professor não é tão natural, ele precisa aprender, então se você pega um garoto de 5 anos, mostra um vinil ele não sabe o que é, um vinil. Nós somos a geração que viu o videocassete nascer, morrer, nós vimos os DVDs, nós tínhamos em cada esquina uma videolocadora e hoje isso não existe mais, temos a Rede que tem tudo, o serviço de streaming. Tem professores que não sabem o que é, você precisa atualizar esse professor. Você pergunta para esse professor há quanto tempo ele tem um perfil no Twitter, ele não sabe o que é o Twitter,

você tem Snapchat, Instagram. Hoje os jovens estão migrando do Facebook para o Instagram porque eles perceberam que os pais, os professores começaram a fazer parte da Rede, hoje tem um boom do Instagram em detrimento do Facebook, porque no Facebook tem a mãe, o pai, a tia estão lá. O jovem quer o espaço próprio, é questão do núcleo em que eles vivem.

Apêndice C

Entrevista com Valdirene Ungari, 50 anos

Professora de biologia e professora-mediadora durante o Educomrádio.Centro-Oeste.

Data: 13 de setembro de 2018.

Mesquita: Você lembra em que ano o Educomrádio.Centro-Oeste começou?

Valdirene: Em 2004 nós fizemos o curso com o pessoal da Universidade de São Paulo (USP) e ficamos fazendo o curso até que a aparelhagem chegasse. A aparelhagem chegou em 2005 e foi quando nós começamos realmente a fazer os programas.

Mesquita: Você era professora de biologia na época. Como foi essa questão de ir para o campo da Educomunicação, de trabalhar com a comunicação, essa transição entre os campos?

Valdirene: Porque eu gosto, eu gostava muito disso, eu achava legal, era muito apaixonada pela educação e eu queria achar outros meios de fazer a educação e eu achei excelente, quando veio eu achei assim muito bom, porque o rádio não era tão falado entre eles. Eles ouviam o rádio, mas não ligavam que o rádio poderia ser usado também para a educação. Eles ouviam muito, mas não ligavam uma coisa com a outra e eu achei excelente. Nós abraçamos a causa.

Mesquita: Como foi o processo de formação dos professores?

Valdirene: A presencial era sempre na semana e tinha o online que nós fazíamos algumas tarefas, alguns fóruns e tinha a presencial, que era excelente. Eram mestres, doutores da USP, então era muito bom, me lembro com clareza que era bom demais, a parte teórica foi muito boa, eles começaram a contar, falar mais da educação, dessa parte pedagógica, depois vieram com a história do rádio e como a gente podia ligar. Como eram pessoas de vários lugares, de aldeias indígenas, de quilombos, a gente conseguiu fazer uma integração muito bacana. Você percebia como funcionava a rádio para os índios, como funcionava a rádio para os negros, como funcionava para o MST, do pessoal de acampamentos, muito bacana, e então no centro da cidade, na periferia, os programas que os meninos faziam e nessa época estávamos fazendo o curso e estávamos montando as equipes e fazendo alguns exercícios já com as equipes de alunos nas escolas.

Mesquita: Na escola, como foi a recepção dos outros professores e dos alunos?

Valdirene: Olha, eles ficaram meio assustados porque não sabiam o que fazer, mas nós já começamos a trabalhar, eu colocava os meninos para participar do PL (planejamento) dos professores e ele participava dos estudos e via o que o professor estava dando, às vezes o professor falava que queria uma aula e a gente montava essa aula. Nossos encontros eram aos sábados e durante a semana eles viam em horário contrário, porque eram três períodos e não integral, viam em horário contrário para fazer a programação. Começamos a participar no PL, eles davam as ideias do que trabalhar, nós estudávamos muito e fazia a programação. Em datas comemorativas, dia dos namorados, dia dos índios, no início do ano foi feito um programa sobre o Hino Nacional, porque a gente cantava o hino e da importância do hino, porque cantava, de onde surgiu o hino. As caixas de som tinham uma antena, a caixa não precisava de fio então poderia levar, tinha um receptor em cima dela, então montamos um horário que cada sala recebia a caixa para ouvir a programação naquele momento. A programação era feita tudo com gravadorzinho de mão, porque não tínhamos todas essas aparelhagens que temos hoje.

Mesquita: Eram adolescentes ou crianças que participavam?

Valdirene: Adolescentes. Do 9º ano em diante, ainda tinha fundamental na escola.

Mesquita: Os alunos devolveram um protagonismo durante o projeto? Eles foram atrás dos temas, eles tentavam fazer a rádio ou você precisava ter essa mediação, ficar do lado deles?

Valdirene: Eu dividia em grupo, cada grupo pegava uma coisa, eles iam lá fazia, vinha, editava. Eles eram muito mais protagonistas do que os alunos de hoje, muito mesmo. Eles tinham amor por isso, porque ninguém ganhava nada, faziam por amor mesmo. Eles gostavam daquilo, aprendiam, liam. Alunos que tinham dificuldade em falar em sala de aula, aqui falavam, eles passaram a estudar muito mais, descobrir coisas que, porque, por exemplo aqui tinham alunos de 1º, 2º, 3º e 9º ano, todos eles estudavam a mesma coisa. Uma vez nós fomos fazer um programa sobre voto, ficamos sábado das 7h da manhã até às 20h da noite para fazer esse programa e eles estudando mesmo nos livros, procurando, e eles iam falando “nossa eu não sabia disso”, “quando a professora for falar sobre isso, eu já sei e falo que eu aprendi na rádio”. Então eles faziam com bastante amor e ficavam livres para fazer o que eles queriam, quero fazer uma propaganda, lógico tudo dentro do tema que eles estavam fazendo. Entrava alguém eles ensinavam, tanto que até hoje eu sou ruinzinha param

mexer na aparelhagem porque tudo foram eles que aprenderam e passaram para os demais, eles iam entrava aluno novo, eles iam ensinando o que fazer, eles davam as ideias, a gente fazia reunião de pauta, eu acatava a ideia, eu só ficava orientando, não dava pitaco em nada.

Mesquita: Você sentia resistência por parte dos professores, conforme ocorria de quebrar essa relação hierárquica entre professor e aluno ou você acha que não?

Valdirene: Eu acho que não, aqui nessa escola sempre foi muito fácil trabalhar com os colegas, foi muito fácil, eles davam a ideia de “ah vocês podiam recitar um poema”, os meninos faziam o programa e levavam. Foi muito bem aceito. Os professores aceitavam de boa, não teve resistência, a direção e a coordenação sempre nos deram muito apoio. Os alunos nunca eram retirados da aula para fazer nada da rádio, isso que incomoda muito o professor, você retirar o aluno de lá para fazer outra coisa. Eles usavam muito a rádio para fazer coisas para as aulas deles. Eu gostaria que meus alunos fizessem um áudio de tal coisa, eu falava é só mandar os seus alunos lá, eu mando um aluno vir de outro turno e ele faz.

Mesquita: Depois de 2005, como o projeto seguiu na escola?

Valdirene: Excelente, de 2005 a 2010 o projeto funcionou maravilhosamente bem. Em 2011 eu entrei em depressão, tirava muita licença e deixei outro professor no lugar. Mas, não estava funcionando legal, mas funcionava, porque nessa época os alunos já tomavam conta da rádio sozinha. Eu fui me afastando aos poucos, mas sempre vestindo isso aqui, para deixar do jeito que a gente queria, com essa acústica. A escola gastou muito e quando ficou do jeito que queríamos, eu já não estava mais no projeto porque fui readaptada por problemas psiquiátricos. Eu me afastei com muita dor no coração. Hoje, eu entro aqui e sinto muita saudade, tentei fazer alguns alunos trabalharem com isso, mas não é igual como era antes.

Mesquita: Hoje, a rádio funciona?

Valdirene: Não, ela não funciona, não estava funcionando. Começou a funcionar como eletiva, depois como clube, mas nos tivemos uma reforma e os fios estão todos quebrados, nessa reforma quebraram os fios, então não estava saindo som, os meninos desanimaram, vão ficar fazendo para que. Não temos verba também para arrumar, porque todas as salas de aula têm uma caixa de som, nós conversávamos daqui com a sala, todos os canais têm aí, cada um que quiser falar com o 1º A pegava o microfone e falava “atenção alunos do 1ºA”, só que está tudo quebrado e é muito caro, nós não temos essas condições. Estamos esperando para pelo menos arrumar

aqui do varandão que é onde os alunos ficam para almoçar, para a gente ano que vem tentar montar uma equipe.

Mesquita: Depois de 2010 até agora, voltou a funcionar algumas vezes?

Valdirene: Funcionou algumas vezes sim, ele continua funcionando. Parar mesmo, acho que foi em 2014.

Mesquita: Vocês têm alguma disciplina eletiva que aborde a comunicação?

Valdirene: No semestre passado nós tínhamos podcasts, só que agora nesse semestre nós não temos. Tem que ter alguém, eu até participei de uma eletiva da rádio como coordenadora em 2017, no início do ano passado eu fiz com o professor de educação física, nós fizemos ainda saíram alguns programas, fizeram algumas edições, mas foi só um semestre.

Mesquita: O que você percebe quando há o funcionamento dessas disciplinas eletivas ou dos projetos, o que muda nos alunos, você acha que transforma alguma coisa neles, o que você percebe como educadora?

Valdirene: Hoje em dia está difícil, mas antes quando eu iniciei nós tivemos alguns alunos que trabalharam como locutores, ganharam dinheiro com isso, teve aluno que estudou, que a faculdade dele foi em marketing porque tudo começou daqui, teve aluno que foi entrevistado pela voz que tinha, começando daqui. Agora, hoje eu já acho que a mudança é pouca, porque não está sendo feito o mesmo papel que deveria ser feito. O aluno ele não entende se você for fazer assim falar só para ele, ele não entende, tem que ter os estudos para ele entender a transformação que isso pode acontecer. Mas, o que acontece que eu percebo, alunos tímidos eles passam, quando eles começam a falar no microfone eles perdem um pouco dessa timidez, então eles ficam mais abertos para aceitar outras coisas. E o estudo, toda vez que eu pego uma equipe nova, eu sempre falo dos estudos, vocês têm que saber sempre mais que os outros alunos, vocês vão fazer programas para eles, não importa se você está no 1º, 2º ou 3º vão ser programas para eles, então tem muito professor que usava na própria aula. Agora ficou assim, alguns professores precisam, vem, trazem os alunos, fazem, mas não é aquela coisa igual eu queria, usar a rádio para a Educomunicação mesmo, não é. O que eu vejo muito isso, eles se desinibem, ficam mais falantes e ficam mais receptivos para a aprendizagem. Eu acho demais porque eles mesmos não sabem que eles têm essa habilidade, quando eles sentam aqui eles veem e se apaixonam, não sabia que eu poderia fazer isso “essa é a minha voz, que legal”. Eu sempre falo para a diretoria que eu queria ter esse tempo para sentar, ficar

só para isso, formar uma equipe. Hoje os alunos não são proativos igual os de antes. Os meus ex-alunos eram proativos, se dava uma ideia eles já iam pensando. Esses de hoje você que tem de dar a ideia. Tudo isso porque uma eletiva é seis meses, em seis meses você não consegue nem dar a parte teórica, porque eu acho que o estudo é tudo, ele tem que estudar, ele tem que entender o que essa parte pedagógica, ele tem que entender o que a rádio vai fazer em função da educação, ele tem que entender como a rádio funciona, ele tem que entender a aparelhagem, então isso demanda tempo, então quando ele vê que ele tem que estudar muito, tem que ter um tempo muito grande para isso, eles acabam desanimando.

Mesquita: A eletiva tem apenas seis meses de duração?

Valdirene: Algumas a gente consegue um ano, algumas sim, mas aí acontece o seguinte, o aluno fica seis meses estudando, aí você fala no segundo semestre é que nós vamos colocar a mão na massa, ele não tem essa paciência. Quando chega nos seis meses “não quero continuar mais na rádio”. Aí troca a equipe e você tem que começar do zero. Teve uma época que eu ganhei para ser professora da rádio e tinha um tempo livre. Mas eu nunca ganhei nada por isso, quando eu comecei a receber eu passei para outro professor, eu não quero receber porque eu faço isso por amor. Antes a gente trabalhava no sábado de graça, era sábado dia inteirinho para editar um programa, para fazer a pauta, fazer tudo e os alunos vinham com um amor. Tinham regras, os alunos tinham que tirar notas boas, se ele tirasse nota baixa ele tinha que ter um bimestre para se recuperar se não ele era suspenso da rádio. Tinha que ter bom comportamento, ele não podia faltar, ter tantas faltas no horário dele, tinha algumas regras que eu seguia, com isso eu consegui reverter muito alunos, muito aluno que era ruim em sala. O aluno hoje ele não aceita regra, ele quer fazer do jeito dele e eu acho que todo lugar tem que ter regra. Então isso daqui é uma coisa que eu deixei do jeito que eu queria, mas eu não tenho tempo de fazer do jeito que que queria, porque eu tenho certeza que se eu pegasse alguns alunos vão fazer do jeito que eu gostaria, ter um momento cultural, falar uma poesia, tocar uma música diferente e explicar essa música. Ter esse olhar e não só com essas músicas do dia a dia, porque a rádio da escola não serve para tocar as músicas do dia a dia, é para ouvir algo diferente em relação a educação.

Mesquita: Como foi a eletiva de *podcast*?

Valdirene: Essa eletiva foi o seguinte, a professora de inglês teve a ideia e o professor de física trabalhou com ela, mas no meio da eletiva ela abandonou as aulas

e o professor ficou perdido. O projeto realmente não foi do jeito que deveria ter sido, do jeito que ela imaginou não foi concluído, porque o professor ficou perdidinho. Eu coloquei uma outra professora que entrou no lugar dela para ajudar, mas ela também não sabia, não entendia de podcast, ficou complicado e não teve o alcance que gostaríamos que tivesse.

Mesquita: Desde quando a escola é integral?

Valdirene: Desde 2016, mas em 2016 nós ainda tínhamos o regular que funcionava nos três períodos, em 2017 só ficou no integral. Agora nós temos condições, temos a rádio, nós temos o aluno que fica o dia todo, seria bem mais fácil trabalhar com esse aluno, fazer reunião no horário do estudo orientado, porém, nós não temos o dinheiro para terminar o que tem que ser terminado e por pra funcionar. E isso me deixa triste porque eu lutei muito para ter o que tem hoje, para ter prateleiras, para ser organizado, ter câmera por segurança, porque quando começa a nova equipe você não conhece os alunos direito e eles trazem qualquer um aqui dentro, eu falo que não pode, tem que ter amor aqui, a aparelhagem é muito cara, tudo foi muito custoso, para levar um computador. A gente tinha a nossa aparelhagem, tinha o Datashow porque os meninos, a equipe da rádio era a que fazia tudo, tinha uma programação era eles que ficavam responsáveis por tudo, pela imagem, pelo som, tinha uma equipe de mídias, era excelente, o professor precisava usar o Datashow os alunos ajudavam, montavam. Todos uniformizados, tinham o seu horário certinho, o horário ficava anexado na rádio, tudo bem feito e programado. E eu não ficava no pé deles, eles falavam “fulano está faltando demais”, “ciclano deixou isso desse jeito”, “tem gente comendo na sala da rádio”. Eles mesmo falavam para a gente chegar em um acerto. Morro de vontade mas a gente tem que ter muito tempo, duas aulas de eletiva não dá tempo, porque o adolescente chega aqui com a ideia dele, ele vai querer defender a ideia dele, o outro também vai querer defender a sua ideia, só na discussão você vai mais de uma aula, depois que fez a discussão você chega em um acordo para a pauta. A pauta é essa, esse vai ser o título do programa, agora o que vai ter, vai ter reportagem policial, vai ter entrevista, o que vai ter nessa programação de vocês, até fazer tudo isso, acaba, duas aulas é pouco, por isso pegava o sábado o dia todo. Eu mandava bilhete para os pais, porque para entrar na rádio os pais tinham que assinar se ele concordava ou não, o pai já estava ciente que o filho iria vir e sair sem horário. A gente oferecia almoço, oferecia cafezinho para eles e eles trabalhavam bem, eles trabalhavam com amor, agora hoje, parece que eles são mais obrigados,

se não tiver ponto, se não tiver isso, e não é isso que eu quero, a eletiva é mais isso, para eles ganharem ponto, a rádio escolar é para levar informação sem ganhar nada, por amor mesmo, poxa que legal, quero aprender.

Mesquita: Quantos alunos passaram pela rádio?

Valdirene: Acho que foram mais de cem alunos de 2005 a 2010, entrava muito aluno de terceiro ano, eles saíam, entravam outros. Acho que foram cem ou mais, a primeira equipe já era muito grande, com cerca de 15 alunos, dava para trabalhar tranquilo.

Apêndice D

Entrevista com Solange França da Silva e Maria Ivonete Simocelli

Coordenadoras do Projeto Diálogos em Educomunicação – Rádio na Escola, da rede municipal de ensino de Mato Grosso do Sul.

Data: 9 de outubro de 2018

Mesquita: Quando o projeto de comunicação e educação começou na rede municipal de ensino?

Solange: Em 2015. Eu retornei em 3 de novembro de 2015, eu retornei porque eu era cedida para o Estado. A minha volta veio firmada, através da secretária de educação na época, a professora Leila, que eu viria pelo projeto de rádio na escola.

Mesquita: Qual é o nome oficial do projeto?

Solange: Projeto Diálogos em Educomunicação – Rádio na Escola.

Mesquita: Como você conheceu o conceito da Educomunicação?

Solange: Eu trabalhava no Cocesp, que era a divisão de arte e cultura no Estado. Nós tínhamos um menino da UCDB (Universidade Católica Dom Bosco) que solicitou um estágio na secretaria e como ele estava fazendo um trabalho técnico e não tinha pedagogia, não tinha o trato com as crianças, a minha chefe Eliane de Matos Carvalho, achou melhor designar uma pessoa para estar com ele e eu fui. Mas, era um sofrimento muito grande o projeto dele por ser uma rádio na web e a Internet não funcionava. Ele tentou muito fazer rádio nas escolas estaduais, mas foram poucas escolas que ele conseguiu avanço. Na verdade, eu acho que não vimos nenhum programa de rádio e era uma questão de um pouco de falta de organização e planejamento. Ele ligava nas escolas dizendo que ia tal dia, nós chegávamos na escola no tal dia e a escola estava com gente trabalhando na sala de tecnologia. Ele precisava fazer formação com os alunos e não conseguia e quando conseguia ficava a formação pela formação, não conseguia fluir. Esse foi o meu início, entre 2009 e 2010.

Mesquita: Nesse período você encontrou o conceito da Educomunicação?

Solange: Eu sou muito curiosa. Como eu não sabia a parte técnica, que ele sabia, que é o lidar com a informação, com máquinas mesmo, com os meios de comunicação, enquanto técnica do fazer. Eu parti para a questão que eu acho que vou conseguir dominar, que é a questão pedagógica. Comecei a estudar e um dia cheguei para a minha chefe e falei que iria escrever um projeto de rádio e nós iriamos

trabalhar com a rádio na escola. Ela lembrou que o anterior não deu certo e eu expliquei que faríamos em outro formato, com os equipamentos que a escola tem todos os dias, que seria a caixa de som, o microfone e alunos. O projeto não dependeria mais da questão de sala de informática. Era só a questão de alunos mesmo e a gente trabalhou com uma série de escolas em Campo Grande. Eu devo ter trabalhado de 12 a 18 escolas com a questão da rádio em Campo Grande. Eu fui para Caarapó, Dourados, Ponta Porã. Aonde eu conseguia carona eu ia porque no caso era carona mesmo porque a gente não tinha como sair de Campo Grande. Eu encontrei o conceito da Educomunicação e percebi que esse era o caminho. Eu precisava, como arte educadora, buscar um caminho para trabalhar essa questão da comunicação e educação, dentro de um elo, fazendo parte de um todo dentro da escola, a gente vê muito a questão de cada coisa no seu quadrado e a minha perspectiva de ensino é a visão do todo. E eu só ia conseguir o todo com a rádio se eu tivesse o conceito do que é Educomunicação e divulgar esse conceito e trazer esse conceito para dentro da escola.

Mesquita: Esse projeto no Estado foi o PERE?

Solange: Foi o PERE, mas não difere do projeto que está estabelecido aqui. No município é a mesma coisa. No município a grande diferença é que quando eu vim para cá eu não sabia para onde eu iria, não sabia que setor eu iria ficar, se eu iria ficar na Divisão de Projetos, se eu iria ficar no pedagógico. Eu não sabia deste local que eu me encontro hoje, uns dois dias antes de vir, eles me falaram que eu iria para Ditec (Divisão de Tecnologia). A princípio eu me assustei, não sabia o que eu faria aqui, nua e crua e em um período muito difícil de transição e de troca de gestão. Por semana você tinha dois, três prefeitos e toda pessoa que chega em um ambiente, em um órgão central e nesse contexto, nessa visão difícil, você acaba sendo visto como “o que essa pessoa está fazendo aqui?”. Ainda mais eu não sendo da área tecnológica. Eu fui readaptando o projeto para a realidade de Campo Grande, onde os meios principais parceiros foram os coordenadores de tecnologia. O projeto parte do seguinte princípio, a gente não convidou e não convida escola nenhuma a entrar no projeto. O que a gente fez em 2016 e 2017, nós convidamos as escolas, não só o coordenador de tecnologia, as escolas a participar de uma formação de rádio na escola, onde ali a gente teve a oportunidade de falar sobre os objetivos específicos e geral, sobre o porquê da radio na escola. Essas pessoas passaram pela formação, passaram pela experiência de fazer um programa de rádio nessa formação, foi muito gostoso, e foram

para as suas escolas. Essas pessoas passaram para os seus gestores o que eram os programas de rádio. Junto aos gestores iam pipocando e solicitando o projeto. Em questão de dois meses, a gente estava com 16 escolas. No ano passado, nós estávamos com 27 escolas e esse ano (2018), nós estamos com 46. Continua o mesmo processo, agora mesmo acabei de receber uma Coordenadora de tecnologia querendo o projeto de rádio. Os meninos e meninas que fazem parte do nosso setor eles já trabalhavam com Educomunicação só que sem entender muito o conceito. Eu observava muito e percebi que eles já faziam. Quando a gente coloca a rádio, é o nosso primeiro meio de comunicação de massa e o que sai disso é um crescente. Da rádio a gente está indo para a TV, para o cinema, a gente está buscando as mídias e outras ferramentas. A maioria que pediu o projeto eram pessoas que já estavam ligadas a tecnologia, mas nós temos escolas que tem o coordenador da rádio que não é Cooptec, nós temos um coordenador pedagógico, professor de arte, língua portuguesa. O que engradece mais ainda é que hoje o entendimento desse projeto Rádio na Escola, ele está ampliando os horizontes. Nós vemos professores de sala de aula indo até as pessoas que fazem rádio na escola buscar parceria. Nós temos professor de português, inglês, professor de educação física, as pessoas quando começam a entender o que é o projeto na escola, para que ele veio, quais são as vantagens de ter um projeto de rádio na escola, que trabalha com a educomunicação e que transforma esse viver na escola. A princípio é a questão da audição musical, não é a audição pela audição, até acontece a audição, mas ela é toda pensada, toda refletida, do porquê eu vou ouvir essa música, qual é a necessidade que eu tenho dela, porque tem todo esse diálogo junto com as meninas e os meninos, esse diálogo não tem diferença dessa questão da faixa etária, porque nós temos crianças do 4º e 5º ano fazendo, como nós temos meninos e meninas do 8º e 9º ano fazendo. E essa reflexão começa do que é importante para nós, do meio que a gente vive, da cultura que nós temos, do que a gente não sabe, todos esses assuntos são trabalhados. A educação patrimonial é o nosso grande gancho nesse projeto, porque a gente trabalha com a educação patrimonial o tempo todo, independente da linguagem que ela é trabalhada, porque hoje a gente não está só com programas de rádio na escola. Já estão fazendo televisão e estamos com toda uma formação planejada em fevereiro, para a gente fazer a formação dos coordenadores de tecnologia que estão na rádio para trabalhar na questão do cinema.

Mesquita: O que é Cooptec?

Solange: Eles estão na escola, são coordenadores tecnológicos da escola. Cada escola tem um coordenador de tecnologia. Eles estão na escola e nós estamos na secretaria, mas fazemos parte da mesma equipe.

Maria Ivonete – Coordenador de Tecnologia e Inovação. Está abrindo edital agora, os novos serão entrevistados e os antigos coordenadores passarão por um processo de prova. Fizemos resoluções novas das funções deles, uma turma está organizando, mas a gente participa também. O edital vai sair para os antigos e novos. Uma coisa legal que a Solange falou, interessante, é que os professores sempre falam nas capacitações que os alunos achavam que o rádio era só para ouvir música e não é. Eles têm essa visão e eles fazem toda a programação e o planejamento e cada escola funciona de um jeito, ao vivo ou gravado.

Mesquita: Nas formações continuadas, quais são os materiais oferecidos aos professores? São textos sobre Educomunicação, são textos mais técnicos?

Solange: O ano passado em 2017, esse ano nós não tivemos assim, formação específica nós só tivemos com TV, com nosso próprio técnico aqui, a gente fez uma formação de televisão, mas esse ano estivemos mais dentro da escola do que eles aqui. As professoras Magali e Maria Augusta, as duas são da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), só que a Magali hoje está aqui na Suped, eles trabalharam com texto sobre patrimônio cultural local. Foram oito horas de trabalho e o trabalho à distância. Nós tivemos o Heitor, que é do nosso setor, ele trabalhou com a oficina de manuseio do Audacity, o Márcio Isac, falou da linguagem radiofônica, enquanto pessoa que se forma dentro de uma rádio. Ele desde criança começou como faxineiro da rádio e, de repente quando ele se viu enquanto adulto, ele já estava trabalhando em produções. O Francisco, o Chicão da UCDB, trabalhou com “Gêneros e formatos radiofônicos, ética e democracia nas relações sociais” e no meu caso e no caso da Ivonete, nós trabalhamos com as vivências nas rádios das escolas. Foi quando ela iniciou os trabalhos no projeto. Essa parte foi para eles nos mostrarem o que eles estavam fazendo dentro das escolas, a gente não ia muito para a escola nessa época, a gente queria entender se eles tinham absorvido o conceito, a questão da rádio e por incrível que pareça foi grandioso. Nós tínhamos professores trabalhando com crianças com deficiência auditiva, visual, com DM, cadeirantes e tudo isso com crianças tidas “normais”, aquela interação, tudo estava acontecendo a contento. Eu penso assim, não é só a questão técnica, no entanto, mas se você pegar alguns programas de rádio, a questão técnica é pobrinha, mas o conteúdo que eles trabalham, a pesquisa que a

gente observa, o ser, enquanto social, que estão se transformando, estão em crescimento.

Mesquita: Vocês entregam materiais para os professores?

Solange: A gente não entrega, mas a gente diz nós temos muito material na internet, em mesmo a questão do Ismar, ouvir bastante o Ismar, ele é o nosso pai, esteve alguém já falando em Educomunicação e ele que levanta realmente a bandeira, consegue a graduação. Então a gente conversa muito com eles sobre isso e como eles trabalham aqui com a gente e existe a formação continuada dos Cooptec, todos os textos da formação e do nosso ambiente de trabalho dizem respeito a comunicação. Fica de uma forma bem legal, a gente procura não dar tudo mastigado, aquilo que chega mastigado é engolido e não é sentido. Eles têm que procurar também.

Maria Ivonete: Sempre tem algumas dúvidas também, quando fazemos as visitas na escola eles falam sobre isso, se estão dominando ou não.

Solange: E eles são abertos. Eu penso, eu jamais faria essa pergunta, eu estaria assinando meu atestado de incompetência, mas eles fazem em uma simplicidade tão grande e isso mostra que eles têm confiança na gente.

Maria Ivonete: Eles sugerem muita coisa também, essa questão do patrimônio que a gente já trabalhou com o projeto patrimônio, eles falam que vão procurar, esses dias que eu visitei até as bibliotecas junto com eles, falamos sobre os livros de Campo Grande, assuntos que podem ser abordados, agora comemoram isso.

Mesquita: É a preservação do patrimônio que é abordada?

Solange: É educação patrimonial, artística e cultural. Mais a gente sabe que se eu trabalho com isso eu estou trabalhando com o patrimônio como um todo.

Mesquita: Quantas formações continuadas vocês fizeram com os professores do município em 2016 e 2017?

Solange: Em 2016 foram feitas duas formações, uma para apresentação do projeto e as outras foram em loco na escola, para o atendimento na escola. A gente fez para o coordenador de tecnologia, a escola aceitava que a gente convidou os professores a vir aqui, a escola convidava alunos e eu ia em cada escola e fazia formação para os alunos. Depois da formação que eles faziam a opção de querer ou não estar na rádio. Foi um trabalho bem desgastante, que não fazemos mais porque não damos conta.

Mesquita: O atendimento em lócus tem uma periodicidade?

Solange: A gente procura ir pelo menos uma vez por bimestre. Em 2017 foram sete formações continuadas no laboratório da secretaria e em 2018 fizemos a de televisão e a oficina da Audacity.

Mesquita: Como funciona o diálogo entre professor e aluno?

Solange: Quem faz a rádio é o aluno. O que nós cuidamos muito é a questão musical. A gente tem todo um aparato musical problemático e a questão musical passa pelo crivo do coordenador da rádio, mas quase não está precisando mais, porque eles já entenderam que o nosso trabalho o envolvimento maior é com a educação e eles são os multiplicadores desse trabalho dentro da escola, a rádio é um meio de comunicação dentro da escola proporcionando qualidade de aprendizagem, discutindo ‘n’ propostas.

Mesquita: Para você Solange, como você definiria a educomunicação?

Solange: É o casamento necessário. Não dá para dissociar, eu tenho por um lado a educação, por outro lado eu tenho os meios de comunicação que hoje a necessidade dentro da escola de trabalhar com esses meios e une essa aprendizagem a esses meios para chegar a um fim que é um aprendizagem com sustentabilidade, com reflexão, com ação, com o ser enquanto pessoa, social, enquanto aprendiz. É esse casamento mesmo, não adianta a gente querer hoje, no século XXI, desvincular tudo isso. Eu sei que em relação a educomunicação eu tenho, quanto mais eu leio e busco, eu vejo que preciso buscar muito mais ainda, hoje é um conceito que ainda também está em construção, eu sei que ele está posto e é o caminho que nós temos a seguir. Quando eu observo meninos e meninas falando de depressão, suicídio e dando soluções, porque uma coisa é você falar, outra coisa é você buscar a solução para aquilo e você pega meninos e meninas falando, levantando a causa e trazendo possíveis soluções. Isso é Educomunicação.

Mesquita: Queria voltar um pouco no PERE. Gostaria de fazer uma linha do tempo sobre as iniciativas. O PERE foi de 2009 a 2015.

Solange: É, porque 2009 foi quando o menino terminou o trabalho dele. No final de 2009 eu falei para nós trabalharmos com a rádio.

Mesquita: Antes veio o Educomrádio.Centro-Oeste, que foi de 2004 a 2005.

Solange: O Idemar buscou de uma certa forma trabalhar com as mesas de som, mas elas estavam bem estragadinhas, nós temos escolas que ainda tem. Era uma mesa imensa, uma coisa grande, hoje está tudo pequeno. O Educom não teve um acompanhamento. Depois da formação, sabe, eu acho que precisava ter dito maior

entendimento entre a secretaria e o pessoal de fora de colocar alguém dentro de uma supervisão desse projeto, vamos ver o crescer dele, vamos ver como ele vai acontecer. Na verdade, ele era uma audição musical, ele não tinha assim um formato de pesquisa, na grande parte das escolas, era muita audição musical. Quando eu comecei com a rádio, os professores que tinham feito a formação, nossa, a gente trabalhava com audição musical, a gente dava recados. Não teve acompanhamento, porque caso contrário, não teria acabado, porque é um projeto que desde o Educom chamava muita atenção na escola. Eu peguei professores, hoje grande parte aposentado, assim de falar que se tivesse tido um acompanhamento, o projeto iria bombar. Ainda tem escolas no Estado que fazem o projeto que tem um resquício do Educom, alguns princípios básicos da Educom, mas ficou por isso.

Mesquita: Eu vi que muitas escolas que participaram do Educomrádio.Centro-Oeste estão presentes no PERE.

Solange: O PERE no Estado não dependia do Cespect (coordenador de tecnologia do Estado), era um professor que se dispunha a trabalhar, muitas vezes era o Cespect, mas também tinha o professor de sala de aula.

Mesquita: Quais equipamentos vocês utilizavam no PERE?

Solange: O mesmo da prefeitura, porque se você falar eu preciso disso, eu preciso daquilo, não tem. Às vezes a escola até tem, mas só de você listar vão falar que você está querendo demais. O que é preciso para fazer a rádio? Microfone, caixa de som e aluno. Só que na primeira formação precisa de um computador e isso não é impossível dentro da escola. Hoje, nós temos escolas que trabalham o tempo todo com o celular e alunos pequenos fazendo edição no Audacity. Nós temos escolas que os pais não deixam os filhos irem no contraturno por causa de segurança, falta de dinheiro para passe de ônibus, então eles gravam as suas matérias no celular e no determinado dia, eles se encontram com algum professor parceiro da escola. Vamos supor, o professor de arte deixa os meninos e meninas da rádio irem para o laboratório, no dia eles juntam tudo, preparam o programa e põe no ar. E não tem idade para fazer isso

Mesquita: O PERE foi de 2009 a 2015? Só tinha a caixa de som, microfone e aluno?

Solange: Mas tinha o computador, os grandes parceiros que eram os gestores. As escolas do interior elas respondem mais, parece que a sede é maior deles de terem projetos, de serem ativos dentro do projeto, de buscarem o protagonismo das

crianças, construindo as histórias da sua comunidade, fazendo levantamento do que existiu, esse contexto para eles acaba sendo mágico, então a escola do interior é mais envolvida. Em Campo Grande, isso parece cultural. Quando a gente fazia nossas mostras culturais a gente recebia 3 mil a 3,5 mil pessoas. Ônibus do interior lotado, com 45 municípios, às vezes a gente tinha até 70 ônibus, vinham dois de cada cidade trazendo aluno e era aquela loucura. De Campo Grande, às vezes não aparecia. Até o PERE no interior teve mais adesão. Mas, essa escola da Moreninha, Escola Estadual Waldemir Barros da Silva, nunca esteve no PERE, mas porque eles já tinham uma professora muito ligada à tecnologia e eles já faziam rádio na web. Ela consta na lista porque ela fazia visita pedagógica, mas a gente não interferia, a gente só ia lá para saber como estava funcionando. Não tinha necessidade. Eles estavam na web, mas a prefeitura não estava ainda, a gente não faz rádio na web porque nós temos problemas com o Ecad. O PERE iniciou com muita pesquisa, muito trabalho, a gente sempre buscou conversar com eles sobre a questão ética, da pessoa que está no meio de comunicação, do cuidado, todo esse trabalho social e de educação que nós fazemos na rádio do município também acontecia no estado, no entanto, nós temos escolas que até hoje todo o trabalho de organização de eventos, que não é função da rádio, mas que também é função da rádio, é comandando pela rádio, até hoje ela persiste, tem toda uma questão de educação e aprendizagem, lá no PERE a gente já começa com isso.

Mesquita: Quais são os temas que as crianças mais trazem e apresentam nos programas ou que elas querem discutir, que elas dão como sugestão de pauta no município.

Solange: Hoje é tudo muito ligado a questão da saúde, a questão social, a questão do trânsito, da política. Vão soltar lá na E.M. Eduardo Olímpio, um programa falando sobre eleições, todo um programa estruturado dentro desse tema, a gente vê muita diversidade, em questão de temas que eles trabalham.

Maria Ivonete: Falam sobre o que ocorre dentro da escola, da horta, de qualquer coisa que está acontecendo, sobre sustentabilidade, eles estão lá.

Solange: Estivemos em uma escola agrícola, se depara com uma trilha aonde uma menina do 8º ano nos mostra todinha essa trilha como uma profissional. Você chega para o professor e pergunta. Ela faz tudo isso e faz com propriedade. O que a rádio está fazendo por tudo isso? Você precisa chacoalhar eles. A gente acabou de falar de televisão, porque vocês não fazem um documentário sobre essa trilha, temos

a menina profissional, a sala dela todinha fala da trilha. Ela explica tudo para a gente, isso está dentro da escola e as vezes eu tenho a sensação de que há aluno dentro da escola que não conhece a trilha. Essa visão de propagar, de divulgar até enaltecer mesmo o que a escola produz, o que ela tem, às vezes ela própria não sabe. Às vezes tem um professor da terceira série que desenvolve um baita projeto dentro de sala de aula e está aí. Os meninos e meninas da Escola Geraldo Castelo, dos pequenininhos, o primeiro trabalho deles foi uma entrevista com a bibliotecária sobre Manoel de Barros.

Maria Ivonete: Escola José do Patrocínio, uma professora estava com dificuldade na gravação, eu falei, mas olha o professor de artes, ele coloca ali toda a questão das lendas regionais, fala sobre Campo Grande, patrimônio, você poderia ter desenvolvido um trabalho junto com ele, estava tudo para fora, cartaz, às vezes o professor não enxerga.

Solange: Por isso a gente gosta de ir para a escola, não que a gente leve solução para a escola, às vezes nós deixamos mais perguntas que respostas, mas é que a gente precisa mexer com eles e da mesma forma eles passam isso para os alunos. Um dia um professor chorou porque ele fazia as gravações de programa e a gente observava que o professor fazia o programa e o aluno estava de coadjuvante, se sobrar um tempinho a gente fala, você fica dando indireta no professor, de repente, você precisa ir lá e conversar com o professor. Esse professor ama rádio, ama comunicação e ele é muito dinâmico e eu precisei falar que ele precisava deixar o aluno fazer o programa de rádio. Ele disse que eu estava certa, mas chorou na minha frente e disse que era porque gostava muito daquilo. Esse professor e os meninos dele fizeram um projeto maravilhoso no ano passado, com as bandas dos anos 90, foi um ano inteiro buscando a história, o contexto de cada banda e hoje a escola fala de bandas porque a rádio fez esse trabalho. Está tendo um crescer, eles quiseram continuar toda uma questão de pesquisa junto com outros temas.

Maria Ivonete: É bem diferente uma escola da outra. A professora do João Candido solicitou. Eu e o professor Lourenço, que faz parte do apoio, ela já tinha feito tudo e tem professor que está dentro do passado caminhando muito lento. Essa professora se envolveu com a horta, com a saúde, fui lá outro dia e falei sobre a questão da fauna e a flora porque tem essa da delimitação de Campo Grande, patrimônio, então às vezes não da o insight no professor, então você dá a dica. Nem o professor acredita nele mesmo.

Solange: Nessa mesma escola, aconteceu o seguinte, a hora que eu recebi o vídeo falando sobre a questão da autoestima, do suicídio, eu peguei e escrevi assim, você já começou TV. Ela escreveu para mim, “não, ainda não, vou começar ano que vem”. Eu respondi, “Rita eu estou afirmando que você começou a trabalhar com TV, você já está no audiovisual”. Ela respondeu, “nossa eu não sabia”. E não é por falta de conhecimento, mas é que as vezes esse professor está tão sem alguém olhar para ele, cuidar dele, se o aluno precisa ser cuidado, o professor também precisa. Ela mesma não estava acreditando que ela já tinha começado a trabalhar com audiovisual.

Maria Ivonete: Tem professor em escola que eu visito, que está desde 2016, se envolve com tudo na escola e não faz rádio. Entende e sabe, comprou microfone bonito para falar com os professores e não participa.

Solange: Tem escola que ainda está na audição musical, eu tenho uma e foi uma das primeiras a fazer a adesão no projeto.

Maria Ivonete: Tem uma escola que as crianças vão no contraturno e a escola lota. Falei sobre o que eu vi, o que poderia melhor e eles aceitam as dicas. Os programas precisam ter finalização, não pode desligar sem falar um tchau. Eu indiquei as rádios gravadas no grupo, nós temos um grupo, eu tenho um relatório, levo o antigo e vejo o que foi feito para mudar.

Mesquita: Há um relatório pré-definido para acompanhar o projeto?

Solange: Como o número é grande, é difícil lembrar.

Maria Ivonete: Até para fazer uma estatística e ver quais ações foram realizadas na rádio e o que evoluiu com o tempo.

Solange: tem escola que você jura por Deus que não está acontecendo nada na escola, mas você chega lá e está acontecendo tudo, porque eles fazem ao vivo e nada é gravado. Nós damos as possibilidades, a rádio gravada, a rádio ao vivo, porém, não aparecendo os participantes e a rádio ao vivo, ao vivo, nós temos muita rádio fazendo ao vivo, ao vivo. Igual esse programa e outros programas que a gente vê que é um programa genérico e pede para outras escolas reproduzirem os programas. Já está acontecendo. Tem escola X reproduzindo programa da escola Y porque é um programa genérico, mas com qualidade e sustentação.

Apêndice E

Entrevista Karina Campossano Rocha Rodrigues.

Professora de português e responsável pela eletiva de jornalismo da E.E. Maria Constança Barros Machado.

Data: 5 de dezembro de 2018

Mesquita: A eletiva é sobre jornalismo? Como é o nome da disciplina?

Karina: O nome da eletiva é “Quem não se comunica se trumbica” é um termo usado pelo Chacrinha que ele usava na época do programa. Hoje, os alunos não sabem bem muito bem o significado, mas época as pessoas sabiam e era um termo muito usado. A eletiva é envolvendo a comunicação, tudo que envolve a comunicação. Nós trabalhamos com eles desde foto, a filmagem, ângulo de foto, o que faz um profissional da comunicação e câmera. Nós conhecemos o estúdio de televisão, conhecemos uma rádio. É isso, os alunos gostaram, alguns se identificaram com o projeto, encontraram uma possível profissão para eles.

Mesquita: Você é a responsável pela eletiva?

Karina: Eu, professora de português e o professor Jô, de Artes, que está de licença médica.

Mesquita: A eletiva durou seis meses?

Karina: Sim.

Mesquita: Os alunos que propuseram essa eletiva?

Karina: Eles tiveram a ideia, eles fizeram uma votação sobre o campo que eles queriam pesquisar. Primeiro foi feita uma eleição pelos alunos, nós fizemos uma investigação na escola inteira. Uns se interessam por culinária, outros pela parte da informática e essa questão nossa foi pela comunicação mesmo, a questão do jornalista e tudo mais, pegando esse gancho nós fizemos um artigozinho, falando sobre as possibilidades de se trabalhar com esse projeto e nós fizemos a eletiva.

Mesquita: Vocês fizeram alguns vídeos e exibiram ontem durante a culminância das eletivas. Os vídeos são encenações?

Karina: Sim.

Mesquita: Então, vocês incluíram a questão artística também?

Karina: Sim, eles gostam de teatro, eles querem fazer teatro e tudo mais. Uma possibilidade de atuação no teatro que nós tivemos foi a produção de vídeo, que tem o gravar o teatro como foi feito e tem o processo para ele ficar pronto na TV.

Mesquita: Vocês interferiram muito no processo ou os alunos eram independentes?

Karina: Nós passávamos a ideia do que nós queríamos, e eles trouxeram outras.

Mesquita: A pesquisa prévia foi feita por eles? Eu vi que vocês trabalharam depressão e suicídio.

Karina: Eles pediram esse tema.

Mesquita: Eles pesquisavam?

Karina: Trouxeram coisas de casa, como eu sou professora de português, tinha os textos que a gente trabalhava, sobre a depressão, índices e a gente foi pegando.

Mesquita: Você percebeu alguma mudança no comportamento deles durante ou após a eletiva?

Karina: Um pouco, principalmente, os que ficavam no canto, alheio e depois quando eles viram a própria imagem na tela ficaram com a autoestima elevada.

Mesquita: Vocês pretendem continuar com essa eletiva?

Karina: Nossa intenção é sim, ano que vem quero voltar mais para a parte de produção, como fazer um vídeo, montar um vídeo, conhecer mais universidades, quem sabe a Federal abrir as portas também, quero buscar mais parcerias, como a TV Morena, o Correio do Estado, quero mostrar como funciona a impressão de um jornal, como que é feito, que é bem legal também.

Mesquita: Quantos alunos participavam da eletiva?

Karina: Em torno de 20 alunos, de 20 a 22 alunos.

Mesquita: Tem um número limite de alunos que podem participam das eletivas?

Karina: Na média uns 25 alunos

Mesquita: Eles podem desistir?

Karina: Tem que continuar, se não gostarem, eles podem mudar depois que mudar o projeto, vai para outra eleição, outra eletiva.

Mesquita: A questão do protagonismo, como você analisa esse processo? Eles estão mais protagonistas?

Karina: Sim. Muitos alunos.

Apêndice F

Entrevista Rose Mary Vargas Toledo

Professora de história e sociologia, responsável pela eletiva de Mídias, por meio do CNME, na E.E. Maria Constança Barros Machado.

Data da entrevista: 6 de novembro de 2018

Mesquita: São duas eletivas sobre mídia?

Rose Mary: Apenas uma, a Eletiva de Mídias, que tem um tema, no caso esse semestre são as profissões, eles poderiam escolher tecnologia também, por exemplo. Eles não têm noção direito, eu delego as funções deles, mas como eles são do primeiro ano, primeiro eles estão se adaptando com o ensino médio, segundo que eles vieram para uma coisa que eles são os pioneiros na escola.

Mesquita: A senhora fez um curso em Manaus para lecionar na eletiva?

Rose Mary: Sim, de Mediadora de Mídias, pelo Ministério da Educação, a TV Escola e o CNME (Centro Nacional de Mídias na Educação).

Mesquita: Qual é o papel do mediador na eletiva?

Rose Mary: Explicar as perguntas para que eles possam responder e interagir com os professores de Manaus. Mas, você vê que a interação é muito difícil, o sinal é ruim, mas o mediador vai mediar o professor do estúdio com eles, e eles são os protagonistas.

Mesquita: A ideia então é que eles respondam? Com o andamento do projeto, a senhora deve diminuir a sua participação?

Rose Mary: Sim. Os lanches a gente já consegue organizar. Tinha uma socialização antes, mas que não aconteceu porque eles demoraram para chegar na sala. Mas, eles já fazem a socialização, a coordenação, mas responder as perguntas ainda está meio difícil.

Mesquita: Existe o problema do sinal, de não conseguir assistir o programa? Eu percebi que eles não conseguem ver o vídeo todo.

Rose Mary – Não conseguem.

Mesquita: Qual é o propósito do projeto?

Rose Mary: Essa é uma inicialização para quando o aluno interagir com outras culturas, de outros povos, como Manaus, Tocantins, Sergipe, são 18 estados que estão com esse sistema para que os alunos de um lugar reconheçam a identidade do outro, respeitem a identidade, é um projeto só para o ensino médio, para que ele termine o ensino médio sabendo mais ou menos que profissão ele quer, porque esse é o tema da eletiva. Estudamos profissão da floresta, profissão do campo etc. Se faltar um professor eles têm uma agenda especial, você avisa e o aluno vem para cá e vem assistir uma aula de química. O aluno pode falar no microfone, é daquela forma e não é um curso on-line.

Mesquita: Como é a avaliação?

Rose Mary: Vai ser no final do curso, são seis meses, eles fazem um memorial, ali vai ter a autoavaliação e a avaliação da disciplina.

Mesquita: O memorial é eletrônico?

Rose Mary: No memorial vão colocar todas as etapas e esse memorial é a culminância da eletiva, tem dedicatória, índice, quem sou eu? minhas responsabilidades, minhas anotações. O memorial vai sendo construído.

Mesquita: Qual é a duração das aulas?

Rose Mary: 50 minutos

Apêndice G

Entrevista Stephanie Arruda.

Estudante do 1º ano do ensino médio, na E.E. Maria Constança Barros Machado.

Idade: 15 anos.

Início da eletiva: Terceiro bimestre

Mesquita: O projeto tem alguns problemas na transmissão do som e da imagem, mas além dos problemas técnicos, como tem sido para você a experiência de participar da eletiva?

Stephanie: Para mim a experiência está sendo bem inovadora, porque tipo assim, eu estou aprendendo coisas, como coisas de trabalho, não sabia que poderia fazer trabalho em casa, você mesmo ser a sua própria chefe. Várias coisas bem inovadoras, a gente estuda bastante o trabalho. Eu quero ser policial, a gente ainda não estudou sobre a polícia, mas já estudamos sobre arte, sobre os professores, agora sobre trabalhos em casa.

Mesquita: Você tem que pegar o microfone, ir na frente da TV e falar com outras pessoas e de locais diferentes. Como é essa experiência, a sensação de participar?

Stephanie: Eu ainda fico meio nervosa, mas eu acho que se a gente não tentar, a gente tem que aprender a se soltar, porque uma hora ou outra a gente tem que sair pelo mundo, a gente tem que saber falar, basicamente estamos falando com outras pessoas e que vão avaliar a gente querendo ou não. Eu acho que é bom porque estou aprendendo a me soltar mais. Eu sou um pouco tímida, não sabia soltar minha voz, falar minha opinião e agora estou conseguindo.

Mesquita: Isso ajuda a desenvolver o seu protagonismo?

Stephanie: Ajuda muito, eu criei mais responsabilidade depois que eu entrei nessa eletiva.

Mesquita: Como é ver alunos de outros lugares? Cria uma competição entre vocês ou é tranquilo?

Stephanie: Não, eu acho que é um ambiente mais tranquilo, que a gente só está debatendo as nossas experiências, a nossa sabedoria, é mais a nossa opinião que estamos debatendo. É interessante a gente ouvir outros alunos de outras partes do Brasil, ouvir a opinião deles.

Mesquita: Como é a avaliação da eletiva?

Stephanie: Não sei. Não tem prova, mas sempre perguntam como está indo a eletiva.

Apêndice H

Entrevista com Patrícia Henrique Vieira da Silva Cardoso,

Professora de Língua Portuguesa e madrinha do Clube de Protagonismo Bonifácio News.

Local: EE Manoel Bonifácio Nunes da Cunha

Data: 20 de novembro de 2018

Entrevista com Patrícia Henrique Vieira da Silva Cardoso, professora de Língua Portuguesa e coordenadora do Clube de Jornalismo.

Mesquita: Patrícia, o que você percebeu de mudança nos alunos do ano passado para agora, nesse um ano e meio de projeto. O que foi mais impactante?

Patrícia: O mais impactante que foi visível não só aos meus olhos, mas acho que ao corpo de professores da escola, foi a questão do relacionamento entre eles e a postura do estudante Miguel. Ele era um estudante extremamente retraído, muito introspectivo, quase não tinha contato com os colegas. No ano passado ele tinha um único e específico amigo, só andavam juntos, mas esse estudante saiu da escola e ele ficou um tempo bem introspectivo, ele ainda é, mas o relacionamento dele com os outros e a postura dele na escola mudou muito. Ele é muito proativo agora, ele fala super bem, ele foi um dos únicos que se interessou em participar do curso de capacitação do Integra, ele foi em todos os encontros, ele pede para dar a palavra dele no microfone, em frente dos colegas, eu vi que é uma experiência prazerosa, ele está se sentindo bem e isso é muito importante para nós. Parece-me que a aceitação dele com os outros estudantes, mas gratificante nesse momento foi essa interação com o Miguel.

Eu acho que abrir os horizontes dos estudantes é muito legal, interessante, quando eles pisaram o pé a primeira vez no campus da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), quando eles tiveram contato com os acadêmicos que não são tão diferentes deles, porque estão nos primeiro e segundo semestres do curso, que eles visualizaram essa possível ligação, foi muito legal, muito bom porque eles não tinha noção do que era um campus universitário, quando eles visitaram a rádio, o estúdio de televisão e interagindo bem entre os acadêmicos foi bem legal.

Mesquita: Um dos grandes desafios é o protagonismo do aluno, que eles saibam o que gostam, as aptidões, enfim. Como você vê essa questão no clube?

Patrícia: No clube é um dos lugares onde eles mais exercem essa questão do protagonismo, pela questão de o professor não ser o responsável, a responsabilidade

não é nossa. Eu sou madrinha e tento motivá-los, mas de maneira nenhuma imponho nada do que eles precisam fazer, dou sugestões. Primeiro, quando eles observaram que o trabalho que eles fizerem despertou interesse de outras pessoas, de muitas outras pessoas, saiu reportagem em jornais de grande circulação, no Correio do Estado. Então eles ficaram realmente muito empolgados, perceberam que estavam fazendo alguma coisa que é realmente interessante, despertou a motivação deles próprios de poder melhoras os trabalhos, começaram a me procurar mais com relação a melhorar os textos que eles colocavam na internet, antes não tinha a preocupação, eles estavam viciados na linguagem da internet, mas tem tanta gente visualizando, precisamos fazer alguma coisa melhor. Essa questão de lidar com as diferenças dentro do próprio grupo.

Mesquita: Eles já tiveram desentendimentos?

Patrícia: Já brigaram, já teve alternância, porque o clube tem um presidente e um vice-presidente, já brigaram, mas agora eles conseguem se relacionar muito bem. Não sei se por conta desse não compromisso efetivo de ter um dia específico para se encontrar ou a flexibilidade do trabalho acho que motiva para que eles façam um trabalho melhor quando eles se comprometem a fazer.

Mesquita: Patrícia, você é professora de língua portuguesa. Você percebe uma busca dos alunos por novos conhecimentos, eles se interessam, por exemplo, em ler mais ou escrever melhor?

Patrícia: Se interessam, não sei se é por conta da naturalidade desses alunos que estão no clube, geralmente são os alunos que tem mais aptidão na escrita e eles tem mais interesse, não só no conteúdo da linguagem e da língua portuguesa ou língua em geral. Miguel, por exemplo, é um leitor voraz. Além do clube de jornalismo, ele participa do clube de leitura, a Geovana, a Mariane, a Jesceley amam poesia, eles têm essas aptidões, claro que eles participaram do clube de jornalismo por causa das linguagens, mas eu percebo que eles sempre estão procurando, além da questão do gosto específico, eles procuram melhorar na escrita, eles vão se preocupando mais na forma de se comunicar, de falar em público, de como aparecer no vídeo, de como eles estão falando, eles sempre estão preocupados na imagem que eles vão transmitir.

Mesquita: E não é uma coisa imposta pelos professores?

Patrícia: Não. Eles perceberam que não poderiam se apresentar de qualquer maneira, escrever de qualquer jeito, então todo texto que eles pretendem publicar,

eles me mandam, ficam todos eufóricos e pedindo para eu corrigir, as pautas eles me mandam para poder dar uma olhada. Mas, eu percebo que as correções que eu fazia no início não são as mesmas que eu faço agora, a questão da ortografia é menor do que no início, é mais questão de coerência e de coesão.

Mesquita: Vocês já abriram para novos membros, quem quiser pode entrar no projeto?

Patrícia: Quem quiser pode sim entrar. No começo desse ano tinha alguns meninos do curso técnico estavam juntos. Mas, por conta de ter vários clubes, eles acabam dando uma migrada. O Miguel me mostrou um modelo do Google Docs, de um formulário, para convidar novos alunos, para poder fazer parte. Nós temos dentro do nosso programa, um calendário para as atividades. Esse ano estamos encerrando o ano letivo, provavelmente no segundo semestre do ano que vem, vai haver uma feira dos clubes de protagonismo. Nesse momento eles vão apresentar o clube para os alunos, a maioria já tem o conhecimento, para quem tem interesse de participar, tem um quantitativo de vagas, se ficar um Clube de Jornalismo com 20 alunos, não vai fluir, então eles determinam a quantidade de alunos e as vagas que eles vão disponibilizar. A intenção da escola é que todo aluno participe de um clube e tem aluno que participa de mais de um clube.

Apêndice I

Entrevista com a professora Patrícia Henrique Vieira da Silva Cardoso e os alunos Giovanna Pereira, 16 anos, Miguel Ângelo, 16 anos, Mariany Abade, 16 ano, Jessily Mahara, 17 anos.

Integrantes do Clube de protagonismo Bonifácio News

Local: E.E. Manoel Bonifácio Nunes da Cunha

Data: 20 de novembro de 2018

Mesquita: Em que anos vocês estão?

Alunos: 2º ano

Mesquita: O projeto existe há quanto tempo?

Mesquita: A escola adotou esse sistema da Escola da Autoria no ano passado, em 2017. Essa escola é de tempo integral já há bastante tempo, mas subsidiada por projetos diferenciados, sempre de tempo integral. A Escola da Autoria, que começou no ano passado, tem uma parte diversificada. Como eles tem um tempo estendido, principalmente no horário de almoço, das 12h até 13h30 em intervalo, o projeto prevê que eles não fiquem ociosos. Então eles fomentam muito a criação de clubes de protagonismo e esses clubes são de responsabilidade dos alunos. E eles que fazem os projetos, escrevem. São clubes de vários focos. Tem clube de vôlei, de jornalismo, entretenimento. Já teve de filme. Aí o clube do jornal começou no ano passado, acho que no segundo semestre, e ele surgiu assim, eu era professora do segundo ano de língua portuguesa e nós fizemos um trabalho dentro da língua portuguesa sobre variação linguística. Eu pedi que eles produzissem um telejornal com essas variações linguísticas conforme as regiões do país. Como eu vi que eles foram muito bem, que eles dominam esse negócio de editar os vídeos e fazem tudo rápido por celular e são muito criativos, eu sugeri que eles criassem um clube de jornalismo, para cobrir os eventos da escola. Só dei a ideia e joguei para eles. E eles se organizaram entre si. Por que a maioria era da mesma sala, certo?

Jessily Mahara: Não, era eu o Miguel e o Luis da mesma sala. A Geovana, a Jessica, o Adrian e a Maria de outra sala.

Patrícia: Aí começou com essa intenção. Eu sou a madrinha. As vezes nós fazemos alguma reunião, dou uma cutucada para fazerem algumas atividades. Dou umas ideias quando tem algum convidado para fazermos uma entrevista. Mas eles

mesmo se organizam. Sou mais uma incentivadora. E o foco é mídia social. Facebook e Instagram. São eles próprios que se organizam, eu só dou a sugestão.

Mesquita: Como vocês se organizam? Como vocês decidem o que vão cobrir e o que vão escrever nas mídias sociais?

Mariany: Normalmente quando tem evento na escola como a feira dos clubes, ou alguém vem dar uma palestra, ou quando tem exposição de trabalhos como o Dia da Consciência Negra. Nós fizemos uma reunião na semana passada para decidir o que cada um iria fazer. Fulano vai editar, outro as perguntas, outro o roteiro ou entrevistar.

Mesquita: E quem decide o que? Cada um sugere o que vai fazer?

Giovanna: É, decide na hora. É do interesse de cada um. Nós fazemos um rodízio.

Mesquita: Por que o projeto permaneceu, o que fez vocês gostarem tanto? O que faz a diferença nesse clube?

Mariany: Eu acho que é não ser uma coisa cansativa. É algo que todos se organizam para fazer e não é cansativo. E dividimos esse trabalho.

Mesquita: O que vocês acham que aprenderam nos últimos tempos fazendo essa página? O que vocês gostaram mais?

Miguel: Organização, planejamento...

Giovana: Editar também...

Mariany: Organização também...

Mesquita: Vocês fazem bastante vídeo?

Miguel: Nós tiramos mais fotos. O jornal é focado em mídia. A gente não tem tanto vídeo, mas tem bastante foto.

Giovana: A gente está pensando em abrir um canal no *Youtube* para disponibilizarmos o que acontece na escola. Para quando a pessoa quiser entrar na escola e perguntar “O que é Eletiva?”, aí já temos o vídeo pronto no *Youtube* e fica mais fácil da pessoa obter as informações. É mais para informar a pessoa.

Patrícia: É que a escola tem uma página diversificada, diferente das escolas regulares. Tem disciplinas eletivas, variadas, todo semestre tem disciplinas variadas que os alunos se inscrevem. Tem os clubes, como este, processo de tutoria dos professores individual com o aluno, projeto de vida, pós-médio. São projetos fora da grade normal das escolas, acho que a intenção é promover o esclarecimento do público fora da escola. Para saber como funciona a organização de uma escola de

tempo integral e a Escola da Autoria. A intenção é divulgar o que não está na base curricular comum.

N: Às vezes causa muita dúvida a escola integral?

Patrícia: Sim, “o que é disciplina eletiva?”. Às vezes vê nas mídias mesmo, no *Facebook* a foto e não sabe o que é uma eletiva hortalizando?...

Giovanna: Às vezes quem chega da escola regular, do ensino fundamental, não tem ideia do que é. As vezes chega aqui, com uma informação muito por cima. Se tivesse esse canal mais acessível.

Patrícia: E é a linguagem deles né? Porque eu acho que é mais interessante. É a linguagem dos jovens. Chama mais atenção do que se fosse um professor explicando. O que são eletivas, projetos de vida e clubes de protagonismos e o estudo orientado.

Mesquita: Como foi a reação das outras pessoas e dos outros alunos com a página?

Giovanna: Eles gostaram. Mais os pais né, que gostam bastante. Minha avó ama meus vídeos.

Mesquita: Mas eles comentam, dão sugestões?

Miguel: Sugestões, não aparecem muito. Mais para compartilhar.

Giovanna: Às vezes marcam outro amigo interessado em vir para a escola.

Mesquita: É mais para informar que eles usam então? E para vocês o que fez a diferença? Do ponto de vista pessoal, vocês acham que agregou algo? Vocês se sentam mais protagonistas ou não, já que é um clube de protagonismo?

Giovanna: Sim, acho legal, eu aprendi bastante. A linguagem de vídeo, de edição e o trabalho em equipe para decidir quem vai editar, quem vai gravar. Mais experiência também, por mais que eu não siga a carreira de jornalismo, é uma experiência.

Patrícia: Não fique frustrado, por que a maioria diz que não quer ser jornalista

Mariany: O Luis é o único que está entre jornalismo e publicidade.

Patrícia: O professor Marcos veio aqui e estavam todos os acadêmicos e perguntaram “Quem de vocês quer fazer jornalismo?”. Ninguém. Acho que depois dessa visita ainda foram no campus da UFMS, viram a estrutura do curso de jornalismo, o Miguel participou do curso do Integra. Acho que deu uma outra visão a respeito da profissão. Mas, às vezes a gente fica meio triste.

Giovanna: É que eu sou bem interessada em mídia. Eu e meus amigos temos outra página de mídia. E acho que essas coisas de foto e vídeo me interessam

bastante. Tanto é que teve o curso na eletiva da professora, o Literanema (literatura e cinema). Com um curso de cinema e de roteiro, eu aprendi um monte de coisa.

Mesquita: A comunicação é muito abrangente?

Patrícia: Sim, há muita coisa. Às vezes eles ficam presos a nomenclatura de apenas uma coisa. E a eletiva é interessante por causa disso. No primeiro semestre eu ministrei uma disciplina eletiva de literatura e cinema e eu fiz uma parceria com a professora Márcia da UFMS. E ela trouxe alguns acadêmicos e deram palestra sobre roteiro, sobre imagens, maneiras de fotografar e gravar. E agora nesse semestre estamos com a eletiva de poesia, e trouxemos outros convidados, mas ninguém da UFMS, mais da UEMS. Mas a de cinema foi muito legal, interessante. Ela trouxe acadêmicos de comunicação. Acho que a maioria estava fazendo intercâmbio que eram da Colômbia ou Peru. Uns dois ou três que participaram.

Mesquita: O que vocês acreditam ser mais interessante no projeto?

Giovanna: Ah sei lá, a sensação de você informar e levar conhecimento para as outras pessoas e perceber que elas estão satisfeitas com o nosso trabalho. Dá um ar de inspiração para continuar e por não ter uma cobrança, ser mais da gente.

Mariany: É superlegal ver as pessoas compartilhando algo que você fez. Dá uma sensação super boa. Acho que é questão do trabalho em equipe, poder dividir e divulgar.

Giovanna: E por ser algo feito por conta própria também. Fica sob nossa responsabilidade mesmo. Só a gente que administra a página.

Mesquita: Se vocês não fizerem, participarem, não sai nada. Não dá certo, então é responsabilidade de vocês?

Miguel: Só nossa. Às vezes o professor dá uma cutucada para fazermos, caso não tivermos feito, mas se não pegarmos a frente não sai nada.

Mesquita: Vocês descobriram mais sobre o que acontecia na escola quando começaram o clube? Vocês acham que sabem quando vem uma palestra ou acontece algo na escola?

Mariany: É, geralmente nós somos os primeiros a saber das coisas. “Ah vai vir fulano”. Às vezes a própria escola pede. “Queríamos que vocês fizessem em vídeo”, daí a gente fica por dentro das coisas. Quando tem visita técnica também ficamos sabendo.

Giovanna: Informar também quando vai ter, por exemplo, dia da família na escola. Aí postamos e deixamos informado para os pais sobre a programação. Aí

depois fazemos a cobertura para ver se eles se interessam em vir nas próximas edições.

Mariany: A Roda do Slam foi assim também. Comunicaram a coordenação e acharam bem legal e postaram na página, no dia da família. Fizeram a roda de poesia, foi bem legal.

Mesquita: Vocês acompanham a evolução da página? Quantos acessos, quantas pessoas curtem?

Aluno: Sim, nesse último vídeo teve bastante visualização, bastante compartilhamento. Foi um dos vídeos com maior visualização, que foi do dia da família da escola, que teve bastante informação da escola, falou um pouco sobre eletiva e protagonismo.

Mesquita: É você que edita normalmente?

Giovanna: É o Miguel e o Luis

Mesquita: O que vocês usam para editar?

Miguel: Usamos o Sony Vegas.

Mesquita: Vocês aprenderam sozinhos, sem curso?

Miguel: Sim, foi. Muito por causa do trabalho da Patrícia. A gente começou a fazer os vídeos e perguntamos “Por que a gente não faz o clube, já que conseguimos editar o vídeo?”

Mariany: E o Luis já tinha um canal do *Youtube* e já conseguia editar. Daí surgiu a ideia.

Giovanna: Nós fizemos nossa própria logo, tem um amigo nosso que é bom em design e nós pedimos que ele fizesse.

ANEXOS

Anexo A

SED
Secretaria de Estado de Educação

GOVERNO DO ESTADO
Mato Grosso do Sul

Ofício n. 2.577/SUPED/GAB/SED

Campo Grande/MS, 13 de julho de 2018.

Senhora,

Comunica-se o recebimento de *e-mail,* de 4 de julho de 2018, mediante o qual se solicita resposta ao expediente protocolizado sob n. 29/206594/2018, por meio do qual a jornalista **Naiane Gomes Mesquita** se apresenta como mestranda, sob a orientação de Vossa Senhoria, cuja dissertação, intitulada *A Educação nas escolas públicas de Campo Grande*, pretende investigar a relação em sala de aula com as tecnologias, sob o viés da Educomunicação, por meio de entrevistas com coordenadores, professores e estudantes que participam das iniciativas.

Informa-se que esta Secretaria se manifesta favoravelmente à pesquisa nas escolas estaduais que possuam projetos relacionados às tecnologias de comunicação.

Para essa finalidade, solicita-se que a mestranda, devidamente identificada, entre em contato com a direção das escolas de interesse para a pesquisa, no sentido de formalizar e estabelecer os procedimentos concernentes ao assunto.

Esta Secretaria coloca à disposição a Coordenadoria de Gestão Escolar, para informações adicionais, se necessário, por meio do telefone (67) 3318-2307.

Atenciosamente,

JOSIMÁRIO TEOTÔNIO DERBLI DA SILVA
Secretário-Adjunto de Estado de Educação
Assinado Digitalmente

Este documento é cópia do original. Para conferir o original, acesse o site www.educ.ms.gov.br, e informe o código OF0089643
Assinado digitalmente por JOSIMARIO TEOTONIO DERBLI DA SILVA:82776377134 - Hora do servidor: 13/07/2018 18:09:03

Protocolo:
Data: ___/___/___

À Senhora
ROSE MARA PINHEIRO
Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Av. Costa e Silva, S/N. Bairro Universitário.
79.070-900 Campo Grande-MS

Elaborado por: mpsantos

Este Ofício possui anexo(s)

Anexo B

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCACAO

OFÍCIO N. 4.544/CEFOR/SEMED Campo Grande, 28 de setembro de 2018.

Prezada Senhora:

Em resposta à solicitação dessa Universidade, datado de 11 de setembro de 2018, pelo qual se requisitou autorização para que a acadêmica Naiane Gomes de Mesquita possa realizar pesquisa relativa aos projetos em tecnologia desenvolvidos nas escolas municipais, informamos que serão disponibilizados pela Divisão de Tecnologia Educacional desta Secretaria os documentos referentes aos projetos em tecnologia desenvolvidos na Rede Municipal de Ensino.

Ressaltamos que, depois da conclusão da pesquisa, seja disponibilizada uma cópia do trabalho para compor o acervo da Biblioteca desta Secretaria.

Assim, solicitamos estabelecer contato pelo telefone n. 3314-9570, falar com Solange França da Silva, para os acordos necessários.

Atenciosamente,

Elza Fernandes Coelho
Secretária Municipal de Educação

09 10 2018
Naiane Mesquita

À Sra. Rose Mara Pinheiro
Profª. Dra. - Centro de Ciências Humanas e Sociais - Curso de Jornalismo / UFMS
- Campo Grande - MS

ONICIETO SEVERO MONTEIRO, 460 - VILA MARGARIDA - CEP: 79023200 - Fone: (67)3314-3800 - E-mail: secretaria@semed.campogrande.ms.gov.br

4f5f65717c8f8fa18dcf69ca21a9738f04007747

Anexo C

AQUIDAUANA News
SEM MEDO DE INFORMAR

19/08/2005 - 10:30

MS: Governo instala emissora de rádio na aldeia Bananal

Após a capacitação, é hora de pôr a mão na massa e operar os equipamentos da rádio Após embalar os sonhos de muitos ao som de músicas de todos os ritmos, as ondas do rádio se aperfeiçoam na era da internet e chegam a públicos cada vez mais segmentados com um objetivo maior do que simplesmente entreter. "A intenção é resgatar o gosto pelo aprendizado e despertar a auto-estima", explica a coordenadora do projeto Educom Centro-Oeste, Eliany Salvatierra Machado. Ela informa que a iniciativa, que começou em março de 2004 e é realizada em parceria entre o MEC (Ministério da Educação), a Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo e as secretarias estaduais de Educação, consiste em capacitar professores para operar os equipamentos e produzir programas de rádio com os alunos. São 20 escolas estaduais atendidas em Mato Grosso do Sul, com cerca de 600 estudantes. Quarenta professores também são capacitados pela USP (Universidade de São Paulo) em "Educomunicação pelo rádio em escolas do ensino médio da Região Centro-Oeste". Posteriormente, eles conduzem a produção dos programas feita pelos alunos. As primeiras dificuldades encontradas, como a pouca experiência em lidar com computadores e a inibição, estão sendo aos poucos superadas, conforme Eliany. "A falta de comunicação entre os próprios professores, a direção da escola, os alunos e até os pais também vai sendo vencida, na medida em que toda a comunidade escolar desperta para a necessidade do diálogo. Os professores percebem no rádio uma ferramenta pedagógica, e os alunos, que antes não achavam a escola atraente, retomam o gosto pelo saber, pelo aprender, porque querem que seus programas sejam bem produzidos. Isso os estimula a saber como se fala corretamente e a fazer pesquisas, além de desenvolver o trabalho em equipe", analisa. Da música à entrevista - É o que já foi comprovado por Raquel Guimarães Furtado, de 17 anos, que está no projeto desde o ano passado, quando cursava o terceiro ano do Ensino Médio. "No começo achei que não daria em nada, até porque a aparelhagem demorou a chegar, mas quando finalmente chegou, fiz de tudo para continuar no projeto. Hoje vejo que valeu à pena", diz a aluna, que continua produzindo os programas e ajudando a capacitar novos alunos da Escola Estadual Waldemir de Barros da Silva, do bairro Moreninha 1, em Campo Grande. Raquel conta que a idéia inicial dos alunos era produzir somente programas de entreterimento. No entanto, o formato foi ganhando novos contornos a partir da capacitação. Hoje, além de transmitir músicas e notícias sobre o dia-a-dia da escola, os alunos também podem ouvir nos intervalos programas informativos sobre assuntos de interesse da comunidade. "Criamos até propagandas dos comerciantes da região, que não têm recursos para falar sobre seus produtos. Mas o diferencial são as entrevistas e discussões sobre vários temas, como a campanha de combate à exploração sexual infantil [desenvolvida pela Polícia Rodoviária Federal] e gravidez na adolescência", aponta. A aluna lembra que na próxima semana adolescentes grávidas da escola participarão de um debate na rádio. "Apesar da pouca estrutura, vamos aos poucos nos aprimorando. Com as adolescentes, vamos conversar e procurar conscientizar outras jovens sobre a gravidez na adolescência", explica a jovem, que venceu a inibição e diz já ter decidido que profissão seguir. "Com o projeto pude me desenvolver mais, até porque preciso falar em público e estar sempre conversando com os outros alunos. E também me ajudou a ter a certeza de que quero fazer jornalismo", diz. Rádio na aldeia – E quando o rádio deixa a cidade e vai para as aldeias? Além de

Anexo D

QUADRO ESQUEMÁTICO: MODELO PARA A MEDIAÇÃO EDUCOMUNICATIVA	
Elementos da mediação	**Perguntas contextualizadoras**
agentes mediadores:	- quais são os agentes da mediação? - quem são os agentes e "de onde" (a partir de que universo cultural) eles falam? - quem concentra o protagonismo no processo?
objeto da mediação:	- pode-se definir, com clareza, o objeto da mediação? - em qual universo cultural estamos trabalhando (de qual conceito de "Cultura" se fala)? - sob quais diferentes enfoques se pode apreender esse objeto?[270]
objetivos da mediação:	- o que se busca, ao final? - que processos possibilitaram a escolha desse(s) objetivo(s)? - os objetivos foram instrumentalizados (ou seja, formulados em termos técnicos tais como objetivos gerais, específicos, metas e ações)? - o processo de avaliação objetiva (objetivos alcançados/não alcançados) foi previsto?
fluxos mediatórios:	- existe bidirecionalidade real (nos fluxos tecnologicamente mediados, falamos em *interatividade*) ? - existem gargalos e/ou bloqueios? - existe o *feedback*?
espaço da mediação:	- a mediação ocorre em um espaço determinado? - trata-se de espaço físico, virtual ou de ambos? - trata-se de um espaço institucional? De que natureza? - a estrutura do ecossistema educomunicativo é transparente?
resultados da mediação:	- o processo foi concluído? - o que foi alcançado? - como se realiza a avaliação? - como o processo foi registrado? - qual será o passo seguinte?

quadro 23: síntese dos elementos da mediação/perguntas contextualizadoras

Anexo E

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

CONVÊNIOS VIGENTES - 2005	
CONVENENTE	**ESPECIFICAÇÃO**
Fundação Universidade de Brasília	**Convênio nº** 02/2003
	Processo nº 23000.006307/2003-71
	Assinatura: 30/06/2003
	Publicação: 01/07/2003
	Vigência: 30/04/2005
	Valor Total: R$ 9.481.700,00
	Gerência:
	Objeto: Desenvolvimento institucional e implementação de tecnologias de Educação a Distância.
Fundação Cultural de São Paulo	**Convênio nº** 05/2003
	Processo nº 23000.013706/2003-98
	Assinatura: 10/12/2003
	Publicação: 19/12/2003
	Vigência: 31/08/2005
	Valor Total: R$ 377.652,57
	Gerência: Ronara de C. Azevedo Alcântara
	Objeto: Estabelecer parceria para a realização da série de televisão Letra Viva.
Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo	**Convênio nº** 07/2003
	Processo nº 23000.013674/2003-21
	Assinatura: 24/11/2003
	Publicação: 16/12/2003
	Vigência: 31/03/2005
	Valor Total: R$ 666.320,00
	Gerência:
	Objeto: EducomRádio Centro-oeste - Educomunicação pelo rádio em escolas do Ensino Médio.
Universidade Federal do Pará	**Convênio nº** 02/2004
	Processo nº 23000.002379/2004-20
	Assinatura: 31/06/2004
	Publicação: 15/06/2004
	Vigência: 31/12/2005
	Valor Total: R$ 300.000,00
	Gerência: Luiz Roberto Rodrigues Martins
	Objeto: Expansão em EAD para Matemática.
Universidade Federal de Minas Gerais	**Convênio nº** 03/2004
	Processo nº 23000.003115/2004-93
	Assinatura: 09/06/2004
	Publicação: 14/06/2004
	Vigência: 31/12/2005
	Valor Total: R$ 314.640,00
	Gerência: Luiz Roberto Rodrigues Martins
	Objeto: Formação de professores de Ensino Básico em Ciências via EAD.

MEC-SEED-COGED-DICON
Fls. nº 29
Rubrica
PROTOCOLO

Fonte: SEED/MEC

Anexo F

3.1.2.3 TV Escola - Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje

Dados da Execução

Resumo do objeto: Implementação do Módulo III do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje – Edição 2003.

Processo n° 23400.014673/2004-71

Programa de Trabalho	Convênio	Convenente	Origem/ Fonte dos recursos	Natureza de despesa	Valor R$	Execução 31/12/2004
12.128.1072.6377.0001	804769/04	FUB- Fundação Universidade de Brasília	FNDE/0113	custeio	500.000,00	100%

3.1.2.4 Rádio Escola

Dados da execução:

Resumo do objeto: EducomRádio.Centrooeste – Educomunicação pelo rádio em escolas do Ensino Médio na região Centro-oeste

Processo n° 23000.013674/2003-21

Programa de Trabalho	Convênio	Convenente	Origem/fonte dos recursos	Natureza de despesa	Valor R$	Execução 31/12/2004
12.361.0042.4050.0001	07/2003	FUSP	Tesouro/0112	custeio	553.040,00	100%

3.2 Departamento de Infra-Estrutura Tecnológica em Educação a Distância – DITEC.

O trabalho realizado pela SEED - Secretaria de Educação a Distância, voltado para a inserção das tecnologias contemporâneas (Tecnologias de Informação e Comunicação aplicadas à educação – TIC) na escola pública, tem impacto na melhoria de qualidade da educação. Esse trabalho é apoiado pelo Departamento de Infra-estrutura Tecnológica – DITEC, responsável por toda a infra-estrutura necessária para a efetivação dos diferentes programas da SEED, tanto nas definições das tecnologias como em sua aquisição e distribuição em todas as unidades educacionais contempladas pelos programas da SEED.

O quadro a seguir demonstra a abrangência das ações do DITEC dentro do âmbito da SEED e indica a necessidade de continuidade e expansão de suas ações, com vistas a universalizar o acesso às novas tecnologias.

Fonte: Balanço Geral da União 2004/SEED/MS

Anexo G

Revista Gestão Universitária gestaouniversitaria.com.br ISSN: 1984-3097

Artigos Científicos Todos Notícias Artigos Oportunidades Entrevistas Divulgação Colunistas Monografias

Notícias 28/11/2003

Curtir 0 G+ Tweet

Projeto Educom.rádio da ECA vai auxiliar escolas do Centro-Oeste

O Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP assinou, nesta segunda-feira (24), um convênio de R$ 666,3 mil com o Ministério da Educação (MEC), para implantar emissoras de rádio em 70 escolas de ensino médio de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. A metodologia do Projeto Educom.rádio do NCE, que atende 455 escolas do ensino fundamental da cidade de São Paulo, vai orientar o projeto. Dos recursos, R$553,1 mil serão do MEC e R$ 113,2mil, da USP.

Segundo o professor Ismar de Oliveira Soares, coordenador geral do NCE, haverá diferenças entre o conteúdo e a linguagem dos programas de rádio entre as escolas de São Paulo e as do Centro Oeste, já que lidam com estágios da educação diferentes. "Mas o conceito de educomunicação é o mesmo nos dois projetos: a comunicação passa a ser um eixo transversal, ou seja, fica relacionada a todas as disciplinas", afirma.

A parceria vai envolver 160 professores do ensino médio, e a capacitação vai ser realizada por um curso on-line, que começa em fevereiro. Haverá ainda oficinas e seminários, em Campo Grande, Corumbá e Goiânia.

(AgênciaUSP).

Fonte: Revista Gestão Universitária

Anexo H

Educação, Comunicação & Participação
NCE - Núcleo de Comunicação e Educação

Anexo I - NCE

RELATÓRIO SEMANAL DE ARTICULAÇÃO

NAE ___ Data __ /__ /__ Atividade [ ] pólo [ ] UE

1. NOME

2. EMEF's PRESENTES

3. SOBRE OS CURSISTAS

- Perfil do grupo (expectativas, grau de envolvimento, tipo de intervenção, posicionamento frente à equipe do *educom.rádio*)
- Facilidades/dificuldades encontradas no relacionamento interpessoal
- Questões levantadas sobre o projeto
- Sugestões do grupo

4. SOBRE O REPRESENTANTE DO NAE

- Nome do representante
- É cursista? (sim ou não)
- Participou das atividades dos cursistas programadas para o dia?
- Facilidade/dificuldade de comunicação com o articulador
- Questões levantadas pelo representante ao NCE

5. SOBRE A EQUIPE NCE

- Grau de envolvimento/iniciativa/empenho/colaboração
- Relacionamento entre os pares (facilidade/dificuldade)
- Comunicação com os cursistas (facilidade/dificuldade)

6. SOBRE O DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

- Nome da palestra
- Nome do palestrante
- Facilidades / dificuldades de comunicação com o articulador e com os cursistas
- Aspectos que o palestrante estabeleceu de ligação entre a sua palestra e o projeto como um todo

7. VISITAS AO NAE

- Nome
- Motivo da visita
- Alteração na rotina (se houve, explicite)

8. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS AÇÕES

- Relações entre teoria e prática

educom.rádio **5ª fase**

Fonte: Relatório de Projetos de Educação, Comunicação & Participação - Perspectivas para Políticas Públicas do Unicef

RELATÓRIO SEMANAL DE ASSISTÊNCIA DE COORDENAÇÃO

NAE ___ Data __ /__ /__ Atividade [ ] pólo [ ] UE

1. NOME

2. LOCAL

3. ESCOLAS PARTICIPANTES

4. EQUIPE NCE

Função	Nome	Chegada	Saída
Articulador			
Assistente			
Capacitador			
Capacitador			
Capacitador			
Capacitador			
Capacitador			
Capacitador			

5. NÚMERO DE CURSISTAS PRESENTES

	Manhã	Tarde
Professores		
Comunidade		
Estudantes		
Diretores		
Coordenadores		
TOTAL		

Fonte: Relatório de Projetos de Educação, Comunicação & Participação - Perspectivas para Políticas Públicas do Unicef

6. SUBSTITUIÇÕES DE CURSISTAS

EMEF	NOME	Prof	Com	Est

7. NAE

Houve presença de representante [ ] sim [ ] não
Tempo de permanência no encontro das às horas
Nome do representante

8. INFRA-ESTRUTURA DA ESCOLA

Acomodação / Condições de limpeza
Equipamentos
Tevê [ ] Sim [ ] Não [ ] Nº de aparelhos
Som [ ] Sim [ ] Não [ ] Nº de aparelhos
Retroprojetor [ ] Sim [ ]Não
Disponibilidade dos equipamentos no dia
Refeições

Fonte: Relatório de Projetos de Educação, Comunicação & Participação - Perspectivas para Políticas Públicas do Unicef

9. ATIVIDADES DOS ADULTOS

Manhã	Tarde

10. PALESTRA

Palestrante	Período

11. DEMANDAS E SUGESTÕES

12. INFORMAÇÕES PARA A SECRETARIA DO NCE

13. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS AÇÕES

Local e Data *Assinatura*

Fonte: Relatório de Projetos de Educação, Comunicação & Participação - Perspectivas para Políticas Públicas do Unicef

Educação, Comunicação & Participação
NCE - Núcleo de Comunicação e Educação

educom.rádio **5ª fase**

RELATÓRIO SEMANAL DE MEDIADOR

GRUPO 4
MARIAZINHA FUZARI
Atividade [ ] pólo [ ] UE
Data __ /__ /__

1. MEDIADOR

2. EMEF(s) atendida(s)

- Citar as escolas com as quais você trabalhou

3. Nº de cursistas [ ] mulheres [ ] homens [ ]

4. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO DIA

5. SOBRE OS CURSISTAS

- Perfil do grupo (expectativas, grau de envolvimento, tipo de intervenção, posicionamento frente à equipe do *educom.rádio*)
- Facilidades/dificuldades encontradas no relacionamento interpessoal
- Questões levantadas sobre o projeto
- Sugestões do grupo

6. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS AÇÕES

- Relações entre teoria e prática

Fonte: Relatório de Projetos de Educação, Comunicação & Participação - Perspectivas para Políticas Públicas do Unicef

Anexo I

29

Escolas Participantes do Projeto de Rádio - Centro-Oeste				Distância da escola inscrita à capital do Estado em km
Estado	Escola / Diretora	Endereço/telefone	Município	
Mato Grosso do Sul	E.E. Waldemir Barros da Silva	R. PALMÁCIA CONJ. HAB. MORENINHA I 79065140 (67) 393-2019	Campo Grande	0
Mato Grosso do Sul	E.E. Arlindo de Andrade Gomes	AV. JÚLIO DE CASTILHO 1360 SANTO AMARO 79112000 (67) 361-2516 / (67) 361-1292	Campo Grande	0
Mato Grosso do Sul	E.E. Joaquim Murtinho	AV. AFONSO PENA 2445 CENTRO 79002074 (67) 321-0646 / (67) 325-3668	Campo Grande	0
Mato Grosso do Sul	E.E. Dona Consuelo Muller	R. EQUADOR 70 VILA JACY 79006320 (67) 331-3996	Campo Grande	0
Mato Grosso do Sul	E.E. Hércules Maymone	R. JOAQUIM MURTINHO 2612 MIGUEL COUTO 79002100 (67) 341-2750 / (67) 341-8856	Campo Grande	0
Mato Grosso do Sul	E.E. Maria Constança Barros Machado	R. MAL. CÂNDIDO MARIANO 451 AMAMBAI 79008000 (67) 383-2091 / (67) 383-2091	Campo Grande	0
Mato Grosso do Sul	E.E. Padre João Greiner	R. MACUNAÍMA 199 CONJ. ESTRELA DO SUL 79013290 (67) 351-8210	Campo Grande	0
Mato Grosso do Sul	E.E. José Barbosa Rodrigues	R. ELESBÃO MURTINHO 856 UNIVERSITÁRIO 79063040 (67) 387-9966	Campo Grande	0
Mato Grosso do Sul	E.E. Professora Nair Palácio de Souza tel: 4412835	R. WALTER HUBACHER - VILA BEATRIZ 79750000 (67) 441-2835	Nova Andradina	297
Mato Grosso do Sul	E.E. Jorge Amado tel: 5621053		Chapadão do Sul	324
Mato Grosso do Sul	E.E. Presidente Vargas tel: 4214345	R. FRADIQUE CORRÊA VILA VARGAS 79878000 (67) 414-1218	Dourados	225
Mato Grosso do Sul	E.E. João Brembatti Calvoso tel: 4313184	AV. BRASIL 836 GRANJA 79900000 (67) 431-3184	Ponta Porã	347
Mato Grosso do Sul	E.E. Dom Aquino Corrêa tel: 5212135	AV. DR. CLODOALDO GARCIA 723 SANTOS DUMONT 79620000 (67) 521-2784	Três Lagoas	337
Mato Grosso do Sul	CEJAR Aldeia Bananal		Aquidauana	136
Mato Grosso do Sul	E.M. Coroa Sagrada - Reserva Indígena de Amambai		Amambai	415
Mato Grosso do Sul	Escola Sindrônio Antunes - Aldeia Córrego do Meio (67) 272-1769	R. TARGINO DE SOUZA BARBOSA 191 CENTRO SIDROLANDIA 79170000	Sidrolândia	69
Mato Grosso do Sul	E.E. José Edson Domingos dos Santos - Assentamento Itamarati	MS 164 - KM 50 FAZ. ITAMARATI ZONA RURAL 79900000	Ponta Porã	347

24

Escolas Participantes do Projeto de Rádio - Centro-Oeste				Distância da escola inscrita à capital do Estado em km
Estado	Escola / Diretora	Endereço/telefone	Município	
Mato Grosso do Sul	E.E. Zumbi dos Palmares - comunidade negra		Jaraguari	47
Mato Grosso do Sul	E.E. Antônio Delfino Pereira Comunidade negra	R. CIRO NANTES DA SILVEIRA 228 SÃO FRANCISCO 79118400 (67) 365-8006 - eeadelfino@bol.com.br	Campo Grande	0
Mato Grosso do Sul	E.E. Maria Helena Albaneze	R. SÃO PAULO POPULAR NOVA 79310200 (67) 231-1280	Corumbá	435

Localização das escolas	Campo Grande	LEGENDA
Na capital	9	
Até 100km da capital	2	
Entre 100km e 450km	9	
Acima de 500km	0	
TOTAL	20	

Anexo J

O Educomunicador nº24

BOLETIM INFORMATIVO DO NCE - Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP - Outubro-Novembro-Dezembro 2004

Última van para o Jaraguá: Encontro nº 1008

Sábado, 4 de dezembro, 7h33, manhã de sol radiante: parte, da Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, a última van com destino ao Céu Atlântica, no Jaraguá. Outras nove vans já haviam partido, levando, cada uma, dez integrantes da equipe do NCE. Era a última viagem dos mediadores do projeto *Educom.rádio*, para atender aos cursistas da sétima e última fase do programa, em seu último dia de atividades.

Com chuva, mormaço ou sol, mais de 1008 viagens, no decorrer de três anos e meio, levaram as equipes do NCE ao mesmo destino, a periferia de São Paulo, com a mesma expectativa, a mesma animação, a mesma alegria.

Valeu tanto esforço? A Profa Cida Perez diz que sim, ao garantir que houve uma redução substancial nos registros de atos de violência após a instalação do projeto. Outro sinal positivo foi a decisão da prefeitura de instalar o *Educom* no coração da DOT, isto é, na área do currículo. Segundo a Profa Marívia Torelli, coordenadora da Diretoria de Orientação Técnica, a grande contribuição do *Educom* foi trazer para o espaço escolar a gestão democrática da comunicação, garantindo o protagonismo do professor, do aluno e dos membros das comunidades.

O NCE/USP despede-se da atual administração da Secretaria de Educação e dos dirigentes e professores das 455 EMEFs e dos 21 CEUs, agradecendo a confiança e manifestando a certeza de que, de sua parte, ofereceu muito mais do que lhe era exigido pelo contrato de prestação de serviços. Referimo-nos, por exemplo, ao desenho (sem custos para a Prefeitura) do laboratório multimídia que, adquirido pelo Banco Santander, acabou sendo enviado a cada um dos CEUs inaugurados ao longo de 2003/2004. Fazemos votos que os equipamentos digitais sejam instalados de forma adequada, por educomunicadores competentes, e usados de modo processual, de forma a superar a tradicional perspectiva de uso performático das tecnologias, gerando, ao contrário, processos de integração da mídia no currículo escolar.

Festa de encerramento

Quando as equipes do NCE retornaram, no final da tarde do dia 4 de dezembro, fizemos uma festa e vários brindes de despedida, lembrando os nomes do Secretário Fernando de Almeida, que aprovou o projeto para três anos e meio; das Secretárias Eny Maia e Cida Perez, que deram sustentação ao programa; da Profa Dirce Gomes, primeira coordenadora do *Projeto Vida*, que convidou o NCE para a parceria; da Profa Marívia Torelli e das várias equipes do *Vida*, que acompanharam o dia-a-dia do projeto. Um brinde especial foi dedicado à equipe de apoio e a cada um dos 1025 especialistas que ao longo do processo mantiveram acesa a chama da educomunicação nos 84 pólos em que o projeto se desenvolveu.

Fica, como herança, a RBE – *Rede Brasileira de Educomunicadores* (www.usp.br/nce) e o site do projeto (www.educomradio.com.br), através do qual os participantes do Educom poderão estar divulgando suas conquistas e dialogando sobre os caminhos da educomunicação no município de São Paulo.

Pelos meses a seguir, ficará na memória a partida da última van, às 7h33, para o Jaraguá.

Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares
Supervisor Geral do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP

A memória do *Educom* transmitida com arte

Cinco vídeos-documentários registram a memória dos projetos do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE-ECA/USP) – um trabalho que mergulhou nas histórias de vida de jovens educomunicadores, alunos do *Educom.rádio*, e que foi também a aldeias indígenas de Mato Grosso, onde chegou o *Educomrádio.centro-oeste* neste ano. "Além do registro para efeito de pesquisas futuras, a finalidade era produzir os vídeos como material didático aos cursistas destes projetos", explica Márcia Coutinho, coordenadora da equipe de Memória Audiovisual.

A série de vídeos inclui o *Institucional Centro-oeste*, *Histórias de Jovens Educomunicadores*, *A Educomunicação nos 70 anos da USP*, *Desvendando o equipamento* e *A cobertura na Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes*, no Rio de Janeiro.

Aluna grava programa de rádio que depois será digitalizado pela equipe de Memória Audiovisual

É difícil dizer quantas pessoas já assistiram a estes vídeos, tantas são as escolas e eventos para onde foram. Mas algumas imagens adquiriram um sabor próprio – não se esquece mais. É o caso do vídeo "Institucional Centro-oeste", gravado em Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. As imagens das oficinas de rádio realizadas pelos índios xavantes e guaranis, em suas próprias línguas, vêm emocionando platéias. Para Márcia, isto se deve à força da comunicação nas culturas indígenas, presente na oralidade que o *Educomrádio.centro-oeste* veio valorizar.

Uma emoção forte também brota do vídeo *Histórias de Jovens Educomunicadores*, gravado nas comemorações dos 450 anos de São Paulo. A produção deu voz a seis alunos que representaram as diferentes regiões da cidade, onde chegou o projeto *Educom.rádio*. Eles descrevem suas relações com a escola pública e o contexto sócio-econômico e cultural em que estão inseridos.

"Tivemos um retorno muito sensível dos jovens, em particular no evento que comemorou o Dia do Estudante (11 de agosto) no Anhembi. Mais de 2.500 adolescentes aplaudiram o vídeo e para mim foi uma emoção forte perceber a receptividade desse público que se identificava com o que via na tela", comenta Márcia.

Os vídeos produzidos pelo Memória contribuíram, ainda, para a divulgação do projeto junto à imprensa, organizações não governamentais, em congressos e outras instâncias, como o Fórum Mundial de Educação, em abril de 2004.

Outras frentes de trabalho

O NCE criou a equipe de Memória Audiovisual em 2002, para cuidar das produções radiofônicas que vinham das escolas participantes do *Educom.rádio*. A coordenadora da equipe, Márcia Coutinho, explica esta fase do trabalho: "A primeira função foi a de receber, editar, digitalizar e publicar as produções das comunidades escolares no site do *Educom*". Para isto, foi necessário ouvir centenas de horas de gravações, nos últimos dois anos.

O material coletado compõe um banco de dados de todas as fases do projeto para futuras pesquisas na área de comunicação e educação. "As informações estão organizadas por projeto, fase, pólo, região e assunto, e podem ser acessadas tanto em áudio quanto em vídeo", acrescenta Márcia.

Os componentes que entraram para a equipe de Memória vieram, em sua maioria, do próprio cenário de atividades do *Educom*, ou seja, eram mediadores que primeiro conheceram o projeto por dentro. Foi assim com Renato Tavares, Francine Segawa, Francisco José da Silva e Eliza Capai. Apenas Diego Fernandes não teve experiência como mediador.

O *Educom.rádio* firma raízes e atinge novas áreas

A aprovação do projeto de lei que institui o *Educom.rádio* como política pública, na cidade de São Paulo, indica que as mudanças trazidas pelo projeto à escola lançaram as bases a um movimento que busca a permanência da iniciativa no município. Pelo que se constatou, as práticas culturais, o uso dos meios de comunicação e de linguagens antes desconsideradas no espaço educativo ajudaram diretores, professores, alunos e membros das comunidades a definirem uma "outra" escola que desejam construir.

Alunos do pólo 10, em Cidade Tiradentes, usam violino em produção de rádio no espaço escolar

O pleno alcance da meta de prevenir a violência, apresentada em 2001 pela Profa. Dirce Gomes, na época coordenadora do *Projeto Vida*, acabou constituindo um dos fatores que justificaram a aprovação do projeto pelas comunidades. Dados da Secretaria Municipal de Educação apontam redução de 54% nos índices de violência nas escolas, depois da implantação do *Educom*.

E agora, outras áreas da administração pública, como a da Cultura, dos Esportes, da Saúde e do Meio Ambiente poderão trabalhar com o conceito da Educomunicação, a partir da aprovação do projeto de lei do vereador Carlos Neder (PT-SP), pela Câmara Municipal.

A tendência é que novas fronteiras se abram à experiências como o *Educom*, que se converteu no maior projeto de extensão universitária da USP, em seus 70 anos de vida.

O *Educom* em números

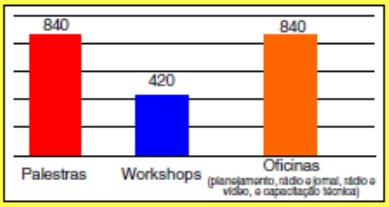
Os participantes / escolas atendidas: 455

Professores-cursistas	5.200
Estudantes	2.861
Membros da comunidade	575
Total	**8.636**

Encontros aos sábados

Semestre	Nº de pólos	Total de encontros por pólos
2º sem. 2001	5	60
1º sem. 2002	13	156
2º sem. 2002	13	156
1º sem. 2003	13	156
2º sem. 2003	13	156
1º sem. 2004	17	204
2º sem. 2004	10	120
Total	**81**	**1.008**

Atividades nos pólos



Equipe do NCE

Articuladores, assistentes, mediadores, secretaria, palestrantes e conselho gestor, ao longo das 7 fases (set. de 2001 a dez. de 2004)	**1.025 participantes**

Lembra a Ana Cléia?
Virou uma educomunicadora

Dezesseis anos, um jornal que deu certo na escola, participante de duas edições do *Simpósio Brasileiro de Educomunicação*, mesmo depois de sair do *Educom* (foi aluna na 5ª fase) pela EMEF Geraldo Sesso Júnior. Este poderia ser o início do currículo educomunicativo da jovem Ana Cléia Carneiro, a estudante que o prof. Ismar Soares, coordenador geral do NCE, citou com entusiasmo na Agenda do *Educom.rádio* nº 3 deste ano.

Ana Clélia ao lado da mediadora Karen

Ana Cléia coordena a gestão do espaço utilizado pela rádio em sua escola, no período da tarde. No último dia 4, no encerramento do projeto em São Paulo, ela apareceu no CEU Vila Atlântica, em Pirituba, local das atividades do pólo 8. Foi uma visita cheia de saudade dos sábados que passou no *Educom*, em 2003.

Ela conta que na EMEF Geraldo Sesso, a rádio ganhou seu espaço próprio, com a gestão de alunos, professores e direção. "Aumentou muito a participação dos colegas na produção dos programas, alguns conseguiram uma câmera digital e o vídeo também contribui hoje para ampliar as atividades". Para completar, segundo Ana, agora está sendo criado um site. "Nele já incluímos fotos dos integrantes, textos que dizem como o projeto começou na escola e de que forma interage com o *OP Criança* e outras ações que vieram depois", acrescenta.

Ana acha importante que a comunicação também esteja a serviço do aprendizado. "No semestre passado, tinha muita gente com dificuldade em matemática. Sabendo disso, os professores e nós planejamos juntos o que se podia fazer para ajudar os alunos. Daí vieram gincanas e entrevistas que formaram grupos de apoio", conta a educomunicadora. A programação de rádio na Geraldo Sesso vai ao ar nos intervalos, nos três turnos de aulas na escola.

Quase 100 mil visitas ao site do *Educom*

Os cursistas do *Educom.rádio* tiveram, desde março de 2003, o apoio virtual do site lançado pelo Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP (www.educomradio.com.br). Esta foi uma ferramenta de interatividade acessada com entusiasmo, a considerar os números de visitas (ver tabela ao lado). Em 21 meses de serviço, o site recebeu 4.690 visitas mensais, em média, o que equivale exatamente a 98.510 visitantes nesse período.

No site, alunos, professores e membros da comunidade ouviam as produções radiofônicas que criavam nas escolas, e ainda intervinham com informações de seus pólos e relatos de experiências nos canais Hora do Café (criado especialmente para os docentes) e Papo no Pátio (reservado aos estudantes).

O site também foi uma alternativa importante para o NCE disponibilizar os textos de fundamentação teórica e prática do *Educom*, e de especialistas que aprofundaram os conceitos de Educomunicação, aplicados ao cerne do projeto.

Média de audiência mensal do site, por área de acesso

Canal/ área de acesso	Visitantes/mês	Pageviews (nº de páginas abertas)
Mensagem do supervisor	14.241	16.220
Quem Somos	1.268	1.808
Notícias	1.146	1.713
Produções	858	1.146
Fotos	385	552
Participantes	721	1.086
Hora do Café	258	403
Textos sobre Educomunicação	524	809
Textos prof. Ismar	610	936
Textos complementares	478	630
Outros textos	679	1.082

Centro-oeste ampliará práticas em 2005

O *Educomrádio.centro-oeste* projeta para 2005 a expectativa de ampliar as práticas e conceitos trazidos pelo curso neste ano, entre as 70 escolas participantes, de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás. Os seminários e workshops realizados nos três estados, assim como as visitas de capacitação, introduziram as linhas gerais do projeto, deram a conhecer e aprofundar as bases da Educomunicação e fizeram vibrar as comunidades escolares, com a perspectiva da inclusão dos meios de comunicação na escola.

Arquivo NCE

Equipamento de rádio é apresentado a cursistas, durante workshop de rádio em Goiás

Esta etapa de "semear o terreno" com teoria e prática ainda avançará mais em 2004, com a realização do terceiro workshop em Cuiabá (MT), de 15 a 17 de dezembro. "Nesta etapa tratamos do Planejamento da ação Educomunicativa", diz a coordenadora Eliany Salvatierra, do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP. Os workshops anteriores, que também aconteceram em Goiânia (GO) e Campo Grande (MS), desenvolveram as discussões dos tópicos (Teoria da Comunicação, Mediações, Linguagens e Conceitos da Educomunicação), além das oficinas radiofônicas.

Os resultados acenderam o interesse dos estudantes, segundo Eliany. "Nas visitas de capacitação, muitos deles tiveram o primeiro contato com a produção de programas de rádio, inclusive em aldeias indígenas, com a valorização das línguas nativas no momento de gravar estas produções", comenta Eliany.

De algumas localidades, vieram e-mails de estudantes pedindo a criação de um ambiente de participação dos jovens no site do projeto (www.educomradio.com.br/centro-oeste). Assim como os professores, eles aguardam a chegada do equipamento de rádio em suas escolas. Os problemas que retardaram o envio do equipamento estão contornados, segundo o Ministério da Educação. O atraso se deveu à necessidade de o governo federal anular o resultado da primeira licitação, pois a empresa vencedora (que forneceria o equipamento) não cumpriu com as exigências do edital. O MEC já efetuou uma segunda licitação e o processo de envio do equipamento voltará a seguir seu trâmite normal.

A Educomunicação além do rádio

Teatro quebra barreiras e favorece nova linguagem

O vídeo, a música, o teatro... Várias são as linguagens que valorizaram novas formas de expressão dos jovens na escola, durante o *Educom.rádio*. O espaço educativo, para os grupos que começaram a empregar estes recursos e se apropriar destes saberes, tornou-se mais comunicativo. O mediador Francisco José Silva, do Pólo 9, conta uma experiência singular na relação dos estudantes com o teatro. "A maioria deles, que jamais tinha ido ao teatro, ou que teve um contato forçado, assistindo a espetáculos de linguagem complicada, teve a chance de conhecer o teatro por dentro", diz Chico. "Isto aconteceu durante o *Simpósio Brasileiro de Educomunicação*, quando os jovens conversaram com artistas que traziam uma experiência similar, de terem estudado em escolas que excluíam o teatro", explica ele.

Divulgação

Cena da peça SUBversão, apresentada no *III Simpósio Brasileiro de Educomunicação*

A identificação foi plena, tanto que os alunos pediram a volta da Cia. Urbi et Orbi para apresentar a peça *SUBversão* (uma adaptação do texto do dramaturgo João Neves). Os artistas, por sua vez, também fizeram força para retornar ao Pólo 9. "Estudei em escola pública, eu queria muito voltar a esse ambiente que está mudando tanto, agora com mais espaço a comunicação", diz Andressa Arena, do elenco da Urbi et Orbi.

A companhia se apresentou no pólo 9 nas duas últimas edições do Simpósio. A diretora da EMEF Maria Helena Faria Lima, profa. Doralice Mendes, disse que o teatro respondeu a um apelo forte da comunidade, por mais canais de comunicação com o mundo a sua volta.

Jovens entrevistam Secretário de Educação a Distância

Estudantes que integram a **Rede de Jovens Educomunicadores**, espaço criado pelo Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP para reunir jovens que se tornaram produtores de informação dentro e fora de suas comunidades, entrevistaram o Secretário de Educação a Distância do MEC, prof. Marcos Dantas, durante sua visita à Universidade de São Paulo, dia 25 de novembro. Dantas proferiu uma palestra sobre o tema "A lógica do capital-informação", título do livro que lançou em 2002, e atendeu os repórteres da rede de jovens.

Izael, Pedro e Sara entrevistam o Secretário de Educação a Distância, Marcos Dantas

Ele respondeu as perguntas de Pedro Henrique de Araújo, 14 anos, Sara Santos, 16 e Izael Altino, 18, sobre políticas públicas que favorecem o uso das mídias no espaço escolar e o impacto do *Educomrádio* na região Centro-oeste.

O Secretário fez um balanço positivo do projeto, antes de completar um ano no *Centro-oeste*. "O *Educom* tem uma presença importante no sentido da construção de uma identidade comunitária nas escolas e de ser uma ferramenta que insere alunos e professores como atores dos seus processos de ensino e aprendizagem", disse Dantas.

Segundo ele, hoje há uma consciência maior de que o processo educacional é de construção do aluno, da pessoa e do cidadão, "e o estudante deve ser cada vez mais ator desse processo", afirmou.

Sobre políticas públicas, Dantas acredita que a parceria com estados e municípios é decisiva para ações que venham valorizar o papel do jovem e das comunidades no "fazer educação". Ele acrescentou que as políticas públicas devem estimular as pluralidades, disseminando as tecnologias de informação e comunicação na escola, através de programas comunitários como o *Educom.rádio*.

Saiba mais sobre a Rede de Jovens

A **Rede de Jovens Educomunicadores** é um ramo da **Rede Brasileira de Educomunicadores**, iniciativa apresentada pelo NCE em setembro, durante o *III Simpósio Brasileiro de Educomunicação*. A proposta da RBE é ampliar o espaço de troca de experiências e de apoio à orientação sobre projetos educomunicativos, reunindo pesquisadores, especialistas em educomunicação, profissionais das várias mídias, educadores, ex-cursistas do projeto *Educom.rádio* e instituições.

Leia mais no site do núcleo: www.usp.br/nce/.

A Educomunicação pauta projetos na área da saúde

A área da saúde tornou-se o mais novo campo de políticas públicas a ter a Educomunicação como eixo transversal, como aponta o curso para gestores de educomunicação em saúde, desenvolvido pelo NCE junto à Coordenação de Vigilância em Saúde da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo.

O curso foi aberto com um seminário no final de setembro e se estendeu até 13 de dezembro, em vários encontros semanais.

O conteúdo abrangeu o conhecimento de estratégias de Educomunicação, a discussão sobre formas de apoiar e implementar a rede social que envolve projetos e programas de promoção da saúde, linguagens da comunicação e, principalmente, Planejamento Educomunicativo.

Os participantes dividiram-se em grupos conforme as regiões de São Paulo e desenvolveram projetos de intervenção em saúde com base nos princípios educomunicativos. Como fio condutor dos vários projetos desenvolvidos está a preocupação em envolver as comunidades, que deixam de ser "foco" da intervenção para serem agentes desta, a utilização dos recursos da comunicação para ampliar e amplificar a ação e a determinação em buscar parceiros para desenvolver os embriões de políticas públicas na área. A idéia é implementar esses projetos pilotos no ano de 2005.

Boletim o Educomunicador

Núcleo de Comunicação e Educação NCE-ECA/USP

Editora e jornalista responsável - *Cláudia Lago*
Coordenação - *Patrícia Horta Alves*
Colaboradores desta edição - *José Manoel Rodrigues, Maria Izabel Leão, Richard Romancini, Márcia Perigolo* (fotos)
www.usp.br/nce/ • www.educomradio.com.br • educomradio_equipe@yahoo.com.br

Av. Profº Lúcio Martins Rodrigues, 443 - Cidade Universitária - 05508-900 São Paulo - SP- Brasil
Tel.: (11) 3091-4784

Anexo L

10/11/2005

Projeto Educomrádio terá continuidade no MS

O Educomrádio passará a ser um projeto político da Secretaria de Educação de Mato Grosso do Sul

Vivian de Castro Alves - Campo Grande MS

novidades

notícias
NCE na mídia
NCE no seu email

notícias

selecionar:

O Educomrádio passará a ser um projeto político da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, de acordo com o secretário de estado de Educação Hélio de Lima. A continuidade do projeto foi discutida ontem pela manhã com a presença de uma das coordenadoras nacionais da iniciativa, a professora mestra Eliany Salvatierra, a responsável pela capacitação em Mato Grosso do Sul, jornalista Márcia Chiad, a gestora de ensino médio da SED, Veronice Lopes de Souza Braga e as técnicas pedagógicas Maria Rubim Cunha e Meire Kintschev.

De acordo com Eliany Salvatierra, a proposta do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP), um dos executores do projeto, é fazer com que o trabalho conquistado nas escolas com a entrega das rádios não termine com o encerramento do convênio com o Ministério da Educação. ?Gostaríamos que o Educomrádio transcendesse partidos políticos e se tornasse um projeto da secretaria, independente de quem for o gestor?, explica. A proposta é fomentar o trabalho interdisciplinar, utilizando os equipamentos de rádio como ferramenta pedagógica, além de desenvolver nos alunos do ensino médio das escolas selecionadas uma visão crítica da mídia.

O secretário Hélio de Lima destacou que o projeto não só terá continuidade, como também deverá se articular com outros setores da SED, como a Coordenadoria de Tecnologias Educacionais, para fomentar nos alunos e professores participantes o interesse em convergir outras mídias, como a internet. ?O projeto tem que andar. A equipe irá mobilizar os professores e envolver novos integrantes?, frisou Hélio. Em Mato Grosso do Sul, inicialmente foram capacitados 450 alunos e 40 professores para trabalhar na interface entre educação e comunicação.

As primeiras medidas tomadas para dar prosseguimento ao projeto que instalou 20 rádios-escola, de alcance interno, em 20 escolas de Mato Grosso do Sul foi retomar a equipe coordenadora da SED. A partir de agora, além de buscar articulação com a área de tecnologias educacionais, os responsáveis também trabalharão para garantir, junto com a Coordenadoria de Recursos Humanos da secretaria, que uma parte da carga horária dos professores envolvidos seja destinada especificamente para o projeto. Também será viabilizada a contratação da jornalista Márcia Chiad para que ela continue o acompanhamento e orientação das escolas quanto ao trabalho educomunicativo, através das rádios-escola.

?A SED deu todo o apoio para o Educomrádio acontecer, então o estado tem todas as condições de melhorar o projeto?, observou Eliany Salvatierra. Segundo a coordenadora do projeto na USP, as pessoas que foram capacitadas durante todo o ano passado devem atuar como articuladores, mobilizando outros professores e alunos. ?Eles devem entender a comunicação como processo, e não como meio, para formar novas concepções entre as relações ensino-aprendizagem e professor-aluno?, afirmou.

O Educomrádio habilitou 2,8 mil estudantes e 420 membros das comunidades escolares de Mato Grosso do Sul, Goiás e Mato Grosso.

Anexo M

ACÓRDÃO
Vistos, relatados e discutidos os autos do Pedido de Esclarecimento (Ac. 56/2017), acordam os membros do Tribunal Administrativo Tributário do Estado de Mato Grosso do Sul, de acordo com a Ata e o Termo de Julgamento, à unanimidade de votos, pelo indeferimento do pedido de esclarecimento.

Campo Grande-MS, 28 de fevereiro de 2018.

Cons. Lygia Maria Ferreira de Brito – Presidente
Cons. Gustavo Passarelli da Silva – Relator

Tomaram parte no julgamento, na sessão de 6.2.2017, os Conselheiros Gustavo Passarelli da Silva, Valter Rodrigues Mariano, Bruno Oliveira Pinheiro (Suplente), Ana Lucia Hargreaves Calabria, Célia Kikumi Hirokawa Higa (Suplente), Josafá José Ferreira do Carmo, Christiane Gonçalves de Paz e Gigliola Lilian Decarli. Presente o representante da PGE, Dr. Rômulo Augustus Sugihara Miranda.

ACÓRDÃO N. 11/2018 – PROCESSO N. 11/024588/2015 (ALIM n. 29333-E/2015) – PEDIDO DE ESCLARECIMENTO (Acórdão n. 57/2017) – RECORRENTE: Cosan Combustíveis e Lubrificantes S.A. – I.E. 28.002.766-4 – Campo Grande-MS – ADVOGADOS: Eduardo Correa da Silva (OAB/SP 242.310), Gilberto Rodrigues Porto (OAB/SP 187.543) e outros – DECISÃO DE 2ª INSTÂNCIA: Recurso Voluntário Conhecido em Parte e Desprovido.

EMENTA: PEDIDO DE ESCLARECIMENTO (ACÓRDÃO N. 57/2017). NÃO CONHECIMENTO DO RECURSO VOLUNTÁRIO POR VIOLAÇÃO DO PRINCÍPIO DA DIALETICIDADE – INEXISTÊNCIA DE OMISSÃO. INDEFERIMENTO.

Restando claro que o recurso voluntário não fora conhecido por violação ao princípio da dialeticidade, não tendo sido por aísa motivo conhecidos e apreciados os fundamentos recursais, não há que se falar em omissão a ser sanada.

ACÓRDÃO
Vistos, relatados e discutidos os autos do Pedido de Esclarecimento (Ac. 57/2017), acordam os membros do Tribunal Administrativo Tributário do Estado de Mato Grosso do Sul, de acordo com a Ata e o Termo de Julgamento, à unanimidade de votos, pelo indeferimento do pedido de esclarecimento.

Campo Grande-MS, 28 de fevereiro de 2018.

Cons. Lygia Maria Ferreira de Brito – Presidente
Cons. Gustavo Passarelli da Silva – Relator

Tomaram parte no julgamento, na sessão de 6.2.2017, os Conselheiros Gustavo Passarelli da Silva, Valter Rodrigues Mariano, Bruno Oliveira Pinheiro (Suplente), Ana Lucia Hargreaves Calabria, Célia Kikumi Hirokawa Higa (Suplente), Josafá José Ferreira do Carmo, Christiane Gonçalves da Paz e Gigliola Lilian Decarli. Presente o representante da PGE, Dr. Rômulo Augustus Sugihara Miranda.

SECRETARIA DE ESTADO DE ADMINISTRAÇÃO E DESBUROCRATIZAÇÃO

EXTRATO DO TERCEIRO TERMO ADITIVO AO CONVÊNIO SAD/MS Nº 09/2014
PARTES: Estado de Mato Grosso do Sul através da Secretaria de Estado de Administração e Desburocratização e o Sindicato dos Peritos Oficiais Forenses de Mato Grosso do Sul - SINPOF/MS.
FUNDAMENTO LEGAL: Lei Federal nº 8.666, de 21 de junho de 1993 e ainda legislações específicas com suas alterações posteriores, quais sejam: Decreto Estadual nº 11.261 de 16 de junho de 2003 e Decreto Estadual nº 12.796 de 3 de agosto de 2009, além das demais matérias pertinentes ao assunto.
OBJETO: Constitui objeto deste instrumento a alteração da CLÁUSULA OITAVA – DA VIGÊNCIA no seu item 8.1 referente ao Convênio SAD/MS nº 09/2014, firmado entre as partes.
VIGÊNCIA: 07 de março de 2018 a 07 de março de 2019.
DATA DA ASSINATURA: 06 de março de 2018.
ASSINATURAS: Carlos Alberto de Assis, Alberto Grangeiro da Costa.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

RESOLUÇÃO/SED N. 3.431, DE 7 DE MARÇO DE 2018.

Dispõe sobre a organização curricular das escolas da Rede Estadual de Ensino/MS, que ofertam a etapa do ensino médio em período integral, localizadas nos municípios de Anastácio, Cassilândia e Coxim, e dá outras providências.

A SECRETÁRIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO, no uso de suas atribuições legais, com fundamento na Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, na Resolução CNE/CEB n. 02, de 30 de janeiro de 2012, na Lei Complementar n. 165, de 25 de outubro de 2012, na Resolução/SED n. 2.799, de 08 de novembro de 2013, e na legislação vigente para o Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul,

RESOLVE:

Art. 1º Aprovar a organização curricular das escolas estaduais que ofertam a etapa do ensino médio em período integral com carga horária de 45 ou 46 h/a semanais.

Parágrafo único. A Matriz Curricular, de que trata o Anexo Único desta Resolução, será implantado nas seguintes escolas:

I - Escola Estadual Roberto Scaff – município de Anastácio;
II - Escola Estadual Hermelina Barbosa Leal – município de Cassilândia;
III - Escola Estadual Viriato Bandeira – município de Coxim;

Art. 2º As disciplinas da Base Nacional Comum e Parte Diversificada serão ofertadas em 9 (nove) horas-aulas diárias, com a duração de 50 (cinquenta) minutos cada, de segunda a sexta-feira, totalizando 45 h/a semanais.

Parágrafo único. Para os estudantes que optarem em cursar a Língua Estrangeira Moderna Facultativa, a carga horária semanal será de 46 h/a, e será fixada pela unidade escolar, em determinado dia da semana, uma hora-aula a mais para o cumprimento da referida carga horária.

Art. 3º Em relação às Línguas Estrangeiras Modernas, a frequência, pelo estudante, para a língua inglesa é de caráter obrigatório, e para a língua espanhola, facultativo.

Art. 4º As Atividades Integradoras, que compõem a Parte Diversificada da Matriz Curricular, serão ofertadas por meio das disciplinas denominadas Projeto de Vida, Pós-Médio, Estudos Orientados I e II e Atividades Eletivas I, II e III.

§1º O Projeto de Vida ofertado para os 1º e 2º anos e o Pós-Médio, para o 3º ano, objetivam o desenvolvimento de estudos e práticas pedagógicas relacionadas ao mundo do trabalho, dando início à formação e à discussão de cenários que contribuam para a escolha da área de formação profissional.

§2º Os Estudos Orientados I e II objetivam promover o aprofundamento e consolidação de conhecimentos específicos da Língua Portuguesa e/ou Matemática, articulando ações interdisciplinares que potencializem o domínio das habilidades de leitura, interpretação, escrita e raciocínio lógico.

§3º As Atividades Eletivas I, II e III, correspondem ao tempo de estudo destinado ao desenvolvimento de atividades relativas aos campos de ação pedagógico-curricular: Iniciação Científica e Pesquisa; Línguas Adicionais/Estrangeiras; Cultura Corporal; Produção e Fruição das Artes; Comunicação, Uso de Mídias e Cultura Digital e/ou Protagonismo Juvenil.

Art. 5º As Atividades Integradoras, que compõem a Parte Diversificada da Matriz Curricular, deverão:

I - ter a duração anual;
II - cumprir a carga horária determinada na Matriz Curricular;
III - ser passíveis dos critérios de aprovação ou retenção.

Art. 6º Os critérios de aprovação e retenção são os estabelecidos na Resolução/SED vigente, que dispõe sobre a organização curricular e o regime escolar do ensino fundamental e do ensino médio nas escolas da Rede Estadual de Ensino/MS.

Art. 7º O quantitativo mínimo de estudantes, para a constituição de turma para o oferecimento das disciplinas das Atividades Eletivas I, II e III, deve ser de 25 (vinte e cinco) estudantes.

§1º Quando o quantitativo de estudantes estiver aquém do mínimo estabelecido no *caput*, a turma não será constituída.

§2º Na ocorrência do previsto no parágrafo anterior, cabe à escola, em concordância com seus estudantes, procedar à escolha de outra Atividade Eletiva, cujo quantitativo de estudantes, para a sua constituição da turma, seja o mínimo previsto no *caput*.

Art. 8º Em relação aos estudos de adaptação, o estudante estará dispensado das adaptações anuais e bimestrais das disciplinas relativas às Atividades Integradoras.

Art. 9º Fica aprovada a Matriz Curricular de que trata o Anexo Único desta Resolução.

Art. 10. Esta Resolução possui valor regimental.

Art. 11. Os casos omissos serão resolvidos pela Secretaria de Estado de Educação, por meio da Superintendência de Políticas Educacionais.

Art. 12. Esta Resolução entra em vigor na data da sua publicação, retroagindo seus efeitos a contar de 3 de janeiro de 2018, ficando revogada a Resolução/SED n. 3.394, de 3 de janeiro de 2018.

CAMPO GRANDE, 7 DE MARÇO DE 2018.

MARIA CECILIA AMENDOLA DA MOTTA
Secretária de Estado de Educação

ANEXO ÚNICO DA RESOLUÇÃO/SED N. 3.431, DE 7 DE MARÇO DE 2018.

Matriz Curricular

Ano: a partir de 2018
Turno: diurno
Semana letiva: 5(cinco) dias
Duração da aula: 50(cinquenta) minutos
Duração do ano letivo: 200(duzentos) dias

	Áreas de conhecimento	Disciplinas	1º ano	2º ano	3º ano
Base Nacional Comum e Parte Diversificada	Linguagens	Língua Portuguesa	04	04	04
		Arte	02	02	01
		Educação Física	02	02	02
		Língua Estrangeira Moderna - Inglês*	02	02	02
		Língua Estrangeira Moderna - Espanhol**	01	01	01
	Ciências da Natureza	Física	04	04	04
		Química	04	04	04
		Biologia	04	04	04
	Matemática	Matemática	04	04	04
	Ciências Humanas	História	02	02	03
		Geografia	02	02	03
		Sociologia	02	01	01
		Filosofia	01	02	01
		Subtotal BNC	**34**	**34**	**34**
	Atividades Integradoras	Projeto de Vida/Pós-médio	02	02	02
		Estudo Orientado I	02	02	02
		Estudo Orientado II	02	02	02
		Atividade Eletiva I	02	02	02
		Atividade Eletiva II	02	02	02
		Atividade Eletiva III	02	02	02
		Subtotal PD	**12**	**12**	**12**
	Totais de Cargas Horárias	**Semanal em h/a**	**46**	**46**	**46**
		Anual em h/a	**1.840**	**1.840**	**1.840**
		Anual em horas	**1.534**	**1.534**	**1.534**

*Obrigatória
** Facultativa

INSCRIÇÃO	NOME	GRUPO	DATA	HORÁRIO
299550	LUIZA HELENA DE ALMEIDA	GRUPO 6	19/02/2018	14 horas
295730	MARCOS WERNECK PEREIRA	GRUPO 6	19/02/2018	14 horas
293839	MARIANNE CRISTINE DE SOUZA	GRUPO 6	19/02/2018	14 horas
181667	MURILO JORGE VAZ SILVA	GRUPO 6	19/02/2018	14 horas
301016	NELLY GOMES DOS SANTOS MACEDO	GRUPO 6	19/02/2018	14 horas
286621	NICSON LENON CRUZ GALISA	GRUPO 6	19/02/2018	14 horas
288765	NILSON FRIEDRICH	GRUPO 6	19/02/2018	14 horas
201831	PABLO RICARDO CAMPOS DOS REIS	GRUPO 6	19/02/2018	14 horas
186863	PATRÍCIA PEDIXOTO ABRANCHES	GRUPO 6	19/02/2018	14 horas
295699	PEDRO GUIMARÃES RAMALHO	GRUPO 6	19/02/2018	14 horas
286167	PEDRO HENRIQUE PILLAR CUNHA	GRUPO 6	19/02/2018	14 horas
290576	PEDRO MANUEL DEMOCH ASSIS BRASIL	GRUPO 7	20/02/2018	7h30min
183245	RAUALI KIND MASCARENHAS	GRUPO 7	20/02/2018	7h30min
187838	REGES DANIEL DE ALMEIDA GONÇALVES	GRUPO 7	20/02/2018	7h30min
282676	RENATO LIMA FAZZA	GRUPO 7	20/02/2018	7h30min
285884	ROBERTO CARLOS MORGADO PIRES	GRUPO 7	20/02/2018	7h30min
187479	ROBERTO OLIVEIRA GUIMARÃES	GRUPO 7	20/02/2018	7h30min
284552	ROBSON FERRAZ GONÇALVES	GRUPO 7	20/02/2018	7h30min
286164	RÔMULO TEIXEIRA MARCELO	GRUPO 7	20/02/2018	7h30min
302530	SÉRGIO COVATTI CRESPI	GRUPO 7	20/02/2018	7h30min
231881	SILVIO RAMOS PEREIRA	GRUPO 7	20/02/2018	7h30min
303003	STELLA PARIS SENATORE	GRUPO 7	20/02/2018	7h30min
202814	TATIANA ZYNGIER SILVA	GRUPO 7	20/02/2018	7h30min
197306	THAIS DUARTE MIRANDA	GRUPO 8	20/02/2018	14 horas
286085	THIAGO DE SOUZA MIERA SILVA	GRUPO 8	20/02/2018	14 horas
301508	ULISSES NEI DE BRITO SANTOS	GRUPO 8	20/02/2018	14 horas
300478	VANDERSON SILVA SANTANA	GRUPO 8	20/02/2018	14 horas
282915	WILKSON VASCO FRANCESCO LIMA BARROS	GRUPO 8	20/02/2018	14 horas
205791	WILLIAN RODRIGUES DE OLIVEIRA JUNIOR	GRUPO 8	20/02/2018	14 horas

PROCURADORIA-GERAL DO ESTADO

EXTRATO DO TERMO ADITIVO E TERMO DE RESCISÃO– GCONT 5990
TERCEIRO TERMO ADITIVO AO CONTRATO CORPORATIVO PGE/MS Nº 001/2016 E TERMO DE RESCISÃO DO CONTRATO DE ADESÃO - DPGE
PROCESSO: 15/000.323/2015-PGE
CONTRATANTE: Estado de Mato Grosso do Sul por intermédio da Procuradoria-Geral do Estado – **PGE** - CNPJ 02.941.240/0001-16 - Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho – **SEDHAST** – CNPJ 04.150.335/0001-47 - Controladoria Geral do Estado de Mato Grosso do Sul - **CGE** - CNPJ 27.219.869/0001-88 - Defensoria Pública-Geral do Estado – **DPGE** – CNPJ 03.236.066/0001-73.
CONTRATADA: CAMPMAQ - Comércio e Manutenção de Maquinas para Escritórios LTDA. -CNPJ 37.201.035/0001-07.
OBJETO: Prorrogação do prazo de vigência do contrato por mais 06 meses - Rescisão do Contrato de Adesão ao Contrato Corporativo/PGE/MS/Nº 001/2016 – PGE, firmado com a Defensoria Público-Geral do Estado.
FUNDANENTO LEGAL: art. 57, II, art. 65, "b", § 1º da Lei 8.666/93 e art. 79, II da Lei n. 8.666/93 - Decisão/PGE/GAB nº 010/2018 no Parecer/PGE/COMGE nº 004/2018.
VALOR DO ADITIVO: R$ 55.648,00 (Cinquenta e cinco mil seiscentos e quarenta e oito reais).
VIGÊNCIA DO ADITIVO: 25/01/2018 a 24/07/2018
DOTAÇÃO ORÇAMENTÁRIA:

UO – Órgão – Func. Program. – UG	Fonte	ND	Valor R$
15101 – PGE – UG 150101 10.15101.03092002423410001	0100	33903025	3.873,00
		33903920	19.487,00
53101 – CGE – UG 53010 10.53101.04.124.0065.61.41.0001	0100	33903025	1.542,00
		33903920	7.923,00
65101 - SEDHAST – UG 650101 20.65101.08244006267440001	0100	33903025	3.737,00
		33903920	19.086,00

ASSINAM: Adalberto Neves Miranda – Procurador-Geral do Estado (PGE); Elisa Cleia Pinheiro Rodrigues Nobre - Secretária de Estado (SEDHAST); Carlos Eduardo Girão de Arruda – Controlador Geral do Estado (CGE); Luciano Montalli – Defensor Público-Geral do Estado (DPGE) e Carlos Antônio Cabral Carinhete - Sócio-Diretor da contratada.
LOCAL E DATA: Campo Grande (MS), 25 de janeiro de 2017

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

RESOLUÇÃO/SED N. 3.403, DE 30 DE JANEIRO DE 2018.

Dispõe sobre a Organização Curricular e o Projeto Político Pedagógico das escolas de educação em tempo integral - Escola da Autoria - etapa do ensino médio, da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, e dá outras providências.

A SECRETÁRIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO, no uso de suas atribuições legais, considerando a Lei n. 9.394/1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN, a Resolução CNE/CEB n. 2, de 30 de janeiro de 2012, a Lei Estadual n. 4.973, de 29 de dezembro de 2016, a Portaria/MEC n. 727, de 13 de junho de 2017, e a legislação vigente para o Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul,

RESOLVE:

Art. 1º Organizar o Currículo, de que trata os Anexos I e II desta Resolução, nas escolas de educação em tempo integral - Escola da Autoria, etapa do ensino médio, da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul.

Art. 2º Aprovar o Projeto Político Pedagógico das escolas de educação em tempo integral – Escola da Autoria – etapa do ensino médio, da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul.

Art. 3º As disposições contidas nos artigos 1º e 2º desta Resolução terão validade a partir de 1º de janeiro de 2018.

Art. 4º Ficam revogadas as Resoluções/SED n. 3.323, de 13 de setembro de 2017, e n. 3.391, de 29 de dezembro de 2017, a partir de 1º de janeiro de 2018.

Art. 5º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

CAMPO GRANDE-MS, 30 DE JANEIRO DE 2018.

MARIA CECILIA AMENDOLA DA MOTTA
Secretária de Estado de Educação

ANEXO I DA RESOLUÇÃO/SED N. 3.403, DE 30 DE JANEIRO DE 2018.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL, DENOMINADO "ESCOLA DA AUTORIA"

MATRIZ CURRICULAR - ENSINO MÉDIO EM TEMPO INTEGRAL – Escola da Autoria
Ano: a partir de 2018
Turno: diurno
Semana letiva: 5 (cinco) dias
Duração da aula: 50 (cinquenta) minutos
Duração do ano letivo: 200 (duzentos) dias

	Áreas de conhecimento	Disciplinas	1º ano	2º ano	3º ano
Base Nacional Comum e Parte Diversificada	Linguagens	Língua Portuguesa	06	06	06
		Arte	01	01	01
		Educação Física	02	02	02
		Língua Estrangeira Moderna - Inglês	02	02	02
		Língua Estrangeira Moderna - Espanhol	02	02	02
	Ciências da Natureza	Física	03	03	03
		Química	03	03	03
		Biologia	03	03	03
	Matemática	Matemática	06	06	06
	Ciências Humanas	História	02	02	02
		Geografia	02	02	02
		Sociologia	01	01	01
		Filosofia	01	01	01
		Subtotal - BNC	34	34	34
	Atividades Integradoras	Projeto de Vida/ Pós-médio*	02	02	02
		Estudo Orientado	05	05	05
		Eletiva I	02	02	02
		Eletiva II	02	02	02
		Subtotal - PD	11	11	11
	Totais de Carga Horárias	Semanal em h/a	45	45	45
		Anual em h/a	1.800	1.800	1.800
		Anual em horas	1.500	1.500	1.500

*A disciplina Projeto de Vida será ofertada para as turmas de 1º e 2º anos do Ensino Médio, e a disciplina Pós-médio será ofertada para as turmas de 3º ano do Ensino Médio.

ANEXO II DA RESOLUÇÃO/SED N. 3.403, DE 30 DE JANEIRO DE 2018.

MUNICÍPIOS	ESCOLAS
Campo Grande	EE Amélio de Carvalho Reis
Campo Grande	EE Dona Consuelo Muller
Campo Grande	EE José Barbosa Rodrigues
Campo Grande	EE Lúcia Martins Coelho
Campo Grande	EE Manoel Bonifácio Nunes da Cunha
Campo Grande	EE Maria Constança Barros Machado
Campo Grande	EE Prof. Emygdio de Campos Widal
Campo Grande	EE Profª Clarinda Mendes de Aquino
Campo Grande	EE Severino de Queiroz
Campo Grande	EE Vespasiano Martins
Campo Grande	EE Waldemir Barros da Silva
Corumbá	EE Júlia Gonçalves Passarinho
Dourados	EE Antônia da Silveira Capilé
Maracaju	EE Padre Constantino de Monte
Naviraí	EE Presidente Médici
Ponta Porã	EE João Brembatti Calvoso

SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE

Extrato do Primeiro Termo Aditivo ao Convênio N.º 26.842/2017 – 077/2017
Processo n.º: 27/003.812/2016
Partes: Estado de Mato Grosso do Sul - CNPJ n.º 15.412.257/0001-28, através da Secretaria de Estado de Saúde - CNPJ n.º 02.955.271/0001-26/Fundo Especial de Saúde - CNPJ n.º 03.517.102/0001-77
Associação Pestalozzi de Jardim - CNPJ n.º 33.751.660/0001-63.
Objeto: O presente Termo Aditivo tem por objeto prorrogar a vigência do Convênio n.º **26.842/2017 – 077/2017** por mais 12 (doze) meses a partir de 31/03/2018

Anexo N

PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO - ESCOLAS ATENDIDAS EM 2011					
ESFERA	UF	MUNICÍPIO	COD inep	NOME	ALUNADO
Estadual	AC	Cruzeiro do Sul	12000167	ESC ABSOLON MOREIRA	
Estadual	AC	Cruzeiro do Sul	12000434	ESC BARAO DO RIO BRANCO	100
Estadual	AC	Cruzeiro do Sul	12000442	ESC COMANDANTE BRAZ DE AGUIAR	100
Estadual	AC	Cruzeiro do Sul	12000876	ESC LUIZ ANTONIO MEIRIM PEDREIRA	100
Estadual	AC	Cruzeiro do Sul	12000914	ESC MADRE ADELGUNDES BECKER	130
Estadual	AC	Cruzeiro do Sul	12001066	ESC MUSTAFA ALMEIDA TOBU	100
Estadual	AC	Cruzeiro do Sul	12001180	ESC PADRE DAMIAO	100
Estadual	AC	Cruzeiro do Sul	12001279	PROFESSOR ANTONIO DE BARROS FREIRE	122
Estadual	AC	Cruzeiro do Sul	12001309	ESC PROF QUITA	120
Estadual	AC	Cruzeiro do Sul	12001333	ESC REGO BARROS	125
Estadual	AC	Cruzeiro do Sul	12021962	ESC MARIA LIMA DE SOUZA	120
Estadual	AC	Feijó	12005037	ESC VICENTE CELSO BRANDAO	130
Estadual	AC	Rio Branco	12011142	ESC ANTONIA FERNANDES DE FREITAS	225
Estadual	AC	Rio Branco	12011401	ESC CLINIO BRANDAO	180
Estadual	AC	Rio Branco	12011509	ESC DARCY VARGAS	
Estadual	AC	Rio Branco	12011517	ESC DR JOAO BATISTA AGUIAR	100
Estadual	AC	Rio Branco	12011614	ESC ANITA GARIBALDI	120
Estadual	AC	Rio Branco	12011665	ESC DR CARLOS VASCONCELOS	120
Estadual	AC	Rio Branco	12011797	ESC GEORGETE ELUAN KALUME	100
Estadual	AC	Rio Branco	12011860	ESC JOAO MARIANO DA SILVA	90
Estadual	AC	Rio Branco	12012017	ESC HUMBERTO SOARES DA COSTA	100
Estadual	AC	Rio Branco	12012025	ESC MARIA CHALUB LEITE	228
Estadual	AC	Rio Branco	12012041	ESC REINALDO PEREIRA DA SILVA	100
Estadual	AC	Rio Branco	12012050	ESC RAIMUNDO HERMINIO DE MELO	125
Estadual	AC	Rio Branco	12012068	ESC RAMONA MULA PASTOR DE CASTRO	150
Estadual	AC	Rio Branco	12012076	ESC ROBERTO SANCHES MUBARAC	175
Estadual	AC	Rio Branco	12012130	ESC ZULEIDE PEREIRA DE SOUZA	180
Estadual	AC	Rio Branco	12012408	ESC ELIAS MANSOUR SIMAO FILHO	120
Estadual	AC	Rio Branco	12012564	ESC HENRIQUE LIMA	120
Estadual	AC	Rio Branco	12012580	ESC INSTITUTO DE EDUCACAO LOURENCO FILHO	150
Estadual	AC	Rio Branco	12012610	ESC IRACEMA GOMES PEREIRA	100
Estadual	AC	Rio Branco	12012815	ESC MADRE HILDEBRANDA DA PRA	150
Estadual	AC	Rio Branco	12013013	ESC LOURIVAL SOMBRA PEREIRA LIMA	
Estadual	AC	Rio Branco	12013242	ESC PADRE CARLOS CASAVECCHIA	285
Estadual	AC	Rio Branco	12013374	ESC PROF BERTA VIEIRA DE ANDRADE	220
Estadual	AC	Rio Branco	12013404	ESC ELOZIRA DOS SANTOS THOME	120
Estadual	AC	Rio Branco	12013471	ESC RAIMUNDO GOMES DE OLIVEIRA	170
Estadual	AC	Rio Branco	12013730	ESC SAO FRANCISCO DE ASSIS I	100
Estadual	AC	Rio Branco	12013889	ESC SERAFIM DA SILVA SALGADO	100
Estadual	MG	Uberaba	31160105	EE GABRIEL TOTI	125
Estadual	MG	Uberaba	31160121	EE HENRIQUE KRUGER	131
Estadual	MG	Uberaba	31160130	EE SANTA TEREZINHA	97
Estadual	MG	Uberaba	31160148	EE HORIZONTA LEMOS	75
Estadual	MG	Uberaba	31160156	EE SAO BENEDITO	151
Estadual	MG	Uberaba	31160172	EE LAURO FONTOURA	112
Estadual	MG	Uberaba	31160237	EE GERALDINO RODRIGUES CUNHA	150
Estadual	MG	Uberaba	31160245	EE LEANDRO ANTONIO DE VITO	190
Estadual	MG	Uberaba	31160261	EE CARMELITA CARVALHO GARCIA	160
Estadual	MG	Uberlândia	31167223	EE CUSTODIO DA COSTA PEREIRA	50
Estadual	MG	Uberlândia	31167282	EE ALDA MOTA BATISTA	91
Estadual	MG	Uberlândia	31167321	EE AMERICO RENE GIANNETTI	125
Estadual	MG	Uberlândia	31167363	EE AMADOR NAVES	120
Estadual	MG	Uberlândia	31167843	EE PROFESSOR EDERLINDO LANNES BERNARDES	
Estadual	MG	Uberlândia	31167878	EE JARDIM IPANEMA	50
Estadual	MG	Unaí	31108995	EE DOMINGOS PINTO BROCHADO	80
Estadual	MG	Varginha	31175081	EE SAO SEBASTIAO	50
Estadual	MS	Anastácio	50001108	EE ROBERTO SCAFF	116
Estadual	MS	Anaurilândia	50025732	EE GUAICURU	185
Estadual	MS	Camapuã	50003089	EE ABADIA FAUSTINO INACIO	132
Estadual	MS	Campo Grande	50005774	EE LUISA VIDAL BORGES DANIEL	254
Estadual	MS	Campo Grande	50005855	EE PROFª JOELINA DE ALMEIDA XAVIER	166
Estadual	MS	Campo Grande	50005863	EE PROFª THEREZA NORONHA DE CARVALHO	164
Estadual	MS	Campo Grande	50005880	EE PROF HENRIQUE CIRYLLO CORREA	241
Estadual	MS	Campo Grande	50005952	EE DR ARTHUR DE VASCONCELLOS DIAS	192
Estadual	MS	Campo Grande	50006029	EE MAESTRO FREDERICO LIEBERMANN	158
Estadual	MS	Campo Grande	50006223	EE SEBASTIAO SANTANA DE OLIVEIRA	194
Estadual	MS	Campo Grande	50006290	EE ANTONIO DELFINO PEREIRA E C CULT ED TIA EVA	215
Estadual	MS	Campo Grande	50006320	EE PROFª FAUSTA GARCIA BUENO	119
Estadual	MS	Campo Grande	50006436	EE MANOEL BONIFACIO NUNES DA CUNHA	194
Estadual	MS	Campo Grande	50006479	EE PROFª DELMIRA RAMOS DOS SANTOS	281
Estadual	MS	Campo Grande	50023004	EE PROFª NEYDER SUELLY COSTA VIEIRA	156
Estadual	MS	Cassilândia	50010115	EE HERMELINA BARBOSA LEAL	197
Estadual	MS	Corumbá	50000047	EE DR GABRIEL VANDONI DE BARROS	430
Estadual	MS	Corumbá	50000195	EE DR JOAO LEITE DE BARROS	216
Estadual	MS	Coxim	50003534	EE SILVIO FERREIRA	322
Estadual	MS	Fátima do Sul	50017411	EE VILA BRASIL	283
Estadual	MS	Ivinhema	50020986	EE JOAQUIM GONCALVES LEDO	197
Estadual	MS	Nova Andradina	50013416	EE AUSTRILIO CAPILE CASTRO	124
Estadual	MS	Paranaíba	50011413	EE MANOEL GARCIA LEAL	347
Estadual	MS	Três Lagoas	50012150	EE PADRE JOAO TOMES	411

Fonte: (MEC, 2011). Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8220-escolas-mais-educacao-070611-pdf&Itemid=30192. Acesso em 02/08/2019